

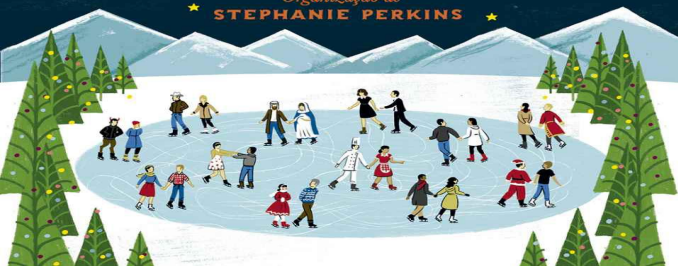
★ HOLLY BLACK ★ ALLY CARTER
★ MATT DE LA PEÑA ★
★ GAYLE FORMAN ★ JENNY HAN
★ DAVID LEVITHAN ★

★ KELLY LINK ★ MYRA McENTIRE ★
★ STEPHANIE PERKINS ★ RAINBOW ROWELL
★ LAINI TAYLOR ★ KIERSTEN WHITE ★

O PRESENTE DO MEU GRANDE AMOR

★ *Doze histórias de Natal*

★ *Organização de*
STEPHANIE PERKINS ★





O PRESENTE DO MEU GRANDE AMOR

Doze histórias de Natal

Organização de
STEPHANIE PERKINS

Tradução de Cássia Zanon,
Rachel Agavino e Regiane Winarski



Copyright © 2014 by Stephanie Perkins
“Meias-noites” (“Midnights”) copyright © 2014 by Rainbow Rowell. “A dama e a raposa” (“The Lady and the Fox”) copyright © 2014 by Kelly Link. “Anjos na neve” (“Angels in the Snow”) copyright © 2014 by Matt de la Peña. “Encontre-me na Estrela do Norte” (“Polaris Is Where You’ll Find Me”) copyright © 2014 by Jenny Han. “É um milagre de Yule, Charlie Brown” (“It’s a Yuletide Miracle, Charlie Brown”) copyright © 2014 by Stephanie Perkins. “Papai Noel por um dia” (“Temporary Santa”) copyright © 2014 by David Levithan. “Krampuslauf” (“Krampuslauf”) copyright © 2014 by Holly Black. “O que diabo você fez, Sophie Roth?” (“What the Hell Have You Done, Sophie Roth?”) copyright © 2014 by Gayle Forman. “Baldes de cerveja e Menino Jesus” (“Beer Buckets and Baby Jesus”) copyright © 2014 by Myra McEntire. “Bem-vindo a Christmas, Califórnia” (“Welcome to Christmas, CA”) copyright © 2014 by Kiersten White. “Estrela de Belém” (“Star of Bethlehem”) copyright © 2014 by Ally Carter. “A garota que despertou o sonhador” (“The Girl Who Woke the Dreamer”) copyright © 2014 by Laini Taylor. Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte, em quaisquer meios.

TÍTULO ORIGINAL

My True Love Gave to Me: Twelve Holiday Stories

PREPARAÇÃO

Maryanne Linz

Sabrina Primo

REVISÃO

Eduardo Carneiro

Ulisses Teixeira

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

ARTE DA CAPA

Jim Tierney

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-627-6

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3^o andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



PARA JARROD, MELHOR AMIGO E
GRANDE AMOR.

SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

MÍDIAS SOCIAIS

DEDICATÓRIA

MEIAS-NOITES

RAINBOW ROWELL

A DAMA E A RAPOSA

KELLY LINK

ANJOS NA NEVE
MATT DE LA PEÑA

ENCONTRE-ME NA ESTRELA DO
NORTE
JENNY HAN

É UM MILAGRE DE YULE,
CHARLIE BROWN
STHEPHANIE PERKINS

PAPAI NOEL POR UM DIA
DAVID LEVITHAN

KRAMPUSLAUF
HOLLY BLACK

O QUE DIABO VOCÊ FEZ, SOPHIE
ROTH?
GAYLE FORMAN

BALDES DE CERVEJA E MENINO
JESUS

MYRA McENTIRE

BEM-VINDO A CHRISTMAS,
CALIFÓRNIA

KIERSTEN WHITE

ESTRELA DE BELÉM

ALLY CARTER

A GAROTA QUE DESPERTOU O
SONHADOR

LAINI TAYLOR

SOBRE OS AUTORES

LEIA TAMBÉM

MEIAS-NOITES

RAINBOW ROWELL

31 de dezembro de 2014, quase meia-noite

Estava frio no terraço, debaixo do deque. Gélido. Escuro.

Escuro porque Mags estava lá fora à meia-noite, e escuro porque ela estava nas sombras.

Era o último lugar onde qualquer pessoa a procuraria; qualquer pessoa e, em especial, Noel. Ela perderia toda a agitação.

Graças a Deus. Mags devia ter pensado nisso anos antes.

Ela se encostou na casa de Alicia e começou a comer o mix de nozes que levou lá para fora. (A mãe de Alicia preparava o melhor de todos.) Mags conseguia ouvir a música que tocava lá dentro, e, de repente, não mais. Isso era bom sinal. Significava que a contagem regressiva estava começando.

— *Dez!* — gritou alguém.

— *Nove!* — juntaram-se mais pessoas à contagem.

— *Oito!*

Mags ia perder a coisa toda.

Perfeito.

31 de dezembro de 2011, quase meia-noite

— Tem nozes nisso? — perguntou o menino.

Mags fez uma pausa enquanto segurava uma torrada com pesto e cream cheese na altura da boca.

— Acho que tem pinhão... — disse ela, envieando os olhos para avaliar.

— Pinhão é um tipo de noz?

— Não faço ideia — disse Mags. — Pinhão não dá em pinheiros, dá?

O garoto deu de ombros. Tinha cabelos castanhos desgrenhados e olhos azuis bem abertos. Usava uma camiseta do Pokémon.

— Não sou especialista em nozes — disse Mags.

— Nem eu — falou ele. — Era de se esperar que eu fosse: se comer uma por acidente, posso morrer. Se existisse alguma coisa que pudesse matar você, não tentaria ser especialista nela?

— Não sei... — Mags enfiou a torrada na boca e começou a mastigar. — Não sei muita

coisa sobre câncer. Nem sobre acidentes de carro.

— É... — disse o garoto, olhando com tristeza para a mesa do bufê. Ele era magricela. Pálido. — Mas nozes têm algo contra mim, alguma coisa *pessoal*. São mais assassinas do que, tipo, perigos em potencial.

— Caramba — disse Mags —, o que você já fez para as nozes?

O garoto riu.

— Comi algumas, eu acho.

A música, que estava muito alta, parou.

— É quase meia-noite! — gritou alguém.

Os dois olharam em volta. Alicia, a amiga de Mags da escola, estava de pé no sofá. A festa era de Alicia, a primeira festa de ano-novo para a qual Mags, aos quinze anos, fora convidada na vida.

— *Nove!* — gritou Alicia.

— *Oito!*

Havia algumas dezenas de pessoas no porão, e todas começaram a gritar.

— *Sete!*

— Sou Noel — disse o garoto, estendendo a mão.

Mags tirou todo o pesto e os restos de nozes da mão e apertou a dele.

— Mags.

— *Quatro!*

— *Três!*

— É um prazer conhecer você, Mags.

— O prazer é meu, Noel. Parabéns por ter fugido das nozes por mais um ano.

— Elas quase me pegaram nesse pesto.

— É — assentiu Mags. — Essa passou perto.

31 de dezembro de 2012, quase meia-noite

Noel se encostou na parede e deslizou as costas ao lado de Mags, depois bateu seu ombro no dela. Soprou uma língua de sogra na direção da amiga.

— Oi.

— Oi.

Ela sorriu para ele. Noel usava um paletó xadrez, e a camisa branca estava aberta no colarinho. Ele era pálido e enrubescia com facilidade. Naquele momento, estava cor-de-rosa do alto da testa até o segundo botão da camisa.

— Você é uma máquina de dançar — disse ela.

— Eu gosto de dançar, Mags.

— Sei que gosta.

— E não tenho muitas oportunidades.

Ela ergueu a sobrancelha.

— Eu gosto de dançar *em público* — falou Noel. — Com outras pessoas. É uma experiência coletiva.

— Guardei direitinho sua gravata — disse ela, e estendeu uma gravata vermelha de seda para o amigo.

Ele estava dançando na mesa de centro quando a jogou para Mags.

— Obrigado — disse Noel, segurando a gravata e colocando-a no pescoço. — Foi uma boa pegada, mas eu estava mesmo era tentando chamar você para a pista de dança.

— Aquilo era uma mesa de centro, Noel.

— Tinha espaço para dois, Margaret.

Mags franziu o nariz, pensando sobre aquilo.

— Acho que não.

— Sempre tem espaço para você comigo em qualquer mesa de centro — disse ele. — Porque você é minha melhor amiga.

— Potro é seu melhor amigo.

Noel passou os dedos pelos cabelos. Estavam suados e encaracolados, caindo abaixo das orelhas.

— Potro também é meu melhor amigo. E Frankie. E Connor.

— E sua mãe — completou Mags.

Noel virou-se para ela com um risinho.

— Mas especialmente você. É nosso aniversário. Não acredito que você não quis dançar comigo no nosso aniversário.

— Não sei do que você está falando — disse Mags.

(Ela sabia exatamente do que ele estava falando.)

— Aconteceu bem aqui. — Noel apontou para a mesa do bufê em que a mãe de Alicia

sempre arrumava os petiscos. — Eu estava tendo uma reação alérgica, e você salvou minha vida. Enfiou uma ampola de epinefrina no meu coração.

— Eu comi um pouco de pesto — disse Mags.

— Heroicamente — concordou Noel.

Ela se sentou de repente.

— Você não comeu salada de frango hoje, comeu? Tinha amêndoas.

— Ainda salvando minha vida — disse ele.

— *Comeu?*

— Não. Mas tomei coquetel de frutas. Acho que tinha morangos, minha boca está formigando.

— Você está bem? — perguntou Mags, apertando os olhos.

Noel parecia bem. Estava vermelho. E suado. Parecia que os dentes dele eram

largos demais para a boca, e a boca, larga demais para o rosto.

— Estou — respondeu ele. — Aviso se minha língua ficar inchada.

— Guarde essas reações alérgicas obscenas para você — disse ela.

Noel levantou as sobrancelhas.

— Você devia ver o que acontece quando como frutos do mar.

Mags revirou os olhos e tentou não rir. Depois de um segundo, olhou para ele de novo.

— Espere, o que acontece quando você come frutos do mar?

Noel balançou a mão na frente do peito sem muito entusiasmo.

— Fico empolado.

Ela franziu a testa.

— *Como* você ainda está vivo?

— Pelos esforços de heróis do dia a dia como você.

— Também não coma a salada rosa — falou Mags. — Tem camarão.

Noel enrolou a gravata no pescoço dela e sorriu. Um sorriso diferente de um risinho.

— Obrigado.

— *Eu* que agradeço — disse ela, puxando as pontas da gravata até ficarem do mesmo tamanho e olhando para elas. — Combina com meu suéter.

Mags usava um suéter longo, que tinha um tipo de estampa escandinava com um milhão de cores.

— Tudo combina com seu suéter — disse ele. — Você parece um ovo de Páscoa com tema natalino.

— Eu me sinto um Muppet muito colorido — disse ela. — Um daqueles peludos.

— Eu gostei — disse Noel. — É um banquete para os sentidos.

Mags não sabia se ele estava debochando ou não, então mudou de assunto.

— Aonde Potro foi?

— Para lá. — Noel apontou para o outro lado da sala. — Ele queria ficar no lugar certo para estar casualmente perto de Simini quando desse meia-noite.

— Para poder dar um beijo nela?

— Isso mesmo — disse Noel. — Na boca, se o plano der certo.

— Que nojento — disse Mags, mexendo nas pontas da gravata de Noel.

— Beijar?

— Não... Beijar não tem problema. — Ela sentiu que estava corando. Felizmente, não era tão pálida quanto Noel e não ficaria vermelha em todo o rosto e pescoço. — Nojento é usar a festa de ano-novo como desculpa para beijar uma pessoa que pode não querer

beijar você. Usar a festa como uma armadilha.

— Talvez Simini *queira* beijar Potro.

— Ou talvez seja bem constrangedor — disse Mags. — E ela acabe beijando de qualquer jeito porque vai sentir que tem que beijar.

— Ele não vai forçá-la — disse Noel. — Vai fazer aquele negócio do contato visual.

— Que negócio do contato visual?

Noel virou o rosto e fez contato visual com Mags. Ergueu as sobrancelhas, esperançoso; seus olhos se tornaram delicados e acessíveis. Era mesmo um semblante que dizia: *Ei. Tudo bem se eu beijar você?*

— Ah — disse Mags. — Isso é ótimo.

Noel mudou a expressão para outra que dizia: *Ah, dã.*

— É claro que é ótimo. Já beijei garotas antes.

— *Sério?* — perguntou Mags.

Ela sabia que Noel conversava com garotas, mas nunca tinha ouvido falar de nenhuma namorada. E ela *teria* ouvido; era uma dos quatro ou cinco melhores amigos de Noel.

— Pfft — disse ele. — Três garotas. Em oito ocasiões diferentes. Acho que sei fazer contato visual.

Era uma quantidade muito maior de beijos do que Mags havia conseguido dar em seus dezesseis anos.

Ela olhou para Potro de novo. Ele estava de pé perto da televisão, concentrado no celular. Simini estava a poucos metros, conversando com amigos.

— Mesmo assim — disse Mags — parece traição.

— Como pode ser traição? — perguntou Noel, seguindo o olhar dela. — Nenhum dos dois está namorando.

— Não esse tipo de traição. É mais como... pular uma etapa. Se você gosta de alguém, tem que fazer um esforço. Tem que conhecer a pessoa, *se empenhar* para conseguir esse primeiro beijo.

— Potro e Simini já se conhecem.

— Certo — concordou ela —, mas nunca saíram juntos. Simini alguma vez *demonstrou* que está interessada?

— Às vezes as pessoas precisam de ajuda — disse Noel. — Quer dizer... Olhe para ele.

Mags olhou. Potro vestia calça jeans preta e camiseta preta. Tinha um moicano que já estava meio crescido, mas usava rabo de cavalo no final do ensino fundamental, o que gerou o apelido pelo qual todos o conheciam. Potro era quase sempre escandaloso e

engraçado, e às vezes escandaloso e bastante desagradável. Sempre desenhava nos braços com canetas-tinteiro.

— Aquele cara não faz ideia de como dizer a uma garota que gosta dela — disse Noel. — Nenhuma. Agora, olhe para Simini.

Mags olhou. Simini era pequena e delgada, e tão tímida que sair da concha não era sequer uma possibilidade. Se você quisesse conversar com ela, tinha que entrar na concha também.

— Nem todo mundo tem a nossa habilidade social — continuou Noel, suspirando e se inclinando para perto de Mags para gesticular na direção de Potro e Simini. — Nem todo mundo sabe como conseguir aquilo que deseja. Talvez a meia-noite seja exatamente do que esses dois precisam para dar início a alguma coisa. Você reprovaria isso?

Mags se virou para Noel. O rosto dele estava bem perto do ombro dela. Ele tinha um cheiro bom e convidativo de algum desodorante em spray.

— Você está sendo melodramático — disse ela.

— Situações de vida ou morte despertam esse lado em mim.

— Tipo dançar na mesa de centro?

— Não, os morangos — disse ele, esticando a língua e falando com ela para fora. — *Dá inssada?*

Mags tentava dar uma boa olhada na língua de Noel quando a música parou.

— É quase meia-noite! — gritou Alicia, de pé, ao lado da televisão.

A contagem regressiva estava começando na Times Square. Mags viu Potro tirar os olhos do celular e se aproximar de Simini.

— *Nove!* — gritou todo mundo.

— *Oito!*

— Sua língua parece ótima — disse Mags, virando-se para Noel.

Ele puxou a língua de volta e sorriu.

Mags ergueu as sobrancelhas, quase sem perceber.

— Feliz aniversário, Noel.

O olhar dele se suavizou. Pelo menos, foi o que ela achou.

— Feliz aniversário, Mags.

— *Quatro!*

Então Natalie veio correndo, deslizou pela parede ao lado de Noel e segurou o ombro dele.

Natalie era amiga dos dois, mas não era *melhor* amiga. Tinha cabelos caramelo e sempre usava camisas de flanela que ficavam apertadas nos seios.

— Feliz ano-novo! — gritou ela para eles.

— Ainda não — disse Mags.

— *Um!* — gritou todo mundo.

— Feliz ano-novo! — disse Noel para Natalie.

Natalie se inclinou na direção dele, que se inclinou na direção dela, e os dois se beijaram.

31 de dezembro de 2013, quase meia-noite

Noel estava de pé no braço do sofá com as mãos estendidas para Mags.

Ela estava passando por ele e balançava a cabeça em reprovação.

— Venha! — gritou ele acima do volume da música.

Mags balançou a cabeça e revirou os olhos.

— É nossa última chance de dançar juntos!
— continuou Noel. — É nosso último ano!

— Ainda temos meses para dançar — disse Mags, parando na mesa de petiscos para comer uma miniquiche.

Noel andou pelo sofá, pisou na mesa de centro e esticou a perna comprida o máximo que pôde para chegar ao lado de Mags no sofá de dois lugares.

— Estão tocando a nossa música.

— Estão tocando “Baby Got Back” — respondeu Mags.

Noel riu.

— Só por isso — disse ela —, eu nunca vou dançar com você.

— Você nunca dança comigo mesmo — rebateu ele.

— Mas faço todas as outras coisas com você — resmungou Mags. Era verdade. Ela estudava com Noel. Almoçava com Noel. Buscava Noel no caminho para a escola. — Eu até vou ao cabeleireiro com você.

Ele mexeu na parte de trás dos cabelos. Eram castanhos e cheios, caindo em cachos soltos até a gola.

— Mags, quando você não vai, cortam curto demais.

— Não estou reclamando — disse ela. — Só vou deixar essa passar.

— O que você está comendo? — perguntou ele.

Mags olhou para a travessa.

— Um tipo de quiche, acho.

— Eu posso comer?

Ela colocou outro pedaço na boca e mastigou. Não tinha gosto de nozes nem de morangos, nem de kiwi, ou de frutos do mar.

— Acho que pode — disse Mags.

Ela pegou uma quiche, Noel se inclinou e comeu da mão de Mags. De pé no sofá de dois lugares, ele ficava com mais de dois metros de altura. Estava usando um terno

branco ridículo. De três peças. Onde alguém encontrava um terno branco de três peças?

— É gostosa — disse Noel. — Obrigado. — Ele esticou a mão para pegar a Coca de Mags, e ela deixou que ele bebesse. Mas Noel afastou o copo da boca e inclinou a cabeça. — Margaret. Estão tocando nossa música.

Mags prestou atenção.

— É aquela música da Ke\$ha?

— Dance comigo. É nosso aniversário.

— Não gosto de dançar junto com um bando de gente.

— Mas é o melhor jeito de dançar! Dançar é uma experiência coletiva!

— Para você — disse Mags, empurrando a coxa dele. Noel se desequilibrou, mas não caiu. — Nós não somos a mesma pessoa.

— Eu sei — concordou Noel, com um suspiro. — *Você* pode comer nozes. Coma um desses brownies por mim. Me deixe olhar.

Mags olhou para o bufê e apontou para um prato cheio de brownies de noz-pecã.

— Esses?

— É — disse Noel.

Ela pegou um brownie e deu uma mordida. Caíram migalhas no vestido florido, mas Mags o limpou com as mãos.

— É bom? — perguntou ele.

— Muito gostoso — disse ela. — Bem denso. Molhadinho.

Ela deu outra mordida.

— É tão injusto — falou Noel, segurando-se no encosto do sofá e se inclinando mais para Mags. — Me deixe ver.

Mags abriu a boca e pôs a língua para fora.

— Injusto — disse ele. — Parece delicioso.

Ela fechou a boca e assentiu.

— Termine seu brownie delicioso e dance comigo.

— O mundo todo está dançando com você — rebateu Mags. — Me deixe em paz.

Ela pegou outra quiche e outro brownie, deixando Noel para trás.

Não havia tantos lugares onde se sentar no porão de Alicia, e era por isso que Mags acabava sempre no chão. (E talvez por isso Noel sempre acabasse na mesa de centro.) Potro havia se sentado no pufe perto do bar, no canto, com Simini em seu colo. Simini sorriu para Mags, que sorriu de volta e acenou.

Não havia álcool no bar. Os pais de Alicia guardavam as bebidas toda vez que ela dava uma festa. Todos os bancos estavam ocupados; então, com a ajuda de alguém, Mags se sentou no balcão.

Ela viu Noel dançar. (Com Natalie, depois com Alicia e Connor e, em seguida, sozinho, com os braços acima da cabeça.)

Mags viu todo mundo dançar.

Eles sempre faziam as festas nesse porão. Depois de partidas de futebol e de bailes. Dois anos antes, Mags não conhecia ninguém ali, exceto Alicia. Agora, todos eram melhores amigos, ou alguém que Mags conhecia bem o bastante para saber evitar...

Ou Noel.

Ela terminou o brownie e observou Noel pular.

Ele era, de todos, seu melhor amigo, mesmo que ela não fosse a dele. Noel era a *pessoa favorita* de Mags.

Ele era a primeira pessoa com quem ela falava de manhã e a última para quem mandava mensagem no celular à noite. Não era algo intencional ou metódico, era apenas como tudo se dava entre eles. Se ela não contasse algo a Noel, era quase como se não tivesse acontecido.

Eles eram próximos desde que foram parar na aula de jornalismo juntos, no segundo semestre do primeiro ano do ensino médio. (Era *nessa época* que eles deviam comemorar o aniversário de amizade, e não no ano-novo.) Depois disso, eles se inscreveram juntos para as aulas de fotografia e tênis.

Eram tão unidos que Mags chegou a acompanhar Noel ao baile do ano anterior, apesar de ele já ter par.

“É claro que você vem conosco”, disse Noel.

“Amy concorda com isso?”

“Amy sabe que somos um combo. Acho que ela nem gostaria de mim se eu não estivesse com você ao lado.”

(Noel e Amy não saíram de novo depois do baile. Não ficaram juntos tempo suficiente para precisarem terminar.)

Mags estava pensando em pegar outro brownie quando alguém desligou a música de repente e outra pessoa piscou as luzes. Alicia correu pelo bar gritando:

— É quase meia-noite!

— *Dez!* — gritou Potro alguns segundos depois.

Mags olhou pela sala e encontrou Noel de novo, de pé no sofá, já olhando para ela. Ele passou para a mesa de centro, caminhando na direção de Mags com um sorriso voraz. Todos os sorrisos de Noel eram meio vorazes. Ele tinha dentes demais. Mags soltou um suspiro trêmulo. (Noel era sua *pessoa favorita*.)

— *Oito!* — gritaram todos na sala.

Noel a chamou com a mão.

Mags ergueu a sobrancelha.

Ele acenou para ela de novo e fez uma expressão que dizia: *Vamos lá, Mags*.

— *Quatro!*

Então Frankie subiu na mesa de centro com Noel e passou um braço ao redor dos ombros dele.

— *Três!*

Noel se virou para Frankie e sorriu.

— *Dois!*

Frankie ergueu as sobrancelhas.

— *Um!*

Frankie pulou em Noel, que se inclinou na direção de Frankie.

E eles se beijaram.

31 de dezembro de 2014, por volta das nove da noite

Mags ainda não tinha visto Noel nas férias de fim de ano. A família dele tinha ido passar o Natal na Disney.

“Está vinte e sete graus”, disse ele por mensagem de texto, “e estou usando orelhas do Mickey há setenta e duas horas direto”.

Mags não via Noel desde agosto, quando foi até a casa dele em uma manhã bem cedo para se despedir antes de o pai levá-lo para Notre Dame.

Noel não voltou para o Dia de Ação de Graças; as passagens de avião estavam muito caras.

Mags tinha visto na internet fotos que ele postava de outras pessoas. (Pessoas do alojamento. Pessoas em festas. Garotas.) Ela e Noel trocavam mensagens de texto. Muitas mensagens. Mas Mags não o via desde agosto. Não ouvia a voz dele desde então.

Sinceramente, ela não conseguia se lembrar da voz de Noel. Não conseguia nem se lembrar de ter pensado na voz dele antes. Se era grave e retumbante. Ou aguda e suave.

Ela não se lembrava mais de como Noel soava nem de como ele era — ao menos não quando se movia. Só conseguia ver o rosto dele nas dezenas de fotos que ainda tinha no celular.

“Você vai para a casa da Alicia, né?”, perguntara ele por mensagem de texto no dia anterior. Estava em um aeroporto, voltando para casa.

“Para onde mais eu iria?”, respondeu Mags.

“Legal.”

Mags chegou à casa de Alicia cedo e a ajudou a arrumar o porão. Depois ajudou a mãe de Alicia a cobrir os brownies com glacê. Alicia estudava em uma faculdade em Dakota do Sul; tinha feito uma tatuagem de uma cotovia nas costas.

Mags não tinha tatuagens novas. Não havia mudado nada. Não havia nem saído de

Omaha. Conseguira uma bolsa para estudar desenho industrial em uma das faculdades da cidade. Bolsa integral. Teria sido burrice Mags ir embora.

Ela teve dificuldade para decidir o que vestir para a festa.

Primeiro, colocou um vestido do qual Noel sempre gostara, cinza com peônias vermelho-escuras. Mas não queria que o amigo pensasse que ela não teve nenhum pensamento original desde a última vez que o viu.

Então Mags escolheu uma roupa nova, um vestido tubinho de renda creme que vestiu com uma meia-calça de estampa barroca rosa e dourada.

Ela ficou de pé na frente do espelho e olhou para si mesma. Para os cabelos castanho-escuros. Para as sobrancelhas grossas e o queixo arredondado. Tentou se

ver como Noel a veria pela primeira vez desde agosto. Tentou fingir que não se importava.

Em seguida, Mags saiu.

Parou no meio do caminho para o carro e correu de volta até o quarto. Pôs os brincos que Noel lhe dera de presente de aniversário de dezoito anos: asas de anjo.

— Noel vem? — perguntou Alicia cerca de uma hora depois que as pessoas começaram a chegar.

Como eu poderia saber?, Mags teve vontade de dizer. Mas ela sabia.

— Sim, ele vem — disse ela. — Daqui a pouco ele chega.

Mags conversava com Potro quando Noel finalmente apareceu. Potro cursava engenharia em Iowa. Os cabelos estavam compridos de novo, presos em um rabo de cavalo que Simini puxava só porque gostava de

fazer isso. Ela estudava arte em Utah, mas provavelmente pediria transferência para Iowa. Ou Potro se mudaria para Utah. Ou eles se encontrariam em algum lugar no meio do caminho.

— Onde é o meio? — perguntou Potro. — Nebraska? Merda, amor, de repente é melhor a gente voltar para cá.

Mags sentiu quando Noel entrou. (Ele entrou pela porta dos fundos e uma rajada de ar frio veio junto.)

Ela olhou por cima do ombro de Potro e viu Noel, que a viu, atravessou o porão, passou por cima do sofá de dois lugares, pela mesa de centro, pelo sofá maior, entre Potro e Simini, colocou os braços em volta de Mags e rodou com ela.

— Mags! — disse Noel.

— *Noel* — sussurrou Mags.

Ele também abraçou Potro e Simini, Frankie, Alicia e Connor. E todo mundo. Noel era do tipo que abraça.

Ele voltou até Mags e a imobilizou na parede, espremendo-a com tanta força quanto a abraçava.

— Ah, caramba, Mags — disse ele. — Nunca me abandone.

— Eu nunca abandonei você — disse ela contra o peito dele. — Nunca fui a lugar nenhum.

— Nunca me deixe abandonar você — disse ele acima da cabeça de Mags.

— Quando você volta para Notre Dame? — perguntou ela.

— Domingo.

Noel usava calça vinho (mais macia que jeans, mais áspera que veludo), camiseta listrada em tons de azul e jaqueta cinza com a gola levantada.

Estava pálido como sempre.

Os olhos continuavam grandes e azuis.

Os cabelos estavam curtos, raspados acima das orelhas e na parte de trás, com longos cachos castanhos caindo na testa. Mags levantou a mão até a nuca dele. Parecia que estava faltando alguma coisa.

— Você devia ter ido comigo, Margaret — disse Noel. — A moça que me atacou não conseguia parar.

— Não — disse ela, fazendo carinho na cabeça de Noel. — Ficou bom. Fica bem em você.

Tudo estava igual, e tudo estava diferente.

As mesmas pessoas. A mesma música. Os mesmos sofás.

Mas todos haviam se distanciado por quatro meses, para direções absurdamente diferentes.

Frankie levou cerveja e a escondeu debaixo do sofá. Natalie estava bêbada quando chegou. Connor levou o novo namorado da faculdade, e todo mundo o odiou. Alicia ficava tentando puxar Connor de lado para contar isso a ele. O porão parecia mais cheio que o normal, e ninguém dançou muito...

As pessoas dançaram tanto quanto se dançaria em uma festa normal, uma festa de outra pessoa. As festas *deles* eram *diferentes*. Eles eram vinte e cinco pessoas dentro de um porão que se conheciam tão bem que nunca precisavam se controlar.

Noel não dançou naquela noite. Ficou com Potro, Simini e Frankie. Ficou ao lado de Mags como se estivesse colado ali.

Ela ficou tão feliz por eles não terem parado de trocar mensagens, por ainda saber qual era a preocupação de Noel quando ele acordava. As piadas internas de todo mundo tinham sete meses de idade, mas as de Noel e Mags tinham continuado, sem intervalo algum.

Noel aceitou uma cerveja quando Frankie lhe ofereceu. Mas, quando Mags revirou os olhos, ele a passou para Potro.

— É estranho estar em Omaha? — perguntou Simini a ela. — Agora que todo mundo foi embora?

— É como andar por um shopping depois que ele fecha — disse Mags. — Sinto tanta falta de vocês.

Noel levou um susto.

— Ei — disse ele para Mags, puxando a manga dela.

— O quê?

— Vem cá, vem cá... Vem comigo.

Ele a estava puxando para longe dos amigos, para fora do porão, escada acima. Quando chegaram ao térreo, Noel disse:

— Muito longe, não consigo ouvir a música.

— O quê?

Eles desceram de novo e pararam no meio da escada. Noel trocou de lugar com Mags, para que ela ficasse no degrau mais alto.

— Dance comigo, Mags, estão tocando nossa música.

Mags inclinou a cabeça.

— “A Thousand Years”?

— É nossa música verdadeira — disse ele.

— Dance comigo.

— Por que essa é nossa música? — perguntou Mags.

— Estava tocando quando nos conhecemos — respondeu Noel.

— Quando?

— Quando nos conhecemos — falou ele, girando a mão, como se a estivesse apressando.

— Quando nos conhecemos *aqui*?

— É. Quando nos conhecemos. Lá embaixo. No primeiro ano. E você salvou minha vida.

— Eu nunca salvei sua vida, Noel.

— Por que você sempre estraga essa história?

— Você lembra qual música estava tocando quando nos conhecemos?

— Eu sempre lembro qual música está tocando — respondeu ele. — O tempo todo.

Era verdade, ele se lembrava mesmo. Mags só conseguiu pensar em dizer:

— O quê?

Noel suspirou.

— Eu não gosto de dançar — disse ela.

— Você não gosta de dançar *na frente dos outros*.

— É verdade.

— Só um minuto. — Noel correu escada abaixo. — Não vá a lugar nenhum — gritou ele para Mags.

— Eu nunca vou a lugar nenhum! — gritou ela em resposta.

Mags ouviu a música recomeçar.

Então Noel correu escada acima. Ele ficou no degrau abaixo do dela e levantou as mãos.

— Por favor.

Mags suspirou e levantou as mãos. Não sabia bem o que fazer com elas...

Noel segurou uma das mãos dela e pôs a outra no ombro dele, passando o braço ao redor da cintura de Mags.

— Meu Deus — disse ele —, foi tão difícil assim?

— Não sei por que isso é tão importante para você — falou Mags. — Dançar.

— Não sei por que é tão importante para você — respondeu ele. — Não dançar comigo.

Mags ficava um pouco mais alta do que ele assim. Eles dançavam, com passos para um lado e para outro.

A mãe de Alicia apareceu na escada.

— Oi, Mags. Oi, Noel. Como está Notre Dame?

Noel puxou Mags para perto a fim de deixar a sra. Porter passar pela escada.

— Tudo bem — disse ele.

— Vocês bobearam mesmo no jogo contra o Michigan.

— Eu não participo do time de futebol americano — disse Noel.

— Isso não é desculpa — rebateu a sra. Porter.

Noel não soltou Mags quando a mãe de Alicia passou. O braço envolvia toda a cintura dela e eles estavam colados, frente a frente.

Eles haviam se tocado muito ao longo dos anos, mas como amigos. Noel gostava de toques. Ele abraçava, fazia cócegas, puxava cabelos, trazia as pessoas para o colo. Naturalmente, beijava qualquer um que erguesse as sobrancelhas para ele na festa de ano-novo...

Mas Noel nunca havia abraçado Mags daquele jeito.

Ela nunca havia sentido a fivela do cinto dele pressionar seu quadril. Nunca havia sentido o hálito dele.

A sra. Porter voltou para a escada, e Noel apertou Mags ainda mais.

“A Thousand Years” recomeçou.

— Você mandou alguém tocar essa música de novo? — perguntou Mags.

— Coloquei para repetir. Alguém vai mudar quando reparar.

— É da trilha sonora de *Crepúsculo*?

— Dance comigo, Mags.

— Estou dançando.

— Eu sei — disse ele. — Não pare.

— Tudo bem.

Mags vinha mantendo o corpo rígido, de modo que ainda continuaria de pé mesmo se Noel a soltasse. Nesse momento, ela se soltou. Relaxou nas mãos do amigo e permitiu que seu braço deslizesse sobre o ombro de Noel. Tocou na nuca dele de novo porque ela queria, porque ainda tinha alguma coisa faltando.

— Você não gostou — comentou ele.

— Gostei, sim. Está diferente.

— Você está diferente.

Mags fez uma careta que dizia: *Você está louco.*

— Está — disse Noel.

— Sou exatamente a mesma. Sou a única que não mudou.

— Você foi quem mais mudou.

— Como?

— Não sei — disse ele. — Parece que todos nós fomos embora e você se soltou, e foi *você* quem acabou se afastando.

— Isso é maluquice — respondeu Mags. — Eu falo com você todos os dias.

— Não é suficiente. Nunca vi esse vestido.

— Não gostou dele?

— Não é isso. — Noel balançou a cabeça. Ela não estava acostumada a vê-lo assim. Agitado. — Gostei. É bonito. Mas é diferente. Você está diferente. Sinto que não consigo chegar perto o bastante de você.

Ele encostou a testa na dela.

Mags retribuiu.

— Estamos bem perto um do outro, Noel.

Ele suspirou, frustrado, e o ar dele encheu o nariz e a boca de Mags.

— Por que você não tem namorado?

Ela franziu a testa.

— Talvez eu tenha.

Ele pareceu arrasado e afastou a cabeça.

— Você não me contaria uma coisa dessas?

— Não — disse Mags —, não. Noel, é claro que eu contaria. Eu contaria para você. Só não sei o que você quer que eu diga. Não sei por que não tenho namorado.

— Vai piorar — disse ele. — Você vai continuar mudando.

— Ah, você também.

— Eu nunca mudo.

Mags riu.

— Você é um caleidoscópio. Muda toda vez que eu afasto o olhar.

— Você não odeia isso? — perguntou ele.

Mags balançou a cabeça. Roçou o nariz no dele.

— Adoro.

Eles haviam parado de dançar.

— Ainda estamos dançando? — perguntou ela.

— Ainda estamos dançando. Não comece a ter ideias grandiosas, Margaret. — Ele soltou a mão de Mags e passou o outro braço em volta dela. — Não vá a lugar nenhum.

— Eu nunca vou a lugar nenhum — sussurrou Mags.

Ele balançou a cabeça como se ela fosse mentirosa.

— Você é minha *melhor* amiga.

— Você tem um monte de melhores amigos — rebateu ela.

— Não. Só você.

Mags envolveu o pescoço dele com os braços. Pressionou o rosto na testa dele. Tinha cheiro de pele.

— Não consigo chegar perto o bastante — disse Noel.

Alguém percebeu que a música estava se repetindo e mudou para a próxima.

Outra pessoa percebeu que Mags e Noel haviam sumido. Natalie saiu para procurar Noel:

— Noel! Venha dançar comigo! Está tocando nossa música!

Era aquela música da Ke\$ha.

Noel se afastou de Mags. Deu um sorriso sem graça, como se tivesse se comportado como um bobo na escada. Mas ela o perdoaria, não perdoaria? E havia uma festa lá

embaixo, eles deviam voltar para a festa, certo?

Noel desceu, e Mags foi atrás.

A festa tinha mudado na ausência deles: todo mundo parecia um pouco mais jovem de novo. Haviam tirado os sapatos e estavam pulando nos sofás. Estavam cantando todas as letras das músicas que eles sempre cantavam.

Noel tirou a jaqueta e jogou para Mags. Ela pegou porque tinha mãos ágeis.

Ele estava bonito.

Era comprido e pálido. De calça vinho, do tipo que mais ninguém usaria. Com uma camiseta que teria ficado larga no ano anterior.

Ele estava tão bonito.

Ela o amava tanto.

Mags não conseguiria passar por aquilo de novo.

Não conseguiria ficar do outro lado da sala vendo Noel beijar outra pessoa. Não nesta noite. Não conseguiria ver outra pessoa ganhar o beijo pelo qual ela vinha se esforçando tanto, desde o momento em que eles se conheceram.

Então, poucos minutos antes da meia-noite, Mags pegou um punhado de mix de nozes e agiu como se estivesse indo para o corredor. Como se fosse ao banheiro. Ou talvez verificar o filtro do aquecedor.

Saiu pela porta dos fundos. Ninguém pensaria em procurá-la lá fora, na neve.

Estava frio, mas ela ainda estava com a jaqueta de Noel, por isso a vestiu. Encostou-se à parede da casa de Alicia, comeu o petisco da mãe de Alicia (a sra. Porter preparava o melhor mix de nozes) e ouviu a música.

Então a música parou, e a contagem começou.

Era *bom* que Mags estivesse lá fora, porque doeria demais estar lá dentro. Sempre doía muito e, neste ano, talvez a matasse.

— *Sete!*

— *Seis!*

— Mags! — chamou alguém.

Era Noel. Ela reconheceu a voz.

— Margaret!

— *Quatro!*

— Aqui — disse Mags. Então um pouco mais alto: — Aqui!

Ela era a melhor amiga dele. Evitá-lo era uma coisa, mas se esconder dele era bem diferente.

— *Dois!*

— Mags...

Ela conseguiu ver Noel sob o luar, que atravessava as tábuas do deque acima dela. Os olhos dele eram afetuosos, e ele estava erguendo as sobrancelhas.

— *Um!*

Mags assentiu e fez impulso com os ombros para se desencostar da parede da casa. Noel a empurrou de volta, prendendo-a enquanto a abraçava e a encurralava contra a parede.

Ele a beijou intensamente.

Mags passou os braços pelo pescoço dele, pressionando seus rostos, queixos e suas bocas abertas.

Noel segurou os ombros dela.

Depois de alguns minutos, talvez mais que alguns minutos, depois de um tempo, os dois pareceram acreditar que não se soltariam.

Então afrouxaram o enlace.

Mags acariciou os cachos de Noel e os afastou do rosto. Noel a imobilizou contra a parede dos quadris aos ombros, beijando-a no ritmo da música que estava tocando lá dentro.

Quando ele se afastou, ela ia dizer que o amava; quando ele se afastou, ela ia dizer para que ele não a soltasse.

— Não — disse Mags quando Noel ergueu a cabeça.

— Mags — sussurrou ele. — Meus lábios estão ficando dormentes.

— Então não beije. Mas fique aqui.

— Não... — Noel se afastou, e toda a frente do corpo de Mags ficou fria. — Meus lábios estão ficando dormentes... Você estava comendo morangos?

— Ah, Deus — disse ela. — Mix de nozes.

— Mix de nozes?

— Amendoins — disse ela. — E provavelmente outras coisas parecidas.

— Ah — disse Noel.

Mags já o estava arrastando para longe da parede.

— Você tem alguma coisa aí?

— Antialérgico — disse ele. — No carro. Mas me dá sono. Devo estar bem.

— Onde está a chave?

— No meu bolso — respondeu ele, apontando para a jaqueta.

A língua de Noel parecia inchada.

Mags encontrou a chave e continuou puxando Noel. O carro estava estacionado na rua, e o antialérgico estava no porta-luvas. Mags viu Noel tomar o remédio e ficou com os braços cruzados, esperando o que viria depois.

— Está conseguindo respirar? — perguntou ela.

— Estou.

— O que costuma acontecer?

Ele sorriu.

— Isso nunca aconteceu antes.

— Você sabe o que quero dizer.

— Minha boca fica dormente. Minha língua e meus lábios incham. Tenho urticária. Você quer ver se estou ficando empolado?

Ardiloso.

— E depois? — perguntou ela.

— Depois, nada. Depois eu tomo o antialérgico.

— Vou ver se você está ficando empolado — disse ela.

Ele sorriu de novo e esticou os braços. Ela os examinou. Ergueu a camiseta listrada... Ele estava pálido. Com a pele toda arrepiada. E havia sardas que Mags não conhecia no peito dele.

— Acho que você não está empolado — disse ela.

— Já dá para sentir o antialérgico fazendo efeito.

Ele baixou os braços e a abraçou.

— Não me beije de novo — disse Mags.

— Agora — disse Noel. — Não vou beijar você de novo agora.

Ela se encostou nele, com a têmpora no queixo dele, e fechou os olhos.

— Eu sabia que você salvaria minha vida — falou Noel.

— Eu não precisaria salvar sua vida se quase não tivesse matado você.

— Não se dê tanto crédito. São as nozes que estão tentando me matar.

Ela assentiu.

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Noel.

— Oi.

Ela precisava perguntar, tinha que se obrigar a perguntar.

— Você está só sendo melodramático?

— Mags, eu juro. Eu não fingiria uma reação alérgica.

— Não — disse ela. — Com o beijo.

— Teve mais de um beijo...

— Com todos eles — disse ela. — Você estava só... fazendo firula?

Mags se preparou para ouvir uma resposta boba.

— Não — disse Noel. — Você estava só tentando me agradar?

— Deus. Não. Pareceu que eu estava tentando agradar?

Noel fez que não com a cabeça, roçando o queixo na têmpora dela.

— O que você estava fazendo? — perguntou Mags.

— Não sei... — respondeu ele, depois de um tempo. — Sei que as coisas precisam mudar, mas... não posso perder você. Acho que não consigo encontrar outra como você.

— Não vou a lugar algum, Noel.

— *Vai* sim — disse ele, apertando-a contra si. — E não tem problema. Só... preciso que você me leve junto.

Mags não sabia como responder a isso.

Estava frio. Noel estava tremendo. Ela devia devolver a jaqueta dele.

— Mags.

— O quê?

— Do que *você* precisa?

Mags engoliu em seco.

Nos três anos de amizade entre eles, Mags havia passado muito tempo fingindo que não precisava de nada mais além do que ele já lhe oferecia. Ela dizia a si mesma que havia uma diferença entre querer uma coisa e precisar...

— Preciso que você seja minha pessoa favorita — ponderou Mags. — Preciso ver você. Ouvir você. Preciso que você fique vivo. Preciso que pare de beijar outras pessoas só

porque elas estão perto de você quando chega a meia-noite.

Noel riu.

— Também preciso que você não ria de mim — disse ela.

Ele mudou de expressão e olhou para Mags.

— Não, não precisa.

Ela beijou o queixo dele sem abrir a boca.

— Você pode ter todas essas coisas — disse ele, com cuidado. — Pode me ter, Mags, se me quiser.

— Eu sempre quis você — disse ela, envergonhada pelo tanto que era verdade.

Noel se inclinou para beijá-la, e ela baixou a testa contra os lábios dele.

Eles ficaram em silêncio.

Estava frio.

— Feliz aniversário, Mags.

— Feliz ano-novo, Noel.

A DAMA E A RAPOSA

KELLY LINK

Tem alguém no jardim.

— Daniel — chama Miranda. — É o Papai Noel. Ele está olhando pela janela.

— Não, não está — diz Daniel, sem olhar.
— Nós já ganhamos os presentes. Além disso, o Papai Noel não existe.

Eles estão juntos embaixo da árvore, a famosa árvore de Natal dos Honeywell. Os dois têm onze anos. Só há espaço suficiente para sentar encostado no tronco com as pernas cruzadas. Daniel está brincando com o trem instalado em volta da árvore, movendo-o para a frente, para trás e para a frente de

novo. Miranda está admirando seu melhor presente, uma tesoura de cabo dourado em forma de garça. O bico da ave é a lâmina. *Zip, zip*, ela corta espinhos secos um a um do galho acima de sua cabeça. Sente cheiro de pinheiros. Uma chuva de agulhinhas verdes.

Deve estar muito frio lá fora, no jardim. A janela cintila com o gelo. Já passou muito da hora de dormir. Se não era o Papai Noel, poderia ser um ladrão que tinha ido roubar as joias de alguém. Ou um assassino com um machado.

Ou então, claro, pode ser uma das centenas de tios e primos de Daniel. Porque o rosto na janela não tem barba e não é alegre. Mesmo parcialmente obscurecido pela escuridão e pelo gelo, tem aquele ar dos Honeywell. A sala está repleta de adultos da família Honeywell conversando coisas sobre as quais os Honeywell sempre conversam, e isso

significa tudo: cavalos, casas, Deus, argamassa, salões de bronzamento e, é claro, teatro. Sempre sobre teatro. Os Honeywell gostam de conversar. Quando um Honeywell não tem uma fala, ele improvisa. O mundo todo é um palco.

Era raro ver um Honeywell isolado. Eles vêm em cachos, como bananas. Não são espíões solitários, mas batalhões. Por mais que Miranda admire os cabelos ruivo-dourados dos Honeywell, a beleza exagerada e expressiva dos Honeywell, o repertório Honeywell de piadas e confidências, poesia e absurdos, às vezes ela precisa de uma fuga. Os Honeywell querem que você fale também. Fazem perguntas até sua boca ficar seca de tanto responder.

Daniel é excepcionalmente tranquilo para um Honeywell. Ele não se importa se você está ali ou não.

Miranda sai com dificuldade de baixo da árvore, atravessando as várias pernas dos Honeywell trajados de terno e gravata e vestidos de festa: tafetás apocalipticamente laranja, cetins deslizantes amarelo-canário e violeta ajustados ao corpo, seda branca como espuma já manchada de vinho.

Eles dão tapinhas na cabeça de Miranda e piscam para ela. Alguém vestido de dourado diz:

— Pobre ovelhinha.

— Mééééééé, tolice — faz Miranda, seguindo em frente. O vestido dela é verde, de veludo cotelê refinado. Cintura império. Pinica nas axilas. O interesse de Miranda nessas coisas é meio profissional. A mãe, Joannie (que nos últimos seis meses viveu em uma cadeia em Phuket, onde ficará por ainda muitos anos), era camareira e confidente de Elspeth Honeywell.

Daniel é filho de Elspeth. Miranda é afilhada de Elspeth.

Dois homens se beijam languidamente na cozinha, apoiados na pia, sobre a qual um dos novos gatinhos dos Honeywell lambe molho de um pote. Uma menina — apenas alguns anos mais velha que Miranda — dispõe velhas cartas desgastadas de tarô na mesa antiga de fazenda. Garrafas vazias de vinho estão inclinadas como canhões; uma faca de açougueiro está enfiada em um bolo de Natal destruído. Há calor saindo do forno: na gaveta de aquecimento do fogão, Miranda vê os outros gatinhos, dormindo em uma forma encrostada.

Ela pega um saco de lixo da festa — guardanapos manchados de batom, taças de

champanhe descartáveis, pedaços engordurados de doce — e os leva pela porta da cozinha. A mãe gata entra quando Miranda sai.

Está nevando. Grandes nacos de neve grudenta derretem em seus cabelos e rosto. Neve no Natal. Não cai neve em Phuket, é claro. Ela imagina o que há para comer no Natal em uma prisão tailandesa. A mãe sempre faz o bolo de Natal. Miranda ajuda a abrir o marzipã. As sapatilhas de balé escorregam na grama.

Ela amarra o saco e o deixa na escada. E lá está o homem no jardim, ainda parado na frente da janela, olhando para dentro.

Ele deve ouvir Miranda. Claro que a ouve. Os pés dela fazem barulho na grama congelada. Mas ele não se vira.

Mesmo visto de costas, dá para perceber que ele é um Honeywell. Esbelto, de cabelos

louros. Perfeitamente imóvel — ele está, de algum modo, *perfeitamente* imóvel, pronto para chamar a atenção. Artificialmente natural. A neve que está fazendo o nariz de Miranda escorrer e deixando o rosto dela vermelho por causa do frio cai sem derreter sobre os cabelos claros do Honeywell e nos ombros de seu surpreendente casaco.

Típico comportamento Honeywell, pensa Miranda. Uma briga de amantes ou então ele se ofendeu com o que alguém disse e agora vai se deprimir lindamente até morrer no frio. A mãe de Miranda sempre foi muito clara sobre como se comportar quando um Honeywell é dramático sem necessidade de drama. Firmeza é o segredo.

Com essa última lembrança da mãe, Miranda tem os próprios sentimentos dramáticos. Ela se concentra no casaco e afasta os sentimentos para longe. É um casaco *e tanto*.

Será uma fantasia? Tirada de algum espetáculo. Século dezoito. Corte belíssimo. Não é um fraque. É um *justacorps*. Estampa de damasco rosa. Todo bordado com fio de seda branco, papoulas e rosas, e na parte em que o tecido se afasta dos quadris, um besouro de chifre sobre uma folha verde. Miranda foi se aproximando mais e mais, sem conseguir conter a mão para tocar no besouro.

Ela quase espera que a mão atravesse direto. (Com certeza há fantasmas em Honeywell Hall.) A mão, porém, não atravessa. O casaco é verdadeiro. Miranda belisca o tecido entre os dedos. E diz:

— O que quer que tenha acontecido não vale a pena morrer congelado por isso. Você não deveria estar aqui. Acho melhor entrar.

O Honeywell de *justacorps* se vira.

— Estou exatamente onde deveria estar — fala ele. — Aqui. Fazendo exatamente o que deveria estar fazendo. E isso não inclui conversar com garotinhas. Vá embora, garotinha.

Ela pode até ser uma garotinha, mas já está bem blindada contra o arsenal de chiques, ataques, altos e baixos, charmes e esquisitices dos Honeywell.

Acima do amplo bolso direito do *justa-corps*, há uma raposa bordada em vermelho e dourado, com a pata da frente presa em uma armadilha.

— Meu nome é Miranda — diz ela. E, por já conhecer alguns truques dos Honeywell, acrescenta: — Minha mãe está na cadeia.

O Honeywell parece quase solidário por um breve instante, depois dá de ombros. De forma teatral, é claro. Ele enfia as mãos nos bolsos.

— O que isso tem a ver comigo?

— Todo mundo tem problemas, só isso — responde Miranda. — Eu estou aqui porque Elspeth tem pena de mim. Detesto quando as pessoas sentem pena de mim. Eu não tenho pena de você. Eu não conheço você. Apenas não acho muito inteligente ficar parado aqui fora só porque está mal-humorado. Mas talvez você não seja muito inteligente. Minha mãe diz que pessoas bonitas não se dão ao trabalho. Qual é seu nome?

— Se eu disser você vai embora? — pergunta o Honeywell.

— Vou.

Ela pode ir para a cozinha brincar com os gatinhos. Lavar a louça e ser útil. Ver a sorte dela no tarô. Sentar embaixo da árvore de novo com Daniel até passar muito da hora de dormir. No dia seguinte, ela será mandada para casa de ônibus. Até o ano que vem,

Elspeth provavelmente terá esquecido que tem uma afilhada.

— Sou Fenny — revela o Honeywell. — Agora saia daqui. Eu tenho coisas para não fazer e não tenho muito tempo para não fazê-las.

— Bem — diz Miranda. Ela dá um tapinha no punho largo do encantador casaco de Fenny. Imagina qual é o material do forro, quanto o Honeywell deve estar com frio, quanto ele é burro, parado ali fora quando é bem-vindo lá dentro. — Feliz Natal. Boa noite.

Ela estende a mão uma última vez, toca na raposa bordada com a perna presa na armadilha. Ponto haste, ponto areia e espinha de peixe.

— É um trabalho muito bonito, de verdade — diz Miranda —, mas espero que ela seja libertada.

— Ela foi burra de ser apanhada — rebate Fenny —, sua criança estranha e irritante. — Ele já está se voltando de novo para a janela. O que ele vê através dela? Quando Miranda finalmente volta para a sala de estar onde Honeywell bêbados estão berrando letras inadequadas para canções de Natal, comendo biscoitos e vestindo coroas de papel, ela olha para fora. A neve parou. Não há ninguém lá.

Mas acontece que Elspeth Honeywell se lembra de Miranda no ano seguinte, e no outro, e no outro. Há presentes para Miranda embaixo da magnífica árvore. Um ingresso para um musical em Londres ao qual ela nunca assiste. Um kit de maquiagem quando ela está com treze anos de idade.

No ano em que ela faz quatorze anos, Daniel lhe dá um jogo de xadrez e uma caixa de meadas de fios de seda sortidos. Sob a meia-calça preta, Miranda está usando uma tornozeleira de couro vermelho trançado que chegou em um envelope, sem carta, de Phuket. Os gatinhos estão todos crescidos e fingem não conhecê-la.

No ano em que está com doze anos, ela procura pelo misterioso Fenny. Ele não está lá. Quando Miranda pergunta, ninguém sabe de quem ela está falando.

No ano em que está com treze anos, toma champanhe pela primeira vez.

No Natal dos quatorze anos, ela se sente bastante crescida. O homem de *justacorps* foi um sonho ou alguma história que inventou para si mesma com o propósito de se sentir interessante. Aos quatorze, já não acredita mais em contos de fadas, Papai Noel ou

histórias de fantasmas. Quando Daniel observa que os dois estão debaixo de um ramo de visco, ela lhe dá um beijo em cada bochecha. Depois enfia a língua na orelha dele.

Neva mais uma vez no Natal dos quinze anos de Miranda. Há previsão de neve, e neva. Alguma coisa na possibilidade de neve faz com que ela pense nele novamente. O homem no jardim coberto de neve. Não há nenhum homem no jardim, é claro; nunca houve. No entanto, há Honeywell Hall, que já basta — e o que parecem ser pilhas intermináveis de adultos Honeywell comportando-se como se fossem crianças novamente.

É exaustiva e quase olímpica a quantidade de diversão que os Honeywell parecem

demandar. Ela não consegue decidir se aquilo é terrível ou maravilhoso.

No fim da tarde, os Honeywell estão brincando de mímica. Não tem graça brincar com pessoas que fazem isso profissionalmente. Miranda fica parada diante da janela, assistindo à neve cair e procurando por algo. Pássaros. Uma raposa. Um homem no jardim.

Um Honeywell grita:

— Por Deus, não! Cleópatra veio enrolada em um tapete, e não no jornal de domingo!

Daniel está no quarto dele, no andar de cima, conversando com o pai pelo Skype.

Miranda vai de uma janela para outra, fingindo não estar atrás de nada em especial. Lá longe, ela vê alguma coisa fora do lugar. Alguém. Sai pela porta como um relâmpago.

— Vou caminhar um pouco! — grita ela, com a porta fechando atrás de si. No caso de alguém se importar.

Encontra o homem andando em cima do velho muro que limita a propriedade, pisando de pedra em pedra. Fenny. Ele bate com um galho em cada pedra enquanto caminha.

— Você — diz ele. — Estava imaginando se a veria de novo.

— Miranda — retruca ela. — Aposto que esqueceu.

— Não — diz ele. — Não esqueci. Quer subir?

Ele estende a mão. Ela hesita, e ele diz:

— Você que sabe.

— Eu consigo subir sozinha — fala ela, e sobe. Está na frente dele agora. Caminha de costas a fim de conseguir olhar para Fenny.

— Você não é uma Honeywell — comenta ele.

— Não — diz ela. — Você é.

— Sim. Mais ou menos.

Miranda então para, de modo que ele também precisa parar. Não é como se eles pudessem continuar, de qualquer forma. Há um vão no muro logo atrás dela.

— Lembro quando construíram este muro — diz ele.

Ela provavelmente o ouviu mal. Ou então ele a está provocando:

— Você deve ser muito velho.

— Mais velho do que você, pelo menos.

Fenny senta-se no muro e Miranda o acompanha. Honeywell Hall está à frente deles. Há um pequeno bosque atrás. A neve cai lentamente, e uma brisa leve a faz serpentear.

— Por que você sempre usa esse casaco? — pergunta Miranda. Ela se remexe um pouco. Sua bunda está ficando gelada. — Você não deveria se sentar em um muro sujo. Ele é bonito demais para isso. — Ela toca no be-souro bordado e na raposa.

— Alguém muito... especial me deu esse casaco — diz ele. — Eu o visto porque é o desejo dela. — A forma como ele diz isso faz Miranda sentir um leve calafrio.

— Certo. É como a tornoeleira que minha mãe mandou para mim. Ela está na prisão. Nunca vai sair. Vai ficar lá até morrer.

— Como a raposa — comenta ele.

— Como sua raposa — diz Miranda.

Ela fica horrorizada ao se dar conta de que seus olhos estão marejados. Será que está chorando? Não é sequer uma raposa de verdade. Como não quer olhar para o homem do casaco, *Fenny*, para ver se ele percebeu, ela

salta do muro e começa a caminhar de volta para a casa.

Quando está na metade do caminho, a neve para de cair. Ela olha para trás; não há ninguém sentado no muro.

A neve para e volta a cair, indo e vindo o dia todo. Quando o jantar termina e os Honeywell estão gemendo com as mãos nas barrigas, Elspeth tem algo para Miranda.

Acenando o presente entre dois dedos como se fosse um petisco especial e Miranda fosse um cachorrinho vira-lata, Elspeth diz:

— Alguém deixou isto na porta para você, Miranda. Quem será que foi?

O embrulho é uma simples folha de papel ofício, tingido com um pouco de verde. O nome dela está escrito em um garrancho.

Miranda. Dentro, há um retalho de tecido de damasco rosa, a raposa bordada, rosnando, a pata ferida e a armadilha ensanguentada.

— Deixe-me ver, querida — diz Elspeth, pegando o tecido cor-de-rosa de *Miranda*. — Que presente estranho! Uma brincadeira?

— Não sei — responde *Miranda*. — Talvez.

São oito horas. Honeywell Hall, no alto de sua colina, deve brilhar como uma tocha. *Miranda* veste o casaco e dá três voltas em torno da casa. A neve está toda derretida. Daniel a intercepta no circuito final. Ele está na fase das espinhas e da magreza, o nariz grande demais para o rosto. Ela o ama muito, assim como ama Elspeth. Os dois são sempre gentis com ela.

— Aqui — diz ele, entregando o pedaço de tecido a ela. — Presente secreto? Admirador secreto? Código secreto?

— Ah, você sabe — diz Miranda. — Longa história. Estou guardando para minhas memórias.

— Enquanto isso, lá dentro, todo mundo está fingindo que está na década de 1970 e que tem dezesseis anos de novo, brincando de pique-esconde e bebendo. Haverá orgias em todos os armários, confissões dramáticas e tentativas de assassinato na despensa, embaixo da escada, nas camas e embaixo delas a noite toda. Então eu peguei isto e me mandei. — Daniel mostra a ela a garrafa de sidra no bolso do casaco. — Vamos sentar no Tiger. Você pode me contar tudo sobre a escola e sua tia infernal, e eu conto a você com qual político conservador Elspeth tem saído às escondidas. Aí você pode vender a história para um desses tabloides sensacionalistas.

— E usar os lucros para comprar um apartamento em Wolverhampton. Vamos ter uma boa vida — diz Miranda.

Os dois bebem a sidra e comem uma barra de chocolate meio derretida. Eles conversam, e Miranda se pergunta se Daniel vai tentar beijá-la. Ou se ela deveria tentar beijá-lo. No entanto, ele não tenta, ela não tenta — nenhum dos dois tenta — e Miranda adormece no estofamento destruído pelos ratos da absurda carcaça do carro Sunbeam Tiger, dos anos 1960, com a cabeça no ombro de Daniel e a raposa amarrotada no punho cerrado.

No Natal seguinte, Elspeth está em todos os jornais. O marido político conservador está se divorciando dela. Elspeth é responsável por adultério no processo. Enquanto

isso, tem um novo caso com um jogador de futebol vinte anos mais jovem. Esse é o melhor tipo de matéria de Natal. Há jornalistas em toda parte. Elspeth, dirigindo o Sunbeam Tiger, busca Miranda na estação usando um chapéu de abas largas, macacão, óculos escuros, tudo preto; desonrada e triunfante. Sente-se bem assim.

A tia de Miranda quase não a deixou ir este ano. No entanto, se Miranda tivesse ficado com ela, as duas teriam passado um Natal infeliz. A tia está com um novo namorado. Quase tão terrível quanto ela. Alguém deveria contar isso aos tabloides.

— Que lindo vestido — diz Elspeth, dando um beijo no rosto de Miranda. — Foi você quem fez?

Miranda está especialmente satisfeita com a barra.

— Está legal.

— Quero um igual — diz Elspeth. — Vermelho. Aumente o decote e suba um pouco a barra. Você pode fazer isso profissionalmente. Já pensou a respeito?

— Eu só tenho dezesseis anos — diz Miranda. — Ainda tenho que melhorar muito.

— Alexander McQueen! Saiu da escola aos dezesseis anos — conta Elspeth. — Foi trabalhar como aprendiz em Savile Row. Costurava cabelos humanos nos forros. Acho que era uma espécie de feitiçaria. Tenho um daqueles vestidos com estampas que lembram arraias em algum lugar no Hall. Sua mãe era pouco mais velha do que você é agora. Ficava nos bastidores costurando lantejoulas e cristais em tule.

— Onde está Daniel? — pergunta Miranda.

Ela e a mãe têm se correspondido. Miranda está economizando dinheiro. Não contou à tia ainda, mas, no verão seguinte, vai à Tailândia.

— Em casa. Mal-humorado. E ouvindo os meus discos antigos. The Smiths.

Miranda olha para Elspeth e analisa seu rosto.

— Aquela garota terminou com ele, não foi?

— Se está se referindo àquela dos furões e dos tornozelos feios — diz Elspeth —, sim. Qual é mesmo o nome dela? É um mistério. Não o nome, mas o rompimento. Ele cresceu oito centímetros em dois meses, as espinhas foram embora. Sinceramente, Miranda, Daniel está ainda mais bonito do que eu esperava que ele fosse ficar. Tem um coração de ouro esse menino, e uma cabeça boa

também. Não consigo entender no que ela estava pensando.

— Ataque preventivo, talvez — diz Miranda.

— Eu não saberia do rompimento se não tivesse entreouvido uma conversa sem querer. *Mais ou menos* sem querer — conta Elspeth. — Bom, isso e The Smiths. Daniel não conversa comigo sobre a vida amorosa dele.

— Você *quer* que ele converse com você sobre a vida amorosa dele?

— Não. Sim. Talvez. Provavelmente não. Enfim, e você, Miranda? Você já tem uma dessas? Uma vida amorosa?

— Eu não tenho nem furões — responde Miranda.

Na véspera de Natal, enquanto todos os Honeywell visitantes, primos, esposas, namorados, namoradas e seus contadores entoam canções natalinas na cidade, Elspeth leva Miranda e Daniel para um canto. Dá um baseado a cada um.

— Não vou fingir que não sei que você andou assaltando meu estoque, *Daniel* — diz Elspeth. — Pelo menos assim eu sei o que vocês estão aprontando. Se vão descumprir a lei, é melhor pelo menos aprender a descumprir com responsabilidade. Sob a supervisão de um adulto.

Daniel revira os olhos e se vira para Miranda. O que vê no rosto dela o faz rir. É irritante, mas é verdade: ele se tornou espetacularmente bonito. Bem, era inevitável.

Aparentemente, todos os Honeywell feios são afogados ao nascerem.

— Está tudo bem, *Mirandy* — diz ele. — Eu fico com o seu se você não quiser.

Miranda guarda o baseado no sutiã.

— Obrigada, mas vou ficar com ele.

— Enfim, tenho certeza de que vocês dois têm muito assunto para pôr em dia — diz Elspeth. — Vou até o pub dar um beijo nas garçonetes e fazer os jornalistas chorarem.

Quando ela sai, Daniel pergunta:

— Ela está tentando juntar a gente, não está?

— Ou será que é psicologia reversa? — observa Miranda.

Seus olhares se cruzam. *Coragem, Miranda*. Daniel inclina a cabeça, parece alegre.

— Nesse caso, acho que eu devo fazer isto — diz ele. Então se inclina para a frente, põe

a mão no queixo de Miranda e o levanta. — A gente devia fazer isso.

Ele a beija. Os lábios de Daniel são macios e secos. Miranda experimenta chupar o lábio de baixo. Passa os braços em volta do pescoço dele, e as mãos dele descem, segurando seu quadril. Daniel abre a boca e faz coisas com a língua, até que Miranda abra a dela também. Ele parece saber como a coisa funciona; provavelmente, ele e a garota dos furões faziam muito isso.

Miranda se pergunta se os furões ficavam na gaiola nesses momentos. Quão perturbador deveria ser, ela se pergunta, dar uns amassos com furões assistindo? Com seus olhinhos de botão.

Ela sente a ereção de Daniel. Ah, Deus. Que constrangedor. Ela o empurra.

— Desculpe — diz Miranda. — Desculpe! É, não, acho que a gente não devia estar fazendo isso. Nada disso!

— Provavelmente não — retruca Daniel. — Provavelmente, com certeza, não. É esquisito, né?

— É esquisito — concorda Miranda.

— Mas talvez não fosse tão esquisito se a gente fumasse um baseado antes.

Ele está com os cabelos desarrumados. Aparentemente, isso foi culpa dela.

— Ou talvez a gente pudesse só fumar um baseado. E, sabe, não complicar tudo — sugere Miranda.

Na metade do baseado, Daniel diz:

— Não teria que complicar tudo.

Ele está com a cabeça no colo dela, que está enrolando mechas de cabelo no dedo.

— Sim, teria — rebate Miranda. — Teria *de verdade*.

Um tempo depois, ela comenta:

— Queria que nevasse. Seria legal. Eu achava que era por isso que vocês vinham para cá no Natal. Por toda aquela história de neve no Natal.

— Coisa horrorosa — diz Daniel. — Frio. Escorregadio. Dava a impressão de que a gente deveria estar cantando ou algo parecido. Em um filme.

— Ou em um globo de neve.

— Preso — fala Miranda. — Trancado.

— Preso — repete Daniel.

Os dois estão deitados, enroscados um no outro, em um sofá em frente à árvore de Natal. De vez em quando, Miranda precisa tirar a mão de Daniel de algum lugar inapropriado. Ela não acha que ele esteja fazendo nada de propósito. Ela o beija atrás da orelha de vez em quando.

— Isso é gostoso — diz ele. E dá um tapinha em seu bumbum.

Ela se desvencilha da mão dele. Beija-o novamente. Há um filme passando na televisão, com muitas explosões. Zumbis. Cameron Diaz descarregando compras sozinha em um chalé.

Não, esse é outro filme, pensa Miranda. Aparentemente, ela adormeceu. Daniel ainda está dormindo. Por que ele precisa ser tão irritantemente lindo, mesmo dormindo? Miranda detesta pensar em sua própria imagem dormindo. Não é de estranhar que a garota dos furões terminou com ele.

Elsbeth deve ter voltado do pub, pois há uma pilha de cobertores em cima deles.

Do lado de fora está nevando.

Miranda põe a mão no bolso do vestido e sente o pedaço de tecido que guardou ali durante o dia todo. É um bolso grande, com

bastante espaço para várias coisas. Ela não quer ser uma dessas estilistas que só fazem coisas bonitas. Quer que sejam úteis também. E provocadoras. Miranda pega o cobertor mais bonito do sofá para si e distribui os outros em cima de Daniel para que ele fique todo coberto.

Vai até um espelho, para e ajeita os cabelos, prendendo-os em um rabo de cavalo. Enrola o cobertor em volta de si como um xale e sai na neve.

Ele está lá, embaixo do velho espinheiro. Ela sente um calafrio, diz a si mesma que é pelo frio. Ainda não tem muita neve no chão. Diz a si mesma que não dormiu por muito tempo e que ele não estava esperando havia muito.

Ele está usando o mesmo casaco. O rosto continua igual. Não é tão velho quanto Miranda achou que ele fosse naquela primeira

vez. Apenas alguns anos mais velho do que ela e Daniel. Ele não envelheceu. Ela, sim. Onde ele fica quando não está ali?

— Você é um fantasma? — pergunta ela.

— Não — responde ele. — Não sou um fantasma.

— Então é uma pessoa de verdade? Um Honeywell?

— Fenwick Septimus Honeywell.

Ele faz uma reverência. Parece melhor do que deveria, provavelmente por causa do casaco. As pessoas não fazem mais esse tipo de coisa. Ninguém mais tem nomes assim. Quantos anos ele tem?

— Você só vem quando neva — comenta ela.

— Eu só tenho permissão para vir quando neva — diz ele. — E apenas no dia de Natal.

— Certo. Quer dizer, não. Eu não entendo. Permissão de quem?

Ele dá de ombros e não responde. Talvez não tenha permissão.

— Você me deu uma coisa — lembra Miranda.

Ele assente. Ela estende a mão, toca no *jus-tacorps*, no lugar de onde ele arrancara a raposa para lhe dar de presente.

— Ah — diz Miranda. — Pobre casaco. Você nem sequer usou tesoura, não foi? Deixe-me consertar.

Ela pega o pedaço de tecido de damasco do bolso, junto com o kit de costura que sempre carrega consigo. Guarda ali o fio perfeito há mais de um ano. Só por via das dúvidas.

Miranda mostra o tecido a ele. Alguns meses atrás, ela descosturou toda a pata da raposa, toda a armadilha, as gotas de sangue, a cauda e a cabeça rosnando. Depois retrabalhou o bordado com seu próprio desenho, imitando ao máximo o original. Agora, a

raposa está livre, com a língua solta, a cauda para cima, correndo pelo damasco cor-de-rosa. O forro é de algodão também cor-de-rosa, um pedaço que cortou de uma camisola velha.

Ele pega o tecido da mão de Miranda e o revira.

— Você fez isso?

— Você me deu um presente no ano passado. Este é o meu presente para você — diz ela. — Vou costurá-lo de volta. Vai ficar um pouco desarrumado, mas pelo menos você não vai ficar com um buraco em seu lindo casaco.

— Eu disse a ela que rasguei em um galho — conta ele. — Está bem assim.

— Não está bem — diz ela. — Deixe-me arrumá-lo, por favor.

Ele sorri. É um sorriso sincero, talvez até um flerte. Ele e Daniel poderiam ser irmãos,

de tão parecidos que são. Então por que ela impediu que Daniel a beijasse mais? Por que ela precisa morder a língua, às vezes, quando Daniel está sendo legal com ela? Em Honeywell Hall, ela é tão real quanto Elspeth e Daniel lhe permitem ser. Essa não é sua vida real.

É ridículo, é claro. Real é real. Daniel é real. Miranda é real quando não está ali. O que quer que Fenwick Septimus Honeywell seja, Miranda tem bastante certeza de que é complicado.

— *Por favor* — pede ela.

— Como quiser, Miranda — diz Fenny.

Ela o ajuda a tirar o casaco. Sua mão toca a dele, e Miranda luta contra o desejo inexplicável de se agarrar a ela. Como se um dos dois estivesse caindo.

— Entre no Hall — diz ela. — Apenas enquanto eu estiver trabalhando no casaco. É

melhor fazer isso lá dentro. A luz é melhor. Você poderia conhecer Daniel. Ou Elspeth. Eu posso acordá-la. Aposto que Elspeth sabe lidar com esse tipo de coisa, o que quer que seja esse tipo de coisa. Pessoas do teatro parecem saber como lidar com coisas assim. Entre comigo.

— Não posso — diz ele, tristemente.

Claro. É contra as regras.

— Tudo bem — fala Miranda, cedendo. — Então vamos ficar os dois aqui fora. Você pode falar sobre a sua vida. A menos que seja contra as regras também.

Ela se entretém com os alfinetes. Ele levanta a mão dela e a segura.

— No avesso, por favor — diz ele. — A raposa por dentro.

Ele tem mãos lindas. Sem calos nas pontas. Unhas bem-feitas. Definitivamente, não é

real. Passa o polegar pelos nós dos dedos dela. Miranda diz, um pouco sem fôlego:

— No avesso para que ela não perceba que alguém consertou? — Quem quer que *ela* seja.

— Ela vai perceber — diz ele. — Mas desse jeito ela não verá que a raposa está livre.

— Certo. Faz sentido. Imagino. — Miranda solta a mão dele. — Aqui. Podemos nos sentar aqui.

Ela estende o cobertor e se senta. Lembra que tem uma barra de chocolate no bolso. Dá a ele.

— Sente-se.

Ele examina a barra de chocolate. Abre a embalagem.

— Ah, não — diz ela. — Mais regras? Você não tem permissão para comer?

— Não sei — diz ele. — Nunca ninguém me deu nada quando eu vinha para cá. Ninguém nunca conversou comigo.

— Então você aparece quando neva, anda por aí durante um tempo, olha para dentro da casa pelas janelas e depois vai embora para onde quer que seja quando a neve para.

Fenny assente. Parece quase envergonhado.

— Que divertido! — diz Miranda. — Quer dizer, não, que esquisito e assustador!

Ela está com a peça de bordado no lugar em que deseja, costurando com pontos corridos para a raposa ficar escondida.

Se parar de nevar, será que ele vai simplesmente desaparecer? O casaco vai ficar? Algo lhe diz que tudo aquilo é muito contra as regras. Ele quer voltar? De qualquer forma, o que significa *voltar*? Voltar ali, para Honeywell Hall? Ou para onde quer que seja que

ele fique quando não está ali? Por que ele não envelhece?

Elsbeth diz que é divertido ficar mais velho. Mas, ah, Miranda sabe que ela não pensa exatamente assim.

— É bom — diz Fenny, parecendo surpreso.

A barra de chocolate desapareceu. Ele está lambendo os dedos.

— Posso ir lá dentro — diz Miranda. — Posso preparar um sanduíche de queijo para você. Tem bolo de Natal para amanhã.

— Não — diz ele. — Fique.

— Está bem — diz ela. — Vou ficar aqui. Isto é o melhor que consigo fazer com essa luz. Minhas mãos estão ficando geladas demais.

Ele pega o casaco de volta. Assente com a cabeça. Então põe o casaco em volta dos ombros de Miranda e a puxa contra seu peito.

Todo aquele tecido sobre ela está pesado: tem neve dentro e fora.

Fenny é surpreendentemente confiável para uma pessoa que nunca está presente. Ela se pergunta se ele a acha surpreendente também.

A boca dele está logo acima do topo da cabeça de Miranda, soprando pequenos círculos quentes em seus cabelos. Ela está com muito, muito frio. É ridículo estar ali fora na neve com aquela pessoa ridícula e sua lista de regras ridículas.

Miranda vai pegar uma gripe daquelas.

Cuidadosamente, como se estivesse esperando que ela o impedisse, ele abraça a cintura dela. Suspira. O hálito quente nos cabelos dela. Miranda de repente fica com muito medo de que pare de nevar. Os dois não conversaram sobre nada. Nem sequer se beijaram. Ela sabe, cada parte dela sabe, que

quer beijá-lo. Que ele quer beijá-la. Sente sua pele formigar de desejo. Está fervendo por dentro.

Miranda guarda o kit de costura de volta no bolso e encontra o baseado que Elspeth deu a ela e o isqueiro de Daniel.

— Aposto como você nunca experimentou isto também — diz ela, e se vira nos braços dele. — Fume isto. Aqui. — Miranda bate com o baseado nos lábios dele; quando se abrem, ela enfia o cigarro. Acende a ponta com o isqueiro e então se aproxima dele, beijando-o, e ele a beija de volta. É a segunda vez na noite em que ela beija um garoto, os dois primeiros garotos que ela beijou na vida, ambos Honeywell.

Ah, foi uma delícia beijar Daniel, mas isso é de alguma forma melhor do que uma delícia. Tudo o que os dois fazem é se beijar, ela não sabe por quanto tempo. No início,

Miranda sente gosto de chocolate e fica sem saber o que aconteceu com o baseado. Nem com o isqueiro. Os dois se beijam até os lábios de Miranda ficarem dormentes, até o *justacorps* não estar mais sobre ela, e até ela ir parar no colo de Fenny com uma das mãos nos cabelos dele e a outra na cintura. Tudo o que ela quer é continuar beijando Fenny para todo o sempre. Até que ele se afasta.

Os dois estão ofegantes. Ele está com as bochechas vermelhas. A boca ainda mais vermelha. Miranda se pergunta se ela parece tão desvairada quanto ele.

— Você está tremendo — diz Fenny.

— É claro que estou tremendo! Está muito frio aqui fora! E você não quer entrar. Porque — diz Miranda arfando, tremendo, com o corpo todo vibrando de frio e de *desejo, desejo, desejo* — é contra as regras!

Fenny concorda com a cabeça. Olha para os lábios dela, passa a língua nos dele. Mas recua quando Miranda tenta beijá-lo de novo. Ela fica inclinada a pegar um punhado de neve molhada e atirar naquele rosto Honeywell.

— Tudo bem, tudo bem! Você fica aqui. Não se mexa. Nem um centímetro, entendeu? Vou pegar a chave do Tiger — diz ela. — A menos que seja contra as regras ficar sentado em carros velhos.

— Tudo isso é contra as regras — rebate Fenny, mas assente com a cabeça.

Miranda pensa que talvez ela possa colocá-lo dentro do carro e simplesmente ir embora com ele. Talvez isso funcionasse.

— Estou falando *sério* — diz Miranda. — Não se *atreva* a ir a lugar algum.

Ele faz que sim com a cabeça. Ela o beija com força, demorada e desesperadamente,

então sai correndo na direção da cozinha. Está com os dedos tão gelados que, de início, não consegue abrir a porta. Pega o casaco, a chave do Tiger e, em um impulso, corta um pedaço do bolo de Natal, até então intacto. Bem, se Elspeth disser qualquer coisa, Miranda lhe contará a história toda.

Em seguida, sai da casa novamente. Diz as piores palavras que conhece quando vê que parou de nevar. Lá estão o cobertor cheio de neve, o baseado e a embalagem da barra de chocolate.

Ela deixa o bolo de Natal no peitoril da janela. Talvez os pássaros o comam.

Daniel ainda está dormindo no sofá. Ela o acorda.

— Feliz Natal — diz Miranda. — Bom dia.

Ela dá o presente dele. Uma camisa que ela costurou. Algodão egípcio, cinza-azulado para combinar com os olhos dele. Mas é claro que não vai servir. Ele já está maior que a camisa.

Daniel encontra Miranda embaixo do ramo de visco-branco quando já passou da hora de ir para a cama na noite de Natal e ninguém quer ir dormir ainda — todos estão bêbados e brigando sobre assuntos sem importância, apenas pelo prazer de brigar. Ele a beija. Ela deixa.

É meio que um presente para Elspeth, racionaliza Miranda. E meio porque ela sabe que é ridículo não beijar Daniel apenas porque ela queria beijar outro em vez dele. Especialmente quando a pessoa que ela

queria beijar não é de fato alguém real. Pelo menos não a maior parte do tempo.

Além disso, Daniel está usando a camisa que Miranda fez para ele, mesmo que não tenha servido direito.

De manhã, Daniel está com muita ressaca para levá-la até a cidade para pegar o ônibus. Quem a leva é Elspeth. Está usando um terninho *vintage*, uma gabardine castanho-escura com acabamento em couro preto, uma peça que Miranda tem muita vontade de desmontar só para ver como é feita. Que cintura minúscula ela tem.

— Você sabe que ele está apaixonado por você — diz Elspeth.

— Não está, não — rebate Miranda. — Ele me ama, mas não está apaixonado por mim. Eu o amo, mas não estou apaixonada por ele.

— Se você está dizendo — cede ela. O tom é simpático. — Mas não consigo deixar de

pensar como você sabe tanto sobre o amor, Miranda, tão novinha.

Miranda enrubesce.

— Você sabe que pode conversar comigo — continua Elspeth. — Pode conversar comigo sempre que quiser. Sempre que precisar, querida Miranda. Tem um outro garoto, não tem? Não o Daniel. Pobre Daniel.

— Não tem ninguém — diz Miranda. — De verdade. Não tem ninguém. Não é nada. Eu só estou um pouco triste porque preciso ir para casa de novo. Foi um Natal encantador.

— Uma neve encantadora! — exclama Elspeth. — Pena que nunca dura.

Daniel vai visitá-la na primavera. Dois meses depois do Natal. Miranda não estava esperando sua visita. Ele aparece na porta com um

buquê de rosas. As sobrancelhas da tia de Miranda sobem até a raiz dos cabelos.

— Vou preparar um chá — fala ela, saindo apressadamente. — E vamos precisar de um vaso para essas flores.

Miranda pega as rosas de Daniel.

— Daniel! O que você está fazendo aqui? — pergunta.

— Você tem me evitado.

— Evitado você? Nós não moramos no mesmo lugar — comenta Miranda. — Eu nem imaginava que você sabia onde eu morava. — Ela mal suporta vê-lo ali, parado no hall imaculado do chalé sem graça da tia.

— Você sabe o que eu quero dizer, Miranda. Você nunca está on-line — diz ele. — Quando está, nunca quer conversar. Você

nunca responde às minhas mensagens. Não vai me convidar para entrar?

— Não. — Miranda pega a bolsa. — Não se preocupe com o chá, tia Dora — fala ela em voz alta. — Nós vamos sair.

Miranda puxa a mão de Daniel, tirando-o com violência de sua vida, de sua vida *real*. Antes isso fosse possível.

Eles caminham depressa pelas casas do conjunto habitacional com suas pequenas fachadas de pedras brancas, percorrendo todo o caminho até a sombria e monótona rua principal tipicamente inglesa. Daniel vem atrás. É uma longa caminhada, e ela não faz ideia do que dizer a ele. Ao que parece, ele também não sabe o que dizer.

O vestido é experimental, nada que ela tivesse a intenção de usar na rua. Ainda não escovou os cabelos hoje. É fim de semana.

Ela planejava ficar em casa estudando. Como ele ousou aparecer?

Há uma casa de chá onde os bolinhos e os sanduíches são especialmente terríveis. Ela o leva até lá, os dois se sentam e fazem o pedido.

— Eu deveria ter dito que estava vindo — diz Daniel.

— Sim — concorda Miranda. — Aí eu poderia ter mandado você não vir.

Ele tenta segurar a mão dela.

— Mirandy — diz ele —, eu penso em você o tempo todo. Em nós. Eu penso em nós.

— Não. Pare!

— Eu não consigo. Eu gosto de você. Muito mesmo. Você não gosta de mim?

É uma conversa horrorosa. Como pisar em um filhotinho de camundongo. Um filhotinho de camundongo que é seu amigo. Não ajuda Miranda saber quanto está sendo

injusta. Ela não deveria estar brava por ele ter ido até lá. Ele não sabe como Miranda se sente em relação àquele lugar. Apenas mais alguns meses, e ela terá ido embora dali para sempre. Será como se o lugar nunca tivesse existido.

Os dois estão praticamente à beira das lágrimas quando os bolinhos chegam. Daniel dá uma mordida e cospe no prato.

— Não é tão ruim — dispara ela, desafiando-o a reclamar.

— É, sim. É realmente muito ruim. — Ele toma um gole do chá. — E o leite está azedo também.

Ele parece tão chocado com isso que ela não consegue evitar. Explode em gargalhadas. Isso o choca também. E assim, do nada, os dois param de brigar. Passam o restante do dia dando comida aos patos do lago congelado, entrando e saindo de sessões de

filmes de terror, ação, desenho animado; todos os filmes, exceto as comédias românticas — afinal, por que passar sal na ferida? Ele não tenta segurar a mão dela. Miranda tenta não imaginar que está nevando lá fora, que é Fenny quem está sentado ali a seu lado na escuridão bruxuleante. Imaginar isso é contra as regras.

Miranda termina o semestre. Guarda em uma mala o que quer levar consigo e encaixa o restante. Vende a máquina de costura. Deixa um bilhete para a tia. Não importa o que está escrito.

Ela sabe que deveria ser mais grata. A tia a alimentou, vestiu, deu-lhe cama e abrigo. Nunca bateu nela. Na verdade, nunca foi má,

mas Miranda está muito, muito cansada de ser grata às pessoas.

Está suada, fedida e zonza pelo *jet lag* quando seu voo chega a Phuket. Passa a noite em um albergue e depois segue viagem. Já leu sobre como as coisas devem se desenrolar: o que pode levar, quanto tempo ficar, como se comportar. Todas as regras.

Ao fim, porém, ela não vê Joannie. Não é permitido. O motivo não fica claro. A mãe está lá? Dizem que sim. Ela ainda está viva? Sim. Miranda pode vê-la? Não. Não é possível hoje. Volte outro dia.

Miranda volta três vezes. Em todas, é mandada embora. O cônsul não pode ajudar. Na segunda visita, ela fala com uma jovem chamada Dinda, que faz companhia para as prisioneiras que estão na enfermaria. Dinda diz que esteve com Joannie duas ou três vezes e que a mãe de Miranda nunca fala

muito. Faz mais de seis meses desde que sua mãe escreveu pela última vez para Elspeth ou para ela.

Na terceira vez em que é mandada embora, Miranda compra uma passagem de avião para o Japão. Passa os quatro meses seguintes lá, ensinando inglês em Kyoto, indo a museus, olhando quimonos nos bazares dos templos.

Ela manda cartões-postais para Elspeth, para Daniel e para a mãe. Manda cartão-postal até para a tia. Dois dias antes do Natal, Miranda pega o avião para casa.

No avião, adormece e sonha que está nevando. Ela está com Joannie em uma cela na prisão de Phuket. A mãe diz que a ama. Diz que sua sentença foi revertida e que, se Miranda for boa e seguir as regras com cuidado, estará de volta no Natal.

Este ano, ela tem um plano: vai nevar no Natal. Não importa o que a previsão do tempo diga. Vai nevar. Ela encontrará Fenny. E não sairá do lado dele. Não importa o que digam as regras.

Daniel vai para St. Andrews no ano seguinte. O nome da namorada dele é Lillian. Elspeth está muito bem-comportada. Miranda também. Conta histórias divertidas típicas dos Honeywell sobre seus alunos, o cervo nos templos e a garota que tocava flauta para eles.

Elsbeth está ficando *velha*. Ainda é a mulher mais bonita que Miranda já viu, mas está com mais de sessenta anos. Logo receberá um título de nobreza e nunca mais fará um escândalo.

Lillian é agradável. Diz a Miranda que gostou do vestido dela. Elogia o mais decrépito dos Honeywell e ajuda a arrumar a mesa. Daniel assiste a tudo o que ela faz como se fosse algo completamente novo, como se Lillian tivesse inventado os elogios, o flerte, como se não houvesse copos d'água e toalhas de mesa antes que Lillian os descobrisse. Ah, as terras recém-descobertas.

Apesar de tudo isso, Miranda acha que pode gostar de Lillian. Ela é inteligente. Gosta de matemática. Na verdade, ela parece gostar *de verdade* do vestido de Miranda, que, vamos admitir, foi feito para ser um ato de guerra. Miranda não está interessada em beleza no momento. Está interessada em armaduras, armas, aspereza, desconforto — dela e de outras pessoas. O vestido é de couro, punk, cravejado de *spikes*, fivelas, punhos de metal e repleto de correntes.

Onde quer que Miranda se sente, precisa tomar cuidado para não cortar, espetar ou arranhar os móveis. Abraçar está completamente fora de cogitação.

Como Lillian pediu um tour, depois do jantar e da primeira rodada de drinques, Miranda e Daniel a acompanham por todo o Honeywell Hall, pelas partes que estão conservadas e pelos lugares em decadência. Os três acabam em um dos sótãos, revirando os baús de fantasias de Elspeth. Fazem Lillian experimentar vestidos de gaze, asas de fadas bordadas à mão, maquiagem de palco velha e endurecida. Tiram *selfies*. Daniel lê cartas antigas de fãs, encontra fotos antigas de Elspeth e de Joannie nos bastidores. Em uma delas, Joannie está encarapitada em um

vaso gigante. Em outra, ela está com a boca cheia de alfinetes. Joannie em uma festa de estreia, jovem, bêbada e rindo. Deveria ser difícil ver aquelas fotos. Não deveria?

— Vocês acham que vai nevar? — pergunta Lillian. — Quero neve para o Natal.

— Nevou no Natal passado. Dificilmente vai nevar este ano. Está muito quente — responde Daniel.

Sem sequer tentar parecer casual, Miranda diz:

— Vai nevar. Precisa nevar. Se não nevar, vamos ter que fazer alguma coisa quanto a isso. Vamos fazer nevar.

Fica muito satisfeita quando Lillian olha para ela como se fosse louca, possivelmente perigosa. Bem, o vestido deveria ter lhe dito isso.

— Meu presente este ano — conta Miranda — será neve. Podem me chamar de Rainha da Neve. Venham ver.

As malas dela — seu equipamento especial — mal cabiam no Tiger. Elspeth não disse nada, apenas levantou a sobancelha. A maior parte ainda está na cocheira.

Daniel concorda com o plano quando Miranda o explica. Lillian concorda ou finge concordar. Há faixas longas e transparentes de tecido branco para serem transpassadas em galhos de árvores, caindo até o chão. Há longos fios de enfeites de vidro e cristal. Flocos de neve de renda cortados à mão presos nessas redes. A *pièce de résistance* é a máquina de neve artificial com sua mangueira de quinze metros de extensão. Miranda tem sacos e mais sacos de neve falsa. Mais de uma hora da melhor neve falsa que o

dinheiro pode comprar, segundo o sujeito que alugou a máquina para ela.

Já é quase meia-noite quando tudo está arrumado de acordo com as exigências de Miranda. Ela entra e acende os refletores do Hall, depois liga a máquina de neve. Uma neve fina e cintilante começa a voar. Lillian beija Daniel demoradamente. Um belo romance.

Elsbeth está observando desde o início da escada da cozinha. Põe a mão sobre seu drinque. Neve falsa cai em seus cabelos claros, manchando-os de branco.

Todos os Honeywell que ainda não foram para a cama — a maioria deles — fazem *ooh!*. Os Honeywell mais jovens, que nem sequer haviam nascido quando Miranda foi ao Honeywell Hall pela primeira vez, iniciam uma salva de palmas espontânea. Miranda se

sente bastante poderosa. O Papai Noel existe, afinal.

Todos os Honeywell acabam voltando para a casa para beber, fofocar e admirar os efeitos especiais de Miranda lá de dentro. Pode não estar muito frio, mas está frio o suficiente. Está na hora de chocolates quentes, banhos quentes, garrafas de água quente e cama.

Ela não tem certeza, é claro, de que isso vai funcionar. Se está de acordo com as regras. Mas será que ela não merece alguma coisa a essa altura? Um pouco de sorte?

Ela merece. Inicialmente, sem ousar ter esperança, acha que Daniel saiu do Hall para buscá-la. Não é Daniel.

Fenny, em seu velho *justacorps*, com a costura de Miranda em torno do pedaço acima do bolso, sai de baixo do espinheiro.

— Funcionou — diz Miranda. Ela se abraça, o que se mostra um equívoco. Com todos aqueles *spikes*. — Ai. Ah.

— Eu não deveria estar aqui, não é? — pergunta Fenny. — Você fez alguma coisa.

Miranda olha atentamente para o rosto dele. Como ele parece jovem. Pouco mais velho do que ela. Há quanto tempo ele é tão jovem assim?

A neve falsa cai sobre suas cabeças.

— Nós temos cerca de uma hora — avisa Miranda. — Não temos muito tempo.

Então ele se aproxima e a abraça.

— Cuidado — diz ela. — Estou cheia de *spikes*.

— Que vestido ridículo — comenta ele, a boca perto de seus cabelos —, ainda que

atraente. É isso que as pessoas vestem hoje em dia?

— Falou o homem vestindo um *justacorps* — responde ela.

Os dois estão quase da mesma altura. Ela se dá conta de que ele está mais baixo do que Daniel agora. Os dois então começam a se beijar, ela e Fenny estão se beijando, e ela não está mais pensando em Daniel.

Eles se beijam, e Fenny aperta o corpo dele contra o dela, mesmo coberta por *spikes*. Ele a abraça, com as mãos logo acima da cintura de Miranda, forte o bastante para que ela pense que ficará com hematomas com o formato dos dedos dele.

— Entre no Hall comigo — pede ela, entre um beijo e outro. — Entre comigo.

Fenny morde o lábio inferior dela. Depois o lambe.

— Não posso — diz ele.

— Por causa das regras. — Agora ele está dando mordidinhas na orelha dela. Miranda protesta e o afasta puxando-o pelos cabelos. — Regras horríveis.

— Se eu pudesse ficar com você, juro que ficaria. Ficaria e envelheceria com você, Miranda. Ou pelo tempo que você me quisesse.

— Fique comigo — pede ela.

Seu vestido deve estar machucando Fenny. A barriga dele, as coxas. Os dois vão acordar cheios de hematomas no dia seguinte.

Ele não diz nada. Apenas a beija sem parar. Ela sabe que Fenny está tentando distraí-la. A frente do vestido se fecha com um único gancho. Por baixo, Miranda está usando uma camiseta antiga. Leggings. Ela guia as mãos dele.

— Se você não pode ficar comigo — diz ela, enquanto Fenny abre o gancho —, então eu vou ficar com você.

As mãos dele estão nas costelas de Miranda enquanto ela fala. Com facilidade, ela o atrai para dentro da armação do vestido e o segura pelas costas, puxando o cinto de corrente pesada em volta dos dois. Prende-o. A chave está dentro do Hall. No sótão, onde ela a deixou.

— Miranda — chama Fenny, quando se dá conta do que aconteceu. — O que você fez?

— Um componente fundamental de qualquer relacionamento é a capacidade de surpreender quem você ama. Li isso em algum lugar. Em uma revista. Você vai adorar as revistas femininas. Ah, e a internet. Bem, algumas partes, pelo menos. Eu não vou deixar você ir embora — fala Miranda. O vestido tem o tamanho perfeito para duas pessoas. Ela sente cada respiração dele. — Se você for embora, eu também vou. Aonde quer que você vá.

— Não funciona assim — rebate ele. — Existem regras.

— Sempre há formas de burlar as regra. Eu li isso em outra revista.

Ela sabe que está tagarelando. Um mecanismo para lidar com situações difíceis. Há matérias sobre isso também. Por que ela não consegue parar de pensar em revistas femininas? É algum tipo de efeito colateral por perceber que está apaixonada? “Quinze maneiras de descobrir se ele também ama você.” Número oito. Ele não reclama quando você se acorrenta a ele depois de usar neve falsa em um feitiço mágico a fim de atraí-lo para seus braços.

A neve falsa é mais pesada e molhada do que ela pensou que seria. Muito mais parecida com neve verdadeira. Fenny está murmurando algo em seu pescoço. Ou *Amo você*,

ou *Que diabo você estava pensando, Miranda?*

As duas coisas. Ele está dizendo as duas coisas. Há neve falsa e neve *verdadeira*. A neve verdadeira está se misturando à falsa. A magia falsa de Miranda e a magia real. Caindo mais e mais pesada até o mundo inteiro ficar branco, e o ar, cada vez mais frio.

— Alguma coisa está acontecendo, Fenny — diz ela. — Está nevando. Nevando de verdade.

É como se ele tivesse se transformado em pedra nos braços dela. Ela o sente parar de respirar, mas o coração está disparado.

— Deixe-me ir — pede ele. — Por favor, deixe-me ir.

— Não posso — diz Miranda. — Eu não tenho a chave.

— Você pode. — Uma voz parecida com um sino, clara e doce.

Ali está aquela por quem Miranda estava esperando. A “*ela*” de Fenny. A que apanha raposas em armadilhas e nunca as liberta. A que faz as regras.

É uma tolice, talvez, lembrar de Elspeth nesse momento, mas é em quem Miranda pensa quando ergue o olhar e vê a dama que se aproxima, mais Honeywell do que qualquer Honeywell que Miranda já conheceria. A presença e a *puissance* que Elspeth transmite, apenas por um instante ao subir no palco, é um jogo. Elspeth interpreta. Ali está a substância daquilo. O poder é algo que a plateia concede voluntariamente a Elspeth. A dama de Fenny sempre tem esse poder. Que fardo. Nunca conseguir deixar isso de lado.

Será que a dama sabe o que Miranda está pensando? O olhar dela abarca tudo. Fenny mantém a cabeça abaixada, mas as mãos

dele estão segurando as de Miranda. Ele está sob cuidado dela, e ela não o deixará sair.

— Eu não tenho a chave — diz Miranda. — E ele não quer ir com você.

— Ele quis uma vez — rebate a dama.

Ela também veste uma armadura, toda feita de gelo. Que incrível seria vestir aquela dama. Servi-la. Miranda poderia ir com Fenny, se a dama deixasse.

Dentro do vestido, onde a dama não consegue ver, Fenny belisca a pele suave entre o polegar e o indicador de Miranda. A dor a traz de volta a si. Ela vê que ele a está observando. Ele não diz nada, apenas fica olhando até Miranda encontrar novamente a si mesma nos olhos dele.

— Eu fui com você voluntariamente — concorda Fenny, sem olhar para a dama. Olha apenas para Miranda.

— Mas me abandonaria agora? Basta dizer que eu o deixarei ir agora mesmo.

Fenny não diz nada. Uma regra, pensa Miranda. Existe uma regra aí.

— Ele não pode dizer — fala Miranda — porque você não permite. Então deixe que eu diga por ele. Ele ficará aqui. Você já o manteve longe de casa tempo suficiente, não acha?

— A casa dele é comigo. Solte-o — ordena a dama. — Ou você vai se arrepender.

Ela estende a mão longilínea e toca a corrente em volta do vestido de Miranda. A corrente se desfaz sob o toque suave da dama. Miranda sente o metal ceder.

— Solte-o, e eu lhe concederei o seu desejo — diz a dama.

Ela está tão perto que Miranda sente seu hálito congelante no rosto. E então Miranda não está abraçando Fenny. Está abraçando

Daniel. Miranda e Daniel são casados. Os dois se amam muito. Honeywell Hall é a casa dela. Sempre foi. Os filhos deles estão embaixo da árvore e Elspeth está de cabelos brancos, encantadora, sentada à cabeceira da mesa, usando um vestido da grife de Miranda.

Só que não é Elspeth, não é? É a dama. Miranda quase solta Daniel. Fenny! Mas ele segura as mãos dela, e ela passa as mãos pela cintura dele, mais apertado do que antes.

— Cuidado, garota — alerta a dama. — Ele morde.

Miranda está segurando uma raposa, que tenta arranhar e morder, com seu hálito de carniça. Ela segura firme.

Em seguida, é Fenny de novo, tremendo contra o corpo dela.

— Está tudo bem — diz Miranda. — Estou aqui.

Mas não é Fenny, afinal. É a mãe dela. As duas estão juntas em uma cela pequena e suja. Joannie diz:

— Está tudo bem, Miranda. Eu estou aqui. Está tudo bem. Você pode soltar. Eu estou aqui. Solte e poderemos ir para casa.

— Não — responde Miranda, subitamente fervendo de raiva. — Não, você não está aqui. E eu não posso fazer nada quanto a isso. Mas posso fazer algo quanto a isto aqui.

Miranda se agarra à mãe até ela se transformar em Fenny de novo, e a dama olha para os dois como se eles fossem uma mancha de sujeira sob seu pé.

— Muito bem, então. — A dama sorri do modo como se sorri para uma mancha de sujeira. — Fique com ele. Por um tempo. Mas saiba que ele nunca mais conhecerá a alegria que eu ensinei a ele. Comigo, ele não podia ser nada além de feliz. Eu o fiz feliz. Você lhe

trará sofrimento e morte. Você o arrastou para um mundo que ele não conhece. Onde não tem nada. Ele olhará para você e pensará no que perdeu.

— Todos perdemos — diz uma voz ríspida e amarga. — Todos amamos e todos perdemos, e continuamos amando do mesmo jeito.

— Elspeth? — chama Miranda.

Mas ela pensa que é uma armadilha. Apenas mais uma armadilha. Aperta Fenny com tanta força que ele arfa.

Elsbeth olha para Fenny e diz:

— Acho que vi você uma vez. Pela janela. Pensei que fosse uma sombra ou um fantasma.

— Eu lembro. Embora você mal tivesse alcançado sua beleza àquela época — diz Fenny.

— Que conversa! Você a gastará com minha Miranda, imagino — fala Elspeth. —

Quanto a você, minha senhora, creio que descobrirá ter sido superada. Vá encontrar outro brinquedo. Não somos suas presas.

A dama faz uma reverência. Olha uma última vez para Elspeth e Miranda. Para Fenny. Dessa vez, ele olha de volta. O que ele vê? Alguma parte dele faz menção de segui-la? A mão dele encontra a de Miranda novamente.

Então a dama se vai, a neve diminui e cessa por completo.

Elsbeth expira com força.

— Bem — diz ela —, você é uma menina teimosa, uma menina boa, Miranda, e mais inteligente do que sua pobre mãe. Mas, se eu soubesse o que você estava planejando, nós teríamos tido uma conversinha. Magia cenográfica é ótima, mas é melhor ficar longe da magia de verdade.

— Melhor para Miranda — opina Fenny. — Mas ela me libertou com seu truque corajoso.

— E agora acho que vamos precisar descobrir o que fazer com você — comenta Elspeth. — Você vai precisar de algo mais prático do que esse casaco.

— Vamos lá — diz Miranda.

Ela ainda está segurando a mão de Fenny. Talvez esteja segurando apertado demais, mas ele parece não se importar. Está segurando com a mesma força.

— Vamos entrar.

ANJOS NA NEVE

MATT DE LA PEÑA

Eu não contei a ninguém como as coisas estavam péssimas para o meu lado.

É, talvez meu velho pudesse pôr algumas notas em um envelope e mandar para o meu apartamento no Brooklyn (onde as chances de serem roubadas por um bando de gangsteres eram enormes), mas ele tinha as próprias preocupações. Estava economizando para mandar minha irmãzinha para o acampamento de verão. E nosso cachorro, Peanut — provavelmente o vira-lata mais pulguento e dentuço que já existiu —, precisou extrair um dente de emergência. Eu sei,

ok? Cachorro com o dente podre precisa de cuidados odontológicos. Tudo bem. Mas, segundo a mana, o procedimento custou mais de trezentos contos, e meu velho precisou negociar a forma de pagamento.

Tudo bem.

Só passei um pouco de fome nos últimos dias.

Nada de mais.

— *Hijo* — disse ele ao telefone no meu primeiro dia como babá de gato em horário integral. — Está tudo bem na faculdade?

Coloquei o violão de Mike no suporte.

— Tudo bem, Pop.

— Que bom.

Pensei na palavra “bom”. Quantas vezes nós dois usamos essa bosta de palavra nos últimos dias? Meu velho porque não confiava em seu inglês; eu porque não queria que ele achasse que estava tentando me exhibir.

— No ano que vem vou comprar a passagem para você vir passar o Natal em casa — disse ele. — Você, Sofe e eu seremos uma família novamente. Como deve ser.

— Parece bom, Pop.

Ele ainda não sabia, mas no próximo Natal eu já queria estar morando perto de casa de novo, no sudeste de San Diego, e estudando na faculdade local. Todos parecem acreditar que eu me dei bem aqui em Nova York — em tese, talvez eu tenha me dado bem mesmo. Bolsa integral na Universidade de Nova York. Professores que me faziam ver além a cada aula. No entanto, para entender por que resolvi abandonar tudo logo depois do primeiro ano, você teria que ler os e-mails que minha mana tem mandado. Algumas noites, meu pai — o homem mais durão que já conheci — chorava até pegar no sono. A mana o ouvia do quarto dela. Ele não jantava

a menos que ela o arrastasse até a mesa e o fizesse se sentar diante de um prato de comida. Resumindo: lá em casa, os perrengues da vida real estavam acontecendo. Sofrimento de verdade. E lá estava eu, do outro lado do país, vivendo a melhor fase da minha vida.

Seria impossível descrever o peso da culpa.

Houve uma longa e constrangedora pausa na conversa — ainda precisávamos dominar a arte de falar ao telefone —, antes que meu pai limpasse a garganta e dissesse:

— Ok, *hijo*. Tome cuidado com esse temporal. Os jornais estão dizendo que só vai piorar.

— Vou tomar, Pop — falei. — Diga a Sofe para ficar longe dos marmanjos.

Nós nos despedimos e desligamos.

Guardei o celular e fui até a despensa de Mike pela ducentésima vez. Um saco de pão

multigrãos para cachorro-quente e uns sachês de ketchup perdidos. E só. A geladeira de aço inoxidável não estava muito melhor. Uma barra de chocolate meio amargo fechada, um saco de minicenouras pela metade, dois iogurtes naturais e uma garrafa de vodca de boa qualidade. Como era possível ter tão pouca comida em um apartamento tão bonito? Meu estômago roncou enquanto eu olhava para os belos potes de iogurte. Mas eu tinha que me controlar. Ainda faltavam três dias para o Natal e eu não veria a cor do dinheiro antes do dia 26.

O gerente da livraria em que eu trabalhava no campus, Mike, e sua esposa, Janice, me pagaram para ficar em seu apartamento novinho em folha — umas trezentas vezes melhor que a espelunca de quarto que eu alugava em Bushwick — cuidando da gata deles. Acontece que Mike havia se esquecido

de passar no caixa eletrônico antes de sair e perguntou se poderia me pagar quando eles voltassem da Flórida.

Sem problemas, menti.

Para piorar, algumas horas depois de eles partirem, uma maldita nevasca repentinamente assolou Nova York, cobrindo a vizinhança de Mike, em Park Slope, com brutais trinta centímetros de neve. Ou seja: mesmo que eu quisesse resgatar as habilidades de sobrevivência que tinha aprendido na minha cidade (como assaltar alguém, por exemplo), eu não poderia. Todo mundo estava acomodado esperando a nevasca passar no calor de seus apartamentos aconchegantes.

Fechei a geladeira, fui até a sala e fiquei olhando pela janela da frente, ao lado da gata, Olive — acho que foi esse o nome que Mike disse. Meu estômago vazio se contorceu, se revirou e lentamente relaxou, então se

contorceu de novo. Os poucos carros estacionados na rua estavam soterrados de neve, que *ainda* caía. As árvores que emolduravam a vista se curvavam sob o peso de todo aquele monte de gelo.

Eu me virei para a gata de Mike e disse:

— Prometo que não vou comer você.

Ela me olhou, nada impressionada, pulou para o chão e saiu desfilando em direção à cozinha, onde uma tigela cheia de ração sabor de salmão a esperava.

Encanamento com defeito

Eu já tinha comido um quarto de um dos preciosos iogurtes de Mike quando bateram à porta. Congelei, com a colher no meio do caminho entre a boca e o pote de plástico.

Quem poderia ser? Só dava para entrar no prédio se alguém abrisse o portão pelo interfone, e Mike havia dito que eu era a única pessoa em todo aquele complexo de sete andares que não tinha viajado no Natal.

Mais batidas.

Dessa vez mais altas.

Guardei o iogurte na geladeira, fui até a porta e olhei pelo olho mágico. Uma garota branca, bonita, estava do outro lado: cabelos compridos e louros, pele de porcelana e olhos castanho-claros. Eu ainda estava me acostumando a me ver cercado de pessoas assim, do tipo que você vê em filmes, comerciais e seriados de tevê. Lá em casa, todo mundo com quem a gente cruza na rua parece um mexicano como todos os outros, como eu.

Tirei a corrente, abri a porta e tentei parecer relaxado.

— Posso ajudar?

— Ah, você não é o Mike — disse ela, com um olhar de decepção.

— É, nós trabalhamos juntos na...

— E *definitivamente* não é a Janice.

Ela olhou além de mim, para dentro do apartamento.

— Mike é meu chefe — falei, um pouco rápido demais; *nem um pouco* descontraído.

— Estou tomando conta da gata enquanto ele e Janice visitam uns amigos na Flórida. Ele sabe que estou aqui. — Meu coração acelerou. Eu não precisava que uma garota de seriado de TV achasse que havia dado de cara com a cena de um crime. Apontei para dentro do apartamento, mas a gata de Mike, meu único álibi, não deu as caras. — Pode

deixar, aviso que você passou aqui. Eles vão voltar depois do Natal.

— Você entende alguma coisa de canos? — perguntou ela.

— Canos?

— Canos. — Ela fez uma pausa, esperando por um olhar de entendimento meu que nunca aconteceria. — Tipo, torneiras, chuveiros e... você sabe, canos.

— Ah, *encanamento*.

Eu não sabia absolutamente nada sobre encanamento, mas isso não me impediu de assentir. Quando se trata de mulheres bonitas, minha política tem sido sempre concordar primeiro e perguntar depois.

— Claro. Por quê? Qual é o problema?

A gata saiu de seu esconderijo e se esfregou na minha perna.

— Own — fez a garota, se ajoelhando para fazer carinho na parte de trás da orelha de Olive. — Ela gosta de você.

Nota mental: dar mais comida para a gata de Mike antes de dormir. É impossível parecer um criminoso quando se tem um bichinho malhado, fofo e bem-alimentado se esfregando na sua perna.

— É, a gente se deu superbem nessas últimas vinte e quatro horas — falei. — Já estou com medo da hora da despedida.

— Você é uma fofurinha, não é? — disse ela, com aquela voz estranha que as garotas reservam para os animais e as crianças pequenas.

Eu a observei deslizar a mão pelo rabo da gata. Estava usando um casaco de moletom velho e gasto, calça jeans rasgada e botas Ugg, mas, ainda assim, dava para ver que tinha dinheiro. Isso fazia com que ela tivesse

sobre mim certo poder que nem de longe eu era culto o bastante para entender.

Ela se levantou e, quando nossos olhos se encontraram, meu estômago roncou tão alto que precisei fingir um acesso de tosse para disfarçar.

— Tudo bem? — perguntou ela.

Eu me endireitei, assentindo.

— Estou. Uau. Me desculpe.

— Enfim — disse ela. — Estou com um probleminha lá em cima. Quando abro a torneira do chuveiro, não sai nada. Nem uma gotinha. Você entende dessas coisas?

— Um pouco. — *Mentira!* — Quer que eu dê uma olhada?

— Você faria isso?

— Só vou pegar a chave.

Voltei depressa para a sala de Mike, tentando me lembrar de todas as vezes em que tinha visto meu velho consertar o

encanamento embaixo da pia da cozinha com sua infalível chave inglesa. Eu o via perfeitamente deitado de costas, metade do corpo dentro do armário, girando e apertando coisas com um coro de metal retinindo.

Por que não prestei mais atenção?

Espinoza de mentira

O apartamento dela cheirava a molho de tomate, pão de alho e queijo parmesão. Enquanto ela me conduzia pela cozinha, passando pelo longo corredor, comecei a salivar feito um cão raivoso. Talvez tivesse sido melhor ficar na casa de Mike, onde havia me convencido de que todo o Brooklyn estava fazendo um jejum de Natal.

— Aliás, meu nome é Haley.

— Shy — falei.

Sem parar de andar, ela me encarou.

— Tipo, S-H-Y?

— Isso mesmo.

Essa mesma conversa já havia acontecido dezenas de vezes desde que tinha chegado a Nova York, o que me deixava surpreso, já que onde eu morava ninguém nunca estranhou o meu nome.

Haley deu de ombros e trocamos um aperto de mão constrangido, ainda caminhando, então ela parou em frente ao banheiro e gesticulou para que eu entrasse.

— É aqui. Está acontecendo a mesma coisa com o chuveiro da minha colega de quarto.

O banheiro dela cheirava a sabonetes perfumados, e havia um pôster de um casal se beijando em frente à torre Eiffel. Na pia, um monte de maquiagem, um curvex e aquele

estranho espelho redondo que fazia meu rosto ficar três vezes maior. Havia pilhas de toalhas de dois tamanhos, em tons pastel, meticulosamente arrumadas ao lado da cortina de bolinhas pretas do box, que Haley puxou para o canto. Ela abriu os dois registros, mas não saiu nada.

— Viu?

— Interessante — respondi, olhando para a torneira e coçando o queixo.

Girei o registro de água quente primeiro e depois o de água fria. Nada também. Enfiei a cabeça embaixo do chuveiro e olhei para cima, para os furinhos da espessura de fósforos, como se estivesse concentrado sabe-se lá em quê.

Eu sabia que, de certo modo, meu velho tinha orgulho de mim. Quando a Universidade de Nova York ligou do outro lado do país oferecendo bancar todos os meus estudos —

assim como me dar uma bolsa mensal para despesas pessoais —, ele até deu uma festa para comemorar. Vieram todos — meus tios, tias e alguns primos, além da minha namorada na época, Jessica —, trazendo comida e bebida, e antes de nos sentarmos para comer, meu pai ergueu sua lata de cerveja Tecate para dizer algumas palavras (em inglês, por respeito a Jessica).

“Nunca acreditei que isso fosse possível”, disse ele, olhando em volta da nossa pequena sala. “Um Espinoza na faculdade. Mas aconteceu. Parabéns ao meu filho, Shy!”

Todos brindaram, beberam, deram tapinhas nas minhas costas e falaram que sempre souberam que eu faria algo especial na vida.

Ao mesmo tempo, porém, todos sabiam que eu havia falhado em aprender a única coisa que definia um Espinoza: a habilidade de trabalhar com as próprias mãos. Meu pai

havia tentado me ensinar a trocar o óleo do seu caminhão, a soltar as telhas, a aplicar piche, a trocar a fiação de uma tomada que não funcionava, mas não demorou muito para ele perceber que eu era um caso perdido. Meu único talento? Preencher aquelas bolinhas dos cartões-resposta. Sério, eu tinha um dom com aquelas malditas bolinhas.

— Será que tem a ver com o tempo? — perguntou Haley, enquanto eu continuava girando os registros de um lado para outro. — Sei lá, os canos podem ter congelado.

— Eu estava pensando nisso agora mesmo. — Olhei para ela. — Provavelmente os canos congelaram. Isso explicaria a falta de pressão da água.

Eu não fazia a menor ideia do que dizer depois.

— Ótimo — falou ela em tom sarcástico. — Meu chuveiro não funciona e o zelador só volta depois do feriado. Acho que vou usar uns *dreads* no Natal.

— É estranho os canos congelarem em um prédio tão novo — comentei.

— Não é? E por que a descarga está funcionando?

Ela apertou a válvula prateada para provar, e nós dois vimos a água girar e descer pelo vaso com um gargarejo alto, até começar a subir de novo.

— Será que são colunas diferentes ou algo assim?

— Sem dúvida são colunas diferentes — concordei, porque parecia muito lógico. Além disso, eu detestava a ideia de que a minha privada estivesse conectada à torneira que eu usava para escovar os dentes.

— A pia da cozinha está funcionando — disse Haley —, mas a daqui não.

Ela abriu as duas torneiras da pia também, e nada saiu. Haley me olhou, balançando a cabeça.

— Neste exato momento eu deveria estar em casa, em Portland, debaixo de uma ducha de água escaldante, mas fui idiota e esperei até o último minuto para comprar a passagem. E aí, como você sabe, cancelaram todos os voos.

— Você pode usar o chuveiro do Mike, se quiser — falei.

Haley olhou para mim por alguns longos segundos, como se estivesse pensando.

— Ah, que fofo, mas vou ficar por aqui mesmo. Não dizem que faz bem para a pele ficar sem banho de vez em quando?

— Já ouvi falar nisso.

Eu sabia qual era o verdadeiro motivo. Para ela, eu não parecia ser alguém digno de confiança. Estava usando uma calça jeans surrada e uma camiseta velha. Eu tinha o código de área de onde eu morava toscamente tatuado nos nós dos dedos.

É uma longa história.

Eu tinha só quinze anos e uma garrafa de tequila.

— Algo sobre a oleosidade natural ou algo assim. — Ela deu de ombros. — Enfim.

Ficou me encarando, obviamente esperando que eu fosse embora, uma vez que eu tinha me mostrado inútil.

— Bem, acho melhor eu voltar. Tenho que alimentar a gata. Desculpe não ter ajudado.

— Não se preocupe.

Ela me guiou para fora do banheiro e depois pelo corredor e pela cozinha, e meu

estômago vazio parecia abrigar os fogos do feriado de Quatro de Julho.

Haley abriu a porta.

— Boas festas — desejei.

— Para você também — respondeu ela. — E obrigada por ter vindo dar uma olhada.

Enquanto eu andava em direção ao elevador, fiquei esperando o estalo da porta se fechando atrás de mim. Quando finalmente ouvi, me senti terrivelmente sozinho.

Como passar a noite

Meu jantar foi o restante do iogurte e meio pão de cachorro-quente, e depois a vodca de Mike. Tomei alguns copos com gelo enquanto tocava um pouco de violão no banheiro — meu lugar preferido para tocar, por

causa da acústica. O violão de Mike era umas seiscentas vezes melhor que o meu. Era como dedilhar um tablete de manteiga. Os acordes abertos básicos ganharam vida entre os azulejos das paredes, ainda mais depois que apaguei as luzes.

Quando a vodca fez efeito, até cantei algumas musiquinhas que vinha compondo desde o ensino médio, canções melancólicas sobre mulheres, voltar para casa e perder minha mãe. Eram todas em acordes menores, nos quais minha voz sem graça não passava de um sussurro.

Era ali que a música sempre havia existido para mim.

Dentro de um banheiro escuro.
Sozinho.

A sensação que aquilo me dava era uma estranha combinação de leve autopiedade e

animação. Eu sabia que minha vida era insignificante, e essa compreensão me libertava para conquistar absolutamente qualquer coisa.

Enfim, passei a maior parte da noite assim.

A gata entrou no banheiro algumas vezes para dar uma olhada em mim. Sempre que eu ouvia os passos leves de Haley — o apartamento dela era bem em cima do de Mike —, parava de cantar e dedilhava bem baixinho.

Por volta da meia-noite, larguei o violão, peguei o livro que eu estava lendo e fui para a sala. Não demorou muito até que a gata deitasse perto dos meus pés. Acho que estávamos nos tornando amigos de verdade. Ou algo do tipo. Eu me inclinei para ler o lindo pingente em sua coleira: Olive.

Mike tinha me falado o nome dela quando me mostrou como colocar a comida e trocar

a areia da caixa, mas essa parecia ter sido nossa verdadeira apresentação.

Fiz carinho atrás da orelha de Olive, do mesmo modo que Haley havia feito, e tentei ouvir algo vindo do teto, mas o andar de cima caíra em silêncio.

Relacionamentos a distância

No fim da tarde seguinte, bateram à porta novamente.

Desviei os olhos da janela, onde eu e Olive estávamos sentados juntos, olhando a neve que caía sem parar. Chutei o cobertor com os pés, fui até a porta e olhei pelo olho mágico. Era Haley de novo. Dessa vez trazia uma toalha, uma muda de roupas e um nécessaire.

— Você mudou de ideia — falei ao abrir a porta.

Ela deu uma espiada na sala.

— Sua TV não está ligada.

— Hum... sim. — Olhei rapidamente para trás, para a grande tela apagada de Mike. — Quer dizer, não. Espere aí, por quê?

— O que você *faz* aqui o dia todo?

— Cuido da gata.

Haley revirou os olhos.

— A maioria das pessoas que cuida de gatos consegue ver TV enquanto faz isso.

Ela passou o nécessaire de um braço para outro e acrescentou:

— Não sei se você sabe, mas meio que estamos presos dentro de casa por causa da nevasca, o que é a desculpa perfeita para ficar vendo Netflix. Ontem eu assisti a uma temporada inteira de *Downton Abbey*.

— Essa é aquela sobre os ingleses ricos?

— Tenho certeza de que a fiação da sua TV não teve o mesmo fim que os canos do meu chuveiro — disse Haley, ignorando minha pergunta.

Apontei para o nécessaire.

— Estou vendo que pensou melhor a respeito dos *dreads*.

Ela deu um suspiro dramático.

— Fiquei pensando nisso ontem. Vou aceitar sua oferta.

Senti que um “mas” se aproximava.

— Mas acontece que...

Haley deu uma olhada no apartamento de Mike.

— Curioso — falou, distraída. — A planta é exatamente igual à da minha casa, mas ao mesmo tempo parece completamente diferente. — Ela se virou de novo para mim. — Para que eu fique confortável para tomar banho aqui embaixo, antes vamos ter que

contar algo sobre nós mesmos. Assim vou sentir que o conheço melhor. E que isso tudo não é tão estranho.

— Sério, Haley. Vou ficar neste canto do apartamento. Juro.

— A questão não é essa.

Olhei de relance para a cozinha, para onde Olive tinha ido comer sua mistura de ração com pasta. Meu estômago vazio se contorcia, passando do limite do suportável, o que me fez imaginar se eu já tinha começado a me alimentar de massa muscular. Dei um passo para o lado e fiz um gesto para Haley entrar.

Ela foi até o sofá de Mike, em forma de L, e se sentou. Também me sentei.

— E aí, que tipo de coisa devemos contar?

— Tanto faz — disse ela. — Pode ser sobre a infância. Ou de onde você veio. Ou por que está usando gorro dentro de casa. Sério, qualquer coisa.

Tirei o gorro e cheguei a abrir a boca para fazer uma pergunta, mas ela me interrompeu:

— Pensando melhor, talvez você devesse colocar isso de volta.

— Por quê?

Eu me levantei para me olhar no espelho na parede atrás do sofá. Meu cabelo estava parecendo um ninho de ratos, com ondas grossas e castanhas. Eu nunca o havia deixado tão comprido. Pus o gorro de volta e falei:

— Acho que preciso cortar o cabelo.

— Você acha?

Maravilha, mais uma coisa que eu não podia pagar.

Em casa, minha tia Cecilia sempre cortava para mim de graça.

— Ok, eu começo.

Haley fez uma pausa de alguns segundos, olhando em volta, depois disse:

— O segredo dos relacionamentos a distância é a paciência. Meu namorado, Justin, deve ser o homem mais paciente do mundo.

— Como assim?

Peguei a deixa, embora soubesse o que ela estava fazendo. Essa era a forma de Haley deixar claro que era comprometida, o que, acreditava ela, diminuiria o risco de eu tentar me enfiar no chuveiro enquanto ela enxaguava seu xampu Awapuhi do cabelo.

— Como disse ontem — respondeu Haley —, eu deveria ter comprado a passagem, mas fui empurrando com a barriga. Então Justin está em Portland agora, à toa em casa, quando deveríamos estar a caminho de uma pousada em Seaside. Nossos pais são amigos e disseram que, desde que estivéssemos de volta no Natal... Enfim, em vez de ficar

chateado comigo, que era como eu ficaria, Justin só quer saber dos meus canos congelados. Na verdade, ele está se sentindo mal por mim, dá para acreditar? É muita paciência.

— Uau — disse, fingindo concordar. — Ele parece... paciente.

— Certo, agora é a sua vez.

Por um tempo suficientemente desconfortável, fiquei tentando pensar em algo interessante para dizer. Não poderia falar sobre uma namorada distante como eu queria — o que *definitivamente* faria Haley se sentir mais à vontade com aquela situação do banho.

— Não precisa ser nada muito profundo — disse ela. — Pode ser simples.

— Já sei — disse, ainda pensando. Então a ideia me ocorreu: — Minha irmã mais nova, que provavelmente é minha melhor amiga

no mundo, faz dezessete anos no Natal. É a primeira vez que vou perder o aniversário dela.

Na verdade, Sofe não era minha melhor amiga e só faria dezessete anos uma semana *depois* do Natal, mas a questão era mostrar a Haley que eu era um bom irmão, o que faria aumentar sua confiança em mim.

— Ah, que triste! Por que você não foi para casa?

Não tive dinheiro!

— Porque prometi a Mike que cuidaria da gata.

Haley franziu a testa.

— Tenho certeza de que ele entenderia. É Natal. E *aniversário* da sua irmã.

— Também tenho vários trabalhos da faculdade e outras coisas para fazer — menti.

— Ah, imaginei que você fosse estudante. De onde?

— Da Universidade de Nova York.

Ela assentiu.

— Seu semestre não terminou?

Puxei o gorro mais para a frente e me remexi no sofá.

— Na verdade, são para o *próximo* semestre. — Aponte para o romance que eu estava lendo. — A disciplina de literatura que vou cursar exige a leitura de várias obras. Estou tentando, bem, me adiantar, sabe?

Era verdade que uma das disciplinas em que eu havia me inscrito tinha uma extensa lista de leitura, mas o livro no sofá não tinha nada a ver com a faculdade. E eu lia rápido.

— Em que ano você está? — perguntou Haley.

— Primeiro. E você?

— Segundo. Na Columbia.

— Legal, uma veterana.

Haley deu uma risada forçada.

— Que nada. Eu nem tenho ideia do que quero estudar.

Olhei de relance para o livro de novo.

Nesse momento, houve outro silêncio constrangedor, e, depois de alguns segundos, Haley se levantou e disse:

— Viu?

Também me levantei.

— O quê?

— Agora sabemos um pouco um sobre o outro. Isso significa que não é tão estranho eu tomar banho no seu apartamento.

— Bem, na verdade, não é *meu* — ressaltei.

— É seu durante o feriado, certo?

— Acho que sim.

Vi Haley desaparecer pelo corredor e, alguns segundos depois, ouvi a porta do banheiro no quarto principal se fechar. Olhei em volta do apartamento, tentando vê-lo como meu. O sofá chique. A poltrona de couro com

aparência de cara. A enorme TV de tela plana na parede. Os quadros moderninhos.

O que meu velho diria se me visse de pé aqui neste exato momento?

Ele acharia que eu estava cuidando de um gato em um museu.

Li durante todo o tempo em que Haley esteve no banheiro de Mike — que foi inacreditavelmente longo. Quando ela enfim voltou à sala, com os cabelos molhados, eu notei que havia se maquiado. Estava linda.

Deixei o livro de lado e me levantei.

— Deu tudo certo? — perguntei.

— Foi tudo ótimo. Obrigada.

Haley esperou que eu abrisse a porta da frente. Quando o fiz, ela olhou no fundo dos meus olhos e disse:

— Obrigada, Shy.

Tive uma estranha sensação de desequilíbrio ao ouvi-la pronunciar meu nome.

— Meu chuveiro é todo seu, Haley — brinquei, mas aquilo soou meio sensual, então acrescentei depressa: — Quer dizer, pode tomar banho aqui sempre que quiser. — Mas isso era assustador também. — Quer dizer...

— Entendi o que você quis dizer — disse ela, me salvando de mim mesmo. — Obrigada.

Ela sorriu para mim e saiu do apartamento de Mike.

Quando fechei a porta, notei Olive me encarando com um olhar inquisidor.

— O que foi? — perguntei.

Ela miou.

— As pessoas falam assim, ok?

Ela esticou as patas da frente, arqueou as costas de pelos coloridos e se afastou.

Anjos na neve

Haley voltou no dia seguinte, de manhã cedo, com o nécessaire, uma muda de roupas e uma toalha limpa.

— Não quero ficar interrompendo... seja lá o que você faz aqui — disse ela. — Mas eu meio que tive um pequeno acidente na cozinha.

Ela mostrou o casaco de moletom cinza da Columbia. Havia uma grande mancha de ketchup entre o M e o B.

Eu me afastei para ela entrar.

— Você pode deixar suas coisas aqui, se quiser.

Haley forçou uma risada.

— Bem, acho que não. Seria ir longe *de-mais*. Além disso, como vou saber que você não é uma dessas pessoas que fuxicam as coisas dos outros?

— Eu nem tomo banho naquele banheiro. Uso o do quarto de hóspedes.

— É o que todos dizem.

Ela baixou os olhos para a mancha.

— Sei que tecnicamente isso é mais um problema para ser resolvido na lavanderia, mas eu me *sinto* suja.

— Eu já disse, você pode tomar banho aqui sempre que quiser.

Ela deixou as coisas na mesa de jantar e se abaixou para fazer carinho na gata.

— Você é simpática, não é? Ah, é, sim.

— O nome dela é Olive.

Haley olhou para mim.

— Já podemos nos chamar pelo nome, entendi.

Dei de ombros. Por algum motivo, não estava relaxado como de costume. Acho que a fome estava me deixando irritado. Ao mesmo tempo, porém, estava feliz por falar com Haley de novo. Sentir fome é ruim. Agora, com fome e sozinho? É nessas horas que as pessoas começam a pesquisar na internet grupos de apoio a suicidas.

Ela se levantou e pôs as mãos nos quadris, como se estivesse esperando alguma coisa. A sensação de desequilíbrio que eu tinha quando fazíamos contato visual não se limitava mais ao meu estômago. Havia subido para o peito.

— O que foi? — perguntei.

— Você começa dessa vez — disse Haley.

— Temos que fazer aquela coisa de “nos conhecermos melhor” de novo?

— Sim — disse ela. — Sempre que eu vier aqui, temos que compartilhar algo novo.

Essa é a regra. O ideal é que seja algo bem pessoal. A última coisa que você contou foi meio entediante... Sem querer ofender sua irmã.

Ela olhou para a cozinha de Mike e Janice atrás de mim.

— O que você tem comido? Nunca sinto cheiro de comida aqui, e eu escutaria os entregadores subindo as escadas.

— Ah, Mike deixou a geladeira cheia para mim — menti. — Os armários também. Eles fizeram compras grandes no mercado e disseram que eu poderia comer à vontade.

— Legal — disse Haley. — Mas acho que você não cozinha.

Balancei a cabeça em negativa.

— Basicamente como sanduíches. E cereal. Coisas simples.

Só a menção dessas refeições imaginárias fez meu estômago se contrair com tanta força que me encolhi de dor.

— Você pode comer comigo. Cozinhar para dois é tão simples quanto para um.

Por motivos que não entendi completamente, a oferta de Haley me deu vontade de chorar.

Interrompi o contato visual e me abaixei para acariciar Olive. Eu estava com tanta fome que constantemente me sentia tonto. Meus braços e pernas pareciam de isopor. Eu havia acabado com o saco de pão de cachorro-quente, as minicenouras e os iogurtes na noite anterior. De manhã, quando acordei, comi metade da barra de chocolate, mas ainda estava com fome, e bebi copos e copos de água, achando que isso iria me saciar. Não funcionou.

— E aí? — perguntou Haley. — Quer subir para jantar hoje? Eu estava pensando em fazer lasanha vegetariana, a receita especial da minha mãe.

Comecei a salivar.

Comida de verdade.

— Não posso — falei.

— Como assim não pode?

Eu não sabia como responder àquela pergunta com honestidade. Talvez fosse só orgulho idiota; a única coisa que eu tinha *herdado* dos Espinoza. Ou talvez fosse medo de ser desmascarado. Constantemente eu me sentia um impostor entre os outros alunos da faculdade. Quando eles iriam descobrir que aquele não era o meu lugar? Que uma senhora no setor de admissão tinha cometido um engano e oferecido a bolsa para o cara errado? Acho que eu gastava tanto tempo

tentando esconder minhas origens quanto fazendo os trabalhos da faculdade.

— Tenho que falar com a minha família — expliquei.

— Então suba depois.

— Não, com a minha família *toda* — disse.

— Porque não vou estar lá no Natal. Mas muito obrigado pelo convite.

Ela apenas me encarou por alguns longos segundos.

— Você é estranho.

Acho que ela estava certa quanto a isso.

— Enfim. — Haley pegou suas coisas na mesa. — Você começa dessa vez.

Eu ainda me sentia estranhamente emotivo, o que não era do meu feitio. Na verdade, fazia mais de um ano que eu não chorava, desde o enterro da minha mãe.

Talvez eu pudesse dizer isso a ela, pensei. Que, quando vi minha mãe deitada no

caixão, desmoronei feito um idiota... na frente de *todo mundo*. Que comecei a gritar que o mundo era um lugar horrível e que eu estava de saco cheio dele. Que alguns parentes tentaram me acalmar, mas tudo o que fiz foi descontar minha raiva neles. “Com quem você está falando?”, gritei na cara do meu tio Guillermo. “Você não sabe merda nenhuma sobre mim!” Quando ele tentou segurar meu braço, dei um tapa em sua mão. Eu poderia contar isso para Haley. Que as lágrimas corriam pelo meu rosto, embora minha expressão em momento algum mudasse, nem um pouco. E eu ficava gritando: “Não ligo a mínima para droga nenhuma! Estão me ouvindo?”

Não parei de chorar até meu pai se aproximar e me dar um tapa na cara. Bem ali, na frente de todos. Aos pés do caixão da minha

mãe. Ele me bateu como se eu fosse um garotinho birrento de cinco anos.

Quando voltei para casa naquele dia, depois do funeral, fiz uma promessa a mim mesmo.

Nunca mais ia chorar.

Pelo resto da vida.

Não importava o que acontecesse nem quem ficasse doente e morresse.

— Alô-ou? — Haley agitou a mão diante do meu rosto. — Terra chamando Shy.

Respirei fundo e falei devagar. Em vez de contar sobre a morte da minha mãe, falei sobre quando vi neve pela primeira vez.

Dois anos antes, minha família e eu fomos acampar nas montanhas nos limites de San Diego. Ficamos em uma barraca enorme que meu tio havia nos emprestado. Meus pais prometeram a mim e à minha irmã que veríamos neve, mas, nos três primeiros dias,

nem sinal dela. Só fazia frio. E ventava muito. Passamos a maior parte do tempo na barraca, brincando com jogos idiotas, como Uno, Loteria e dominó mexicano. Mas quando acordamos, no quarto dia, aconteceu. Lindos flocos de neve grossos caíam do céu. Tinham se acumulado no chão à nossa volta. contei a Haley que, enquanto meu pai e minha irmã se revezavam para descer com um trenó barato um pequeno monte de neve perto do nosso acampamento, eu e minha mãe deitamos de costas do lado de fora da barraca e fizemos anjinhos na neve. Como duas crianças de jardim de infância. E, quando levantamos para olhar, parecia que nossos anjos estavam de mãos dadas.

Haley sorriu.

— Você está melhorando nisso.

Dei de ombros, ainda visualizando a vida que eu tinha antes.

— Não é engraçado como em um dia você espera ansioso por uma coisa, como a neve, e, no dia seguinte, torce para que ela vá embora?

Haley fez um gesto para as grandes janelas do apartamento de Mike, onde a neve ainda caía.

Ficamos olhando por um tempo, e então Haley me contou sobre a primeira vez em que ela tomou consciência das raças. Ela não sabia por quê, mas na noite anterior tinha se lembrado daquilo, do nada. Talvez por causa de algo a que ela estava assistindo na TV. Enfim, Haley era pequena e morava em um subúrbio abastado, nos limites de Portland. No seu aniversário de seis anos, os pais a levaram à cidade para ver um musical. Fizeram daquilo uma ocasião importante, a arrumaram toda e tudo o mais, entraram no Mercedes do pai e foram para lá. Ela disse

que se lembrava de passar por um McDonald's, em uma parte sinistra da cidade, onde viu um grupo de mulheres vestidas de um jeito estranho e usando quilos de maquiagem — eram prostitutas, embora ela fosse nova demais para entender isso. Haley estava no banco de trás, com seu lindo vestido branco, olhando aquelas mulheres, porque nunca tinha visto nada como aquilo. O pai parou em um sinal vermelho bem na frente delas e, enquanto ele esperava o sinal abrir, Haley ficou encarando e encarando, até que uma mulher negra se virou e os olhares delas se cruzaram. Ainda assim Haley não conseguiu parar de encará-la. Estava paralisada. Depois de alguns segundos, a mulher foi rebolando em seus saltos brilhantes até a janela de Haley e apontou para a cara dela. “Tá olhando o quê, branquela? Está tentando roubar a minha história?”

— Não sei por que estou contando isso a você — disse Haley. — Acho que nunca dividi isso com ninguém antes. Nem com minhas melhores amigas.

Ficamos os dois sentados ali, constrangidos, por alguns segundos. Era como se tivéssemos rasgado nosso peito e mostrado um ao outro nosso coração batendo. Como voltar a falar de amenidades depois daquilo?

Finalmente Haley limpou a garganta e disse que ia tomar banho. Fui para o sofá e tentei ler meu livro, mas não parava de pensar na história dela. Será que tinha me contado porque sou meio mexicano? Porque ela acha que eu poderia vir de um lugar como aquele? Ou talvez não tivesse nada a ver comigo. Éramos as duas únicas pessoas em todo o prédio durante uma nevasca. Assim que o sol voltasse a brilhar, talvez esse sonho

estranho que parecíamos estar compartilhando terminasse para sempre.

Reli o mesmo parágrafo umas sessenta vezes, mas eu continuava sem a menor ideia do que estava escrito. Então Haley voltou para a sala, o cabelo molhado, a maquiagem recém-feita. Estava mais linda do que nunca.

— Nossa, adoro a sensação de estar limpa — falou.

— Eu também.

Levantei meu corpo fraco do sofá.

— Quando entrar no banheiro hoje, que tal dar um jeito nesse cabelo?

Tirei o gorro.

— Você está falando disso?

Ela deu alguns passos na minha direção e bagunçou um pouco meu cabelo, o que me pegou desprevenido.

— Pelo menos você não tem que se preocupar com ficar careca — disse ela. — Pus o

gorro de novo. — Bem, se mudar de ideia sobre o jantar, é só aparecer. Não importa a hora.

— Valeu.

Abri a porta para ela.

Haley repetiu aquele “contato visual” que trazia a sensação de “desequilíbrio”.

— Não sei como um telefonema para casa pode durar a noite inteira, mas tudo bem.

Ela acenou de leve e foi embora.

Apenas algumas horas mais tarde vi que Haley havia deixado a toalha e o nécessaire na suíte de Mike.

Ponto da virada

Não fui jantar no apartamento de Haley naquela noite.

Também não telefonei para casa.

Comi o restante da barra de chocolate de Mike, tomei vodca em um copo de plástico, toquei violão no banheiro e então fiz algo meio estranho, acho. Dormi na banheira. Nem sei por quê. Não que eu tenha desmaiado ou algo assim. Só não estava a fim de ir para a sala. Ou para o quarto de hóspedes. Então pus o violão de Mike no chão, entrei na banheira, deslizei o corpo até apoiar a cabeça na borda, fechei os olhos e pensei na vida.

Quando estava em casa, sabia exatamente quem eu era, mas aqui, em Nova York, não faço a menor ideia. Tudo parecia estar fugindo do controle. E eu estava com uma fome desgraçada. Era como se minhas entranhas fossem um pano de chão que alguém torcia e retorcia.

Tudo o que eu queria era uma daquelas conversas profundas que minha mãe e eu costumávamos ter.

Mas eu não podia.

Acordei com um pouco de ressaca. Olive estava sentada no vaso, me encarando, e senti uma vergonha esmagadora. Por causa da gata. Estou falando sério. Eu não queria que ela me visse daquele jeito, dormindo em uma banheira. Sabe quando dizem que os animais são capazes de perceber os problemas emocionais muito melhor que os humanos? Eu me perguntava o que Olive percebia em mim enquanto me encarava.

Ou talvez eu não quisesse saber.

Quando estava saindo da banheira, ouvi Haley bater de novo. Pus o gorro e corri para a porta. No entanto, antes de abri-la, tive um instante de pânico. Minhas roupas. Eu estava com a mesma calça jeans e a mesma

camiseta que ela tinha me visto usando na véspera. E eu não podia fingir que não estava em casa.

Abri a porta e disse:

— Hoje fui eu que me sujei com ketchup. Tive que vestir de novo a roupa de ontem.

Dessa vez, Haley veio com mais do que uma muda de roupas. Trazia um prato de bolinhos também.

— Fiz hoje de manhã — disse ela, ignorando minha farsa —, e preciso tirá-los lá de casa para que eu não coma todos eles, tipo, nos próximos quinze minutos.

— Obrigado — falei, sentindo outra estranha onda de emoção.

Em vez de me entregar o prato, ela passou por mim e foi para a cozinha.

— Aliás, são de banana com nozes. Vou pôr na geladeira, para a Olive não...

— Não, espere! — gritei.

Era tarde demais.

Haley congelou ao olhar para a geladeira vazia de Mike. Levou um tempo até que ela se virasse, com uma expressão confusa.

— Não tem nada aqui.

Meu coração parou.

Ela pôs o prato de bolinhos na prateleira, fechou a geladeira e voltou a atenção para os armários vazios. Dessa vez, não tentei detê-la, apenas fiquei olhando enquanto ela abria e fechava todas as portas.

— Por que você mentiu para mim? — perguntou, em um tom magoado.

Tentei fazer um gracejo.

— Mentir para você? Eu não menti.

— Você disse que Mike e Janice tinham feito compras.

— Eles fizeram — falei, tentando sustentar o sorriso. — É que... eu já comi tudo. Que idiota, né? O Natal é só amanhã. Acho que vou

comprar algumas coisas na mercearia da esquina.

Haley foi até a lixeira ao lado da pia e abriu a tampa.

— Não tem nada no lixo, Shy.

Encostei na parede e não disse nada.

— Vou tomar um banho. — Ela apontou para a geladeira. — E depois vamos conversar.

— Sobre o quê?

— Tudo — respondeu Haley. — Enquanto isso, coma os bolinhos.

Ela se virou e foi para a suíte principal.

Assim que ouvi a porta se fechar atrás de Haley, fui até a geladeira e encarei o prato de bolinhos. Levantei o plástico que ela havia usado para cobri-los, peguei um e cheirei. Ainda estavam quentes. Eu sentia a saliva se acumular em volta da língua. Meu cérebro

carente de nutrientes parecia inchado e lerdo.

Eu precisava comer.

Desesperadamente.

Mas não podia.

Não com Haley no apartamento. Ela não podia saber quão faminto eu estava. Se soubesse, iria perceber como nossas vidas eram diferentes, e pararia de descer para usar o chuveiro.

Coloquei o bolinho de volta, fechei a geladeira, fui para o sofá e fingi que estava lendo. Quando Haley saiu do banheiro — cabelo úmido, o rosto maquiado —, foi direto para a cozinha e abriu a geladeira.

— Qual é o seu problema? — perguntou, voltando para a sala de Mike. — Sério, Shy.

— Não tem problema *nenhum* — respondi, impassível.

Ela me encarou durante longos segundos e balançou a cabeça. Depois jogou as mãos para o alto e saiu pela porta da frente.

Assim que tive certeza de que ela não ia voltar, escancarei a porta da geladeira, peguei o prato de bolinhos, me sentei no chão e enfiei o primeiro na boca, inteiro, e mastiguei ao mesmo tempo que pegava o próximo e me preparava para enfiá-lo na boca também.

E comecei a soluçar.

Não sei por quê.

Era a primeira vez desde o enterro da minha mãe que eu sentia lágrimas escorrendo pelo meu rosto. E aquilo pareceu surpreendentemente bom. Eu me sentia vivo. Em grande parte porque elas me lembravam minha mãe, acho. E porque era tão maravilhoso encher a barriga.

Fiquei no chão daquele jeito por muito, muito tempo.

Comendo e chorando.

Chorando e comendo.

Tentando não pensar em nada além dos bolinhos de Haley.

Como seria?

Talvez eu seja mais parecido com meu velho do que imagino.

Lembra que eu disse que às vezes minha mana tem que arrastá-lo para a mesa de jantar? Foi praticamente isso que Haley fez comigo naquela noite.

Ela apareceu por volta das sete horas, mas dessa vez não parecia interessada em usar o chuveiro. Sem dizer uma palavra, me pegou

pela mão, me arrastou para fora do apartamento de Mike, para o elevador e depois para seu apartamento com um cheiro maravilhoso, onde me fez sentar à mesa.

— Fique aí — ordenou, como se eu fosse uma espécie de pastor-alemão.

Então foi até a cozinha e abriu o forno.

Fiquei ali, encarando as mãos e pensando na minha casa.

Para nós, os Espinoza, a véspera de Natal é sempre melhor que o Natal em si. Todos os primos, tios e tias aparecem na casa da minha avó, e o lugar inteiro cheira a *tortillas* e a *chili colorado*; tia Cecilia traz pratos com pilhas de tamales doces; e tio Guillermo nos empurra doses da garrafa de Patrón que sempre embrulha com papel de presente natalino (“Um presentinho para mim mesmo, *chico!*”). Na sala, todos os homens falam sobre trabalho, enquanto as mulheres ficam

na cozinha, falando sobre os homens. E o apartamento se enche de risadas sem fim, mesmo quando um dos pequenos quebra alguma coisa, um porta-retratos de vidro ou um bibelô de cristal; todos apenas rimos, rimos e rimos, até a vovó, que varre os cacos para a velha pá de lixo de metal.

Minha casa.

Senti tanta falta dessa droga.

Senti falta *deles*.

— Não há a menor chance de eu deixar você passando fome lá embaixo na véspera de Natal — disse Haley, voltando para a sala com um prato cheio de comida.

Ela se sentou à minha frente.

— Eu não estava passando fome.

Ela pousou os olhos em mim.

— Estava, sim, Shy.

— Está bem, talvez um pouquinho.

Por que ela estava fazendo tudo aquilo por mim?, eu me perguntei. Porque eu a havia deixado usar o chuveiro de Mike? Se era por isso, sem dúvida ela estava em desvantagem. Tudo o que eu precisava fazer era abrir a porta para ela. A julgar pelo que estava no meu prato, Haley tinha dado duro na cozinha. Assou um peixe branco, fez batatas assadas, pão caseiro e aqueles pedaços de brócolis com caule longo cujo nome eu sempre esquecia.

— Quer um Pinot Gris ou um Chardonnay?
— gritou ela da cozinha.

— Você está falando de vinho? — rebati.

Haley voltou com outro prato de comida e o pôs à minha frente.

— É claro que estou falando de vinho. Do que mais poderia ser?

— Nesse quesito — respondi, me contorcendo na cadeira —, você vai ter que baixar

um pouco o padrão. Tudo o que sei é se é tinto ou branco.

Ela ficou parada, olhando para mim.

— Bem, os *dois* são brancos. Branco harmoniza com peixe.

— Então está certo — falei. — Ficamos com o branco.

— Eu sei, mas... Ah, esquece.

Ela foi de novo à cozinha, voltou com uma garrafa de vinho e encheu nossas taças.

— Saúde — disse, levantando a dela.

— *Salud* — falei, como meu velho sempre fazia.

Brindamos.

Depois da meia dúzia de bolinhos que eu havia engolido no café da manhã — isso mesmo, comi todos eles —, eu não estava mais desesperado. Mas todo o meu corpo ganhou vida quando comecei a comer o peixe de Haley, assado com perfeição. Aquilo era

comida *de verdade*. Com valor nutricional *de verdade*. Eu sentia que ia me transformar de um urso de pelúcia molenga em um ser humano real.

O vinho também não ia mal, e Haley foi rápida em reabastecer nossas taças.

— Ah, não pense que vai escapar — disse ela.

— Do que você está falando?

— Do jogo da verdade. Só porque não fui tomar banho esta noite não significa que não vamos trocar informações.

— O jantar está incrível — falei, apontando para meu prato já pela metade.

— É só bacalhau assado. — Haley fez uma pausa de alguns segundos antes de acrescentar: — Mas obrigada. Preciso aprender a receber elogios.

— Você começa dessa vez.

Espetei com o garfo outro brócolis de caule longo. Não sei por quê, mas eu estava animado para ouvir o que Haley tinha a dizer. Talvez eu estivesse entrando em seu joguinho bobo.

— Está bem.

Haley tomou um gole de vinho e ficou sentada ali, segurando a taça, como se estivesse pensando.

— Às vezes eu me preocupo. Comigo mesma, sabe. Não tenho uma... “coisa”. Tirei notas boas durante todo o ensino médio, sabe? Não, apaga isso. Tirei notas *muito* boas. Fui oradora na formatura. Tirei notas altas nos exames finais. Tinha todas as atividades extracurriculares que meu orientador disse que eu precisava ter para me candidatar às universidades. Fui voluntária em uma clínica de saúde mental no primeiro

ano, mas só fiz isso porque sabia que ia pegar bem. Tudo errado, não é?

Foi nesse momento que percebi como Haley era realmente linda. Tinha o rosto perfeito, com maçãs do rosto protuberantes e aquelas sardas lindas em volta do nariz. Mas não me refiro somente à sua aparência. Acho muitas garotas bonitas — poderíamos dizer que meu gosto é bem flexível. Mas havia algo em Haley que ia além da aparência. Como as covinhas que apareciam sempre que ela sorria. E quando ela dizia alguma coisa autodepreciativa, dava de ombros de leve, inclinava a cabeça e olhava para os pés. Às vezes, quando seus olhos castanho-claros fitavam os meus, castanho-escuros, era como se estivesse estendendo o braço e tocando meu peito, como se o revirasse em busca da parte mais honesta que pudesse encontrar. Isso me dava vontade de parar de me esconder,

embora eu achasse que ela não fosse gostar do que encontraria.

— O problema — prosseguiu Haley — é que nunca entendi o *motivo* de eu fazer as coisas, além de ser porque era o que esperavam que eu fizesse.

Ela encheu nossas taças mais uma vez.

— E não estou dizendo que meus pais me obrigavam. Ou os meus orientadores na escola. Era *eu*. Eu queria me destacar. Mas todas as decisões que tomei no ensino médio foram baseadas em como eu achava que aquilo me faria parecer no histórico escolar. Nem uma vez sequer parei e refleti sobre o que eu *gostava* mesmo de fazer. Isso é triste, você não acha?

— Está mais para honesto.

Em geral, gosto de ficar em silêncio. Gosto de ouvir. Mas o vinho estava fazendo efeito e

eu me sentia estranhamente confortável, então me permiti falar:

— Uma pergunta: você preferiria ser excelente em algo de que gosta ou apenas boa em algo que ama?

— Nossa, não sei — disse Haley. — Que difícil. E você? Parece que essa é uma pergunta pessoal.

Pousei os talheres no prato vazio e me inclinei para trás com minha taça de vinho. Era como se eu estivesse em um filme ou algo assim. Um filme sobre ingleses ricos, como a série que Haley tinha mencionado antes. Tendo aquela conversa toda profunda em um lindo apartamento em Nova York. Agitando vinho em uma taça de verdade. Na única vez em que eu havia tomado vinho, Jessica e eu o bebemos em copinhos pequenos de dose única, porque foi a única coisa que encontramos na casa do padrasto dela.

— A única coisa que eu sei que amo — falei —, além da minha família, é música. Violão. Mas também sei que não sou bom nisso.

— Você às vezes toca lá embaixo, não toca?

— Eu? De jeito nenhum, não na casa de Mike. Só quando estou na minha casa. — *Pare de mentir!* — Ok, talvez eu arranhe um pouquinho. Mas não de verdade.

— Eu sabia — disse Haley. — De início achei que fosse o rádio, o que deve significar que você é muito bom.

Balancei a cabeça, constrangido.

— Enfim, vamos mudar de assunto.

Haley riu.

— Parece que não sou a única que precisa aprender a receber elogios.

Depois de um silêncio breve, que nem foi tão constrangedor, falei:

— Acho que também não sei o que quero fazer. Às vezes sinto que sou como uma

garrafa de refrigerante que alguém sacudiu. Tenho toda essa paixão querendo explodir, mas ainda não sei para onde direcioná-la. É assim que você se sente?

— Exatamente. E às vezes tenho medo de que eu *nunca* vá saber.

Haley despejou nas taças o que havia restado na garrafa de vinho, mas havia apenas algumas gotas, então ela se levantou e abriu outra.

Passamos horas conversando depois do jantar. Quando a segunda garrafa de vinho acabou, desci para buscar a vodca de Mike, e Haley nos preparou drinques de vodca com *cranberry*. Ficamos sentados no sofá conversando, conversando e conversando. Haley me disse como era crescer em Oregon. Eu lhe falei da vida perto da fronteira com o México. Ela me contou o que estaria fazendo em casa naquele momento — jantando em

um restaurante chique com a mãe, o pai e a irmã mais nova, e depois cada um deles abria seu presente junto à lareira —, e eu contei sobre a véspera de Natal na casa da minha avó.

À meia-noite, eu estava oficialmente bêbado e, por mais que gostasse de conversar com Haley, também imaginava como seria beijá-la, então comecei a tomar um rumo diferente.

— Ei, Haley.

— Ei, Shy.

— Talvez seja minha vez de estabelecer as regras.

— Ô-ou. — Ela desviou os olhos, sentindo aonde eu queria chegar. — Mas esse não é mais o meu jogo. Agora somos apenas duas pessoas conversando. Por favor, diga que você consegue perceber a diferença.

— Eu sei — falei. — Mas talvez eu só... meio que...

— O quê?

— Estava me perguntando como seria, sabe, segurar sua mão. Só isso. — Pousei o copo e encarei Haley. — Como se estivéssemos em um encontro de verdade.

Ela forçou uma risada.

— Mas nunca estaríamos em um encontro de verdade. Porque eu tenho namorado, lembra?

— Ah, droga! O cara paciente. Quase me esqueci dele.

Era verdade. Eu estava tão envolvido no momento que havia me esquecido completamente do mundo fora daquele prédio. Peguei o copo de novo e tomei um gole da bebida.

Foi então que Haley fez algo que me surpreendeu. Ela largou seu copo, pegou o meu e o pôs de lado também.

— Mas não estamos falando de casamento, certo? Você disse segurar a mão. Hipoteticamente.

Engoli em seco.

— Para ver qual é a sensação.

— O que eu suponho que, no grande esquema das coisas, é bastante inofensivo.

— Mas serei honesto. — Toquei no tornozelo de Haley. — Uma pequena parte de mim também gostaria de falar de casamento com você.

Ela deu um tapinha para afastar minha mão.

— Viu? É por isso que eu nunca deveria ter tomado banho lá embaixo. Banhos podem levar a mãos dadas, que podem levar a... As pessoas deveriam fazer *dreads* no Natal.

Haley prendeu seu lindo cabelo atrás da orelha e estendeu a mão para pegar a minha.

Eu mal conseguia respirar.

Era tudo o que eu queria, mas, ao mesmo tempo, era muito assustador. Porque eu me conhecia. Senti o “desequilíbrio” a ponto de quase não conseguir raciocinar direito. Os olhos de Haley se cravaram nos meus. A mão dela na minha, fazendo formigar todo o meu braço, todo o meu corpo.

— É um ótimo encaixe. — Foi o máximo que consegui dizer.

Ela fez com que nossos dedos se entrelançassem e, por alguns longos segundos, apenas nos olhamos em silêncio. Fitei seus lábios antes de me obrigar a voltar para seus olhos. O rosto de Haley ficou mais sério, e ela limpou a garganta de leve.

— Tenho que admitir uma coisa. E é meio ruim.

— Ô-ou — disse eu, nervoso, com medo de que ela rompesse aquela conexão.

— Na verdade, eu não deixei para a última hora. Comprei minha passagem há *semanas*.

Bêbado como estava, levei alguns instantes para entender o que ela estava dizendo. Haley havia *escolhido* não ir para casa. O que significava que estava evitando alguma coisa. Possivelmente *alguém*. Meu coração bateu forte no peito.

— Eu simplesmente não fui para o aeroporto — continuou ela.

— Por quê?

— Porque sou uma covarde. — Ela chegou um pouco mais para perto de mim no sofá. — Você me acha pior agora?

— Por que eu acharia?

Ela deu de ombros.

— Então o que está pensando?

Engoli em seco e olhei para meu drinque por alguns segundos. Quando voltei a encará-la, falei:

— Estou pensando em como seria beijar seu rosto.

Haley respirou fundo e apertou minha mão.

— Talvez você devesse descobrir.

Mas, quando me inclinei, com a intenção de beijá-la perto da orelha esquerda, ela se virou de repente, e acabei beijando seus lábios.

Foi só um selinho. Eu me afastei e olhei para ela. Nossos olhos se fixaram uns nos outros, e nosso peito subia e descia, subia e descia. Sem pensar, segurei seu rosto o mais gentilmente que pude e a beijei de novo. Um beijo mais demorado dessa vez. Não um selinho, um beijo de verdade. E Haley retribuiu.

Ela me empurrou para trás, ainda me beijando, as mãos apertando meus cabelos com

força, enquanto as minhas deslizavam devagar por seu corpo cálido.

— O que estamos fazendo? — sussurrou ela em meu ouvido.

— Não faço a menor ideia — respondi, e então voltamos a nos beijar.

E me perdi naquele momento. Seus lábios. Seu toque. Haley e eu. Ela havia preparado o jantar para mim e agora estávamos deitados em seu sofá. Parecia impossível. Por alguns segundos, meu assombro fez com que eu saísse do corpo. Eu me vi pairando no teto, acima de nós, assistindo a tudo, espantado. Mas aí me obriguei a focar nos lábios de Haley outra vez e na sensação da minha mão na barriga dela, e então voltei a mim.

Tudo era tão... vivo.

Eu sentia como se respirasse o mundo inteiro em meus pulmões.

Poucos minutos depois, fiquei em cima *dela* e prendi *seus* braços. Então me afastei e apenas a observei, nós dois respirando, querendo mais.

— O que foi? — perguntou ela.

— Estava imaginando mais coisas — falei.

Ela fechou os olhos e tornou a abri-los lentamente.

— Eu sei, mas...

— Por exemplo, como seria *estar* com você.

Como Haley não respondeu, baixei o rosto na direção do *dela* e nos beijamos um pouco mais. Dessa vez, porém, senti uma onda de energia tão intensa que minha mente vagou por completo. Abri a blusa *dela*, um botão de cada vez, passei o braço por suas costas e abri o fecho do sutiã.

Foi então que ela me deteve.

Haley virou a cabeça para o lado, se livrou do meu abraço e imediatamente fechou o sutiã de novo, e começou a abotoar a camisa.

— Ah, droga. — Eu a observei, meu estômago se agitando, como se estivesse cheio de borboletas nervosas. — Droga, fui longe demais, não fui?

Como continuou sem responder, perguntei:

— Haley?

Ela se levantou e cobriu o rosto com as mãos por um segundo. Quando as retirou, tinha uma expressão preocupada.

— O que eu estou *fazendo*?

— A culpa foi toda minha — falei.

Ela começou a recolher nossos copos com o drinque ainda pela metade, depois tornou a pousá-los na mesa, foi até a porta e a abriu.

— Vou ter que pedir para você ir embora, Shy. Sinto muito.

— Eu que peço desculpas, Haley. Fui movido pelo...

— Por favor — interrompeu ela.

E não olhou mais para mim. Talvez essa tenha sido a pior parte. Se ao menos tivesse olhado para mim, então veria como minhas desculpas eram sinceras e tudo ficaria bem. Mas ela não olhou.

— Está bem.

Atravessei a porta. Apertei o botão do elevador e fiquei olhando para os sapatos, e ouvi a porta se fechar atrás de mim.

Natal

Haley não desceu para tomar banho na manhã de Natal.

Esperei no sofá, ao lado de Olive, ansioso por ouvir a batida dela na porta, que não veio.

Fiquei encarando meu livro aberto, mas na verdade estava analisando a noite anterior de todos os ângulos possíveis. Sempre chegava à mesma conclusão: eu. Sabia que Haley tinha namorado. Sim, talvez o fato de ela não ter ido para casa significasse que o namoro deles não estivesse indo muito bem ou algo parecido, mas mesmo assim. Eu tinha ido longe demais.

Por que eu tinha que ser assim?

O cara que sempre quer mais?

Esperei dar meio-dia para ligar para casa, por causa das três horas de diferença. Falei um pouco com meu pai, mas a maior parte do tempo conversei com minha mana. Feliz Natal, desejamos um ao outro. Ela descreveu tudo o que estava cozinhando e falou que

papai iria de carro até Chula Vista buscar a vovó, que havia prometido levar uma pilha de *tortillas*. Então eles iriam ao cemitério levar flores.

— Não vai ser a mesma coisa sem você — disse ela.

— É.

— Não, estou falando sério. Vai ser a primeira vez que iremos lá sem você. — Sofe fez uma pausa. — É melhor você não passar o dia sozinho, Shy. Seria muito triste.

— Ah, não. Uns amigos vão vir para cá e vamos assar um tender e tal. Vai ser legal. — Passei o telefone para a outra orelha. — Mas ainda assim gostaria de estar com vocês.

— A propósito, os dentes do Peanut estão melhores. Ele voltou a ficar atrás da gente pedindo comida de novo. E foi *você* quem começou isso.

Sorri, lembrando como eu costumava dar os restos da minha comida escondido para o cachorro.

Conversamos mais um pouco sobre nosso velho, que ela dizia estar melhor também, e então eu disse que tinha que me preparar para receber meus amigos. Nós nos despedimos, mas, antes que ela desligasse, falei:

— Ah, Sofe?

— O quê?

— Fique longe dos marmanjos.

Tomei banho com a porta aberta e vesti a melhor camiseta que eu tinha comigo. Até passei um pouco do gel de Mike nos cabelos, tentando amansar a juba. Depois me sentei com a gata e li meu livro, embora em segredo eu ainda estivesse esperando ouvir uma batida na porta.

Escada coberta de neve

Despertei de um cochilo com o barulho de Olive arranhando a porta da frente.

— Aonde *you* pensa que vai? — falei, levantando-me do sofá.

Foi então que vi.

Um cartãozinho no chão, do lado de dentro da porta. Meu nome estava escrito em uma caligrafia cuidadosa, feminina. Eu o peguei e olhei pelo olho mágico. Ninguém do outro lado.

Rasguei o envelope. Na frente do cartão, havia um Papai Noel magricela, acenando de trás do volante de um conversível híbrido. A mensagem escrita à mão dizia:

“Lasanha que sobrou da noite em que você me deixou acordada. Aqueça no micro-ondas por dois ou três minutos. Ah, feliz Natal.”

Abri a porta e encontrei um prato grande, coberto com papel-alumínio. *Ela não me odiava!* No entanto, no instante em que me abaixei para pegar a comida, Olive fugiu para o corredor.

— Ei, mocinha!

Pus o prato no chão e fui atrás dela, mas ela já estava subindo as escadas. A porta bateu atrás de mim enquanto eu subia também, dois degraus de cada vez, até o andar de Haley. Olive não estava em lugar algum.

Ótimo, pensei. A única droga de emprego que eu tinha.

Corri até o último andar, procurei no terraço e olhei pela janela para a escada de emergência coberta de neve, então desci correndo até o térreo e verifiquei no hall de

entrada, onde ficavam as caixas de correio. Não havia sinal da gata em parte alguma.

Depois de mais quinze minutos de busca malsucedida, eu me vi sentado no capacho de boas-vindas de Haley, com a mão suspensa na frente da porta dela. Era óbvio que ela havia me deixado um prato de comida em vez de me convidar para subir porque não queria me ver. E pedir ajuda nunca tinha sido meu ponto forte.

Ainda assim.

Bati.

Ela abriu a porta imediatamente, com uma expressão preocupada.

— O que houve? Ouvi você subir e descer as escadas umas quinze vezes.

— Olive fugiu. Não a encontro em lugar nenhum. Mike e Janice vão me *matar*.

Haley pegou as chaves.

— Tenho certeza de que ela está em algum lugar por aqui. Venha.

Voltamos ao último andar e procuramos em todos os cantos. Haley abriu a porta para a saída de emergência e pôs a cabeça para fora. Nada. Olive também não estava no elevador. Nem na lixeira. Nem no bicicletário. Vasculhamos todos os andares, um por um, até o térreo. Quando subíamos de novo, Haley agarrou meu pulso e apontou.

— Isso só pode ser brincadeira — falei.

Ali estava Olive, sentada bem ao lado do prato coberto de papel-alumínio, lambendo a pata direita. Ela nem protestou quando Haley a pegou no colo. Abri a porta da casa de Mike, Haley pôs Olive no chão e nós dois a observamos desfilar em direção à tigela de ração, sem uma preocupação sequer em relação ao mundo.

— Quase morri de susto — continuei.

— Você tentou assistir à TV enquanto cuidava da gata, não foi?

Dei uma risada sarcástica.

— Sério, muito obrigado. Eu não sabia o que fazer.

— Não foi nada.

O cabelo de Haley estava molhado, o que me deixou confuso. E os olhos pareciam inchados. Ela se abaixou para pegar o prato de lasanha.

— Mesmo que *tenha sido* um grande truque para me trazer de novo aqui — completou.

Ela me entregou o prato.

— E obrigado por isso. — Fiquei ali parado, segurando a lasanha, olhando para o chão. — Sobre a noite de ontem, Haley. Eu sinto muito, muito mesmo...

— Sei que você deve estar morrendo de fome — interrompeu ela —, mas é

absolutamente crucial que você coma neste exato momento?

— Agora? — falei. — Na verdade, não. Por quê?

— Vista seu casaco mais pesado e galochas e me encontre lá embaixo em cinco minutos.

As nuvens enfim tinham se dissipado, e o sol estava baixo no céu. O ar do lado de fora era frio e seco. Eu conseguia ver minha respiração se condensar enquanto seguia Haley pela calçada. Estávamos andando devagar porque uma fina camada de neve cobria tudo.

— Eu adoro mesmo ser a primeira a andar nela — disse Haley, se agachando em meio a um mar de branco intocado.

— Eu também.

Eu calçava tênis Adidas e minhas meias já estavam ensopadas. Meu casaco era fino demais. Eu precisava enfiar as mãos bem fundo nos bolsos para mantê-las aquecidas. Mas caminhar pelo Brooklyn na neve que tinha acabado de cair era muito legal. Geralmente, em poucos minutos depois que começava a nevar, ela se tornava uma lama marrom.

Quando chegamos à Sétima Avenida, olhamos para os dois lados da rua vazia.

— Hoje tudo isso é nosso — disse Haley.

— Aliás, aonde estamos indo?

— Prospect Park. Tenho um pressentimento de que está lindo lá agora.

Todas as lojas e restaurantes estavam fechados, com as portas de aço fechadas e trancadas. Ainda havia pilhas altas de sacos de lixo enterrados em montes de neve. Os limpadores ainda não tinham passado, então não dava para dizer onde terminava a

calçada e onde começava a rua. Não que houvesse algum carro. Ou pedestres. Haley estava certa, éramos as duas únicas pessoas encarando as ruas pós-nevasca.

No meio da quadra seguinte, ouvimos uma música vindo de uma janela aberta no apartamento de alguém. Uma canção de Natal fora de moda que nem parecia tão fora de moda assim.

— Quer parar e ouvir um pouco? — perguntou Haley. — Vai dar um ar mais natalino.

— Claro.

Limpei dois espaços no topo da escada e nos sentamos. Era estranho estar tão perto dela. Pensei em abordar o assunto da noite anterior de novo, para acabar com a tensão, mas aquele não parecia ser um momento oportuno. Então fiquei calado, nós dois ouvindo a música, cada um perdido em seus

pensamentos. O sol havia se escondido atrás dos prédios, a oeste de nós, e o vento havia aumentado de intensidade gradativamente, mas, por algum motivo, eu não sentia mais frio.

Haley bateu com o joelho no meu.

— Tenho que confessar uma coisa.

— Uma última rodada do seu joguinho da verdade?

Ela deu um sorrisinho e negou com a cabeça.

— Não, isso já acabou para a gente. — Ela puxou um fio solto perto do bolso de seu casaco. — Então, você lembra quando subiu para dar uma olhada no meu chuveiro?

Assenti.

— Bem, aconteceu uma coisa engraçada naquela noite depois que você foi embora. Ele voltou a funcionar do nada, como um milagre.

— Espere aí — falei, demorando a entender. — Mas mesmo assim você foi ao apartamento de Mike para usar...

— Ops.

Comecei a entender o que ela estava dizendo. Haley havia usado o chuveiro como desculpa para... continuar descendo e me ver.

— Então seus canos não estão mais congelados?

— Não sei se alguma vez estiveram. — Ela pôs a mão dentro do capuz e puxou alguns fios do cabelo úmido. — Eu tinha acabado de sair do banho quando você bateu à porta. Minha mãe me mataria se soubesse que estou sentada do lado de fora com o cabelo molhado.

Ouvimos uma criança rir no apartamento de onde vinha a música e erguemos os olhos.

Mas não vimos nada. Parecia ser a risada de um menino.

— Ah, e mais uma coisa — disse Haley. — Liguei para casa hoje cedo. Deixei oficialmente de ser covarde.

— Como assim?

— Falei para o Justin a mesma coisa que disse a você ontem à noite. Que tinha passagem para ir para casa, mas não consegui me obrigar a pegar o avião.

Decidi que não era minha vez de dizer algo. Então apenas escutei. E assenti.

— E vou lhe dizer uma coisa — continuou Haley. — Não foi nada divertido. Passamos metade do dia chorando juntos ao telefone. — Ela parou de retorcer a mecha de cabelo solta e enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Mas terminar era a coisa certa a fazer.

— É difícil — concluí.

— Nem me fale!

Parecia errado ficar animado com o sofrimento de outra pessoa. Mas era exatamente assim que me sentia. Afinal, se Haley não estava mais comprometida...

Talvez...

Estávamos nos levantando para ir embora quando começou a tocar outra música. “Here Comes Santa Claus”. Haley e eu nos olhamos e caímos na gargalhada, então voltamos a nos sentar. Em meio à nossa risada, imaginei um garoto no apartamento lá em cima, sentado ao lado do rádio com sua irmãzinha, a mãe e o pai. Gostaria de poder dizer a ele para se lembrar de cada detalhe daquele dia. Não apenas dos presentes que ganhou, mas de sua família também. De sua mãe. Porque, um dia, ele estaria longe de casa, sentado em uma escada coberta de neve com uma garota de quem talvez gostasse, rindo, e ele gostaria de se lembrar de como eles eram.

ENCONTRE-ME NA ESTRELA DO NORTE

JENNY HAN

Duendes. Duendes em movimento são coisa de outro mundo. Altos, magros e adoráveis; quando dançam, são turbilhões que brilham e cintilam como o sol refletindo na neve. Eu deveria saber. Venho os observando a vida inteira.

A equipe de decoração deu tudo de si no Baile da Neve este ano. Acho que sempre fazem isso, mas desta vez parece especialmente caprichada. Luzes pisca-pisca cobrem cada centímetro do Grande Salão, tantas que

nem é necessário acender as luzes do teto. No centro, há um pinheiro enorme, que vai até o teto, e em seus galhos estão pendurados enfeites de madeira no formato de todos os duendes que já viveram no Polo Norte. Mas só dos duendes.

Em volta do Grande Salão, há várias árvores de Natal menores, com quase dois metros e meio de altura, todas temáticas. Há uma árvore de origami do Japão, uma árvore holandesa com vários tamancos de madeira pendurados, cada um de uma cor diferente, e uma árvore em homenagem ao Dia dos Mortos do México, coberta de minúsculas caveiras de açúcar. Tem também uma árvore dos anos 1950, que deve ser a minha favorita, com uma saia rodada roxa e rosa na base.

Todos os duendes adolescentes formaram pares para o Baile da Neve. É a noite mais romântica dessa época do ano. O último

agito antes de as festas de Natal engrenarem. É como um baile de formatura para duendes. Não que eu já tenha ido a um baile de formatura, mas imagino como deve ser.

Meninos e meninas todos arrumados, dançando.

Esta noite, Elinor está usando um vestido branco com lantejoulas prateadas. Sob as luzes, seu cabelo também parece branco. Assim como o de Flynn.

Meu vestido é feito do mesmo tecido vermelho-groselha do terno do Papai. Estamos combinando. Um presente de pré-Natal. Em meu primeiro ano no Polo Norte, meu vestido tinha mangas bufantes e um avental de renda branca. Este ano, tem a gola redonda decotada, mangas cavadas e saia rodada. Veio também com um agasalho de pele branca para esquentar as mãos. É um

vestido de boneca, não o de uma menina de quinze anos.

Ah, o Papai. Será que ele não vê que estou crescendo?

Todos no Polo Norte conhecem a história de como Noel me encontrou. Ou, melhor dizendo, como eu o encontrei. Há quinze natais, ele estava distribuindo presentes em um condomínio em Seul, na Coreia do Sul. Ele adora os prédios grandes, porque pode deslizar de um andar para outro e terminar tudo em um instante. Quando voltou para o trenó, lá estava eu, em uma cesta, com uma nota que dizia 내딸부탁해, que significa: *Por favor, tome conta da minha filha*. Noel não soube o que fazer. Sempre que me colocava no chão, eu chorava, e ele ainda tinha que percorrer toda a Ásia. Então me levou com ele, e contou que dormi o caminho todo. Ele pretendia me levar de volta para a Coreia

antes que amanhecesse, mas, no fim da noite, não conseguiu. Eu me agarrei ao seu dedo mindinho e não soltei mais. Então é por isso que moro aqui, no Polo Norte, um lugar onde nenhuma garota humana jamais morou.

Estou de pé com as costas apoiadas na parede, a meia-calça me pinica e eu gostaria que alguém, *qualquer um*, me tirasse para dançar. Mesmo que fosse por pena. Seria ótimo. Cruzo meu olhar com o de Flynn enquanto ele gira com Elinor. Ela fica linda nos braços dele. Parece combinar. Se fosse eu dançando com ele, só chegaria à altura do seu peito. Não conseguiríamos dançar de rosto colado.

Fico perto das mesas de comidas e bebidas. Elas são minha zona de segurança. Durante os doze primeiros dias de dezembro, a sobremesa é temática. É uma tradição; uma de muitas. No primeiro dia de Natal, uma perdiz em uma pereira. Este ano, fizeram perdizes de chocolate recheadas com creme de castanha e regadas com uma calda azeda de pera.

As perdizes de chocolate me lembram do pássaro de madeira no bolso do meu casaco.

Quando eu tinha oito anos, um pintarroxo ficou preso no Grande Salão. Ele entrou por uma janela aberta e não conseguiu mais sair. Ficava voando para o teto. Tentei conduzir o pássaro porta afora com uma vassoura de quadribol — o presente mais pedido entre crianças de seis a oito anos naquele Natal, embora eu achasse que elas quisessem que a vassoura voasse de verdade. Nenhum de nós

conseguiu ajudar o passarinho. Mas então Flynn subiu no corrimão e o pintarroxo voou direto em sua direção. Ele o pegou e o levou para fora, aninhado entre as palmas das mãos, e então o pintarroxo voou. Durante dias, só se falou disso.

Então, naquele ano, dei a Flynn como presente de Natal um pássaro que esculpi em madeira. Tentei fazer um pintarroxo, mas não consegui captar sua forma. Em vez disso, fiz um chapim com olho de vidro, esculpido em pinho. Estava ansiosa para dá-lo a ele. Porque uma coisa que sei sobre duendes é que eles não costumam gostar muito de presentes. Eles fazem coisas, criam, trabalham, mas não gostam de ganhar. É da natureza deles.

Havia grande chance de ele não aceitar, mas, quando abriu a caixa, ficou um longo tempo olhando para o chapim. Observei-o

pegar o pássaro entre as mãos e virá-lo, sentindo seu peso. Será que era bom o bastante? Eu havia treinado para fazer outros pássaros também, mas aquele era o único que eu considerava à altura do meu amigo. E então ele disse:

— Ninguém nunca me deu um presente antes.

Soltei a respiração que estava prendendo.

— Então você vai ficar com ele?

— Vou.

Desde então, eu lhe dou um pássaro todo Natal. Este ano, finalmente consegui acertar no pintarroxo. Nogueira preta, pintado de vermelho como o fruto do azevinho.

Estou me servindo de outro copo de ponche de framboesa com gengibre quando ouço Elinor dizer:

— É triste que Natty não tenha companhia para o baile. Duvido que ela já tenha conhecido um garoto humano.

— Sim, ela conheceu — responde Flynn. — Aquele garoto chamado Lars, lembra?

Eles estão de costas para mim. Não sabem que os ouço. Eu ainda poderia sair de fininho sem que eles percebessem.

Então Elinor fala:

— Ah, Flynn. É tão óbvio que ela inventou isso para deixar você com ciúmes. Ela sempre teve uma quedinha por você.

Minha visão embaça e deixo cair meu copo de ponche. O líquido vermelho se espalha por toda a mesa de bebidas e respinga um

pouco no meu vestido. *Como ela pôde dizer isso?* Tudo bem que ela está certa, eu tenho mesmo uma quedinha por Flynn. Sempre tive.

— Ela não inventou — diz ele, e sua voz soa alta e clara como um sino. — Eu verifiquei. Os bancos de dados não estão completamente atualizados, então olhei direto nas anotações do Noel. Existe mesmo um garoto chamado Lars.

— Você só está dizendo isso para ser gentil — rebate Elinor. — Todos nós sabemos que Natty inventa histórias.

Minhas bochechas estão queimando. Eu *costumava* inventar histórias. Para chamar atenção. Como naquela vez em que contei a todo mundo que me perdi na nevasca e Rudolph, a Rena do Nariz Vermelho, apareceu para me resgatar. Mas não invento mais. Será que as pessoas não podem mudar?

Pigarreio antes de conseguir me conter. Eles se viram ao mesmo tempo, como se fosse uma coreografia. Elinor tem a generosidade de parecer envergonhada. Tem medo de que eu conte ao Noel. Não vou contar. Não sou mais um bebezinho tagarela. Posso me controlar. Meu coração bate tão forte que parece que todos podem ouvi-lo. Então falo alto:

— Eu *não estava* mentindo sobre o Lars.

Dois anos atrás, porque eu pedi e implorei, e porque era meu pedido de Natal, Noel me levou com ele na véspera.

A maior parte da noite é um borrão, como o são quase todas as coisas mágicas. Mas quando fecho os olhos e me esforço para recordar, eu me lembro de cães uivando e

latindo, do cheiro das casas das outras pessoas, do medo de estar em algum lugar onde não deveria estar. Árvores de Natal, biscoitos de Natal, meias de Natal, tudo de Natal. Basicamente, eu estava feliz em ver Papai trabalhar, porque *ele* fica tão feliz trabalhando. O modo como ele arrumava os presentes... Ele sabe mesmo o nome de todas as meninas e de todos os meninos. Se pudesse, adotaria todas as crianças perdidas. Eu tive muita sorte. Às vezes penso na minha mãe, na verdadeira, e me pergunto se ela sabia para quem estava me dando. Gosto de pensar que sim.

Papai e eu visitamos uma casa — era pequena, azul, com venezianas brancas — perto do mar. Eu me lembro do cheiro de sal e do barulho da água. Enquanto Papai trabalhava, saí em busca dos biscoitos. Até então, meus favoritos eram os que tinham

M&Ms de amendoim em um apartamento de Charleston, na Carolina do Sul, seguidos de perto por lindos *macarons* de framboesa em Paris, na França.

Encontrei um prato de porcelana azul e branco com biscoitos cobertos de açúcar de confeitiro. Dei uma mordida. Eram de noz-pecã. Eu estava lambendo o açúcar dos dedos quando o ouvi. Era um adolescente, treze ou quatorze anos, parado ao pé da escada, olhando diretamente para mim. Seu cabelo tinha cor de bala de limão, um amarelo translúcido.

— *Jävlar!* — sussurrou ele, espantado.

Pelo modo como ele falou, parecia sem dúvida um palavrão.

— Meu pai diz que xingar é um hábito muito feio — disse a ele, limpando as mãos discretamente no casaco.

O garoto simplesmente me encarou, de olhos arregalados.

— Ah, desculpe. Você provavelmente não fala inglês, né? Onde nós estamos mesmo? Suécia? — Limpei a garganta. — *God Jul*.

Isso significa feliz Natal. Sei dizer feliz Natal em qualquer idioma. Os duendes sabem *falar* qualquer idioma, mas eu sou apenas humana.

— Você e seu pai são ladrões? — perguntou ele.

Engasguei. Então ele falava inglês!

— Ei, meu pai *dá* presentes para as pessoas, não rouba ninguém. Ele é o *Noel*.

O garoto apenas continuou a me encarar, então esclareci:

— Noel. Papai Noel. São Nicolau? Père Noël? — Ah, sim, estávamos na Suécia. — *Tomte? Nisse?*

Ele só pareceu ficar mais confuso.

— O Papai Noel é asiático?

— Sou adotada — expliquei. — Ele não é meu pai biológico.

Ele recuou na escada.

— Se vocês não derem o fora daqui agora mesmo, vou ligar para a *polisen*. Polícia, entendeu?

Polícia? Ai. Chamei em voz fraca:

— Papai...

Ele respondeu da sala de estar:

— Quase terminando aqui, Natty! Pegue alguns biscoitos para mim e vamos pular de volta no trenó.

— O trenó — repetiu o garoto.

— Ah, hum... Um trenó é como... uma caruagem? É como o Papai Noel viaja.

Ele me fuzilou com os olhos.

— Eu sei o que é um trenó.

— Está estacionado na neve — falei. — Se não acredita em mim, vá olhar.

Ele correu para a janela e olhou para fora. Virou-se de novo com os olhos mais arregalados ainda e deslizou para o chão. Fechou os olhos e sussurrou:

— Isso não é verdade. Estou sonhando.

Belisquei seu braço com tanta força que ele gritou.

— Viu? Você não está sonhando.

Ele esfregou o braço.

— Isso não prova nada.

Foi então que notei o ramo de visco acima de nossas cabeças. É a minha chance, pensei. Então eu o agarrei e o beijei, e ele tinha gosto de doce de Natal sueco.

Então ouvi alguém pigarreando e um “ho, ho, ho”, e nós nos separamos. Os olhos do garoto pareciam prestes a saltar das órbitas quando ele viu Noel, em todo seu glorioso veludo vermelho.

— Hora de ir, Natty — disse Papai.

— Você existe mesmo — sussurrou o garoto.

— Existo, sim, e sei quando vocês são maus ou bonzinhos — brincou Papai, mas claro que foi constrangedor.

Ele me arrastou para fora, e o garoto correu para a janela e gritou:

— Meu nome é Lars! E o seu?

— Natalie! — gritei de volta.

Quando penso nisso, percebo que foi a primeira vez que me apresentei a alguém. Conheço todo mundo no Polo Norte desde que era bebê, e todos me chamam de Natty, porque é como Noel me chama. Aquela foi a primeira vez que fui Natalie.

Ainda estamos de pé junto à mesa de bebidas quando meu pai entra na festa saltitando,

acenando e fazendo “ho, ho, ho”. Os duendes vão à loucura. Eles normalmente não são dados a grandes manifestações de emoção, mas abrem uma exceção quando se trata de Noel. Ele é como um astro do rock para os duendes.

— Feliz primeiro de dezembro! — exclama Papai.

— Feliz primeiro de dezembro! — gritam todos de volta.

— Vocês têm trabalhado tanto, e estou tão orgulhoso... Vai ser bem puxado para terminarmos tudo a tempo, mas vamos conseguir, como conseguimos todos os anos. Aproveitem a noite! E amanhã, mãos à obra!

Todos aplaudem, e Papai olha em torno da multidão.

— Onde está a minha Natty? Natty, venha aqui e diga alguma coisa para as tropas.

Estou sem a menor vontade, mas os duendes me puxam para a frente e me põem ao lado de Papai, que me abraça e me olha do mesmo jeito de sempre, com adoração e orgulho. Esfrego as manchas que se formam na frente do meu vestido. Que bom que ele é da mesma cor do ponche.

Papai sorri para mim.

— Diga alguma coisa, Natty.

O que devo dizer? Sou apenas a filha do chefe.

— Hum... Feliz Natal! — digo, e todo mundo aplaude por educação.

Papai faz um sinal para a banda de duendes, que começa uma versão animada de “Last Christmas”, a canção de Natal favorita dele. Todos os duendes acham que sua favorita é a versão de Elvis para “Santa Claus is

Coming to Town”, mas eu sei a verdade. Papai ama a dupla Wham!.

— Dance com seu bom e velho pai, Natty — diz ele, pegando minha mão.

Ele me conduz em um foxtrote, e me esforço para acompanhá-lo. Sinto todos os duendes nos observando, sentindo pena de mim por estar ali dançando com meu pai e não com um namorado de verdade.

— Aposto que todo mundo quis dançar com você esta noite. Natty, o que você quer de Natal?

Não posso dizer o que quero, porque é a única coisa que ele não pode me dar, e ainda ficaria de coração partido.

— Na verdade, não pensei nisso — minto.

Papai me lança um olhar desconfiado e dá um tapinha no meu ombro antes de me girar. Você deve estar pensando que eu não seria

tão boba a ponto de mentir para o Papai Noel.

— Minha querida, acredite se quiser, mas acho que você vai ganhar exatamente o que quer.

Quero acreditar. Quero desesperadamente acreditar.

Existem dois tipos de criança. As que acreditam e as que não acreditam. A cada ano, parece haver no mundo menos crianças que acreditam. Papai diz que não é fácil pedir a uma criança que acredite em algo que ela não pode ver, que isso em si é uma mágica. Diz que, se você tem essa mágica dentro de si, deve protegê-la por toda a vida e nunca deixar que se perca, porque, uma vez perdida, é para sempre.

Depois que a música termina, Papai deseja boa-noite a todos e volta para seu escritório. Quero segui-lo e dormir junto à lareira,

observando-o conferir a lista de Malvados ou Bonzinhos. Mas não vou, fico no Grande Salão, me movo no ritmo da música e observo todos os outros dançarem. Sondrine desliza para junto de mim e diz que gostou do meu vestido, e, embora eu saiba que é mentira, agradeço, porque ela está apenas tentando ser gentil. Pelo menos não fico ali sozinha. Sondrine me fala sobre um videogame de duendes dançantes que produziram no departamento de jogos, que vem com um tapete de dança antiderrapante. No início era uma brincadeira, mas aí todos gostaram de verdade da ideia e agora parece que ele vai terminar debaixo da árvore de Natal de algumas crianças.

Mas então Roan, um duende titereiro, chama Sondrine para dançar e ela vai com ele, sorrindo de orelha pontuda a orelha pontuda. Quando eu era pequena, prendia

minhas orelhas com fita adesiva para que criassem pontas. Não funcionou.

Elinor e Flynn estão dançando de novo.

Na semana passada, durante o almoço na oficina, Elinor me perguntou:

— Com quem você vai ao Baile da Neve, Natty?

Houve um longo silêncio. Então respondi:

— Com ninguém.

— Ah — disse ela, e havia tanta pena naquela única sílaba que não aguentei.

Engoli um pedaço de bolo de carne de alce e falei:

— Pensei em convidar aquele garoto que conheci, que mora na Suécia, mas...

— Quem você conhece que mora na Suécia? — perguntou ela.

Quando lhe contei a história de Lars, de seu cabelo amarelo e do doce sueco, os olhos dela se estreitaram daquele jeito que ela faz quando não acredita em alguma coisa.

— Hummm — fez ela. Depois questionou: — Então por que essa é a primeira vez que ouvimos falar dele? — Elinor correu os dedos pelo cabelo prateado. — Parece que vocês dois tiveram uma ligação forte.

Mordi o lábio.

— Tivemos uma ligação forte, sim. Mas nós... perdemos contato. Nem tenho mais o endereço dele.

Nunca tive o endereço. Nunca mantivemos contato.

— Acho que você deveria encontrar esse garoto, Natty. Ver se é o seu destino. — Então ela chamou: — Flynn! Você poderia procurar o endereço de um garoto sueco

chamado Lars? Ele deve ter entre quinze e dezessete anos.

Como ele não respondeu, Elinor chamou de novo:

— Flynn!

— O que foi? — respondeu ele, por fim.

Com a voz doce como açúcar, ela falou:

— Precisamos que você procure um garoto chamado Lars, da Suécia. Natty, você lembra o que ele pediu de Natal? Podemos cruzar as informações do pedido com a lista de garotos suecos louros chamados Lars.

Flynn tirou os fones de ouvido e apontou para o relógio na parede, que fazia a contagem regressiva. Faltavam vinte e quatro dias para a véspera de Natal.

— Vocês deveriam voltar ao trabalho, se querem bater as metas de hoje.

— Não seja tão ranzinza — disse Elinor.

Ela foi até os computadores e afastou Flynn com uma cotovelada, inclinando-se sobre o teclado. Seu cabelo sedoso roçou na bochecha dele.

— Muito bem, eu tenho o ano, o primeiro nome, a cor do cabelo, o brinquedo e o país de origem. Natty, você disse que ele morava perto do mar?

Fiz que sim com a cabeça.

Ela digitou um pouco mais.

— Hum... Não estou encontrando nada.

— Talvez não tenha sido Suécia. Talvez seja Noruega. Ou Finlândia. Pode ter sido Finlândia.

Eu percebia o desespero na minha voz, e claro que eles também ouviam, o que era péssimo.

Elinor endireitou as costas.

— É melhor eu voltar ao departamento de espingardas de brinquedo. Desde que eles

começaram a passar *Uma história de Natal* na TV o dia todo, as crianças só pedem isso.

Quando ela se foi, Flynn me perguntou, com um sorriso forçado:

— Você inventou essa história, não foi?

— Não inventei nada — rebati. — Eu estava dizendo a verdade! Achei que você fosse meu amigo, e isso significa que deveria acreditar em mim.

— Eu sou seu amigo, Natty. E, como amigo, estou lhe dizendo que você não deveria inventar histórias que qualquer um pode facilmente provar não serem verdade.

— Não estou inventando. Existe *mesmo* um garoto chamado Lars! Não sei por que ele não está no banco de dados, mas tem que haver uma explicação. — Dei um suspiro profundo. — E queria que todo mundo parasse de me chamar de Natty. Meu nome é Natalie.

— Sinto muito. Para mim, você não é Natalie. Parece tão... adulto.

— Bem, não sou mais uma garotinha — falei, baixando a cabeça na mesa.

— Se você diz...

Fiquei ali sentada com a cabeça na mesa, observando-o trabalhar. Ele fica com um ar muito intenso quando trabalha. A cabeça prateada inclinada sobre um brinquedo, os olhos estreitados de concentração. Quando está trabalhando, Flynn não gosta de ser perturbado. Nenhum duende gosta.

Perguntei para as costas dele:

— Quem... quem você vai levar ao Baile da Neve, Flynn?

Prendi a respiração. “Não diga Elinor. Qualquer uma, menos Elinor.”

Ele hesitou. E então, sem se virar, respondeu:

— Elinor.

Senti algo em mim murchar.

— Por quê?

— Porque eu sempre vou com ela.

— Ah. Certo. Claro.

Se eu tivesse convidado Flynn e não apenas insinuado, será que ele teria dito sim? Teria mudado as coisas? Ou seria igual a todos os anos?

Flynn, o duende mais bonito de todos. E eu, no Baile da Neve. Minha imaginação é fértil, mas até eu tenho dificuldade em visualizar isso.

Nós dois ficamos calados. Calados demais. Eu tinha que falar porque, se não falasse, iria chorar, e não ia deixar que isso acontecesse.

Eu me levantei e fiquei em pé atrás de Flynn. Tentei ficar alta, tão alta quanto um duende. Ombros para trás, queixo erguido. Para cima, para cima, assim as lágrimas não cairiam. Tão para cima que eu olhava para o

teto e não para a frente. Pigarreei e minha voz saiu embargada.

— Acho que você deveria ser bem dramático no banheiro. Torneiras douradas e azulejos pretos. Também acho que aquela escada que você projetou é meio antiquada.

— Já falei para você que é uma casa de boneca dos anos 1950.

Flynn estava irritado, mas eu também sabia que estava aliviado. Por eu não insistir no assunto. Dele com ela.

Inclinei-me para perto dele, tão perto quanto Elinor tinha estado. Senti o cheiro de seu cabelo, que recendia levemente a pinheiro.

— E eu estou lhe dizendo que essa casa precisa de um toque mais feminino. Está árida demais.

Outra coisa que duendes odeiam: ser criticados.

— Você pode me deixar trabalhar em paz, por favor? — pediu ele.

— Não até você dizer que acredita em mim em relação ao Lars.

— Não vou dizer que acredito em algo em que não acredito. — Flynn finalmente virou a cabeça para mim. — Tenho trabalho a fazer, Natty. Quero dizer, Natalie. Todos nós temos. A véspera de Natal é...

— Eu sei. Daqui a vinte e quatro dias.

Flynn assentiu, satisfeito por eu entender, por estarmos falando a mesma língua, ambos cientes da magnitude dos vinte e quatro dias. Ele se virou de novo para o computador.

— Você quer dizer que todos aqui têm trabalho, menos eu? — perguntei.

Flynn se virou de novo. Parecia perplexo quando disse:

— Não, não é isso que estou dizendo...

— Meu pai diz que minha contribuição para a fantasia da vaqueira foi inspirada. Ele... ele falou que foi a roupa mais pedida entre garotas de cinco a sete anos, então não ouse menosprezar o que eu faço. E, para seu governo, eu não estava mentindo quando falei do Lars. Ele existe mesmo, e foi meu primeiro beijo. Não ligo se ele está ou não no banco de dados.

Dei meia-volta e saí antes que ele tivesse a chance de dizer outra palavra. Eu sabia o que tinha feito. Arrumei uma briga com meu único amigo porque estava zangada. Zangada por Flynn ter escolhido Elinor. Zangada por não ter sido eu.

Era idiotice minha ficar surpresa. Duendes e humanos não namoram. É só duende com duende. Eles se casam, têm filhos e o Polo Norte continua funcionando, as crianças continuam ganhando seus brinquedos e

todos ficam felizes. Sempre foi assim. Nada nunca muda por aqui.

Até consigo ver, daqui a alguns anos. Ela em um vestido de noiva prateado, feito para combinar com seu cabelo, uma coroa de hera na cabeça; ele, alto e magro; os dois juntos diante da árvore do matrimônio, no lugar onde todos os duendes do Polo Norte se casam. Claro que ele vai amá-la. Claro que vai se casar com ela. A quem mais ele amaria? Não a mim, claro. Não sou uma duende. Não sou como eles.

Saí do Grande Salão para tomar ar fresco, mas então continuei andando.

Agora o ar sempre tem cheiro de hortelã. A fábrica de doces fica na porta ao lado, e os

duendes confeitheiros estão trabalhando sem intervalo.

Está nevando, claro. Aqui, sempre há neve no chão. Ela faz com que tudo pareça coberto de diamante. Uma característica da neve é que ela é muito silenciosa. A atmosfera fica calma. Como em uma igreja.

É sagrado.

Está escuro, mas sempre fica escuro nessa época do ano. Não veremos o sol por semanas. Os duendes não se importam porque esse é o hábitat deles, mas Papai se preocupa com que eu tenha algum distúrbio por causa da ausência das estações, então, na nossa casa, há lâmpadas de terapia de luz por toda parte.

O som das minhas botas triturando o chão é a única coisa que ouço além das batidas do meu coração enquanto ando pelo caminho que leva do Grande Salão até a nossa casa. E

então, nesse silêncio, escuto Flynn chamar meu nome:

— Natty, espere!

Congelo. Quando me viro, ele já me alcançou e está parado ali, sem casaco. O frio não incomoda os duendes. Olho para ele com cautela.

— Você está aqui para me dar um sermão sobre a felicidade do Natal e bom humor?

— Não. Só queria ter certeza de que você estava bem.

— Ah. — Então reuni toda a minha coragem e simplesmente perguntei, porque eu tinha que saber: — Por que tem que ser ela?

— É só um Baile da Neve, Natty.

Mas não é. Ele sabe disso, e eu também sei.

Flynn ergue os olhos para o céu, para a Estrela do Norte acima de nós. Polaris é o nome dela. Um ponto fixo. Mais precisa do

que qualquer bússola. Você sempre sabe onde está quando olha para ela. Em casa.

— O Polo Norte celestial está mudando, sabia? É por causa das forças gravitacionais do sol e da lua. Polaris não vai ser para sempre o que é agora.

Estou prestes a falar quando ele me pergunta:

— Às vezes você pensa no futuro, Natalie?

Fico arrepiada ao ouvi-lo dizer meu nome. Tanto que não respondo, para que ele tenha que repetir.

— Natalie?

— Só penso no futuro em termos de quantos dias faltam para o Natal — digo.

Não mais do que trezentos e sessenta e quatro dias à frente. Nunca me ocorreu que alguém pensasse de outro modo. Sobretudo os duendes. Mas acho que Flynn é diferente. E acho que sempre soube disso. É por isso

que somos amigos. É por isso que ele sabia que eu não estava bem e me seguiu até lá fora para checar. O que quer que sejamos, sempre seremos amigos.

Penso que esse talvez seja o momento certo de lhe dar o pintarroxo. Toco-o em meu bolso. E então Flynn diz:

— Você não pertence a este lugar.

Suas palavras me atingem como uma bola de neve no rosto. Doem, mas são verdadeiras. O pintarroxo desliza pelos meus dedos, para o fundo do bolso.

Flynn ainda está falando:

— Às vezes me pergunto quão diferentes seriam as coisas se você não estivesse aqui. Acho que talvez *eu* fosse diferente.

Franzo a testa.

— O que você quer dizer?

— Não sei. Tipo... Se você não estivesse aqui, talvez eu não imaginasse como é o mundo fora do Polo Norte.

Eu o dispenso com um gesto.

— Flynn, não é nada de mais. Vi o mundo há duas vésperas de Natal e estou lhe dizendo: o que temos aqui é melhor do que qualquer coisa lá fora. Temos gemada todos os dias! Balas, chocolate quente e aquelas tortas de marshmallow com pontinhos vermelhos.

— Tenho certeza de que eles também têm essas coisas. Você vai ver. Vai acabar indo embora algum dia — diz ele, e isso soa como uma premonição. — Você vai parar de acreditar.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Eu não. Nunca vou parar. Nunca, nunca, nunca.

Ele balança a cabeça, teimoso.

— Um dia, você vai, e então vai esquecer tudo sobre nós.

— Pare de falar isso!

— Tudo bem. É assim que tem que ser.

Não gosto do olhar triste em seu rosto; ele pesa em mim de um jeito diferente e estranho. Nunca conversamos assim antes. Não gosto de como me sinto — real demais. Mais que depressa, tiro o pintarroxo do bolso e o entrego a Flynn.

— Tome. Feliz Natal.

Ele ergue o pássaro contra o luar e o examina.

— É o seu melhor trabalho — diz e, vindo de um duende, não existe elogio melhor. — É lindo.

— Obrigada.

Mais rápido do que posso piscar, rápido como só um duende pode ser, ele toca minha bochecha com as pontas dos dedos, um

toque suave e frio. Prende meu cabelo atrás da orelha. E então uma inspiração aguda, minha mesmo. Isso está acontecendo de verdade?

Eu me inclino para perto dele, fecho os olhos e aperto os lábios. E nada.

Abro os olhos.

— Hum... Você ia me beijar?

— Eu... não posso.

— Por que não?

Ele hesita e depois diz:

— Não quero que ninguém sofra.

— Você não vai me fazer sofrer — falo depressa.

Flynn balança a cabeça.

Percebo que ele continuará decidido. A resposta é não. Então eu digo minha palavra mágica, minha carta na manga, a única coisa que um duende não pode recusar:

— É o meu pedido de Natal, Flynn.

Ele abre e fecha a boca. Tenta não sorrir.

— Como é que você sempre encontra um jeito de conseguir o que quer? — Antes que eu diga alguma coisa, ele acrescenta: — Não responda. Apenas... feche os olhos.

Obedeço.

— Natalie...

— Sim?

— Não era você que eu temia que sofresse.

Antes que eu consiga pensar sobre isso, ele levanta meu queixo e roça os lábios nos meus. Os lábios de Flynn não são gelados como imaginei; são quentes. Ele é quente. Mas por que não está tremendo de frio? Quando abro os olhos de novo para perguntar, ele já se afastou de mim.

— Também tenho uma coisa para você — diz.

Estendo minha mão enluvada. Ele põe um pedaço de papel nela e então vai embora. E

me deixa pensando se imaginei tudo o que aconteceu. Morando onde moro, às vezes pode ser difícil reconhecer a diferença entre a magia e o faz de conta.

Abro o pedaço de papel.

Lars Lindstrom

10 Osby

É UM MILAGRE DE YULE, CHARLIE BROWN

STEPHANIE PERKINS

Marigold adorava esse terreno cheio de árvores de Natal. Para começar, era mais iluminado (e talvez até *mais quente*) do que o apartamento da mãe. O fogo estalava dentro dos barris de metal. Fios com lâmpadas se entrecruzavam no alto. E, ao lado da entrada, havia um boneco de neve gigante de plástico que brilhava em laranja vibrante. O cachimbo dele soltava fumaça de verdade.

Ela adorava o aroma forte e verde dos pinheiros e o *creque-creque* das lascas sob os

pés. Adorava os homens de camisa de flanela levantando árvores para colocá-las em caminhonetes e sedãs, amarrando-as com barbante tirado direto dos bolsos. Como magia. Adorava a cabana improvisada de madeira com a caixa registradora barulhenta. As paredes da cabana eram decoradas com grinaldas e guirlandas, e do teto pendiam ramos de visco com frutinhas brancas, como estalactites. E o que ela mais gostava era de procurar a árvore perfeita.

Alta demais, baixa demais, volumosa demais, fina demais. Perfeita.

A família de Marigold Moon Ling ia para lá havia anos, desde que ela era capaz de lembrar. Mas, naquele ano, Marigold ia sozinha. Com frequência. Durante um mês inteiro. Afinal, como se pede um favor estranho a um estranho? Ela vinha lutando com essa pergunta desde a sexta-feira seguinte ao Dia de

Ação de Graças, mas ainda não tinha descoberto uma boa resposta. E não havia mais tempo. O solstício era no dia seguinte, e Marigold tinha que agir naquela noite.

Marigold estava ali... por causa de um garoto.

Deus. Isso soava mal até em sua mente.

Mas não estava ali porque *gostava* dele, desse garoto que vendia árvores de Natal. Estava ali porque *precisava* de uma coisa dele.

Claro, ele era bonito. Isso precisava ser reconhecido. Não dava para ignorar, o garoto era um exemplar atraente do sexo masculino. Só não era o tipo dela. Ele era... *bruto*. Carregar árvores o dia todo dava certa definição à musculatura. Marigold gostava de rapazes interessados em atividades mais artísticas e em ambientes *fechados*. Ler as obras completas de Kurt Vonnegut. Cuidar

de um site respeitável de quadrinhos. Tocar baixo. Caramba, até mesmo jogar videogame. Essas eram atividades que costumavam levar a corpos fofinhos ou esqueléticos, e era desses tipos que Marigold costumava gostar.

Mas esse Garoto das Árvores de Natal tinha algo que os outros não tinham. Algo de que ela precisava e só ele podia oferecer.

Ela precisava da voz dele.

Na primeira vez que a ouviu, ela estava atravessando o estacionamento que ficava entre o prédio dela e o ponto de ônibus. Todo fim de ano, as Árvores da Família Drummond (“De propriedade e gerenciamento familiar desde 1964”) ocupavam o canto nordeste do estacionamento, que pertencia a um supermercado. Era o destino mais popular para a compra de árvores de Natal em Asheville. Havia vários lugares assim nas

montanhas da Carolina do Norte (era a região das plantações de árvores de Natal, afinal), e, para se destacar, os Drummond ofereciam simpatia, tradição e clima agradável. E sidra quente de maçã orgânica de graça.

Asheville adorava coisas orgânicas. Era esse tipo de cidade.

A voz do garoto fez Marigold congelar. Ele estava descarregando árvores finas e embaladas da caçamba de um caminhão e gritando instruções para outro funcionário. Marigold se agachou atrás de uma minivan estacionada e espiou por cima do capô como uma péssima espiã. Ficou chocada com a juventude dele. Parecia ter a idade dela, mas a voz que ele emitia era espetacularmente imprópria para a idade. Era grave, confiante e sardônica. Parecia poderosa demais para o corpo. A cadência era cansada e desdenhosa,

mas, de alguma forma, havia uma porção significativa de calor e humor por baixo de tudo.

Era uma voz boa. Uma voz *legal*.

E era exatamente o que faltava para o projeto dela naquele momento.

Marigold fazia curtas de animação de comédia. Fazia para si mesma, por diversão, desde o ensino fundamental, e, quando lançou um canal oficial no YouTube no ano anterior, o último dela no ensino médio, já tinha prática e talento suficientes para chamar a atenção de milhares de espectadores. Atualmente, estava tentando chamar a atenção de um dos muitos estúdios de animação em Atlanta.

Ela mesma fazia a maioria das vozes e, às vezes, tinha ajuda dos amigos (no ano anterior) ou dos colegas do restaurante da mãe (este ano). Mas esse filme... era importante.

Seria o presente de solstício de inverno da mãe e sua despedida da cidade. Marigold estava desesperada. Não sabia por quanto tempo mais conseguiria morar ali.

Ela precisava da ajuda desse garoto, e tinha que ser naquele momento.

Era uma noite agitada e incomum. Marigold procurou por entre as árvores — com a sidra quente de maçã orgânica entre as mãos, pois não era imune à atração da bebida — e colocou os ouvidos em alerta para os sons de crianças rindo e serras elétricas. Em qualquer outro contexto, essa combinação seria preocupante. Ali, era positivamente alegre. Ou teria sido se o estômago dela não estivesse dando um nó de pavor, como se aquilo fosse um filme de terror.

— Posso ajudar em alguma coisa?

Ali. No canto. Marigold não conseguiu ouvir a resposta do cliente, mas o que o garoto disse em seguida era suficiente.

— Tudo bem. É só chamar um de nós quando tiver escolhido.

Ela seguiu na direção da voz, sabendo que a única forma de o encontro acontecer seria se colocar na frente dele o mais depressa possível, para que eles fossem obrigados a interagir. Era covarde, sim. Mas era a verdade. Ela se apressou entre as fileiras de árvores de dois metros de altura, recém-cortadas e cheias de folhas saudáveis. O garoto dobrou a esquina primeiro.

Ela quase deu de cara no peito dele.

Ele levou um susto. Então viu o rosto dela e levou outro susto.

— Você já esteve aqui.

Aí foi a vez de Marigold ficar surpresa.

— Esse cabelo. — Ele indicou a trança grossa e estilosa que ela usava como se fosse uma faixa. O resto do cabelo preto como carvão também estava preso. — Eu reconheceria em qualquer lugar.

Era verdade que a trança era marca registrada dela. Uma vez, um garoto sexy de vinte e poucos anos com uma cicatriz na sobrancelha disse que a achava bonita. Ela se *sentia* bonita com a trança. Mas não se sentia tão bonita naquele momento. Sentia-se como alguém prestes a vomitar.

— Sabe — disse ele enquanto ela ficava em silêncio —, a maioria das pessoas só precisa comprar árvore de Natal uma vez.

— Eu moro ali. — Marigold apontou para o prédio ao lado. — E pego o ônibus lá. — Ela apontou para a rua ao lado do supermercado.

— Ah. Então não vou atrapalhar você.

Mas não saiu do lugar.

— Não estou indo para o ponto de ônibus.

— Então... você *veio* comprar uma árvore?

Ele olhou para Marigold como se ela fosse meio maluca. Mas pelo menos não pareceu frustrado. Os olhos e cabelo castanhos lembravam chocolate derretido. Ele era ainda maior de perto, com braços e peito ainda mais largos. Estava usando uma camisa de flanela vermelha xadrez com as mangas dobradas, o uniforme da loja Árvores da Família Drummond. Ele era um Drummond ou um funcionário?

Não que Marigold não quisesse uma árvore. Ela queria. Queria mesmo. Mas a mãe estava economizando para uma casa nova, e ela estava economizando para um apartamento só dela em Atlanta. Seu cérebro procurou outra forma para contornar a situação. Ela precisava de tempo para avaliá-lo e

para mostrar que era um ser humano perfeitamente normal antes de fazer a pergunta assustadora. Infelizmente, a árvore parecia ser sua única opção.

— Sim — disse ela. — Quer dizer, *talvez*. — Era melhor esclarecer isso desde já. — Eu queria saber se vocês têm algum... sabe... Charlie Brown?

Assim que fez a pergunta, ela se sentiu sem graça e envergonhada. E mais envergonhada por *sentir* vergonha. Mas o garoto abriu um sorriso inesperado. Ele saiu andando, e Marigold foi atrás. Ele a levou até um grupo de árvores em miniatura ao lado da caixa registradora. Elas iam até os joelhos de Marigold.

— Elas são tão... pequenas.

Era difícil não parecer decepcionada.

— Desculpe — disse ele. — Mas você pediu ou não o especial dos *Peanuts*?

Uma empolgação tomou conta dela ao ouvir a voz dele de novo, tão de perto. Superior e distante, mas sem dúvida com aquele tom paradoxal da diversão simpática. Devia fazer com que ele se safasse na hora de dizer todo tipo de grosseria.

Marigold podia entrar no jogo.

— A árvore do Charlie Brown era patética — disse ela —, mas era quase do tamanho dele.

— É. E ele era baixinho.

Marigold não pôde evitar um sorriso.

— Que tal alguma coisa um pouco maior... mas com um buraco grande, meio feia, sem muita chance de ser vendida? Você tem alguma coisa assim?

Os olhos do garoto faiscaram.

— Todas as nossas árvores são boas para venda.

— Ah, mas vocês devem ter pelo menos *uma* árvore feia.

Ele abriu os braços.

— Você está vendo alguma árvore assim?

— Não. É por isso que estou perguntando onde elas ficam.

O garoto esboçou um sorriso lento de raposa, e Marigold sentiu que ele estava gostando de ser desafiado verbalmente.

— Ah. Tudo bem. Talvez a gente tenha alguma coisa aqui. *Talvez*.

Ele andou na direção das árvores e a levou para a fileira perto da cerca de arame. Pararam em frente a uma árvore maior do que ela, mas menor do que ele. Exatamente na metade do caminho.

— Esta está aqui há alguns dias. Tem um buraco bem grandinho aqui. — Ele a pegou e virou a parte de trás para a frente. — E outro

aqui em cima. Mas você pode virá-los para a parede...

— Que nem vocês fizeram?

Ele deu outro sorriso malicioso.

— E ela ainda pareceria inteira para qualquer pessoa que entrasse na sua casa.

Uma família barulhenta estava andando pela fileira ao lado: a mãe, o pai e uma filha. A garota apontou para a árvore mais alta da loja. Era maior do que tudo no entorno, tinha pelo menos seis metros.

— Podemos comprar *aquela*? — perguntou ela.

Os pais riram.

— Precisaríamos de uma sala bem maior — disse a mãe.

— As pessoas *têm* salas grandes assim?

— Algumas — respondeu o pai.

— Quando eu crescer, vou ter uma sala grande assim, para poder comprar a árvore mais alta daqui todos os anos.

As palavras atravessaram o ar e o coração de Marigold. Lembranças de sua infância ali, da mesma declaração feita ao pai, tomaram conta dela. O ano anterior tinha sido o primeiro em que a família não comprara uma árvore. A melancolia se transformou em saudade quando Marigold percebeu... *que queria uma*. Desesperadamente. Ela tocou na Charlie Brown alta e deixou que os dedos percorressem os galhos.

— Até que gostei *mesmo* dela...

Ela virou o cartão preso à árvore e fez uma careta.

— Ah, esse é o preço antigo — disse o garoto. — Posso tirar dez dólares.

Ainda era bem mais do que sua mãe ficaria feliz em gastar.

— Eu levaria pela metade do preço.

— Por uma árvore desse tamanho? Você está maluca.

— Você disse que ela está aqui, encalhada, há vários dias.

— Eu falei *alguns* dias. Não vários.

Ela o encarou.

— Tudo bem. Eu tiro quinze dólares.

— Metade do preço. — E, ao ver que ele pareceu exasperado, acrescentou: — Veja, é só o que *posso* pagar por ela.

O garoto avaliou isso. Avaliou *Marigold*. A intensidade nos olhos dele tornou difícil para ela retribuir o olhar, mas ela se recusou a ceder. Tinha a nítida sensação de que estava prestes a ganhar um desconto.

— Feito — resmungou ele, por fim. Mas com um certo prazer.

— Obrigada — disse Marigold, do fundo do coração, enquanto ele levantava a árvore.

— Vou dar uma renovada no tronco enquanto você paga. — E gritou: — Mãe! Cinquenta por cento nessa de etiqueta laranja!

Então ele *era* um Drummond.

A mãe dele, uma mulher com rosto alegre, mas com cicatrizes de acne, estava dentro da cabana de madeira. Ela ergueu os olhos de um livro com as sobrelanceiras arqueadas.

— Ah — disse ela quando Marigold se aproximou. — Tudo faz sentido de novo.

— Como? — perguntou Marigold.

Uma serra elétrica ganhou vida ali perto.

A mulher deu uma piscadela.

— É difícil arrancar um desconto do meu filho.

Marigold demorou um instante (ela estava distraída pela pergunta que ainda precisava fazer), mas, quando entendeu o que a mulher quis dizer, suas bochechas coraram.

— Nossos clientes costumam sair com *mais* árvores do que previam.

A voz da mulher era agradável, mas normal, embora com um toque campesino que a do filho não tinha.

— Ah, eu nem ia comprar uma árvore — disse Marigold rapidamente. — Então isso com certeza é mais do que eu previa.

A mulher sorriu.

— É mesmo?

— Ele é um bom vendedor.

Marigold não sabia bem por que se sentiu compelida a proteger a reputação do garoto com a mãe. Talvez por estar prestes a pedir um favor a ele. Ela pagou em dinheiro, ansiosa para fugir daquela conversa, mas com medo da que teria em seguida. Seu estômago deu outro nó, como se estivesse cheio de tentáculos.

Ela olhou para o celular. Eram quase oito horas.

A serra elétrica parou, e, logo depois, o garoto foi na direção dela com a árvore nos braços. Ela teria que pedir a ele. Teria que pedir a ele naquele...

— Qual desses é seu carro? — perguntou ele.

Merda.

Eles perceberam na mesma hora.

— Você não tem carro — disse ele.

— Não.

— Veio andando até aqui.

— Foi.

Eles ficaram se olhando por um momento.

— Tudo bem — disse Marigold. Como ela podia ter esquecido que teria que levar a maldita árvore *para casa*? — Eu consigo carregar.

— Isso é ridículo.

— Não, tudo bem. *Aquele* é o meu apartamento. Bem ali.

Marigold apontou para a única janela preta do prédio vizinho. Todas as outras exibiam árvores ou menorás. Todas as varandas tinham luzes pisca-pisca enroladas nas grades, bengalas cintilantes ou enfeites iluminados com os dizeres *Feliz Natal*.

— Aquele é o seu? — perguntou ele. — O escuro, no alto?

— É.

— Estou olhando para aquele apartamento há semanas. É tão deprê.

— Você deveria ver lá dentro — brincou Marigold, pois *ninguém* via o apartamento dela por dentro.

— Acho que vou ter que ver.

— O quê? — Marigold ficou preocupada. — Por quê?

— Você não chegaria nem na metade do caminho. Esta árvore é pesada. Difícil de equilibrar.

Para demonstrar, ele mudou a árvore de posição e grunhiu. A árvore toda tremeu. Mas Marigold estava encantada pela forma como ele disse *equilibrar*. Fantasiou uma situação em que ele ditava uma lista infinita de palavras suculentas.

Inócuo. Sousafone. Crepuscular.

Marigold voltou ao presente. Odiava se sentir incapaz, mas precisava mesmo da ajuda desse garoto, e agora precisava de *duas* maneiras. Ela enfiou os braços entre os galhos e segurou o tronco, puxando-o para si. Torcendo para ele puxar de volta.

— Tudo bem — disse ela. — Já peguei.

— Solte.

— É sério. Sou mais forte do que pareço.

— Solte! — Ele puxou com força. — Já!

Marigold soltou. Fingiu parecer chateada.

— Desculpe — disse ele em seguida, e realmente parecia arrependido. — Mas vou mais rápido sem você puxando a árvore para baixo.

Marigold manteve as mãos levantadas.

— Se você diz...

— Sou bem mais alto do que você. O equilíbrio seria desigual — explicou ele. Ela deu de ombros enquanto ele gritava para a mãe: — Volto em quinze minutos!

A mãe apertou os olhos, desconfiada.

— Você vai fazer um intervalo?

— Vou ajudar uma cliente.

— Você vai fazer um intervalo? — perguntou ela de novo.

Ele suspirou.

— Vou, mãe.

Marigold saiu andando atrás dele, que estava com dificuldades para sair do

estacionamento. Ela se sentia uma idiota e bastante culpada.

— Você não deveria estar fazendo isso.

— Você está certa. Eu não deveria.

Passou um vento gelado, e Marigold empurrou o cachecol tricotado com uma das mãos e segurou a saia de lã com a outra. Estava feliz por usar uma meia-calça bem grossa.

— Obrigada — disse ela. — Não sei como agradecer.

O garoto grunhiu.

Mas foi um grunhido simpático, então ela perguntou:

— Qual é seu nome?

— North.

— Hum. — Aquilo era surpreendente. — Então... sua mãe também é hippie. Eu não teria adivinhado.

— Por quê? — Ele parou para olhar para ela, e choveram agulhas de pinheiro na calçada. — Qual é seu nome?

— Marigold. Marigold Moon.

North sorriu.

— Isso é a cara de Asheville.

— Nascida e criada.

— Meus pais não são hippies — disse ele, voltando a andar. — Sou North por causa do Polo Norte. Infelizmente. Meu irmão se chama Nicholas e minha irmã é Noelle.

— Uau. Nossa. Isso é...

— Umas cem vezes pior do que o seu nome.

— Eu ia dizer que isso é que é *dedicação*.
Dedicação ao Natal.

Ele deu uma risada debochada.

Marigold sorriu, satisfeita por ter conseguido uma gargalhada.

— E onde fica a fazenda da família?

— Em Sugar Cove. — Ele olhou para ela, e ela deu de ombros. — Perto de Spruce Pine.

— Ah, tá — disse ela. — Já sei.

Fazia sentido. Havia um monte de fazendas de pinheiros lá, ao norte da cidade.

— Você sabe quanto Spruce Pine é pequena? — perguntou ele.

— O GPS mal a encontra.

— Bem, é Xangai em comparação a Sugar Cove.

Mais uma vez, Marigold levou um susto com as palavras que ele usou. Os avós maternos dela eram imigrantes de Xangai. Ele não tinha como saber isso, mas será que era a forma de dizer que supôs que ela fosse chinesa? A maioria dos americanos não asiáticos era péssima de palpite. Eles diziam japonesa, coreana ou vietnamita antes de chegar a chinesa. Como se tivessem medo de “chinês” ser um estereótipo e de estarem

falando besteira. Como se a China não fosse o país mais populoso do mundo.

Mas Marigold não tinha tempo para ficar pensando. Ele *finalmente* tinha dado abertura.

— Você não fala que nem caipira — disse ela.

— Você quer dizer que não falo que nem minha mãe.

Ela se encolheu. Mas mereceu aquela resposta.

— Desculpe.

A voz dele ficou grave.

— Eu falava. Foi preciso um esforço danado para parar.

Eles atravessaram na direção do condomínio e ela mostrou de novo o prédio onde morava. North grunhiu.

— Certo — disse ele. — Você tinha que morar no prédio mais atrás.

— E por que você parou? — perguntou ela, tentando voltar ao assunto.

— Porque o pessoal da cidade grande ficava me chamando de “caipira” e tirava conclusões sobre a minha inteligência.

Aquilo não estava indo bem.

North largou a árvore ao pé da escada. Solto um suspiro exausto.

— Você. Ajuda. — Ele inclinou a árvore de lado. — Pegue aquela ponta.

Ela se adiantou para segurar a parte de cima. Com a diferença significativa de altura e força entre os dois, foram necessários vários passos desconfortáveis para que eles ajustassem o ritmo.

— Você *tinha* que morar no prédio de trás — disse ele. — *Tinha* que morar no último andar.

— E você *tinha* que me fazer — grunhiu Marigold — lamentar eternamente a sua ajuda.

Eles seguiram desajeitados pelo pequeno patamar em forma de U entre o primeiro e o segundo andar.

— Você não consegue ir um pouco mais depressa? — perguntou ele.

— Você não consegue ser um pouco mais simpático?

Ele riu.

— Falando sério, você é que nem um pepino-do-mar. E eu acho que eles são lentos porque foram batizados com o nome de um legume. Que simplesmente não se move.

Eles chegaram ao segundo andar e Marigold quase deixou sua ponta cair. North continuou se movendo.

— Desculpe — disse ela, se esforçando para acompanhar. — É difícil conseguir segurar direito.

— É uma árvore. Árvores são muito fáceis de segurar. O corpo delas todo é feito para segurar.

— Bem, talvez eu conseguisse segurar direito se você não estivesse empurrando tanto.

— Bem, talvez eu não tivesse que empurrar tanto se você conseguisse carregar a sua parte do peso.

— Isso nem faz sentido. — Marigold bateu com o cotovelo no corrimão do andar seguinte. — *Ai*.

North disparou para a frente e arrancou a árvore das mãos dela.

— AHHHHH! — gritou ele enquanto corria com toda a velocidade pelo último lance da escada, como um gladiador. Largou a árvore

no terceiro andar, e ela deslizou alguns metros para a frente.

— Mas que diabo foi isso? — gritou Marigold.

North sorriu.

— Foi bem mais rápido, não foi?

— Você quase arrancou meus dedos.

— Parece que eu não precisava da sua ajuda, afinal. Porque você não deu nenhuma. Ajuda. Você não deu nenhuma ajuda.

— Eu nem queria uma árvore de Natal. — Marigold olhou para ele com raiva. É isso, já chega. A dublagem estava descartada. — Você me convenceu a isso. A culpa é sua.

— Da próxima vez, escolha outro lugar para ficar à toa.

Ela colocou a árvore de pé e a empurrou para a porta do apartamento.

— Eu não estava à toa.

— O que está acontecendo aí? — gritou uma voz áspera lá de baixo.

Marigold fez uma careta.

— Desculpe, sra. Agrippa!

— Eu sabia que era você! Sabia que estava aprontando alguma coisa!

North ergueu uma sobrancelha.

Marigold apoiou a árvore na parede ao lado da porta, balançando a cabeça.

— Só estou trazendo uma árvore de Natal para casa, sra. Agrippa. Desculpe pelos gritos.

— Você não vai colocar na varanda, vai? Não quero que caiam folhas aqui. Não quero ter que limpar a sua sujeira.

North ergueu as duas sobrancelhas.

Marigold começou a procurar a chave na bolsa.

— Vai ficar dentro de casa, sra. Agrippa. Como todas as árvores de Natal normais — acrescentou ela baixinho.

A porta no andar de baixo foi fechada com uma batida.

— Ela é um doce — comentou North.

Marigold estava cansada daquela aventura irritante. Já bastava.

— Bem, obrigada. Agradeço por você ter trazido a árvore até aqui para mim, mas pode deixar que eu cuido dela agora. — Ela abriu a porta e acendeu a luz. — Boa noite.

Mas North não estava olhando para ela. Estava olhando para trás dela com olhos arregalados.

— E como exatamente você planeja carregar uma árvore para dentro *disso*?

Móveis, sacos e caixas estavam empilhados até o teto. Literalmente *até o teto*. Mesmo com as luzes acesas, o apartamento continuava escuro. Os objetos empilhados e pesados bloqueavam a maior parte da luz. E só havia um caminho entre eles, direto em frente, pouco mais largo do que uma pessoa.

— Você é uma acumuladora.

A voz de North estava impressionada e incrédula.

— Não sou uma acumuladora. E nem minha mãe.

— Então para que acumular tantas coisas, acumuladora?

O peito de Marigold se apertou como um espartilho vitoriano.

— É uma situação temporária. Estamos... nos mudando.

— E por que essas coisas não estão em um depósito?

— Porque depósitos custam dinheiro, e estamos economizando para nossa casa nova.

North não tinha resposta para isso. Uma expressão constrangida se formou no rosto dele, mas desapareceu rapidamente. De propósito. Talvez ele entendesse.

— Então... onde devo colocar a árvore?

— Já falei. Pode deixar que cuido dela a partir de agora.

— É óbvio que não vai cuidar. Ela nem passa por aí. — Ele indicou o caminho estreito. — E onde você planeja colocá-la?

Marigold foi tomada por uma sensação familiar de medo e humilhação. Como o tinha deixado subir até ali? Como pôde gastar dinheiro com uma coisa que elas precisariam jogar fora na semana seguinte? Algo que

nem cabia no apartamento. Sua mãe ficaria furiosa. O coração de Marigold disparou.

— Eu... eu não sei. Eu ia colocar em frente à porta de vidro de correr. Como todas as outras no prédio.

North esticou o pescoço pela entrada.

— A porta da varanda? A que fica bem ali na frente? A que está *atrás* daquela cristaleira?

— É. Talvez.

— Você é louca. Por que comprou uma árvore de Natal?

— Porque você é extremamente persuasivo!

North virou-se para olhar para ela. Por um momento, a expressão foi ilegível. E então... ele sorriu. Foi caloroso, de uma forma inesperada, e fez Marigold se sentir um pouquinho mais calma.

— O que você vai fazer então? — perguntou ele.

— Acho que... mudar algumas coisas de lugar?

A expressão no rosto dela era de dúvida, tanto quanto a pergunta. Afinal, Marigold e a mãe não tocavam em nada desde que tinham se mudado.

North deu um passo hesitante para dentro do apartamento. Enquanto coçava a nuca, o coração de Marigold despencou. Não deveria ficar constrangida — *Elas tinham um motivo para isso, caramba. Era tudo temporário, caramba.* —, mas estava.

— Isso é loucura — disse ele. — Não tem como ser seguro.

— Estamos aqui há um ano e nada caiu na gente até agora.

— Você mora nesse desfiladeiro da morte há *um ano*?

Ele entrou nas profundezas do apartamento. O caminho levava aos cômodos mais básicos e essenciais: a cozinha, o banheiro e os quartos.

— Desculpe. Não posso deixar você trazer minha árvore aqui para dentro — disse ele de um cômodo distante. — Ela morreria antes do Natal. E só faltam cinco dias.

— Não importa. A *minha* árvore só precisa viver até amanhã.

— O que tem amanhã? O dia em que a equipe de demolição chega?

— É o Yule. O solstício de inverno.

A cabeça de North surgiu atrás de uma pilha bamba de cadeiras de jantar.

— Você é uma bruxa?

Surpresa, Marigold explodiu em gargalhadas.

— Wicca? Uma bruxa wicca? — perguntou ele.

— Não.

— Pagã? Ou algum tipo de... neopagã?

Marigold balançou a cabeça.

— Druida? Sei lá, quem celebra o solstício?

— Qualquer pessoa pode celebrar. — Ela o seguiu mais para dentro. — É um fenômeno astronômico. *Científico*. O solstício de inverno é o dia mais curto do ano.

— Então você e sua mãe são... cientistas.

Marigold abriu um sorriso largo.

— Não. Minha mãe é definitivamente pagã.

— Então vou perguntar de novo: por que exatamente você comprou uma árvore de Natal?

— Porque eu *gosto*. Meu pai... — Marigold se obrigou a fazer uma pausa antes de prosseguir, com desconforto. — Ele comemorava o Natal. Minha mãe não, mas concordou em deixar que as árvores fizessem parte da nossa tradição porque são bonitas.

E naturais. Além disso, elas nem fariam parte do Natal se não fossem os pagãos que comemoravam o Yule. As árvores de folhas perenes foram ideia *deles* primeiro.

Ela esperava que North lhe chamasse a atenção por ficar tão na defensiva (Marigold sempre ficava na defensiva), mas as linhas na testa dele se suavizaram.

— E onde está seu pai agora? — perguntou ele.

Morto. Ele estava esperando que ela dissesse *morto*.

— Em Charlotte — respondeu ela.

— Ah. — North pareceu aliviado, mas só por um momento. — Divórcio?

— Eles nunca foram casados.

— Irmãos?

— Sou filha única.

— E onde está sua mãe?

Marigold achava que tinha deixado claro.

— Ela mora aqui, óbvio.

— Quer dizer, onde ela está *agora*?

Ela sentiu vergonha de novo, para logo depois se sentir frustrada.

— No trabalho. Ela trabalha no turno da noite.

Mas, assim que as palavras saíram de sua boca, Marigold ficou horrorizada. Ela tinha acabado de contar a um *estranho* que eles estavam *sozinhos*. Como podia ser tão burra?

Mas North só pareceu irritado.

— Então não tem ninguém aqui para nos ajudar. Maravilha.

— Como é?

Ele tirou uma mesa de canto marroquina azul-turquesa de cima de uma torre de móveis com o maior cuidado.

— Você vai ter que se afastar agora.

A frustração de Marigold estava crescendo em uma velocidade colossal.

— O quê?!

— Isso tudo pode ser reorganizado, mas vou precisar de bem mais espaço para trabalhar. Tudo nessa parte da frente — North indicou com a cabeça de um lado para outro — precisa ser movido para lá. — Ele indicou o corredor do prédio. — Você está no meio do caminho.

E então, seguiu em frente, fazendo-a recuar no próprio apartamento com a mesinha de canto marroquina que pertencia a ela.

Marigold ficou estupefata.

— O que você está *fazendo*?

— Ajudando você. — Ele colocou a mesinha ao lado da árvore de Natal. — É óbvio.

— Você não tem que voltar para o trabalho?

— Tenho. E é por isso que você vai continuar fazendo isso quando eu for embora. Uma coisa de cada vez, certo? — Ele

assentiu, respondendo à própria pergunta. — Certo. Volto quando meu turno acabar.

Marigold não sabia como ele tinha conseguido convencê-la a fazer isso. Nas duas horas que se passaram, ela ficou carregando cadeiras poeirentas, caixas sujas de papelão, sacos de lixo cheios de lençóis e cestas carregadas de tralhas para o corredor. A sra. Agrippa gritou com ela três vezes.

O que sua mãe diria quando voltasse para casa, no meio da madrugada, e descobrisse que o *apartamento inteiro* tinha sido reorganizado? E que Marigold havia deixado um *estranho* ajudar? Que tinha sido *sugestão* dele?

Se bem que... isso não era verdade. Não completamente.

Marigold achava que sabia por que tinha deixado que North a convencesse disso, e não era só porque pensava que *com isso* ela poderia pedir a ajuda dele para a dublagem. North foi a companhia mais divertida que ela teve em séculos, desde que os amigos foram estudar em universidades distantes no outono anterior. Com North, ela não sabia bem o que aconteceria depois. E, nos meses anteriores, Marigold soubera *exatamente* o que aconteceria. Uma mãe mal-humorada e deprimida e uma lista infinita de trabalho, aliviados só pela companhia silenciosa do computador, o mundo e as pessoas contidos nele.

North era real. North era *de carne e osso*.

E agora ela estava coberta de suor. Que ótimo.

Pouco depois das dez da noite, Marigold estava passando toalhas de papel nas axilas

quando ouviu os passos pesados de North na escada. Jogou rapidamente a toalha de papel no lixo e o cumprimentou à porta.

— Feliz solstício — disse ele, entregando a ela um suporte para a árvore.

— Nós *temos* um desses. Em algum lugar — acrescentou ela.

— Acredito em você. Acho que você tem um de tudo aqui. Mas não vou apostar nas nossas chances de encontrar.

Marigold não sabia se achava aquilo divertido ou irritante.

North passou por ela e entrou no apartamento.

— Obrigada, North — brincou ele.

Irritante. Ela cerrou o maxilar.

— Obrigada, North.

— De nada, Marigold. — Ele olhou ao redor com admiração. — Uau. Você tirou mais coisa do que eu imaginava.

— Como falei antes, sou mais forte do que pareço.

— Também ficou mais claro aqui.

Marigold não podia negar isso, mas... tudo ainda tinha que voltar lá para dentro. Ela queria poder jogar tudo fora.

— Você acha mesmo que dá para colocar tudo aquilo de volta aqui dentro? E com espaço para a árvore?

— Você parece duvidar. Por quê? Ainda não fiz nenhuma coisa questionável na sua frente.

Questionável. Era outra palavra boa. Mais do que gostar de *como* ele falava, ela gostava *do que* ele falava.

— Você fez algumas coisas questionáveis — disse ela.

— Cite uma.

— *Me* ajudar, uma pessoa que você nem conhece, de forma tão dedicada. É a definição de questionável no dicionário.

— Eu gostaria de contestar isso — rebateu ele, sorrindo —, mas não posso.

— *Por que* você está me ajudando?

Ele se virou para o apartamento, observou o espaço e avaliou os cantinhos.

— Porque tenho capacidade de organização superior. Sinto como as coisas podem se encaixar. Sou, tipo, um Tetris humano. É meu superpoder. É meu dever ajudar você.

Marigold cruzou os braços.

— Seu superpoder.

— Todo mundo tem pelo menos um. Infelizmente, a maioria das pessoas tem algum poder idiota, como ser o primeiro a ver um trevo-de-quatro-folhas. Ou adivinhar exatamente o peso de alguém.

Marigold se perguntou se aquilo era verdade. Era legal pensar que ela podia ter um superpoder, mesmo que fosse idiota, escondido dentro dela. Qual poderia ser?

— Tudo bem. — North levou-a de volta para o mundo real. — Enquanto carrego o resto desses móveis — ela não tinha conseguido tirar os itens maiores —, você vai precisar limpar essa área toda e passar o aspirador. Parece que oito gatos moram aqui. Você tem oito gatos?

— Tenho dezoito.

— Ah. Mas você tem um aspirador de pó? Marigold ergueu o queixo.

— Tenho, claro.

Embora fosse óbvio que elas não tinham conseguido usá-lo ali.

— A sra. Agrippa vai ficar zangada de ouvir você aspirando a essa hora?

— Muito.

Os olhos de North brilharam.
— Perfeito.

Marigold aspirou, se defendeu da vizinha e limpou as áreas recém-esvaziadas do apartamento enquanto North carregava os móveis. Ela não queria admitir que não tinha paninhos de limpeza (bem, elas *tinham*, mas só Deus sabia onde estavam guardados), então usou panos de prato de um dos sacos de lixo. Eram os panos decorativos que elas guardavam para quando recebiam visitas.

O apartamento tinha dois quartos, um banheiro, uma cozinha, uma sala de jantar e uma sala de estar. Quando os cômodos da frente ficaram vazios, North explicou o passo seguinte. Eles estavam no meio da pequena sala de jantar. Marigold nunca tinha ficado

em pé nesse pedaço específico de carpete antes.

— Como essa sala é separada das outras, vamos transformá-la no local de armazenamento. Devemos conseguir colocar quase tudo aqui, inclusive coisas dos quartos de vocês, e vamos empilhar o resto ao longo daquela parede — explicou, apontando para a parede mais longa da sala de estar.

Marigold franziu a testa.

— O segredo é a maneira como você guarda e empilha — disse ele. — O que vi quando cheguei foi um péssimo aproveitamento de espaço.

Ela entendia a lógica, mas, como vivia daquele jeito já havia um ano, ainda não conseguia imaginar nada diferente. Ou, precisava reconhecer, talvez não estivesse se *permitindo* imaginar. Talvez isso só levasse à frustração.

— Foi o pessoal da mudança que fez isso — explicou ela. — Eles que colocaram tudo aqui.

— Mas *vocês* deixaram.

Marigold estava envergonhada demais para responder à pergunta subentendida: *Por quê?* Ela nem sabia se entendia a resposta. Felizmente, North já estava andando pelo apartamento de novo.

— Vamos precisar das peças maiores e mais retas primeiro.

— Como a cristaleira?

— Exatamente.

Eles a carregaram juntos, desajeitados e fazendo barulho, mas assim que o móvel foi colocado em seu novo lugar Marigold se sentiu... mais leve. A porta de correr estava livre e desimpedida. Ela conseguia ver o lado de fora: o terreno das árvores de Natal, o mercado, o céu de dezembro. A lua crescente.

Podia sair para a varanda, se quisesse. Se não estivesse tão frio e ventando tanto.

E agora havia lugar para a árvore.

— O que mais? — Era difícil disfarçar a empolgação. — As estantes?

North balançou a cabeça negativamente.

— Isso aqui é uma cristaleira *vazia*. Terreno desperdiçado.

— Ah. — Marigold hesitou. Antes, a cristaleira guardava uma mistura de artefatos de argila feitos pelas amigas da mãe e porcelana herdadas dos avós, que realmente trouxeram *da* China. Mas não fazia ideia de onde esses itens estavam guardados. — Não sei onde colocamos a louça bonita — admitiu ela.

— Não precisamos de louça bonita. Só precisamos encher o espaço.

North apontou as caixas e os sacos dos tamanhos corretos, e eles os usaram para

encher o interior da cristaleira. Foram rápidos, tirando a mesa de fazenda do quarto da mãe e posicionando-a de lado, encaixada na cristaleira. Nessa arrumação, eles inseriram as estantes, enchendo as prateleiras com caixas de livros e duas cadeiras forradas. Um balanço de varanda, duas cadeiras de balanço, quatro cadeiras de varanda, um cortador de grama e metade das cadeiras da mesa de jantar foram encaixados com precisão de especialista.

A forma como North encaixava tudo — algumas coisas de cabeça para baixo, algumas coisas de lado — *parecia* mesmo com Tetris. Como se as coisas fossem blocos. Estáveis. Cada peça de mobília era coberta de lençóis e toalhas, e cada canto que sobrava era preenchido com miudezas e eletrodomésticos pequenos. Tudo era limpo antes de ser encaixado. North só vetou alguns poucos

itens: um abajur, uma mesa, um tapete e alguns outros. Esses foram deixados de lado.

O ar estava mais limpo. Mais vazio. Aos poucos, enquanto mais espaço era criado, Marigold ficava mais ciente da própria respiração, de que *consequia* respirar. Seus pulmões pareciam famintos.

— E o sofá? — perguntou ela. — Ainda está no meu quarto.

North secou a testa com a manga da camisa. Estava suando.

— Vai para a sala de estar, para vocês poderem usar.

A ideia, essa ideia incrivelmente simples, pareceu... peculiar.

— Vocês precisam de um lugar onde sentar além da cama. Um lugar onde relaxar ao chegar em casa depois do trabalho. — Ele desabotoou a camisa de flanela vermelha. —

Um lugar para sentar e admirar a minha árvore.

Santa mãe da Terra. Marigold ficou feliz por já estar vermelha do esforço. Ela tentou permanecer concentrada, mas a imagem de North se despindo era uma distração monumental.

— Você fica chamando de *sua* árvore.

Ele sorriu.

— Eu a plantei, não foi?

— Eu a comprei, não foi?

— E fico muito feliz que tenha comprado.

North jogou a camisa de flanela para o lado. Estava agora usando uma camiseta preta... com um logo da rádio pública, a NPR.

Marigold ficou duplamente paralisada.

Ela sabia que, em algum nível, North devia gostar dela. Os garotos não *fariam* coisas assim se não *gostassem* de você. Mas esse era a

primeira confirmação explícita de que talvez ele estivesse ali para algo mais do que utilizar suas capacidades de organização sobre-humanas.

Era emocionante.

E também... havia a camiseta. A rádio pública parecia uma coisa que um garoto que gostava de atividades em ambientes *fechados* curtiria. Talvez eles tivessem mais em comum do que Marigold pensava, mais do que uma apreciação mútua por disputas verbais.

Mas o fato de que Marigold não deu uma resposta espertinha imediata diminuiu a es-perteza de North um pouco. Ele pareceu in-seguro, como se talvez tivesse interpretado mal a situação. Talvez ela não estivesse in-teressada nele.

Ah, mas Marigold estava interessada.

Marigold estava *muito* interessada.

Ela deu um sorriso arrogante.

— NPR, hein?

O tom dela o fez empertigar os ombros, e Marigold não pôde deixar de reparar, reparar de verdade, na forma do abdome dele. No fato de que *tinha* forma. Mas, quando ele assimilou a pergunta, ficou sem jeito. Virou-se para enfiar uma caixa de sapato cheia de porcas e parafusos em um dos poucos espaços que sobravam.

— Comprei na última campanha para arrecadar fundos — disse ele, falando da camiseta.

— Ahã — disse Marigold.

— Gosto de acompanhar as notícias. Gosto de aprender coisas.

— Minha *mãe* escuta a NPR.

Ele ainda estava de costas.

— Eu deveria ter perguntado antes, mas tem alguma caixa de enfeites de Natal... —

ele balançou a cabeça — ...quer dizer, de Yule, que deveríamos procurar?

Ele estava mudando de assunto em vez de entrar no jogo. Interessante. Até o momento, não parecera alguém capaz de resistir a uma resposta mordaz.

— Ou as árvores de solstício não são decoradas? — prosseguiu ele secamente. — Ficam como a natureza as fez?

Esse era o North que ela conhecia. Mas... ela não o conhecia, não é? De repente, Marigold ficou perplexa pelo quanto queria conhecê-lo.

Ela se moveu na direção dele.

— Nós decoramos a nossa.

North se virou de volta, sem perceber quanto ela estava perto dele. Não recuou e sua confiança não oscilou.

— Então você está dizendo que existe uma caixa.

A voz dele era tão grave que vibrou pelo corpo dela.

— Sim. Existem duas.

North sorriu.

— Dá para descrever essas caixas?

— Uma é de um castelo de brinquedo da Fisher-Price e a outra é da casa Tudor da Fisher-Price.

— Acho que ainda não vi essas duas. — A voz dele estava ainda mais grave, de alguma forma. Até (tudo bem, ela era capaz de admitir) *mais sexy*. Grave e sexy... falando de caixas da Fisher-Price.

Ela se virou de costas para ele e sorriu para si mesma.

— Quer alguma coisa para beber? Água? Café? Chá?

Ele pareceu achar graça por ela achar graça. Mesmo sem entender.

— Quero. Café, obrigado.

A cozinha estava uma bagunça, mas, ao contrário do resto do apartamento antes da reorganização, tinha mais espaço para movimentação. Enquanto Marigold passava o café, North pegou uma mesa redonda de jardim e duas cadeiras da mesa de jantar e montou uma área de jantar confortável em um canto da sala. Marigold costumava comer de pé ou à escurinha. Não conseguia lembrar a última vez em que ela e a mãe comeram juntas.

North apareceu atrás dela e apontou para o aparato de fazer café.

— O que é isso?

— Uma prensa francesa.

— Chique.

Ela deu de ombros.

— Minha mãe não acredita em cafeteiras elétricas.

— Pelo menos ela acredita em café.

Marigold riu enquanto pegava duas canecas (feitas à mão, pois sua mãe também acreditava em apoiar os artistas locais) no armário.

— Como você gosta?

— Preto — disse ele.

— Faz sentido. Um verdadeiro lenhador como você.

North riu debochadamente.

Marigold sorriu.

— Também gosto do café sem açúcar.

Ele se inclinou sobre ela na ilha de espaço na cozinha.

— E eu achava que você era o tipo de garota que toma chá de ervas.

— Claro. — Marigold revirou os olhos e deu o café a ele. — Por causa do restaurante.

— Por causa do *solstício*. E do seu *nome*. E dessa *cerâmica*. — Ele ergueu a caneca. — Qual é o restaurante?

Ela havia esquecido que não tinha contado. Parecia que ele já deveria saber. Marigold se sentou à mesa e North se sentou em frente a ela.

— Minha mãe é dona de um restaurante de *comfort food* vegano no centro, que fica aberto até de madrugada — disse ela. — É, eu sei. É muito Asheville.

— O Henrietta's? Sua mãe é *Henrietta*?

Marigold ergueu as sobrancelhas, surpresa.

North deu de ombros.

— Não há muitos restaurantes que ficam abertos até tarde, e não tem *nenhum* em Sugar Cove, então já fui parar lá depois de vários filmes e shows. Todo mundo conhece a sua mãe. Ou pelo menos a reputação dela. De ajudar os sem-teto e tudo o mais. É bem legal.

Marigold esperava que ele fosse provocá-la. Mas o que sentiu foi um nó na garganta. Fazia um tempo que ela não ouvia alguém falar bem de Henrietta. Os funcionários da mãe estavam cansados da tristeza e da raiva, tanto quanto Marigold. Mas a mãe construiu a reputação por servir boa comida a todo mundo, independentemente de quanto dinheiro a pessoa tinha no bolso. No cardápio, havia um prato simples de feijão com arroz pelo qual os clientes pagavam quanto queriam. Quando alguém pagava *mais* do que o prato valia, seu dinheiro ia para os que tinham pouco ou nenhum. As pessoas eram surpreendentemente boas na hora de dar dinheiro a mais.

— Obrigada — disse Marigold, quase sem conseguir formular a palavra.

— Você é vegana?

— Não sou nem vegetariana. Mas — admitiu ela — como mais comida vegana por hábito. Não tenho permissão para trazer carne para casa, então eu *comia* no refeitório da escola.

— Carne do almoço da escola. Isso é desespero.

Marigold sorriu.

— Você nem faz ideia.

— Então... você não é mais estudante?

— Não desde que me formei no ensino médio. E você?

— Mesma coisa — disse North. — Quantos anos você tem?

— Dezenove. E você?

— Também.

Eles sorriram um para o outro, tímidos. Satisfeitos. O momento foi ficando maior e maior, até ficar grande demais. North se mexeu na cadeira.

— Fui vegetariano durante alguns meses. Mas tive que voltar a comer carne porque precisava de um certo nível de proteína e energia para o trabalho na fazenda. Mas assim que eu sair daqui, vou tentar de novo.

— Você não está interessado no negócio da família?

— De jeito nenhum. Você está?

Marigold balançou a cabeça.

— O gene do restaurante *não* veio para mim. Meus avós também têm um restaurante — explicou ela. — Um restaurante chinês em Atlanta.

— Legal. Foram meus avós que começaram nossa plantação de pinheiros.

— De propriedade e gerenciamento familiar desde 1964 — disse Marigold, citando a placa deles.

Algo brilhou nos olhos de North. Como se ele estivesse sentindo a mesma coisa que

Marigold sentiu quando ele falou bem da mãe dela. Orgulho, talvez alívio.

— Isso mesmo — disse ele.

— E por que você não quer ser fazendeiro, North Drummond?

— Não é para mim. — Ele bebericou o café.

— Como você e o restaurante, eu acho.

Mas... havia alguma coisa no tom dessas palavras que ele não conseguiu esconder. Alguma coisa que era mais angustiada do que indiferente.

— E por que você não quer ser fazendeiro, North Drummond? — perguntou ela de novo.

Ele deu um sorriso triste.

— A verdade é que não estou interessado. Mas Nick, meu irmão mais velho que *deveria* herdar a fazenda... Acabou que ele também não quis. Dois anos atrás, ele fugiu no meio da noite. Juntou tudo que tinha e se mudou

para Virgínia, para morar com a namorada. Agora, eles criam cachorros híbridos. Puggles e Labradoodles.

Marigold ficou surpresa com o excesso de amargura na pronúncia dessas palavras.

— Mas... ele não escapou, como você gostaria de fazer?

— Meu pai tinha acabado de ser diagnosticado com doença de Parkinson.

— Merda. Ah, *merda*. Sinto muito.

North ficou olhando para a caneca de café.

— Está ficando mais difícil para ele trabalhar, e meus pais dependem cada vez mais de mim. Eles querem que eu assuma a fazenda, mas é minha irmã quem realmente quer. Meus pais são boa gente, mas... são meio antiquados. Brigamos feio no verão. Agora, Noelle também foi embora.

Marigold queria poder esticar os braços sobre a mesa para abraçá-lo. Ela entendia

tudo: o amor, a vergonha, a necessidade de ficar lá até as coisas ficarem bem de novo.

— Estou tentando convencê-la a voltar e tentando convencer meus pais a darem a fazenda *a ela*, para que eu possa ir embora.

— Por que você não pode simplesmente ir, como seu irmão e sua irmã fizeram?

— A fazenda quase não dá lucro agora. Meus pais faliriam sem mim.

Marigold engoliu em seco. Tinha tomado a mesma decisão. Ela também tinha colocado o próprio futuro em suspensão.

— Eu... eu também estou ficando para ajudar.

North ergueu o rosto. Sua rigidez e sua tensão sumiram.

— Isso tem alguma coisa a ver com o seu pai?

— Tem *tudo* a ver com o meu pai.

— E o motivo de vocês estarem vivendo assim?

Então foi a vez de Marigold ficar olhando para o café.

— Sabe essas histórias de mulheres que não sabiam que os maridos tinham outra família em segredo?

— Sei.

Marigold deu de ombros. Eles ficaram em silêncio por um momento.

— Você está falando sério? Você não pode estar falando sério.

— Em Charlotte. Esposa e duas filhas.

North pareceu chocado.

— Elas também não ficaram felizes ao descobrir que nós existíamos — disse Marigold. — E agora ele está morando lá. Com elas. Tentando consertar. Com elas. Talvez iniciando uma terceira e uma quarta

família secretas. Não sei. Descobrimos pouco antes do Natal no ano passado.

North balançou a cabeça.

— Eu não sabia que coisas assim aconteciam na vida real.

Marigold também não sabia.

— E por que vocês não ficaram com a casa? — perguntou ele.

— Porque minha mãe e eu... *Nós éramos a segunda família.*

Os olhos de North se arregalaram de compreensão.

— Ele se casou com a outra mulher antes mesmo de conhecer minha mãe. Nós éramos o projeto paralelo, exótico e hippie dele. — Marigold falou como se estivesse cuspiendo veneno. — Agora, a mulher dele, a mulher por direito, está tirando todo o dinheiro em processos legais. Ele precisou vender a nossa casa, e nós tivemos que nos mudar.

— Sinto muito. Eu nem sei o que dizer.

Ela empurrou a caneca.

— Vamos encontrar uma casa nova na primavera.

— E... você vai ficar aqui em Asheville? Para ajudar sua mãe?

Marigold tinha quase esquecido por que se aproximara de North. *Quase*. Ela decidiu que, mesmo se ele não pudesse fazer o trabalho, ou, o mais provável, mesmo se ela nunca lhe pedisse, ter uma pessoa com quem conversar era suficiente. *Aquela noite* era suficiente.

— É difícil, sabe? — disse ela. — Adoro esta cidade, adoro a arquitetura art déco, os festivais infinitos de música e os moradores supersimpáticos. Mas... não tem futuro para mim aqui. Não tem carreira. Quando minha mãe estiver com tudo resolvido, vou me mudar para Atlanta.

North franziu a testa.

— Para trabalhar com seus avós?

— Não. — Mas o sorriso dela voltou porque ele se lembrou disso. — Com animação.

Ela se inclinou para a frente com uma nova empolgação e contou a ele sobre os estúdios que ficavam a apenas três horas e meia de distância. Que o mercado em Atlanta vinha crescendo havia anos, que as maiores redes de televisão estavam criando programas lá. Ela contou sobre o canal no YouTube, seu sucesso, suas aspirações. Marigold contou tudo a ele. Tudo exceto o papel crucial que ela queria que ele executasse nisso.

North se inclinou.

— Você quer fazer faculdade disso? De animação?

— Eu quero trabalhar. Estou *pronta* para trabalhar. — Marigold fez uma pausa. — Você quer fazer faculdade?

— Sim. Quero... — Mas ele parou de falar, constrangido.

Marigold se inclinou, espelhando North.

As palavras saíram rapidamente enquanto ele mostrava a camiseta.

— Sei que é um ofício que está morrendo e tudo o mais, mas quero estudar radialismo. Quero trabalhar no rádio.

Um alarme soou com toda a potência na cabeça de Marigold.

— Alguém me disse uma vez que eu tinha voz boa para o rádio — prosseguiu ele. — Nunca consegui tirar isso da cabeça. E eu *amo* rádio. E podcasts. Escuto programas o dia todo, obsessivamente, enquanto trabalho.

— Você tem *mesmo* uma voz boa. Tem uma voz *incrível*.

North pareceu surpreso pelo nível de entusiasmo dela, mas era tarde demais para parar.

— Tenho uma confissão a fazer — disse ela.

E o resto da história saiu de uma vez, aquela que revelava que o motivo todo para aquela noite era o som da voz dele.

North ficou paralisado.

— ...e obviamente eu deixei você apavorado, e estou morrendo de vergonha, e agora vou parar de falar — disse ela.

E agora, vou morrer.

Houve um silêncio longo e sofrido, e então o rosto de North voltou à expressão de sempre.

— Primeiro de tudo — disse ele, de forma tão delicada e irônica quanto tudo que já tinha dito —, estou lisonjeado por você ter ido atrás de *mim* e não de uma árvore. Isso mostra que você tem excelente gosto.

Os cantos da boca de Marigold tremeram.

— Eu fui atrás da sua voz.

— Segundo, não acredito que você demorou *um mês inteiro*, sem mencionar o fato de eu ter que *entrar fisicamente no seu apartamento*, para você me fazer essa pergunta. Que, aliás, você ainda não formulou de fato, então eu não posso dar minha resposta enquanto não fizer isso.

Marigold se encostou na cadeira e cruzou os braços.

North sorriu.

— Obviamente, não tenho mais nada para fazer hoje. Então posso ficar sentado aqui pelo tempo que for necessário.

— North — disse ela por entre dentes trincados —, você consideraria me emprestar sua voz para o meu novo vídeo?

— Depende. — Ele colocou as mãos atrás da cabeça. — Quanto vou receber?

O coração de Marigold parou. Ela não conseguia acreditar, mas nem tinha *pensado* em pagá-lo. Os amigos e colegas sempre fizeram de graça. Mas é claro que deveria pagar. É claro.

— Marigold — falou ele depois de ela passar vinte segundos em silêncio —, estou brincando.

— O quê?

— Estou brincando. É claro que faço a voz. Parece incrível.

— Eu poderia pagar em comida — disse ela rapidamente. — Do Henrietta's.

North a encarou.

— Sabe qual é a coisa mais estranha desta noite? Considerando que está sendo uma noite absurdamente estranha?

— O quê?

— O fato de você ainda não ter percebido que estou disposto a fazer qualquer coisa,

qualquer coisa — ele fez um gesto circular indicando tudo ao redor — para ficar perto de você. Você não precisa me pagar.

O coração de Marigold estava na garganta. Fazia mais de um ano que ela não passava por uma situação assim com um garoto. Um garoto *bonito*. De repente, não conseguia mais pensar direito.

North cutucou uma das botas dela com a dele.

A bota — o *pé* — formigou.

Uma batida na porta a tirou do transe.

— Façam silêncio aí! Algumas pessoas estão tentando dormir!

— Meu Deus — disse North. — Ela não para.

— Nunca.

Marigold se levantou e andou até a porta.

— Afinal, é o nosso momento mais silencioso desde que cheguei aqui.

— Ela faz isso mesmo quando minha mãe e eu estamos dormindo. *Ela nos acorda.*

Marigold abriu a porta e deu um sorriso falso.

— Sra. Agrippa. Como posso ajudar?

— É *meia-noite*. Não consigo dormir com essa confusão... — A sra. Agrippa se interrompeu. — Ah, meu Deus! Vocês foram roubadas!

— Não! — Marigold deu um passo à frente.

A sra. Agrippa recuou, com a mão trêmula no peito e a outra apontando para North.

— Aquele homem! Tem um homem estranho no seu apartamento!

— Ele é meu amigo. — Marigold firmou a voz. — Trabalha no terreno que vende árvores ali ao lado. A senhora o viu aqui mais cedo. Está me ajudando com a arumação. Não está legal?

— Você precisa que eu ligue para a polícia?
— sussurrou a sra. Agrippa. — Está em perigo?

— De verdade, está tudo bem. Aquele é North. Ele é meu *amigo*.

North acenou.

A expressão da sra. Agrippa mudou.

— Sua mãe sabe que ele está aqui?

— É claro que sabe — disse Marigold com firmeza. Era melhor mentir sobre isso. — Boa noite, sra. Agrippa.

— Ele vai embora daqui a pouco? Vocês estão fazendo tanto *barulho* hoje...

— Sim, sra. Agrippa. Lamentamos tê-la incomodado.

Marigold estava com vontade de bater a porta, mas esperou. Olhou para a vizinha. Estava mais frio lá fora, mais gélido. Parecia... quase tempo de neve. Finalmente, a sra.

Agrippa desistiu e seguiu para a escada. Marigold expirou.

— Oi, minha amiga — disse North, logo atrás dela.

Marigold levou um susto.

Nesse momento, ela fez um movimento arriscado: esbarrou no peito dele com o ombro, de leve. North parecia feliz da vida.

— Isso é... — Ele cheirou o ar. — Neve. Está com cheiro de neve.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

Não costumava nevar naquela região, mas, quando nevava, era quase sempre depois do ano-novo. Só havia caído um pouquinho de neve em novembro. Os flocos nem grudaram.

— Adoro neve.

Eles falaram ao mesmo tempo. Olharam um para o outro e sorriram.

— *Espero* que neve — disse Marigold.

— Sempre me senti sortudo por morar em um lugar onde a neve é rara, sabe? É a raridade que a torna tão especial.

— Isso poderia ser dito sobre um monte de coisas.

— Verdade.

North ficou olhando para ela. Seu sorriso cresceu.

Marigold também sentia isso. Sentia quanto North era raro e *especial*. Aquela noite também. Ela desejava que pudesse durar para sempre.

— Ah, não. — O pensamento maravilhoso despertou um outro, bem mais tenso. Ela empurrou North para dentro. — Minha mãe! Se nevar, ela vai fechar o restaurante mais cedo.

Eles olharam para os móveis que restavam no corredor, para a árvore e voltaram correndo ao trabalho. E então, da forma mais

rápida que conseguiram, mais depressa do que Marigold acharia possível, tudo estava encostado na parede mais comprida da sala.

Só restava a árvore.

North a levou para dentro, um noivo carregando a noiva pela porta, e a colocou com orgulho em frente à porta de correr. Enquanto ele ajustava o suporte, Marigold aspirava todas as folhas pontudas que tinham caído. Deu uma aspirada rápida nos quartos enquanto ele arrumava o restante da mobília (o sofá, uma mesinha de centro, a mesa de canto marroquina e um abajur) para formar uma agradável área de estar.

Ela estava quase terminando quando as viu em um canto recém-arrumado do próprio quarto. As caixas da Fisher-Price.

Marigold as levou para a sala como se fossem sagradas.

— Olhe — disse ela.

North acendeu o abajur, e o coração de Marigold deu um salto. O espaço que ele criou, tudo em cima do tapete floral fofinho de que ela mais gostava, parecia quente, confortável e convidativo. Ele até encontrou a manta de arco-íris na qual ela e a mãe se enrolavam enquanto assistiam à televisão. Tinha colocado nas costas do sofá.

Estava perfeito ali. *Tudo* parecia perfeito.

— Não ficou lá essas coisas... — disse ele.

— Não. *Ficou, sim.* — Esse talvez fosse o melhor presente que ela já tinha recebido na vida. Seus olhos se encheram de lágrimas. — Obrigada.

North sorriu.

— Vamos lá. Vamos decorar sua árvore.

Marigold gargalhou e secou os olhos com a manga do suéter.

— Ah, então agora é minha árvore? Estou merecendo?

Ele fingiu parecer chocado, como se tivesse sido um deslize. Marigold riu de novo. Sentia-se feliz ao abrir a caixa, aquele tipo de felicidade que alcançava todas as partes do corpo. Estava cheia de fios enrolados com cuidado, repletos de luzes brancas e azuis.

North espiou lá dentro.

— Rá! Quem diria.

— O quê?

Era como se ela o tivesse flagrado fazendo alguma coisa errada. Ele pareceu desconfortável, mas falou a verdade.

— Só fiquei surpreso com o tanto de cuidado com que esses fios foram guardados. Luzes de Natal costumam ser um emaranhado feio e desleixado. Mas isso, isso é a coisa mais arrumada no seu apartamento todo.

— Quando guardamos isso, dois anos atrás — disse Marigold —, nossas vidas estavam muito diferentes.

North tirou um rolinho repleto de luzes azuis e começou a desenrolar.

— Dá para saber muito sobre uma pessoa quando se olha para o ambiente onde ela mora.

— Se isso for verdade — refletiu ela —, então minha vida está consideravelmente melhor.

— Mas... você sente que ela está melhor? Marigold encarou-o nos olhos e sorriu.

— Sem dúvida alguma.

Eles encheram a árvore de luzes. Muitas luzes. Marigold queria usar *todas* as luzes, e, quando eles terminaram, ela brilhava como

um farol, maravilhosa, cintilante e iluminada.

North abriu a segunda caixa e pegou uma pinha com um laço branco. Ele ergueu uma sobancelha.

— Você não vai encontrar nenhum Papai Noel nem anjos aí — disse Marigold. — Esta é uma casa *científica*, lembra?

Ele riu.

Cada enfeite estava enrolado em papel de seda. Eles desembalaram um por um. Cardeais vermelhos, cervos e ursos negros. Sóis, luas e estrelas. Maças, peras e rosas. E flocos de neve. Muitos e muitos flocos de neve prateados.

— Você sabia — disse North enquanto pendurava uma gralha-azul cheia de penas — que árvores de verdade são melhores para o

meio ambiente do que as falsas? Muita gente pensa que as falsas são melhores, porque as de verdade têm que ser jogadas fora todo ano, mas as de verdade produzem oxigênio e oferecem habitats para a vida selvagem enquanto crescem, e depois, quando morrem, podem ser moídas e se tornar fertilizante para a terra. E as de plástico só... apodrecem nos lixões. Podem levar *centenas* de anos para se decompor.

Marigold esperou até ele acabar de falar.

— É — disse ela. — Eu sei.

— Ah.

North parou. Um gambá pequenininho balançava pendurado no indicador dele.

Mas ela entendeu por que ele tinha sentido a necessidade de lhe contar isso. E cutucou o braço dele.

— Estou feliz por você trabalhar para o bem, North.

— Eu *sou* o bem — disse ele, tentando recuperar um pouco da malandragem.

Quando os últimos enfeites foram pendurados na árvore, Marigold olhou para a porta de vidro de correr. Pequenos flocos de neve giravam em piruetas, vindos do céu.

Ela ficou pálida.

— Você sabia que estava nevando?

— Deve ter começado agora.

— Você precisa ir. Minha mãe deve estar fechando o restaurante agora. Vai chegar em casa daqui a pouco.

Ela correu para guardar o papel de seda de volta nas caixas. Sentiu que North estava olhando para ela, querendo saber alguma coisa, alguma coisa que *ela* também queria saber, mas eles estavam sem tempo. Ele guardou as caixas enquanto ela corria para a cozinha. Tirou um prato coberto de papel-

alumínio de cima da geladeira e voltou para a sala. Empurrou o prato no peito de North.

— Leve isto para casa, por favor. Como agradecimento.

O rosto dele estava iluminado por luzes brancas e azuis.

— O que é?

— São biscoitos. Bonequinhas de gengibre veganas. É tudo o que temos, mas são biscoitos bem gostosos, eu juro. Você jamais saberia que não tem manteiga neles.

— Bonequinhas de gengibre?

Marigold deu de ombros.

— Minha mãe não está muito no clima para homens agora.

— É compreensível — disse North. — O último foi bem ruim.

— O pior.

— E... o que você sente em relação a eles?
— perguntou ele, com cuidado. — Você está bem?

Ela ficou surpresa com quanto a verdade, a verdade simples e óbvia, doía ao ser dita em voz alta.

— Já estive melhor — disse ela por fim.

North ficou olhando para ela. As luzes da árvore cintilaram nos olhos castanhos e gentis.

— Sinto muito, Marigold.

O coração dela bateu com mais força.

North pegou o prato.

— Será... será que posso ligar para você qualquer dia desses? Se você ainda estiver interessada na minha voz, fico feliz em ajudar. Posso vir aqui depois do trabalho. Vou precisar devolver o prato, de qualquer forma.

Ele ergueu o prato em um gesto envergonhado e nada característico.

North poderia tê-la beijado. Poderia ter feito isso, poderia ter se aproximado, mas estava sendo respeitoso. Isso fez com que ela tivesse vontade de devorá-lo inteiro. Ou *ser* devorada inteira. Ela segurou o prato, deixou-o de lado e colocou as mãos uma de cada lado do rosto de North. Puxou-o para perto.

Ela o beijou.

Ele retribuiu o beijo.

Eles entreabriram os lábios, e ele tinha um gosto limpo, saudável e *novo*. Ele a puxou para mais perto. Os dedos dela desceram pela nuca dele. Até o peito. Ele a levantou e ela passou as pernas em torno da cintura dele, e pareceu a coisa mais natural do mundo. Como se eles tivessem redescoberto algo essencial que não sabiam que tinham

perdido. Eles se beijaram mais intensamente. Beijaram-se assim, com o corpo dela envolvendo o dele, durante minutos.

Quando ela finalmente voltou para o chão, os dois estavam com os joelhos trêmulos.

— Esperei a noite toda por isso — disse North.

A voz dele, tão perto da orelha, ressoou dentro dela. Preencheu-a.

— Esperei o mês todo por isso.

— Quero fazer isso pelo *resto* do mês. — North a beijou acima e abaixo dos lábios. — E depois.

— E depois — concordou ela, e suas bocas se uniram de novo.

— Tudo bem, tudo bem. — Ela riu um minuto depois. — Você *tem* que ir. *Agora*.

Eles se beijaram mais.

— Ahhhhhhhhh — gritou ele, quando se afastou. — Tudo bem! Agora!

O cabelo de North estava desgrenhado. A trança de Marigold estava meio solta. Eles estavam rindo de novo. Tontos com a descoberta, com a maravilha e a emoção da conexão entre eles. Ela lhe jogou a camisa de flanela.

— Não esqueça isso.

Ele a vestiu por cima da camiseta.

— O que você acha que sua mãe vai dizer quando chegar em casa e vir tudo isso?

— Sinceramente? — Marigold balançou a cabeça enquanto prendia o cabelo. — Ela vai ficar furiosa. Mas depois... acho que vai aceitar. Talvez até fique feliz.

— Espero que sim.

— Aqui, me dê seu telefone. — Marigold tirou o celular do bolso e jogou para ele. Ele fez o mesmo. Eles adicionaram os números

um do outro. — Me mande uma mensagem de texto quando chegar em casa, tá? Quero saber se chegou bem.

North sorriu.

— Pode deixar.

Eles se beijaram de novo ao lado da porta.

— Vou trabalhar amanhã à noite — falou ele, entre beijos.

— Graças a Deus.

— Eu sei. Nunca fiquei tão feliz de trabalhar para os meus pais.

Eles riram.

— Até amanhã, Marigold Moon.

E ele a beijou uma última vez.

Marigold espiou pela neve que aumentava, cintilante, na porta da varanda. Viu North entrar no terreno vizinho. A imagem dele parecia perfeita vista dali, como algo que ela desejasse pegar e aninhar nas mãos. Quando

ele entrou na picape, olhou para a janela dela.

Ele sorriu quando viu a imagem *dela*. Acenou.

O coração dela pulou quando ela acenou de volta. Observou a picape desaparecer de vista. As luzes da loja de pinheiros estavam apagadas e os barris com fogo também. Pela luz fraca do supermercado, ela conseguia ver que as árvores estavam cobertas de neve. Tudo lá fora estava frio, vazio e escuro.

Marigold ouviu um barulho de chave na porta.

Ela se virou. Tudo lá dentro era quente, aconchegante e iluminado. Ela precisou da ajuda de North para criar o presente da mãe, mas *este* era o presente, um apartamento bonito. E uma árvore bonita.

A maçaneta girou.

— Mãe — disse Marigold. — Bem-vinda à nossa casa.

PAPAI NOEL POR UM DIA

DAVID LEVITHAN

É difícil não se sentir um pouquinho gordo quando seu namorado pede que você seja o Papai Noel.

— Mas eu sou judeu — digo. — Seria diferente se você estivesse me pedindo para ser Jesus. Ele, pelo menos, era integrante da minha tribo, e fica bem de sunga. Além disso, ser o Papai Noel exige certa dose de alegria, enquanto ser Jesus só exige que você tenha nascido.

— Estou falando sério — insiste Connor. É raro ele falar tão sério comigo a ponto de ter que avisar. — Este pode ser o último Natal

em que Riley acredita no Papai Noel. E se eu usar a fantasia, ela vai perceber. Tem que ser você. Não tenho outra pessoa.

— E quanto a Lana? — pergunto, me referindo à sua outra irmã mais nova.

Ele balança a cabeça.

— Não tem como. Simplesmente não tem como.

Isso não me surpreende. A atitude de Lana é mais de encher o saco do que de carregar um saco. Ela só tem doze anos, e eu já tenho medo dela.

— Por favooooooooooooooooor — implora Connor.

Eu digo a ele que não acredito que ele está recorrendo à voz fofa. Como se eu fosse ficar mais disposto a fazer papel de tolo com ele fazendo papel de idiota.

— A roupa nem vai precisar ser ajustada! — promete ele.

É claro que é disso que eu tenho medo.

As vésperas de Natal na minha família sempre foram passadas decidindo que filmes vamos ver no dia seguinte. (Pela forma como deliberamos, acho que é mais fácil escolher um papa.) Quando terminamos, cada um vai para seu canto isolado da casa fazer suas coisas isoladas.

Ninguém na minha família é particularmente religioso, mas, mesmo assim, não há a menor possibilidade de eu deixar que eles me vejam vestido de Papai Noel. Então, saio escondido um pouco antes da meia-noite e tento trocar de roupa no banco de trás do carro. Por ser um Accord de duas portas, isso requer um certo contorcionismo da minha parte. Qualquer passante casual que olhasse

pela janela acharia que eu estava estrangulando o Papai Noel ou dando uns amassos nele. A calça vermelha e a minha calça jeans não se entendem, então tenho que ficar de cueca para virar Papai Noel da cintura para baixo. Eu achava que seria como vestir um pijama, mas na verdade parece que estou usando uma cortina velha.

Isso sem falar das partes de pelagem branca. Agora me pergunto de onde é que veio tanta pele se o Papai Noel passa a maior parte do ano no Polo Norte. Talvez seja ele — e não o aquecimento global — que está acabando com os ursos-polares. É só uma ideia. Não uma ideia incrível, mas é o que me ocorre a esta hora, sentado no banco de trás do carro.

Enquanto prendo a barriga falsa e visto o casaco, Connor deve estar dormindo tranquilamente em meio a sonhos. Ele se

ofereceu para ficar acordado, mas achei que seria arriscado demais; se fôssemos pegos, além de arrumarmos encrenca, Riley perceberia a farsa. Lana e a mãe dele também devem estar dormindo; acho que nem fazem ideia do plano e só têm uma ideia vaga de quem eu sou. É Riley quem precisa estar acordada, não neste momento, mas quando eu aparecer na sala de estar. Isso é tudo para os olhos de uma criança de seis anos. Eu não estaria fazendo tal coisa se não fosse isso.

Também tenho um presente meu para entregar: uma caixa embrulhada para Connor, que estou tentando desesperadamente não esmagar enquanto tateio no escuro em busca das botas e da barba. É o nosso primeiro Natal como um casal, apesar de não o passarmos exatamente juntos. É o primeiro Natal desde que começamos a sair, e passei tempo demais pensando no que comprar

para ele. Connor diz que presentes não são importantes, mas eu acho que são, não pelo quanto você paga por eles, mas sim pela oportunidade que oferecem de dizer *Eu entendo você*. Além do mais, havia o fator de risco: quando encomendei o presente, três semanas antes, sempre havia a chance de o namoro não durar até o Natal. Mas isso não aconteceu. Nós conseguimos.

Quando termino de me vestir, acho quase impossível deslizar para o banco da frente com facilidade. Preciso ajustar tanto o assento quanto o volante para levar meu corpo noélico até o banco do motorista. De repente, entendo o apelo de um trenó aberto.

Só fui à casa de Connor umas poucas vezes, e a maioria delas antes de começarmos a namorar. A mãe dele me conhece apenas como um dos amigos do filho, um corpo no sofá ou um rosto sobre uma tigela de batatas,

porque Connor e eu éramos parte de um sexteto antes de decidirmos nos tornar um par. De vez em quando, Riley visitava nosso playground adolescente, roubava um pouco do nosso lanche e flertava com quem prestasse atenção nela. Enquanto isso, Lana ficava no quarto e botava música alta para abafar qualquer som que estivéssemos tentando fazer.

Acho estranha a ideia de estacionar na entrada de garagem deles vestido de Papai Noel, então paro na rua, em frente à casa vizinha. Só consigo imaginar o que devo parecer quando saio do carro. A rua está estranhamente silenciosa, como se estivesse na própria missa do galo. Em vez de me sentir um emissário gordinho da alegria e das boas ações, eu me vejo como o vilão de um filme de terror B — *O trenó assassino!* — prestes a espalhar o horror pelos cidadãos de bem e

algumas jovens não muito inteligentes e com pouca roupa. De repente, percebo que esqueci a chave de Connor no bolso da calça jeans e tenho que voltar para buscar, o que me faz parecer um assassino em série *incompetente*.

Além disso, a barba coça.

Apesar de sermos judeus, meus pais insistiam em dizer que o Papai Noel existia mesmo. Só que nunca ia à nossa casa. Pela forma como eles apresentavam a situação, era um problema de gerenciamento de tempo.

— Ele só pode ir a algumas casas em uma noite — diziam. — Assim, ele pula as crianças que já têm oito dias de Chanucá. Mas você pode acenar quando ele passar, se quiser.

Isso significava que, quando pequeno, eu ficava acordado até tarde na véspera de Natal para acenar para o Papai Noel antes de ele ir à casa dos nossos vizinhos. Esses vizinhos, que tinham um filho da minha idade, eram o verdadeiro motivo de não me contarem a verdade sobre o Papai Noel. Meus pais supunham que eu compartilharia minha descoberta arrasadora assim que soubesse, e não estavam errados. Eu já tinha estragado a história do coelhinho da Páscoa para a maioria dos meus amigos: enquanto um homem gordo voando pelo mundo distribuindo presentes parecia racional, a ideia de um coelho entregando ovos era uma idiotice.

No final, foi o vizinho que me deu a informação de que eu precisava para expor a verdade. Nossa conversa foi mais ou menos assim:

Ele: “O outro nome do Papai Noel é São Nick.”

Eu: “São Nick Noel?”

Ele: “Não. Só São Nick. De São Nicolau.”

Eu: “Mas os santos não estão todos mortos? Se o Papai Noel é um santo, isso não quer dizer que ele está *morto*?”

Eu consegui ver a verdade chegando ao cérebro dele. Então ele caiu no choro.

Recebi instruções muito explícitas, como se estivesse participando de um esquema em *Onze homens e um segredo*. Os presentes já foram colocados debaixo da árvore e as meias já estão cheias. Tenho que desfazer isso um pouco, depois bater na porta de Riley para ela acordar, sair escondida e me ver colocando tudo no lugar. Fiz Connor me

jurar pelo menos seis vezes que a mãe dele não guarda uma arma debaixo da cama. Ele disse que não, e também garantiu que sua mãe vai estar tão dopada que eu poderia entrar com um bando de renas no quarto que ela nem acordaria. Tenho medo de que isso tenha implicações ruins em caso de incêndio, mas guardo esse medo para mim.

Quero que Connor esteja acordado. Quero que esteja comigo na casa dele. É estranho andar de fininho pela cozinha sem ele. É estranho ouvir o silêncio absoluto do corredor sem a respiração dele junto. Sei que sua presença estragaria a armação, mas quero que ele sussurre das coxias, como um Cyrano natalino.

Mas o que encontro são fotos dele me observando, fotos dele e das irmãs, com uma

aparição ocasional da mãe. É como ver uma linha do tempo em fotografias conforme vou me aproximando da sala. Estou esperando que uma das fotos comece a rir de mim; a perna esquerda da minha calça fica prendendo toda hora embaixo da bota. Tenho medo de que rasgue a qualquer momento.

O aposento está iluminado pela árvore, e a árvore está iluminada por luzes pisca-pisca coloridas. Tem uma estrela no topo, e acho que sim, é assim que é para ser. O objetivo de uma árvore de Natal é parecer com todas as outras árvores de Natal, mas ainda ter um pouco de você nela. Não há tantos presentes embaixo como imaginei; tenho que lembrar de que não estamos falando da família Von Trapp aqui, só há quatro pessoas morando na casa. E o Natal dura um dia, não oito.

Sinto-me meio ridículo colocando os presentes em frente à lareira; mas, se vou

fazer isso, tenho que fazer de forma autêntica e dar um jeito de parecer que entrei pela chaminé, apesar da minha circunferência, ou melhor, da circunferência do Papai Noel. Tento ser o mais silencioso possível, porque a última coisa que quero é Riley acordando e vendo o Papai Noel tirando os presentes dela de debaixo da árvore, o que estragaria os nossos planos. Quando a quantidade certa de presentes foi posicionada com segurança, acrescento meu presente para Connor no meio. Não avisei a ele que o deixaria, e gosto da ideia de surpreendê-lo.

Não costumo ficar acordado até tão tarde sem um computador ligado na minha frente. O calor na sala se acumula nas minhas axilas para me lembrar novamente do que estou vestindo. Decido não tirar as coisas das meias, pois fico com medo de não me lembrar

dos lugares certos na hora de colocá-las de volta.

Agora, tenho que bater na porta de Riley para alertá-la da minha presença. Não faço ideia de como agir se ela não sair do quarto. Será que devo entrar para buscá-la? Acordar com o Papai Noel encarando você provavelmente seria traumatizante. A última coisa que quero é que ela grite. A última coisa que quero é ter que explicar isso para a mãe dela.

Pelo menos a porta dela é fácil de identificar. Connor pode ser o irmão gay, mas é Riley quem dá lucro para o mercado das princesas da Disney. Eu queria ter levado um sino para tocar, ou uma rena para fazer os sons apropriados de cascos no chão. Bater na porta me parece errado. Da porta, Elsa me lança um olhar gélido e Ariel me observa como se eu estivesse me afogando. Até o sorriso atrevido da Bela parece dizer: “A única

coisa pior do que ser o Papai Noel é ser um Papai Noel meia-boca. Faça seu trabalho direito, judeu.”

Silenciosamente, me encosto em Bela, e minha barba toca na bochecha dela. Em seguida, mais alto a cada sílaba, eu solto um “ho... Ho... HO!”. Ouço movimento do outro lado da porta; fica claro que Riley estava esperando por esse momento. Andando com a autoridade de um homem muitos quilos mais pesado do que eu, volto para a sala.

Quando saio do corredor, a porta se abre com um rangido. Pequenos passos soam atrás de mim, tentando não fazer barulho, mas sem sucesso.

Preciso perguntar a mim mesmo: “O que o Papai Noel faria?” Sigo para onde coloquei os presentes e começo a recolocá-los debaixo da árvore. Isso parece um pouco braçal demais para o Papai Noel. Existem duendes para

fazer esse tipo de coisa, não? Mas acho que, como ele viaja sozinho, isso faz parte do show. Penso em assobiar uma canção, mas “O Velhinho” parece egocentrismo demais e “Bate o sino” me faz pensar em...

— Com licença — interrompe uma voz baixinha.

Olho para baixo e lá está Riley, com uma camisola que me faz pensar na Wendy de *Peter Pan*. Só que usada pela Tinkerbelle. Riley ainda está meio sonolenta a esta hora da noite. Mas sua voz está bem acordada.

Connor tinha me dito que ela não me interromperia. Jurou que me veria e sairia correndo de volta para a cama, feliz de ter seus desejos natalinos confirmados.

— Sim, menininha? — digo.

Estou muito consciente de que isso me faz parecer o Lobo Mau, então falo com mais alegria a partir do meio da frase, o que me

faz parecer o Lobo Mau depois de três latas de Red Bull.

— Você é de verdade?

— É claro que sou de verdade! Estou bem aqui!

Essa lógica parece satisfazê-la... ao menos por um tempo.

— Mas quem é você? — pergunta ela.

“Quem você quer que eu seja?”, eu quase pergunto. Mas sei a resposta. E não sou eu. E não é o Papai Noel.

Fico grato pela baixa luminosidade da sala e pela tenacidade da minha barba. Fico grato por ter me lembrado de tirar os tênis. E fico com medo de estragar tudo para ela de qualquer jeito. Se eu não responder direito, vou ser responsável por destruir o sonho dessa garotinha.

E, ao mesmo tempo... não consigo dizer “Sou o Papai Noel”. Porque sei que não sou o

Papai Noel. E sei que não minto bem o bastante para fazer com que ela acredite nisso.

O que digo, com a voz açucarada como uma rosquinha com geleia, é:

— Você sabe quem eu sou. Vim lá do Polo Norte para ver você hoje.

Ela arregala os olhos. E, naquele momento, naquela perda de lógica momentânea em favor do assombro, vejo a semelhança. Vejo Connor e o jeito como ele sempre acaba demonstrando que uma coisa é especial para ele — seja alegria quando estamos assistindo a *Ensina-me a viver*, seja o sorriso largo quando a música favorita dele começa a tocar no rádio ou o sorrisinho que abre quando me encontra em algum lugar. Não há cinismo ali. É como se ele nem conhecesse o conceito de cinismo. O que permite me

afastar desse estado de espírito de tempos em tempos.

Agora, aqui está Riley, naquela idade em que a casca delicada da infância está começando a rachar. Conheço todas as perguntas de loja de departamentos que eu poderia fazer a ela: “Você foi boazinha este ano? O que gostaria de ganhar do Papai Noel?” Mas não é isso que quero falar.

— Não pare de acreditar — digo.

Ela olha para mim de forma zombeteira.

— Que nem a música?

Solto um “ho, ho, ho!” alto e digo:

— Sim. *Exatamente* como a música.

Estou ajoelhado para poder olhá-la bem nos olhos quando digo isso. Antes de eu me levantar, ela estica a mão na direção da minha barba. Eu me encolho, esperando o puxão, o desmascaramento. Mas ela só estica o braço e dá um tapinha no meu ombro.

— Você está fazendo um ótimo trabalho — diz ela.

Não faço ideia se ela está falando comigo ou com o Papai Noel. Mas para eu continuar a fazer um bom trabalho, tenho que agir como se fosse o bom velhinho.

— Ho, ho, ho! Obrigado, Riley!

Ela fica alegre e surpresa.

— Você sabe meu nome!

— É claro! Se não soubesse, como saberia que presentes trazer?

Essa declaração a agrada. Ela assente e dá um passo para trás.

Eu dou um sorriso.

Ela dá um sorriso.

Dou um sorriso maior. Movimento-me um pouco.

Ela responde com outro sorriso. Não se mexe.

Eu me pergunto se seria grosseria o Papai Noel olhar no relógio.

Ela fica me encarando.

— Então... hã... eu não posso entregar os presentes com você na sala. É contra as regras do Papai Noel.

— Mas você é o único Papai Noel. Não é você quem faz as regras?

Eu balanço a cabeça.

— Não. Isso passa de Papai Noel para Papai Noel.

— E quem era o Papai Noel antes de você? Penso por um segundo e respondo:

— Minha mãe.

Ela ri ao ouvir isso.

Eu dou um sorriso.

Ela dá um sorriso.

Ela não vai sair da sala.

Eu imagino Connor nos observando e achando graça.

“Você é péssimo em despedidas”, sussurra a voz dele no meu ouvido. E é verdade. Há uma média de quarenta e sete minutos entre a hora em que digitamos o boa-noite pela primeira vez e o momento em que paramos de trocar palavras.

— As renas precisam de mim — digo. — As outras crianças precisam de mim. Na verdade, aqui é quase o começo do meu trajeto.

Sei que crianças de seis anos raramente se deixam afetar por um apelo ao bem maior. Mas Riley parece entender. Ela recua um pouco. Pensa no assunto.

Mas então, antes que eu possa me preparar, ela corre e me abraça. Aperta a cabeça no travesseiro na minha barriga. Junta os braços atrás das minhas pernas. Não tem como não perceber que o travesseiro é um travesseiro. Não tem como não perceber quanto as calças ficam largas nas minhas

pernas. Mas não é nisso que ela está pensando. Neste momento, ela só quer ficar ali. Sinto isso pela forma como coloca toda a sua força de seis anos naquele abraço.

Ela quer que eu seja real.

— Feliz Natal, Riley — diz o Papai Noel. — Feliz Natal.

Ela se afasta, olha para mim e diz, com total seriedade:

— Vou dormir agora.

— Bons sonhos — deseja o Papai Noel.

E acrescento outro “ho, ho, ho!” só para garantir.

Ela volta para o quarto com os mesmos passos cuidadosos de antes. Quer guardar esse segredo do resto da casa.

Eu a vejo se afastar e espero até ouvir sua porta bater. Começo a colocar os presentes de volta debaixo da árvore. Mas, em um

minuto, ouço outro barulho. Parecem... aplausos.

— Parabéns, Papai Noel — diz uma voz sarcástica. — Enganar garotinhas assim deve fazer você se sentir incrível.

Lana está na porta que leva à cozinha. Ela veste uma camisola e uma calça de moletom, mas parece que ainda não dormiu nada esta noite; a garota parece um vampiro mesmo com uma boa noite de sono, então é difícil ter certeza.

— Oi, Lana — digo baixinho.

Não quero que Riley nos escute.

— Oi, *Papai Noel*. — Ela entra na sala e me olha de alto a baixo. Não estou acostumado a passar por um exame tão minucioso vindo de uma garota de doze anos. — Não faço ideia de que favores sexuais meu irmão prometeu para conseguir que você fizesse isso, mas quer saber? Você parece um idiota completo.

— É maravilhoso ver você também! — digo com animação, e continuo a colocar os presentes debaixo da árvore.

— Nada de “ho, ho, ho” para mim? É porque fui uma garota malvada este ano? Parece tão justo que um cara branco e velho julgue isso. Não mereço nem um pedaço de carvão?

— *Shhh*. Ela vai ouvir você.

— E isso seria ruim por quê? Sei que Connor adora manter ilusões, mas acho tudo uma grande idiotice. Não consigo *acreditar* que ele deu essa fantasia para você. Ele não tinha o direito de fazer isso.

Não estou namorando Connor há tempo suficiente para gritar com a irmã dele. Sei disso. Portanto, não respondo, não olho para ela. Os presentes estão quase todos debaixo da árvore agora. E aí posso ir embora.

— O que houve? A rena comeu a sua língua? — provoca Lana. — Ah, entendi. Você pode dar a Riley a ilusão que ela quiser. Mas não precisa prestar atenção em mim. Nenhum de vocês presta.

— Lana, é sério. Fale baixo, por favor.

— *Por favor!* Papai Noel, você é tão *educado*. — Ela se aproxima de mim. — Não é surpresa Connor gostar de você.

Normalmente, eu ficaria muito feliz de ouvir que Connor gosta de mim. Mas ela fala como se fosse uma acusação.

— Você sabe quem sempre fazia isso, não sabe? — prossegue ela. — Sabe de quem é essa fantasia? Sabe que, durante anos, fui burra como Riley, achando que era o Papai Noel, achando que sempre seria assim? Mas agora acho que Connor era o mais burro, se acredita que podia vestir você assim e fingir que não foi abandonado como o resto de nós.

Coloco o último presente de volta no lugar.

— O quê? Não vai defendê-lo? Não vai me dizer que faz sentido? Estou doida para ouvir como você pode justificar o fato de estar aqui. Fingir que isso é normal, quando na verdade é o ano em que tudo desmoronou.

Encaro Lana pela primeira vez. Mas seus olhos transmitem tanta hostilidade que preciso desviar o rosto.

— Estou aqui porque ele me pediu — digo.
— Só isso.

— Owwwwn — diz ela, como se eu fosse um vídeo de gatinhos. — Você está apaixonadinho.

E desta vez não consigo suportar. Desta vez, tenho que dizer alguma coisa. Assim, olho nos olhos dela de novo, sem hesitar, e digo:

— Sim, estou apaixonado.

Por um segundo, ela fica em silêncio. Por um segundo, acho que isso a acalmou. Por um segundo, penso que vai entender. A recuperação de Lana é tão suave que nem parece que ela está se recuperando.

— Odeio você — diz ela.

Agora sou eu que estou perplexo.

— Por quê? — pergunto.

— Porque você não pode tê-lo. Não pode simplesmente começar a namorar Connor e tomá-lo para você. Não pode ser isso para ele. Você não é importante o bastante para ser isso.

Minha inclinação natural é a de me desculpar. Desculpar-me por estar aqui. Pedir desculpas por enganar Riley para que acreditasse uma última vez.

Mas não tenho que me desculpar, percebo. Por isso, digo:

— Você tem tanta raiva.

— Dã! Acho que tenho motivo para isso.

— Mas não de mim.

Assim que pronuncio essas palavras, percebo que é a coisa errada a se dizer. Porque nada disso é sobre mim.

— Não é porque você é gay — afirma Lana. — Você sabe disso, não sabe? Eu estaria irritada da mesma forma se você fosse uma garota.

É uma concessão estranha de se ter.

— Então o que você quer de Natal, garotinha? — digo, voltando a usar minha voz de Papai Noel.

Percebo que ela vai acabar comigo por causa do *garotinha*. Mas o que ela responde é:

— Quero que não seja você nessa roupa.

Eu concordo. Volto a usar minha voz normal.

— Eu entendo. Mas você tem que me dizer uma coisa que o Papai Noel possa realmente dar para você.

— Até parece que você trouxe algum presente.

— Eu trouxe um.

— Para Riley? Ah, para Connor.

— Espero que você entenda por que eu não trouxe um para você.

— Por quê?

— Porque você é sempre cruel pra cacete comigo.

Ela dá uma gargalhada de surpresa e diz:

— É justo.

Ficamos em silêncio por um momento. E então, nós dois ouvimos.

Uma porta se abrindo. Silêncio.

Pequenos passinhos.

— Merda — sussurra Lana.

Riley reaparece e só parece levemente incomodada de ver que Lana está comigo.

— Você veio pegar biscoitos para ele? — pergunta a irmã mais nova para a mais velha. — Eu ia dormir, mas me lembrei de que não dei biscoitos para ele.

E a irmã mais velha, sem hesitar um segundo, responde:

— Pode deixar que eu pego.

Ela vai para a cozinha. Riley, sem conseguir se controlar, olha para os presentes debaixo da árvore. Eu me lembro de fazer a mesma coisa com os presentes ao redor da menorá, tentando calcular quais eram para mim e o que poderia haver dentro. Minha mãe embrulhava tudo em caixas maiores do que o necessário só para me enganar.

— Para onde você vai agora? — pergunta Riley.

— Para o Nebraska — respondo.

Ela assente.

Lana volta da cozinha com um prato de biscoitos e um copo de leite.

— Aqui está — diz ela.

Pego um. Está meio duro.

— É o melhor biscoito que comi a noite toda! — proclamo, para deixar Riley feliz.

Consigo ver que Lana quer me entregar. Mas ela se contém.

— Bem — diz ela —, acho que está na hora de você ir embora.

— Para o Nebraska! — exclama Riley com alegria.

O estranho é que estou com vontade de ficar. Agora que chegamos até aqui, agora que pelo menos uma delas sabe quem eu sou de verdade, quero continuar sendo parte disso. Quero que Lana se ofereça para acordar Connor. Quero que nós quatro comamos biscoitos até o amanhecer.

— Ande logo. — Lana interrompe meus pensamentos. — O Nebraska está esperando.

— É verdade — concordo, indo em direção à porta.

— Não por aí! — Lana aponta para a chaminé. — Este é o único caminho para o telhado.

Consigo sentir os olhos de Riley em mim. Apesar de eu ter certeza de que existe uma explicação racional para eu usar a porta, não consigo pensar em nenhuma desculpa.

Assim, sigo para a lareira. Parece que nunca foi usada. Inclino o corpo e vejo que a chaminé não é muito larga. Eu me abaixo e faço contato visual com Riley.

— Agora vocês vão para a cama! — digo.

Riley começa a acenar. Lana só dá uma risadinha de deboche.

— Viaje em segurança — diz ela.

Não sei mais o que fazer. Engatinho para dentro da lareira. Depois, me enfito na chaminé e conto até duzentos, que é aproximadamente a quantidade de teias de aranha que me cercam. Por um momento assustador, penso que minha barriga vai me deixar entalado, mas há um pouco de espaço para manobra — ainda bem que o Papai Noel não comeu biscoitos em todas as paradas. Há poeira na minha boca, poeira nos meus olhos. Com certeza deve haver jeitos melhores de entrar e sair de uma casa, não? Por que o Papai Noel não estaciona a porcaria do trenó em frente à garagem, como uma pessoa normal?

Ouçõ Lana dar boa-noite para Riley. Ouçõ as portas das duas se fechando. Silenciosamente, desço da chaminé e tiro o máximo de poeira possível da roupa, provocando

um montinho de neve no tapete. Lana que explique isso.

“Meu trabalho aqui acabou”, penso. Mas o pensamento parece vazio. Sei que não posso ir embora sem vê-lo. Esse não era o plano, mas nada até agora fez parte do plano. Não posso estar na casa dele sem que ele saiba que estive aqui. Senão, tudo vai parecer incompleto.

A casa se recolheu ao seu estado de sono com estalos, cliques e gemidos. Ando cuidadosamente por um momento, então paro. Com certeza Riley ainda não dormiu, mas para chegar ao quarto de Connor preciso passar pelo dela. Assim, fico imóvel, e percebo quanto é raro que eu fique assim. Tenho que sufocar qualquer desejo de ser participante e aceitar a forma de observador total. Meu celular está no carro, a arma com a qual costumo matar o tempo. Desarmado,

olho ao redor. A sala iluminada pelos piscapiscas de Natal parece solitária em seu silêncio; está faltando alguma coisa, e eu não sou essa coisa. Há livros nas prateleiras, mas não consigo identificar quais são. São uma fila de formas inclinadas. Em uma prateleira, os livros estão apoiados por um par de formas pequenas. Saleiros e pimenteiros. A coleção de alguém.

Deixo os minutos passarem, mas, ao pensar neles, faço com que passem mais devagar. Esta não é minha casa, e tenho certeza de que nunca será. Quase espero que Lana apareça e me mande voltar para casa. “Por que ainda está aqui?”, perguntaria ela, e a única resposta que eu poderia dar seria o nome do seu irmão.

Sei que ele me queria aqui, mas por que tinha que ser dessa maneira? Quero que ele me apresente como seu namorado. Quero me

sentar à mesa de jantar, fazer piadas com Riley que vão fazer Lana rir, mesmo ela não querendo. Quero que eles me vejam de mãos dadas com ele. Quero ficar de mãos dadas com ele. Quero que ele me ame quando eu for mau e quando for bom. Quero. Quero. Quero.

Estou com medo de estar apaixonado, porque isso envolve exigir tanta coisa. Estou com medo de minha vida nunca se encaixar na dele. De nunca chegar a conhecê-lo. De que ele nunca me conheça. De ouvirmos as histórias, mas nunca a verdade completa.

— Chega — digo para mim mesmo.

Preciso falar em voz alta porque preciso ouvir de verdade.

Presto atenção em Riley. Presto atenção em Lana. Espero que não estejam prestando atenção no Papai Noel nem em mim.

Vou até o corredor. Passo pelas portas delas. O quarto de Connor está à vista.

Só quando estou de pé em frente à porta, só quando estou prestes a entrar, é que sinto a presença de mais uma pessoa no corredor. Eu me viro e a vejo ao lado da porta de seu quarto: a mãe de Connor. Os olhos estão semicerrados, o cabelo, lambido. Ela está usando uma camisola que me deixa triste e constrangido de ver. Pende sem vida no corpo, muito usada, por tempo demais. Eu não deveria vê-la assim, no mais absoluto torpor.

Quero ser um fantasma para ela tanto quanto ela é para mim. Mas não tenho como me esconder. Estou quase me explicando. Estou quase contando tudo. Mas ela me impede ao falar primeiro.

— Onde você estava? — pergunta ela.

De repente, sinto que nunca poderia explicar o bastante. Nunca poderia dar a resposta certa.

— Não estou aqui — respondo.

Ela concorda e entende isso. Acho que vai dizer mais alguma coisa, mas não. Ela volta para o quarto e fecha a porta atrás de si.

Eu sei que não deveria ter visto isso. Mesmo que ela esqueça, eu vou saber. E, por um momento, me vejo sentindo pena do Papai Noel. Não consigo imaginar o que ele vê em cada incursão. É claro, seriam pessoas que ele não conhece de verdade. Imagino que seja menos triste com estranhos.

Não vou contar nada disso para Connor. Só vou dizer oi e dar boa-noite. Entro no quarto dele e fecho a porta fazendo o mínimo de barulho possível. Quero descobrir que ele estava acordado o tempo todo, me desejando sorte. Quero que ele me cumprimente assim

que a barra estiver limpa. Mas tudo que me recebe é o som do sono dele. Tem luz suficiente entrando pela janela para o quarto estar azulado. Consigo vê-lo na cama. Consigo ver seu peito subindo e descendo com a respiração. O celular está no chão, caído da mão dele. Sei que estava ali para o caso de eu precisar dele.

Eu nunca o tinha visto dormindo. Nunca o tinha visto assim, mergulhado em outra realidade nada ameaçadora. Meu coração é atraído quase involuntariamente para ele. Eu o vejo dormindo e sinto que poderia amá-lo por muito tempo.

Mas aqui estou eu, fora de tudo. Enquanto o amo, ainda sinto vergonha. Sou a interrupção. Sou a parte que não é sonho. Estou aqui porque entrei pela chaminé em vez de bater à porta.

Arranco o gorro e solto a barba. Tiro as botas e as coloco ao lado da cama. Desamarro a barriga falsa e a deixo cair no chão. Abro a cortina vermelha e a tiro pela cabeça. Tiro a calça e sinto o ar frio nas minhas pernas. Faço tudo isso em silêncio. É só quando estou dobrando as roupas de Papai Noel em um quadrado vermelho e seguro que ouço Connor me chamar.

Deveria bastar quando ando até ele e vejo a alegria nos seus olhos. Deveria bastar ver seu cabelo bagunçado e que há caubóis na calça do pijama dele, ouvi-lo dizer que não acredita que caiu no sono. Deveria bastar Connor estar me chamando agora, deveria bastar me juntar a ele na cama, com o cobertor aos nossos pés. Deveria bastar sentir a mão dele no meu ombro, os lábios dele tocando os meus de leve. Mas alguma coisa não está certa.

Ainda sinto que, de alguma forma, eu não deveria estar aqui.

— Sou um impostor — sussurro para ele.

— É — sussurra Connor em resposta. — Mas é o impostor certo.

Sem minha roupa de Papai Noel, começo a tremer. Sem minha roupa de Papai Noel, sou apenas eu, e estou na casa dele depois da meia-noite no Natal. Sem minha roupa de Papai Noel, sou real, e quero que isso seja realidade. Quero que as coisas sejam assim, ou pelo menos que passem a ser assim.

Connor me sente tremer. Sem dizer uma palavra, envolve nossos corpos com o cobertor. Nossa casa dentro da casa dele. Nosso mundo dentro deste mundo.

Do lado de fora, pode haver renas voando em frente à lua. Do lado de fora, pode haver perguntas com as respostas erradas e mentiras que deveriam ser contadas. Do lado

de fora, pode estar frio. Mas eu estou aqui. Estou aqui, e ele está aqui, e tudo que preciso saber é que vou abraçá-lo e ele vai me abraçar até eu ficar quente de novo, até saber que estou onde deveria estar.

KRAMPUSLAUF

HOLLY BLACK

A segunda *Krampuslauf* anual de Fairmont parecia um pouquinho uma parada militar e muito uma *zombie walk*, só que, em vez dos mortos-vivos, estávamos vestidos como o horripilante companheiro do Papai Noel, o Krampus. Fairmont não era um lugar onde costumávamos passar a tarde. Era cheio de lojas superfaturadas, cafés superfaturados e tinha a Escola Mossley, cheia de babacas superestimados.

Tudo de errado em Fairmont era exemplificado na *Krampuslauf*. Era um evento benéfico e oferecia chocolate quente de graça.

Transformaram a coisa toda em algo *completamente contra* o verdadeiro espírito da *Krampusnacht*, que deveria servir para deixar as pessoas apavoradas, para correr com tochas e chicotes e gritar na cara de crianças em prantos para que elas fossem boazinhas. Nada de chocolate quente. Nada de evento beneficente. A *Krampuslauf* de Fairmont era exatamente o tipo de coisa que gente rica como Roth fazia. Elas pegavam uma coisa incrível e a esterilizavam até se tornar uma coisa horrenda.

Apesar de Roth achar que todos os amigos de Penny eram marginais ignorantes e imbecis porque estudavam em uma escola pública superlotada, eu era inteligente o bastante para pesquisar sobre o Krampus. É um cara interessante, filho de Hel na mitologia nórdica. É mais antigo do que o diabo; então, se eles se parecem, é porque o diabo copiou o

estilo do Krampus. Aposto que Roth não sabe nada disso. Aposto que Roth só gosta dele porque parece maneiro.

Eu esperava que Penny fosse perceber que eu, ela e Wren não nos encaixávamos no grupo, e que depois poderíamos ir para casa ou talvez fazer compras de Natal no shopping bom, já que tínhamos ido até lá de carro. Mas é claro que Penny não fez isso. Ela esticou o pescoço em busca de Roth e da *outra* namorada, a que era rica e estudava na Escola Mossley e que Penny não queria acreditar que existisse de verdade.

— É a oportunidade perfeita de descobrir — dissera ela quando me explicou sobre o folheto que viu no quarto de Roth, com a data circulada com canetinha. — Vamos estar disfarçadas.

Essa parte foi divertida. Fizemos chifres de papel machê, rasgando jornais velhos e

misturando com farinha e água. A gosma melequenta resultante grudou no nosso cabelo, caiu nas nossas roupas e formou seis chifres muito legais.

Os de Penny eram daquele tipo pontudo e fino que se projeta da testa. Os de Wren eram curvos e formavam parte de uma espiral, como os chifres de um carneiro. E os meus eram daqueles virados para trás por cima da cabeça. Nós os pintamos de prateado com pontas vermelhas e vasculhamos nossos armários em busca de roupas demoníacas. Encontrei a capa de pele velha e surrada da minha avó. Wren estava com uns sapatos malucos de tachinhas sem salto que parecem cascos. E Penny estava usando uma máscara veneziana vermelha meio porcaria com um nariz comprido e fálico para impedir que Roth a reconhecesse. Achei que ficamos bastante festivas.

Quando eu era criança, não entendia que os duendes do Papai Noel não eram iguais aos das historinhas. Achava que a fábrica de brinquedos do Polo Norte era cheia de faunos e monstros, criaturas e trolls, duendes e fadas. Antes de mamãe ir embora, quando eu fazia listas para o Papai Noel, e elas eram sempre cheias de coisas mágicas. Eu queria uma capa que me fizesse voar. Queria uma bonequinha do tamanho do meu dedo, com movimentos perfeitos como os de uma pessoa viva. Depois que mamãe foi embora, eu queria bolas de cristal para vê-la e giz mágico com o qual pudesse desenhar uma porta até ela, e uma poção mágica que eu pudesse fazê-la beber e que a faria gostar de nós.

Finalmente, alguém me explicou que os duendes do Papai Noel não eram assim e que a lista era para que papai e vovó não precisassem quebrar a cabeça para decidir o que comprar para mim. Depois disso, comecei a pedir coisas normais, como calças skinny e tênis novos.

Fizemos fila em frente a uma mesa onde uma senhora gentil nos deixou escrever nossos nomes. Percebi que ela não estava muito impressionada com nossas fantasias.

— Infeliz Natal! — gritou um cara de roupa verde peluda, com chifres feitos de copos descartáveis vermelhos e pintados de preto.

Ele estava usando lentes de contato coloridas que deixavam seus olhos amarelos. Cumprimentou-nos com chocolate quente

balançando em um enorme cálice de cerâmica.

Talvez algumas dessas pessoas soubessem mesmo assustar os outros, afinal.

Wren, Penelope e eu pegamos números que a moça da inscrição chamou de “babadouro de corrida”, que deveríamos prender com alfinetes em nossas roupas. Quando conseguimos fazer isso, entramos na confusão.

— Ali está ele — disse Penny, apontando para a fila do chocolate.

Roth estava de pé com um grupo de Krampus da escola particular. Três garotas de saias vermelhas de cetim, curtas e apertadas, com chifres de plástico da loja de fantasias, grandes cílios falsos cheios de purpurina e saltos altos. Dois garotos com máscaras de Krampus levantadas para poderem beber em copos de isopor.

Eles pareciam limpos e impecáveis, como gente rica consegue ficar às vezes. Como a garota loura que Roth estava abraçando. Meu cabelo também é louro, mas porque eu o clareio com produtos de cabeleireiro. Os cabelos dela cresciam da cabeça brilhantes como fios de ouro.

— Aquela é a namorada dele? — Wren franziu a testa. — Você daria uma surra nela.

— Não vou *brigar* com uma garota da Mossley. — O cabelo preto cacheado de Penny era uma moldura linda ao redor do rosto, e a máscara a deixava com aparência perigosa, mas a boca pintada de batom preto tremia como se ela fosse chorar. — Ela nem sabe sobre mim. Deve pensar que é a verdadeira namorada dele.

Ela devia mesmo ser a verdadeira namorada. Sobre quem ele falava com os pais. A que ele levava a festas, para comer pizza e a

lugares que não o banco de trás do carro nem o quarto de Penelope. Penny não queria acreditar que ela existia e acabou se convencendo de que estávamos nos fantasiando e indo até lá para provar uma negativa impossível.

Wren deu de ombros.

— Só estou falando.

Wren tinha sido mais ou menos criada pelos avós, e dormia no sofá-cama deles. Eles a ensinaram a tirar a pele de esquilos, a dar joelhadas fortes em homens a ponto de romper os testículos e a enrolar cigarros tão bem quanto os que são vendidos em lojas. Ela não tinha paciência com a gente.

— Vamos pegar chocolate quente — falei.

Meu trabalho era negociar e às vezes desempatar, fazendo a embaixadora das duas nações. Em troca, elas não me chamavam de louca quando eu inventava

coisas como chifres de papel machê, então, por mais que eu quisesse pedir demissão do meu trabalho, nunca fazia isso.

— Não — disse Penny, choramingando. — Não quero que ele nos veja. E se ele me reconhecer?

Wren segurou o braço dela.

— Aí ele vai apresentar você para os amigos ou vai ficar lá parado, constrangido, até os amigos se apresentarem para nós. De qualquer modo, ele vai ser descoberto. Foi para isso que você veio.

Penny pareceu desanimar, embora ela mesma tenha elaborado o plano. Foi por isso que Wren e eu a acompanhamos, para obrigá-la a ir até o fim com o esquema.

Enquanto tentávamos atravessar a multidão na direção de Roth, um cara passou por mim. Ele estava usando uma fantasia incrível, a melhor que já vi. Usava uma legging

de pele de animal, apertada nas panturrilhas e que se abriam nos cascos mais incríveis, tão bem-feitos que não pareciam parte de uma fantasia. Um cinto de utilidades preto envolvia sua cintura, por isso a transição entre pelo e pele estava escondida, e, apesar do frio, o belo peitoral estava nu. Ele tinha chifres grandes e bonitos como os de uma gazela. Eram tão reais que achei que fossem moldes de resina ou chifres de verdade que ele conseguiu prender a algum tipo de faixa de cabelo escondida. A pele bronzeada estava manchada de um dourado antigo e intenso como o de espelhos velhos, e os olhos estavam delineados com lápis preto.

— Você está incrível — falei para ele, porque estava mesmo.

Se todos os Krampus fossem como ele, a maldade reinaria.

Ele se virou e me lançou um sorriso malicioso de fazer arrepiar os pelos da nuca. Parecia que tinha saído de uma história diferente e melhor do que as que eu conhecia. Não a história da qual Roth fazia parte, nascido para ser um babaca rico e colher as recompensas de nunca ir além disso. Nem a história em que Penny, Wren e eu estávamos, na qual precisávamos ser *realistas* o tempo todo, a despeito do que isso significasse. Não, o garoto com pernas de bode parecia distorcer levemente a realidade de formas fantásticas.

Wren precisou me arrastar. Continuei sorrindo enquanto Penny e eu éramos puxadas para a fila do chocolate quente.

— Vocês são as piores — disse Penny com voz abafada.

— Você quer dizer as melhores — corrigiu Wren, e me deu uma cotovelada nas costelas.

— Ei — gritei para Roth, acenando.

Eu não sabia se era isso que eu deveria fazer para não levar outra cotovelada, mas concluí que Wren ficaria feliz com qualquer avanço que fizéssemos.

Penny me lançou um olhar cruel, que pareceu ainda mais cruel por trás da máscara.

Por um momento, Roth pareceu confuso, mas então se deu conta de onde me conhecia, e vi o início do pânico. Depois de meses vendo Penny sofrer por causa dele, foi gratificante.

— Acho que não conheço vo... — começou ele.

— Oi — disse Wren para a garota loura, interrompendo-o. — Você deve ser a namorada de Roth. Ele falou tanto sobre você. *Tanto*. Não se preocupe, só coisas boas.

A garota sorriu, o que foi horrível. Nenhuma das outras pessoas parecia surpresa,

como se fosse óbvio que Roth fosse contar para um bando de gente como a namorada dele era legal. Ele começou a ficar vermelho como um tomate, mas fechou a boca e trincou os dentes.

Eu sabia que Penelope estava pensando em fugir. Estávamos em uma *caminhada*, afinal, então, se ela saísse andando, não pareceria estranho nem nada. Eu torcia para Wren a estar segurando direito.

— Vamos fazer uma festa de ano-novo *simplesmente selvagem* — prosseguiu Wren, e era por isso que você não deveria levar Wren para os lugares se não queria caos. Ela adorava o caos acima de todas as coisas. — Vocês todos têm que ir. Roth sabe como somos radicais nas comemorações. Garanto que vocês vão se divertir. Não é, Roth?

Ele gaguejou alguma coisa em concordância. Sabia que não podia se dar ao luxo de

nos irritar. “Chame a gente de marginal idiota agora”, pensei. “Duvi-de-o-dó”.

Só havia um problema. Não estávamos planejando nenhuma festa de ano-novo. A última festa nossa que eu lembrava envolvia um bolo de aniversário, velas e um tobogã.

Mas a loura parecia curiosa. Éramos da cidade grande e, para ela, isso significava que tínhamos drogas, bebida e espaço suficiente para fazer uma festa sem arranjar problema. A primeira ideia era boba, porque é claro que a gente *podia* conseguir drogas. Qualquer um podia se tivesse dinheiro e contatos. Mas na Mossley os traficantes passavam e *entregavam* drogas direto nas portas das pessoas.

No entanto, ela estava certa sobre as outras duas. Tínhamos bebida porque tínhamos irmãos e primos mais velhos que comprariam para nós, e armários de bebidas em

nossas casas que nossos pais não se davam o trabalho de trancar e porque, em comparação a outras drogas, álcool era muito barato.

E tínhamos liberdade. Podíamos ficar fora a noite toda pelo preço de uma mentira boba. Ninguém se preocupava com onde estávamos durante várias horas, e às vezes por bem mais tempo do que isso. Teoricamente, todos os alunos da Mossley iam para casa nas férias de inverno, mas a maioria voltava na primeira semana de janeiro. Afinal, eles passavam a maior parte do ano ali. Quem conheciam em casa?

— Tudo bem, ok — disse a garota, olhando dos amigos para Roth, para mim, para Penny e para Wren, com um sorriso distante. — Parece divertido.

Meu pai gostava de levar para casa coisas que considerava ainda utilizáveis. Livros um pouco embolorados da faculdade local, equipamento esportivo danificado e móveis usados que ele via encostados em latas de lixo. Ele foi responsável pelo livro que me confundiu em relação a fadas e também me fez deixar leite talhando ao sol em frente ao trailer da vovó na esperança de atrair um duende para arrumar meu quarto. E havia também outro livro com histórias sobre o diabo.

As histórias sobre o diabo se pareciam muito com histórias de fadas. O diabo era sempre trapaceiro, sempre queria se divertir e acabava derrotado no final. Nas histórias em que ele vencia e arrastava uma alma para o inferno, a pessoa quase sempre merecia.

Ele punia os malvados e recompensava os bons. Assim como uma certa pessoa que usava muito vermelho. Pensando bem, a semelhança de cor é suspeita.

Descobrimos que o nome da namorada de Roth era Silke, o que parecia completamente improvável, mas supostamente era o tipo de nome nórdico que acompanhava cabelos louros-gelo e olhos azuis cor de piscina.

Wren digitou o número dela no meu celular. Roth ficou olhando para Penny como se ela fosse um animal perigoso que pudesse mordê-lo de repente. Eu queria que ela o mordesse. Por trás da máscara, Penny devia estar com o nariz vermelho e inchado de chorar, mas por fora, pelo menos, parecia

um demônio vingativo. Roth estava certo de ter medo.

Em seguida, Wren deu o endereço dessa festa de ano-novo. O trailer ainda não vendido da minha avó morta.

— Wren... — falei, tentando me inserir no processo.

Mas ela tagarelou até ficar tarde demais para impedi-la. E esse era o lado ruim do tipo de caos que Wren criava, como lembrei a mim mesma. Ela sempre provocava uma confusão da qual o resto de nós tinha que escapar.

Eu não fazia ideia do que ela estava pensando. Como isso ajudaria Penny?

Eu não conseguia imaginar ninguém da Mossley em um estacionamento de trailers, muito menos Roth e seus amigos. Tinha certeza de que isso era parte do que Wren achava incrível, imaginar a consternação de

Silke ao andar de saltos altos em meio às pincas e renas de plástico, de braço dado com Roth. E o trailer da vovó não era um lugar ruim para uma festa. Eu poderia me oferecer para arrumá-lo, um trabalho que meu pai vinha evitando. Poderia ser divertido fazer uma festa lá.

Mas não uma festa com Roth e o pessoal da Mossley. Não uma festa que não pudéssemos nem fingir ser legal porque eles estariam lá para nos lembrar de que era uma droga.

Lancei a ela um olhar furioso.

O sorriso de Wren só ficou mais largo.

— Pode convidar ele também.

Ela se virou e apontou. Quando acompanhei, percebi que ela estava falando sobre o garoto Krampus gato com quem eu tinha falado antes, que estava atrás de nós na fila, perto o bastante para tê-la ouvido. Minhas

bochechas ficaram quentes, e eu devo ter ficado ridícula e gaguejante como Roth ficou. O Krampus de peito nu e manchas douradas inclinou a cabeça para nós em reconhecimento por ter sido notado.

— Quer ir a uma festa de ano-novo? — perguntei a ele, em um ato de ousadia nada característica.

Ainda era 5 de novembro, oficialmente *Krampusnacht*, então era remotamente possível que ele não tivesse planos.

— Seria um grande prazer — respondeu ele, em uma voz que desceu arrepiando minha coluna, uma voz que parecia vir de uma realidade meio distorcida.

— Traga seus amigos — disse Penny, com um sorriso vingativo na minha direção, como se falar com Roth na *Krampuslauf* fosse nossa culpa e não ideia dela. Como se pudesse haver alguma coisa errada na ideia

de o Krampus gato levar os amigos a uma festa em um trailer. Como se eu tivesse alguma coisa de que me envergonhar.

Alguns minutos depois, pegamos nossos copos de isopor com chocolate quente e marshmallows e começamos a *Krampuslauf*, andando por um quilômetro enquanto Penny nos xingava, xingava Roth e xingava o amor. Aí, largamos tudo e fomos para o shopping bom.

Não que eu não entendesse de péssimos namorados. Eu tive um também. O nome dele era Nicandro, e ele era velho demais para mim. Quando terminamos, fiquei tão mal que, em vez de procurar outra pessoa, inventei um namorado com o nome tão extravagante quanto o dele.

Joachim.

Eu escrevia o nome dele nos meus cadernos com canetinha, como se ele fosse uma pessoa de verdade. Então, sim, eu entendia que Penny podia fingir que Roth a amava. Afinal, eu fingi a existência toda de uma pessoa.

Eu achava que a festa de ano-novo não se concretizaria, mas me enganei. Quanto mais tempo passava, mais a ideia ganhava vida na minha cabeça. Apesar de ter sido inventada para torturar Roth e talvez até fazer com que ele e Silke fossem, acabou virando mais do que isso.

Embora ainda fosse isso também, com certeza.

— Não, eles vão — disse Pen, deitada no chão do meu quarto, lendo as mensagens do celular. — Roth jura. E pediu desculpas por não ter me apresentado para Silke, mas ficou muito surpreso ao nos ver. Deveríamos ter dito para ele que nós iríamos.

— Então ela não é namorada dele?

De alguma forma, o canalha convenceu Pen a não largá-lo de novo.

Ela suspirou fundo, com sofrimento.

— Mais ou menos. Quer dizer, acho que ele nunca disse que não sairíamos com mais ninguém.

— Ele disse que *você* era *namorada* dele — rebateu Wren.

Ela estava sentada em frente aos pedaços do espelho quebrado que coleí na parede e passou os dedos pela cabeça meio raspada em busca de partes compridas demais.

— Não a *única* namorada. — Ela respondeu rápido demais, como se talvez estivesse repetindo as desculpas que Roth lhe dera. — De qualquer forma, ele promete que vai terminar com ela depois do Natal. Antes do ano-novo. Só não quer que ela esteja triste quando eles forem para casa. Os pais deles se conhecem.

Wren deu uma risada debochada.

— Grande porcaria. Ele é um mentiroso. Então, sobre a festa...

Ninguém que nós conhecíamos dava aquelas festas chiques de ano-novo que eu imaginava. Não como aquelas dos filmes em preto e branco. Aquelas em que as pessoas usavam vestidos longos e prateados e bebiam champanhe em taças compridas e se beijavam à meia-noite. O tipo que eu estava determinada a dar, apesar de nossos recursos limitados e experiência mais limitada ainda.

— Alguém deve dar festas assim — disse Penelope, quando expliquei a minha visão.

— Os pais de Roth — falou Wren. — Senhores. Estrelas de cinema. Pessoas que ganham carros de Natal. Pessoas que passam o Natal em chalés de esqui. Não a gente. É impossível dar uma festa dessas em um trailer.

— Claro que é possível — rebati, tomada pela compulsão. Às vezes, eu sentia que estava esperando que minha vida começasse, e, mais do que qualquer coisa, naquele momento eu queria forçar algum tipo de começo. Eu queria que as coisas fossem diferentes do habitual. Queria distorcer a realidade. — Mais ou menos. A gente se arruma. E faz, tipo, canapés em vez de pasta de cebola.

Wren começou a rir.

— Canapés? Que diabo é isso?

— Comida para comer com a mão — respondi. — Torradinhas com coisas em cima. Se você quer usar a casa da minha avó morta para dar uma festa, tem que ser daquelas para usarmos vestidos e bebermos em copos de verdade. Nada de copos de plástico nem sacos de batata frita e nem camisetas rasgadas. Tem que ser chique. Senão, estou fora.

Elas concordaram, e mais tarde percebi que isso significava que, além de surrupiar a chave do trailer, eu precisava dar mesmo uma festa à altura de toda a minha falação. Quando me ofereci para arrumar o trailer da vovó, meu pai olhou para mim como se soubesse exatamente o que eu estava planejando, mas me deu permissão mesmo assim.

— Ela tinha muita tranqueira — disse ele, sentado na cadeira em frente à TV.

A televisão exibia um programa policial, e ele estava com uma enorme xícara de chá equilibrada na barriga.

— Algumas coisas eram boas — disse minha madrastra, Anne. Ela estava sentada no sofá, e a nossa pit bull, Lady, estava com a cabeçorra no colo dela. — Não jogue fora nada que seja bom, ok? Poderíamos fazer um bazar de garagem.

— Você não vai fazer nenhum bazar de garagem — cortou meu pai. — Tudo vai acabar apodrecendo no nosso porão.

Lady piscou, despertada do cochilo. Soltou um suspiro delicado.

— Poderíamos mandar avaliar os objetos — sugeriu Anne. Ela e papai estavam juntos há bastante tempo para ela saber que não deveria dar atenção ao mau humor dele. — E vender na internet.

— Ah, é, e quem vai embalar todas as caixas? — Ele levantou as mãos e fez o chá balançar na xícara. — Quem vai levar para o correio? Não vai ser você!

E foi assim que minha festa foi esquecida. Fugi com a chave e nenhuma instrução específica. Fui até o trailer, me sentei no sofá de veludilho surrado e planejei. Minha avó foi o tipo de mulher que adorava beber, fumar e contar histórias de quando era enfermeira e de todas as aventuras que viveu antes de se casar com meu avô. Eu esperava que, se o espírito dela estivesse cuidando do lugar, ela ficasse feliz em cuidar de uma festa.

Meu pai sempre dizia que eu era uma criança boazinha com uma imaginação incrível, mas

também que eu era meio um cadete espacial. Minha madraستا dizia que ele não podia falar coisas assim para mim. Que não era bom para minha autoestima.

Quando ele se casou com Anne, eu não sabia como as coisas seriam, mas ela era gentil, normal e nada parecida com a minha mãe, que tinha tendência a ataques de ira, a jogar coisas no chão e estava em algum lugar do Novo México cometendo fraudes com cartão de crédito. No nosso primeiro Natal juntas, Anne costurou para mim uma bonequinha com membros articulados de pano e fios bordados como cabelo. Acho que papai contou a ela sobre minhas listas de Natal antigas.

Eu não disse a ela, mas fiquei com os olhos cheios de lágrimas quando vi o presente. Eu

estava velha demais para bonecas, mas não me importei. Eu a carreguei na bolsa até ela ficar tão grudenta de bala e marcada de caneta que precisei colocá-la em uma prateleira do quarto. Durante alguns meses depois daquele Natal, fingi que Anne era minha verdadeira mãe.

Acho que foi isso que me deu a ideia de fingir a existência de Joachim.

Para onde quer que eu olhasse, havia coisas empilhadas cuidadosamente sobre pilhas de outras coisas, em uma arrumação enganosa até eu começar a mexer em tudo. Caixas de sapato enfiadas debaixo da cama. Um armário cheio de roupas. Uma cômoda tão lotada que as gavetas não abriam. Um armário com porta de vidro com dois

conjuntos de pratos e copos sem fim. A tigela de metal na qual ela me deixava colocar leite para as fadas, que chamava pelo nome siciliano, *donas de fuera*. O terrário de vidro arrumado com cactos, bolas de gude e alguns dos meus bonequinhos antigos de *Star Wars*. O prato de Papai Noel para colocar biscoitos. Dezenas de toalhas de mão, guardanapos e toalhas de banho. Caixas de joias, caixas de enfeites de Natal, velas temáticas nunca acesas de décadas atrás e dezenas e mais dezenas de bonequinhos de cerâmica.

Era uma caverna do tesouro.

Encontrei livros de receitas dos anos 1960 e 1970 com fotos de pessoas em frente a bandejas de torradas e potes de fondue. Encontrei taças de champanhe, copinhos de shots, copos de aperitivo e copos altos.

Encontrei vestidos longos cintilantes em tons de prateado, rosa e dourado, com sapatos combinando. Encontrei colares de zircônio e até uma garrafa de uísque pela metade.

Wren apareceu com o amigo Ahmet e trabalhamos tirando as coisas de que não precisávamos para a festa. Guardei todas as fotos antigas do meu pai, os conjuntos de porcelana e algumas bijuterias para Anne, além de algumas roupas para mim. Levamos o armário grande de madeira até uma loja de penhores e conseguimos trocar por mais copos de vidro, inclusive um baldinho de gelo. Jogamos fora um monte de papéis, toalhas e cartões de visita.

Depois disso, comecei a planejar de verdade.

Precisávamos de comida.

Precisávamos de bebida.

Precisávamos de música.

Precisávamos de decoração.

E precisávamos de convidados.

Juntamos nosso dinheiro de Natal e peguei emprestado o cartão do meu pai que dava desconto no supermercado. Compramos um brie inteiro, um pedaço de cheddar, uvas e quiches pequenininhas para assar no forno. Também compramos batatas fritas, torradas, homus e molho, além de garrafas de vidro chiques de Coca-Cola. Não era exatamente meu sonho de canapés, mas concluí que, depois que tudo estivesse arrumado em bandejas e decorado com uvas, ficaria bem bonito.

Depois, foi a vez das bebidas. Penelope tinha um primo a quem poderíamos pagar para comprar álcool para a gente. Eu faria uma grande quantidade de ponche de vodca na poncheira da minha avó, e, com sorte, poderíamos juntar dinheiro para comprar

algumas garrafas de champanhe Korbel, algumas outras de André e uma caixa de cerveja superbarata. Sei que em Mossley eles deviam tomar champanhe de verdade, com C maiúsculo, do tipo que vem da região de Champagne, na França. Mas, por mais que eu quisesse que nossa festa tivesse classe e por mais que lesse sobre coisas chiques, eu sabia que comprar o Korbel era esticar o orçamento o máximo possível.

Teria que bastar.

Ahmet topou montar uma lista de músicas no celular e tinha o equipamento para fazê-lo tocar pelo sistema de som antiquíssimo da minha avó. Mandamos mensagens de texto para o pessoal da escola. Wren até convidou um cara de quem ela gostava que trabalhava em um café ali perto. Ele disse que tinha outra festa para ir, mas tentaria passar lá, e desde então ela tenta agir como se não

estivesse pensando muito na possibilidade de ele aparecer.

Para a decoração, remexi nos enfeites de Natal e escolhi os pisca-piscas pequeninhos. Wren, Penny e eu os penduramos no teto do trailer e nas árvores lá fora. Colocamos velas em castiçais prateados em formato de flocos de neve, cobrimos os móveis com lençóis brancos e polimos as bandejas até ficarem brilhando.

Demoramos uma semana e meia para deixar o lugar nos trinques. Eu passava algumas noites no trailer, deitada nos lençóis ásperos da cama de vovó, com uma colcha bordada colorida nos pés. Eu achava que talvez fosse sonhar com ela, mas sonhei com o Krampus dourado. Nos meus sonhos, ele arrancava minha pele com chicotadas, e por baixo eu era feita de vidro prensado, como uma das bandejas lindas de vovó. Aí o vidro

rachava e eu caía, cacos afiados de gelo derretendo no fogo da tocha. Meu eu verdadeiro estava debaixo de tudo isso, um eu que ninguém havia visto antes.

“Você me criou”, dizia ele, com olhos intensos e quentes como carvão. “Mas quando se cria uma coisa nem sempre se pode controlá-la.”

Eu estava ferida e tremendo na frente dele. Abri a boca para falar e implorar que ele não me machucasse ou talvez que me machucas-se mais, não sei bem, e aí acordei, com o suor esfriando na pele.

Depois disso, tentei não dormir muito. Afinal, havia muito trabalho a ser feito.

Na noite anterior ao ano-novo, fui arrumar a parte de fora do trailer. Coloquei algumas cadeiras de jardim ao redor de uma mesa e acendi mais velas para criar um espaço tipo área de fumantes. Pendurei bolas de Natal

prateadas nas árvores com linha de pesca. Por fim, dei um passo para trás e olhei em volta. Estava lindo. Cintilante. Mágico.

Uma das outras coisas que meu pai tinha trazido de uma excursão às latas de lixo foi um livro do ocultista Aleister Crowley. Lembro vividamente a definição dele de magia: “a Ciência e a Arte de fazer com que Mudanças ocorram em conformidade com a vontade.”

Eu tinha desejado que aquilo acontecesse. Por um momento, me senti mágica.

E então minha perspectiva mudou e vi o lugar como Roth e Silke veriam, como veria o garoto dourado da fantasia bonita e certamente cara. Um trailer triste e decrepito com um bando de luzinhas baratas.

— Eles não vêm de verdade — falei. — Você sabe disso, não sabe?

— O quê?

Wren estava sentada na porta aberta, tentando calçar um par de sapatos prateados que Penelope tinha emprestado. Ela nunca usava salto.

— A galera da Mossley. Roth. Silke. Por que ele deixaria os amigos virem para cá quando sabe que ter duas namoradas na mesma festa é a receita do desastre? Ele não faria isso. E por que Silke viria para um estacionamento de trailers? E se mais ninguém vier? E se só estiver a gente nessa festa?

— Aí a gente enche a cara — disse Wren. — Muito, muito, muito mesmo.

Suspirei e afundei em uma cadeira de jardim.

— E comemos todas aquelas quiches. E choramos.

Wren e eu éramos amigas havia anos, desde que nos conhecemos no lago lamacento que a cidade chamava de piscina

natural. Ela estava tentando dar um caldo em um garoto de quem gostava e teve problemas com a mãe dele. Penny e eu a salvamos com uma mentira, dizendo que foi o garoto quem tinha começado. E isso abriu um precedente. Se uma de nós se metia em alguma confusão com um garoto, as outras duas ajudavam.

Embora Penny e eu fôssemos amigas havia mais tempo, era Wren quem sabia meu segredo mais idiota. Depois que ela descobriu meu namorado de mentira, precisei arrumar um término de mentira com mensagens de texto de mentira para Penny não descobrir. Se as duas soubessem, nós teríamos que discutir o assunto em conjunto.

Foi uma pena. Meu namorado de mentira foi o melhor namorado que nunca tive.

Joachim foi um nome que encontrei em um site onde fui parar quando estava procurando o significado do meu nome. Ficou na minha cabeça até sair da minha boca de repente como um garoto de quem eu realmente gostava, um garoto que nunca existiu. Depois disso, eu só aumentei a mentira. Criei detalhes sobre a vida dele, sobre como nos conhecemos na internet e os planos que tínhamos de ele me visitar no verão. Eu mandava para mim mesma longos e-mails cheios de coisas que faríamos no futuro, apelidos e falas copiadas dos meus filmes e livros favoritos, depois mostrava os e-mails como se fossem reais. Eu o transformei na única pessoa que realmente me entendia. E,

estranhamente, às vezes ele parecia me entender melhor do que eu mesma.

Com os meus dedos, ele escreveu que eu só precisava acreditar que o mundo não era de mão única. Que era grande o bastante para conter muitas histórias diferentes, grande o bastante para ser imprevisível. Mas eu não tinha certeza se acreditava nele. Sabia que era só eu mesma falando.

Quando fui descoberta e “terminei” com Joachim, chorei no travesseiro por tanto tempo que meu rosto estava inchado quando fui para a escola no dia seguinte. Penny fugiu na hora do almoço e voltou com um frapuccino para me consolar. Wren, por saber que tanto o rompimento quanto o namorado eram falsos, passou o dia impressionada e perturbada pelo meu talento de atuação.

Duas noites depois, quando eu não estava conseguindo dormir, fui me sentar na escada na frente de casa. Ao olhar para os postes de luz zumbindo de mariposas e sentir o frio do vento, desejei que as estrelas, os duendes do Papai Noel ou o próprio Satanás me trouxessem alguém como Joachim, ou pelo menos me dessem algum sinal de que o mundo era grande e imprevisível o bastante para ter alguém como ele. Aí eu seria tão boa ou tão má quanto precisasse para merecê-lo.

— Vamos mandar uma mensagem de texto para Silke — sugeriu Wren, pegando o celular.

Alguns minutos depois, ela estava sorrindo.

— O quê?

— Você estava certíssima. Ele disse para os amigos que a festa foi cancelada. Mas eu falei que Roth era um merda que estava traindo as duas e que ela deveria vir de qualquer jeito. Disse que nós temos provas.

— Você não fez isso — falei.

— Ela me xingou também. — Wren levantou as sobrancelhas. — Mas, se vier, podemos contar os detalhes.

— Penny nunca vai nos perdoar... — resmunguei.

Wren me interrompeu.

— Se queremos que Pen largue Roth, vamos ter que provar a ela que ele é um canalha. Agora só temos que provar para Silke também.

— Não tem nada que a gente possa fazer em relação ao que ela sente. Somos amigas dela. Nosso trabalho é revirar os olhos e ficar ao lado dela, certo?

— Bem, *eu* tenho um plano — disse Wren, olhando para mim como se eu fosse meio lerda. — Pensei em deixarmos Roth muito bêbado para ele confessar que é um babaca, e se isso não funcionar, podemos prendê-lo no banheiro até ele dizer a verdade.

Eu queria arrancar o celular da mão de Wren e ver o que ela tinha dito para Silke e qual tinha sido a resposta.

— Que plano horrível. Esse deve ser o pior plano que você já elaborou.

Wren deu de ombros.

— Só acho que ele acabaria admitindo tudo, só isso. Mas acho também que em algum momento alguém iria querer fazer xixi.

Wren parecia saber coisas sobre as pessoas. Em geral, essas coisas acabavam sendo verdade. Mas dessa vez eu não tinha tanta certeza quanto à intuição dela.

— Enfim — disse ela, levantando-se e tentando se equilibrar nos saltos emprestados —, não importa se ele não vier. Precisamos de um plano novo, e esse plano deve fazer com que Silke e Pen comparem informações até descobrirem que ele está enganando as duas.

Naquele momento, desejei poder voltar atrás com a história da festa. Deu muito trabalho, eu estava sem grana e agora tinha certeza de que seria uma catástrofe. Mas tudo o que podia fazer era ir para casa, desabar na cama e prometer a mim mesma que nunca, nunca mais me ofereceria para dar uma festa, por mais que eu quisesse ser o tipo de pessoa que comia canapés.

Meu pai estava certo. Eu tinha que parar de inventar.

No dia seguinte, saí da cama, tomei um banho superquente e me preparei para a festa. Tinha pegado um vestido emprestado do armário da vovó, um longo de tecido cintilante preto-prateado semitransparente com mangas longas meio bufantes e decote no colo.

Calcei também meus All Star, pois ainda tinha muita coisa para fazer. Tentei prender o cabelo usando um tutorial do YouTube, mas fiz com muita pressa, e acabou ficando meio estranho. No entanto, meus olhos esfumados ficaram incríveis, e fiz aquele lance do batom em que você coloca pó compacto e o pigmento, e em teoria o batom não sai de jeito nenhum.

Depois disso, falei para o meu pai que ia passar a noite na casa de Penelope e fui

comprar gelo para colocar na banheira e gelar as Coca-Colas, cervejas e garrafas de champanhe, depois cortar cenouras e fazer o ponche alcoólico.

— Ligue se precisar de carona. Annie e eu vamos ficar acordados até a virada do ano — gritou meu pai quando saí, colocando uma tigela de comida para Lady, que dançava pela cozinha em um círculo ansioso.

Nada foi feito a tempo. Apesar de Ahmet ter ligado o celular no som com perfeição da última vez, ele demorou uma hora para repetir o feito no ano-novo, e isso depois de chegar três horas atrasado. O primo de Penelope apareceu sem as bebidas, querendo que eu fizesse a lista do que precisávamos toda de novo, além de pedir mais vinte dólares para a tarefa. Wren chegou de motom, pronta para trabalhar, mas precisou fazer uma pausa superlonga para se

aprontar, uma pausa que envolvia Penny fazendo o cabelo dela no banheiro da vovó, de forma que nenhuma das duas me ajudou durante várias horas. Depois de terminar a instalação do equipamento, Ahmet ficou sentado no sofá, comendo todas as torradas e o queijo e me deixando paranoica com a possibilidade de ficarmos sem torrada antes mesmo de a festa começar (não tinha como ficarmos sem queijo). Quando os primeiros convidados apareceram, eu estava quase chorando. Cumprimentei Sandy, Jen e Xavier, mostrei a comida e fui direto para o quarto da vovó, nos fundos, para me jogar na cama.

Ainda tinha o cheiro dela: perfume de rosas esmaecido, remédio e poeira, como se ela estivesse secando e se desfazendo em pó em vez de ter morrido de câncer. A playlist de

Ahmet vibrava nas paredes e me chamava de volta para a festa.

Não atendi ao chamado.

Ouvi uma batida na porta. Como não falei nada, Penny entrou, segurando duas taças de champanhe. Estava usando um vestido tubinho de lantejoulas douradas. Os olhos dela estavam incríveis, com cílios dourados, pó dourado e sombra dourada.

— Oi — falei, apoiando a cabeça na cabeceira. — Só estou descansando um pouco.

Ela se sentou na beirada da cama e me entregou uma taça.

— Coloquei vodca aí. Ela desperta o champanhe.

Dei um gole grande. As bolhas fizeram minha língua arder deliciosamente. A vodca cortava a doçura barata do champanhe. Eu não sabia se ele tinha sido despertado, mas

me despertou. Pela primeira vez naquele dia, tive uma sensação eufórica de expectativa. O sentimento que se deve ter quando se vai a uma festa. O sentimento de que, com o desenrolar da noite, talvez a realidade ficasse até mais maleável, como caramelo, até que qualquer coisa pudesse acontecer e tudo pudesse mudar.

— Obrigada — falei.

— Acho que nosso objetivo deveria fazer você se apaixonar esta noite — disse Penny, dando um golinho na taça. — Vou encontrar alguém por quem você deve se apaixonar.

— Eu não deveria escolher? — perguntei.

— O destino escolhe — respondeu ela. — O destino cruel. Mas não seja como eu. Não se contente com pouco. Não baixe seus padrões.

— O que você quer dizer?

Eu me ergui na cama e bebi todo o champanhe da taça.

— Nada — disse Penny. — Ano-novo, vida nova. Já superei. Já o superei.

— Ah, tá.

Abri um sorriso porque já tínhamos ouvido isso antes. Ouvíamos o tempo todo, na verdade.

— Ano-novo, vida nova. — Penny acabou com o champanhe da taça dela também. — Você sabe que deixou este lugar incrível, não sabe? É a primeira festa de ano-novo chique a que vou. Você conseguiu. Então se levante e aproveite.

Saí do quarto. Mais pessoas tinham chegado, todas arrumadas e trazendo oferendas: vodca com Skittles coloridos, uma torta misteriosa de chocolate feita com haxixe, champanhe com sabor de pêssego, champanhe cor-de-rosa e uma garrafa de

bourbon pela metade. As garotas estavam com vestidos elegantes, os caras estavam com camisas de botão e alguns até com gravatas-borboleta. Oscar estava com o moicano rosa esticado e usava sapatos cor-de-rosa para combinar. Marc estava com um colete de couro por cima de uma camisa branca impecável que parecia até ter sido passada a ferro. À luz das velas, tudo cintilava.

Wren estava atracada com o cara do café na cozinha. Aparentemente, ele decidiu abandonar os outros planos para aquela noite.

Todo mundo parecia estar se divertindo, e, se eu apertasse os olhos um pouco, estava tudo tão lindo quanto eu tinha imaginado. Fui até a mesa do bar e enchi a taça com mais vodca e champanhe, com um sorriso esticado de orelha a orelha.

Algumas pessoas da escola chegaram rindo. Elas levaram mais champanhe e chapéus de festa brilhantes. Tudo começou a ficar borrado e incrível. Penny contou uma história imunda sobre um de seus primos. O namorado de Marc nos contou sobre quando saiu com um cara que tinha “vendedor de seguros” escrito em seu perfil no site de relacionamento, mas que na verdade era pastor; o pastor tentou fazer piada da situação, alegando que vendia religião e que isso era parecido com vender seguros. Conteí uma história sobre uma véspera de Natal em que minha tia ficou tão bêbada que fez xixi na cama, na minha cama, comigo deitada ao lado. Todos gritaram de horror e riram.

Jogamos várias rodadas de “Eu Nunca” e, quando alguém disse “eu nunca quis ficar com ninguém desta festa”, várias pessoas tiveram que tomar um shot.

Quando Silke chegou, eu tinha concluído que ninguém da Mossley iria e já estava aliviada. Mas a porta se abriu e ela entrou, tremendo em um vestidinho curto prateado, parecendo completamente confusa por estar em um trailer. Atrás dela estava Roth. Ele estava com três pessoas, dois rapazes e uma garota com cara de furiosa. Todos, exceto a garota, pareciam bêbados.

— Vocês chamam isso de festa? — disse Roth com voz arrastada, olhos brilhantes e cabelo desgrenhado. As bochechas estavam rosadas pelo frio e pela bebedeira.

— Quem diabo é você? — perguntou Marc, atravessando o espaço que os separava.

Marc era um sujeito grande com cabelo comprido, um princípio de barba e uma voz macia e grave. Uma vez, quando torci o tornozelo na casa de um amigo em comum,

ele me carregou para casa como se fosse um super-herói.

Bater em garotos ricos era má ideia, mas eu torcia para que ele batesse mesmo assim.

— Tudo bem — disse Penny, segurando o braço dele. — Nós os convidamos.

Olhei em volta procurando Wren, mas ela tinha ido para o quarto dos fundos com o barista.

— Bebam alguma coisa — sugeri, mas não consegui soar sincera.

— De jeito nenhum. — Roth se virou para mim, arrastando um pouco as palavras. — Foi você quem mandou mensagens mentirosas para minha namorada?

— Mentirosas?

Ri com deboche. Penny parecia paralisada, como se já soubesse como isso terminaria, como se já soubesse que não conseguiria mais fingir. Ela cambaleou para trás e caiu

sentada em um dos braços do sofá bambo da vovó. Ela nem parecia brava com a gente, embora com certeza tenha percebido que uma de nós mandou as mensagens.

As conversas pela sala pararam. Do lado de fora, uma sirene berrava. Música ainda saía das caixas de som da minha avó, não alta o bastante.

— Era com você que ele estava dormindo?
— perguntou Silke, e reparei que seus olhos estavam brilhantes e vermelhos, como se ela tivesse chorado. E então, ela olhou para trás de mim, para Penny. Assim que a viu, acho que soube. — Ou era...

— E daí se fui eu? — perguntei, interrompendo, porque não era justo Penny enfrentar Silke logo depois de Roth partir o coração dela. — Você sabe que ele traiu, mesmo que ele negue. O que não sabe é que foi com você que ele traiu. Você é a outra.

Silke se virou para Roth, balançando a cabeça.

— Ela era sua *namorada*?

— Não! Você está louca? Eu já *contei para você*. Trouxe você aqui para que possa ver como elas são patéticas. Para perceber que estão mentindo. Talvez queiram dinheiro. Não sei. Elas são pobres e moram em um *trailer*. Pegar uma dessas garotas seria baixar o nível, são muito deprimentes. Seria como nadar em esgoto. O cheiro nunca iria embora.

Os amigos dele gargalharam. Um coral grego de elite.

As outras pessoas nem esboçaram um sorriso. Oscar estalou os dedos.

Silke parecia pouco à vontade.

Tirei o celular do bolso. Eu não era tão boa nisso quanto Wren, mas, com o álcool

cantando nas minhas veias, eu sabia que precisava fazer alguma coisa.

— Tenho uma foto de Roth aqui...

— Não tem, não. — Roth tentou pegar o celular. — Me dá isso.

Eu não tinha nenhuma foto dele com Penny, mas Roth não sabia disso. Ele deu um pulo. Eu me virei de costas para ele e joguei o celular no sofá enquanto Roth torcia meu pulso com força suficiente para me fazer gritar.

E então tudo aconteceu ao mesmo tempo. Wren surgiu dos fundos do trailer só de calcinha e sutiã. Marc tentou se meter entre mim e Roth. Um dos amigos de Roth tentou atrapalhar Marc. Oscar socou alguém. E eu caí no chão, os garotos estavam dando socos uns nos outros, Wren bateu com um abajur na cabeça de alguém, e todo mundo estava gritando.

De repente, Roth chutou a mesa com a tigela de ponche. A perna da mesa quebrou e a tigela virou, derramando ponche de morango em toda a comida, encharcando as torradas e o queijo, molhando o homus e a pasta de cebola, estragando as quiches. Estragando tudo.

Gritei com todo meu fôlego. Bem mais alto do que quando ele torceu meu braço. Gritei tão alto que Marc soltou Roth. Com o nariz sangrando, Roth se virou e viu meu rosto horrorizado. Acho que só naquele momento ele percebeu quanto destruir a festa me afetaria. O sorriso dele era arrogante e horrendo.

Eu queria arrancar os olhos dele com as unhas. Queria me esconder no quarto. Queria sair e me sentar no frio até ficar completamente congelada. Queria fazer todas essas coisas contraditórias com tanta intensidade que acabei não fazendo nada. Só fiquei ali

parada, com os olhos se enchendo de lágrimas enquanto o sorriso de Roth virava uma gargalhada.

E então a porta se abriu de novo, deixando entrar uma brisa fria que fez as velas tremeluzirem.

Era o garoto Krampus lindo com as pernas de bode e a tinta dourada. Ele devia ter entendido errado a ideia de se arrumar para a festa, porque estava usando uma variação da fantasia da *Krampuslauf*. Tinha combinado as pernas de bode com uma jaqueta verde de brocado costurada com linha prateada e uma bermuda até os joelhos com botõezinhos prateados nas barras. Havia dois amigos com ele, ambos fantasiados. Um era uma garota de vestido branco com uma manga só coberta de cristais reluzentes. O outro, um garoto com cabelo louro até a cintura. Usava

uma prótese de orelhas pontudas e um terno preto de lã no estilo eduardiano.

Roth e os amigos pareceram confusos pela chegada dos três, mas não eram eles que estavam ali com lágrimas nos olhos e uma mesa de comida destruída.

— Trouxemos presentes — disse o garoto com cascos, e o louro tirou do casaco uma garrafa de bebida transparente. Ele tirou a rolha com os dentes.

— O meu é a alegria da festa.

— Vocês são de verdade? — perguntou um dos garotos da Mossley.

Roth soltou uma gargalhada debochada, ainda querendo brigar. Silke deu um passo para trás, para dentro da cozinha do trailer. Alguns de nossos amigos estavam se reorganizando para o caso de Roth e dos garotos da Mossley quererem trocar mais alguns socos. Eu estava tentando me aproximar do

local onde tinha deixado a vassoura da minha avó. Se Roth tentasse qualquer coisa, eu a quebraria na cabeça dele.

— Eu também trouxe um presente — disse a garota, e puxou uma faca curvada do corpete.

Ela deu dois passos. Antes que a gente tivesse tempo de reagir, ela apertou a faca na garganta de Roth. Os olhos dele se arregalaram. Eu tinha certeza de que nunca ninguém o tinha ameaçado com uma faca antes, principalmente uma garota.

— Pelo que entendi, esse garoto estava causando confusão.

— Vocês estão nos assaltando? — perguntou a garota da Mossley de cabelo escuro. — É sério? Com essas roupas?

O garoto de pernas de bode riu.

O garoto louro com orelhas pontudas olhou de Penelope para Silke e depois para Roth.

— Qual deve ser o destino dele?

Soltei a vassoura e dei um passo na direção de Roth e da garota de branco.

— Não o machuque. Entendo esse impulso, mas ele não vale o risco, vai nos processar.

— Quem *são* vocês? — perguntou Penny, assombrada.

— Joachim — disse o garoto Krampus. — E meus companheiros, Griselda e Isidore.

As sobrancelhas de Wren subiram tanto que pareciam tentar escalar o rosto dela para fugir.

— Eu pensei que ele fosse...

Penny olhou para mim.

— *Esse é Joachim?*

Mas é claro que não era. Não podia ser. Joachim não era ninguém. Ele não existia.

— Então, o que vocês querem que eu faça com ele? — perguntou Griselda. — Eu gostaria que meu presente fosse bem-recebido.

Silke saiu da cozinha, como se atraída contra seu próprio bom senso.

— Quero que ele seja punido. — Ao dizer isso, Silke se virou para Penny. — Você não?

Penelope foi até Roth. Os olhos dele se arregalaram enquanto ela se aproximava. E, naquele momento, eu entendi o dilema. Ela podia salvá-lo e fazer com que ele tivesse uma dívida com ela. Podia provar que era melhor do que a outra namorada, melhor do que *ele*. Mas ele talvez a largasse mesmo assim, e ela se sentiria ainda mais idiota.

Mas ainda seria uma pessoa melhor.

— Não quero que ele se machuque — disse Penny, olhando para mim. Ela hesitou. — Mas quero que seja punido. Você está vestido

como Krampus, não está? Então o puna como um.

O Natal deveria ser uma época em que todo mundo é legal com todo mundo e todos se perdoam, mas o verdadeiro sentido do Natal são os *presentes*. E, no mundo real, o Papai Noel não é justo. Crianças ricas ganham carros e crianças pobres ganham porcarias de segunda mão que os pais se matam de trabalhar para conseguir comprar. As pessoas têm que pagar só para se sentarem no colo do Papai Noel.

Mas Krampus faz justiça. Se você foi mau, ele serve a você uma grande travessa de carvão quente. É chicoteado com varas de bétula até sangrar. É algemado e pescado em piscinas de tinta com tridentes. Esse é o espírito do Krampus. Pode parecer só coisa de hipster caridoso, mas no fundo é justiça, e eu entendo o apelo.

— Isso é fácil — disse Griselda. — Garoto, você foi um jumento. E, por isso, até você ser perdoado por essas duas moças, é exatamente essa a aparência que vai ter.

Ela levou os lábios até a bochecha dele e deu um beijo enquanto a faca o mantinha no lugar. Quando se afastou, Roth começou a se transformar. Bigodes cinzentos cresceram no rosto. O pescoço se alongou e as narinas se dilataram. Ele estava mudando de forma. A cabeça estava virando a de um animal.

Eu tinha desejado magia, que a realidade fosse distorcida, mas, ao ver isso, me perguntei se era possível distorcer tanto a realidade a ponto de ela quebrar.

Os dois amigos de Roth se entreolharam, depois olharam para nós e para Griselda, como se estivessem tentando descobrir quem os drogou. Nós todos estávamos assistindo com assombro ávido.

Roth zurrou com a cabeça de burro enquanto Griselda guardava a faca. Cambaleou na direção dos amigos. Eles gritaram e saíram correndo para a porta do trailer. Silke chegou mais perto de Penny, que parecia tão apavorada quanto eu me sentia.

Joachim passou o braço pelo pescoço de Roth, com os olhos dançando de satisfação.

— Ah, pare com isso, não é tão ruim. Você tem uma pelagem bonita e um nariz magnífico, bem melhor do que o que tinha antes. E aposto que vai acabar gostando do seu destino.

Oscar esticou a mão, impressionado, para tocar em uma das orelhas de Roth, que tremiam. Roth se encolheu e Oscar deu uma gargalhada assombrada.

— Isso é uma merda daquelas do Harry Potter.

— Isto não pode estar acontecendo — disse Wren, rindo, ainda de sutiã e calcinha, com uma das mãos no quadril. Ela parecia tirada de um cartão-postal de pin-up dos anos 1940. — É bom demais.

Mas estava acontecendo. E estávamos bêbados o bastante para deixar rolar, mesmo com os significados da cabeça de asno de Roth zumbindo no fundo da minha mente. Por exemplo: se a magia era real, então as pernas de bode de Joachim não deviam fazer parte de fantasia nenhuma; e quando eu deixava leite para as fadas, deveria ter lavado a tigela todas as vezes. Eu me concentrei em tentar segurar a mesa quebrada. Não podia ficar ali surtando para sempre. Algumas pessoas me ajudaram a secar o ponche derramado. Tirei o queijo e raspei a camada de cima do homus. No fim das contas, ainda havia pacotes de torradas na cozinha e enchi

os potes. A maioria das garrafas de bebida não quebrou. Parte da comida não pôde ser salva, mas, considerando o fato de que a magia era real e que havia criaturas mágicas no recinto, eu estava pronta para declarar a festa um sucesso de qualquer jeito.

Isidore serviu doses da garrafinha dele em copos de aperitivo e os arrumou na bancada da cozinha. A bebida tinha gosto de tomilho e sementes de cominho, e queimou toda a minha garganta. Griselda nos ensinou uma música para beber. Gritamos a letra enquanto dançamos pela sala, girando loucamente e pulando nos móveis.

Alguém encontrou uma maçã para Roth comer.

Perto da meia-noite, ligamos a televisão na MTV, que exibia a bola caindo na Times Square. Fizemos a contagem regressiva com todo mundo.

Dez. Nove. Oito. Sete. Seis. Cinco. Quatro. Três. Dois. Um.

Perdemos a cabeça gritando, soprando línguas de sogra e beijando uns aos outros. As pessoas gritaram a letra de “Auld Lang Syne”, e Isidore cantou versos que eu não conhecia dessa música escocesa tradicional de ano-novo. “*Nós dois corremos nas colinas e colhemos margaridas. E ainda vamos tomar uma xícara de gentileza, pelos bons e velhos tempos*”. De repente, me vi no corredor beijando Joachim, um garoto que eu mal conhecia, um garoto com nome falso e que podia ser um demônio, um ser mágico ou uma alucinação perturbadora.

Minha cabeça girava. Minhas mãos estavam enroladas no cabelo dele, e eu o empurrei contra a parede. A respiração dele falhou quando puxei a boca dele para a minha. Eu não fazia ideia do que estava fazendo.

Ahmet mudou a playlist para músicas mais altas, mais loucas, com cara de meia-noite, e começamos a dançar de novo. Dançamos e bebemos, bebemos e dançamos até a playlist acabar. Ahmet adormeceu debaixo da mesa, com o braço jogado em Griselda.

Às cinco da manhã, me vi enrolada em um casaco de pele comido pelas traças do armário da minha avó, caída em uma cadeira em frente à mesa de plástico, quando o sol começou a queimar no horizonte congelado. Eu estava com um copo cheio de Schnapps de canela da cor do nariz de Rudolph.

Joachim estava fumando um cigarro de grama e confrei. Ele tinha encontrado um frasco de bolhas de sabão e exalava a fumaça em cada esfera frágil e cintilante, sorrindo enquanto elas eram carregadas pelo vento.

Ele tinha um tipo de beleza perturbadora. Antes, minhas paixões haviam sido por

garotos de aparência normal, garotos gordinhos e magrelos como postes, garotos com cabelos feios e garotos com sombras de bigode que estavam tentando deixar crescer, garotos com dentes tortos e pele com espinhas. Era provável que ninguém fosse acreditar em mim, mas a beleza alucinante de Joaquim me deixava pouco à vontade. Ele era como um quadro que você tinha vontade de queimar para finalmente poder parar de olhar. Tinha cabelos dourados acobreados e olhos dourados acobreados. Cachos lindos. Parecia uma coisa que você tinha permissão para olhar, mas nunca para tocar.

Eu me lembrei do toque quente dos lábios dele.

— Por que *Joachim*? — perguntei.

Ele olhou para mim, um pouco bêbado e claramente perplexo. Fiquei feliz por saber que, fosse lá o que ele fosse, fosse lá o que ele

parecesse, ainda podia ficar bêbado no ano-novo.

— O nome — completei.

Ele riu, jogando a cabeça para trás e olhando para as estrelas.

— Você barganhou com o universo, lembra?

As palavras fizeram um arrepio descer pela minha coluna. Eu nem lembrava direito o que tinha dito ou prometido, mas sabia que havia mesmo feito aquilo.

— E o universo me ouviu?

— Não. — Acima dele, uma bolha estourou, provocando uma explosão de fumaça que foi destruída pelo vento. — Mas eu ouvi. Muitas coisas podem ser ouvidas quando alguém faz ofertas assim.

— Então você quer...?

Eu estava rígida de pânico, tentando pensar em meio à névoa do álcool.

Ele balançou a cabeça negativamente e abriu um sorriso.

— Nada mesmo. Só me lembrei do nome quando vi você na *Krampuslauf*. Não temos nomes, não como vocês. Isidore e Griselda já foram chamados de muitas outras coisas, e ainda vão ser chamados de várias outras. Nomes não se fixam em nós. Mas gosto de Joachim, e sabia que você também gostaria.

Tentei imaginar um nome deslizando de mim, como se não estivesse preso direito. Parecia errado, como perder a própria sombra. Eu sempre fui Hanna, e não conseguia imaginar não ser mais.

— Por que você estava naquela coisa?

— Na *Krampuslauf*? — A gargalhada dele era grave e intensa. — Eu queria estar entre as pessoas sem disfarce. É uma pegadinha e tanto, você não acha?

— Ah, acho. Totalmente.

Tomei um gole de Schnapps. Parecia que alguém tinha derretido paus de canela até virar um xarope grosso. Eu me perguntei quem levou aquilo para a festa. E por que decidi beber. Então tomei outro gole.

— Estou devendo um presente a você — disse ele no silêncio. — Griselda trouxe uma coisa e Isidore trouxe uma coisa. Agora é minha vez. É só dizer seu desejo, e farei o meu melhor para dar a você algo que se aproxime dele.

Isso me fez rir.

— Estou feliz por você ter vindo. E transformar Roth em burro foi mais do que o suficiente.

— Meu povo vive ouvindo pedidos de favores, mas raramente são convidados a participar de festas — disse ele com humor malicioso, como se estivesse falando

formalmente de brincadeira. — Me deixe dar a você um presente por nos ter recebido tão bem.

— Tudo bem — falei, cedendo e olhando para o trailer.

Uma música baixa tinha começado a tocar lá dentro, e eu conseguia ver pessoas se mexendo. Estavam ganhando gás de novo. Em pouco tempo, alguém sairia e nos levaria para os restos da pós-pós-festa. Pouco tempo depois disso, eu desabaria na cama da vovó com quantas outras pessoas coubessem lá. Em pouco tempo seria manhã, e, pelo que eu imaginava, Joachim, Griselda e Isidore iriam embora ao amanhecer, como orvalho seco pelo sol.

— Tudo bem. O que quero é nunca esquecer que existe magia no mundo. Fico com as minhas lembranças desta noite. Fico com elas para sempre.

O sorriso dele ficou torto. Ele se inclinou, apagou o cigarro no cinzeiro de vidro pesado da vovó e encostou a boca na minha testa. Ele tinha cheiro de grama queimada.

— Eu prometo — sussurrou ele, movendo a boca na minha pele.

E, apesar de eu claramente não estar nem um pouco sóbria, aquele foi o momento quando decidi que, se a magia era real, se conjurei Joachim pelo simples poder de querer que ele acontecesse, se fiz aquela festa com duzentos dólares e pura determinação, então talvez eu estivesse errada quanto às coisas que julguei não poder ter. Talvez fosse possível imaginar coisas melhores para mim. Talvez eu pudesse ter tudo, se quisesse.

Com o amanhecer de um novo ano no horizonte, resolvi exercer minha vontade no mundo.

QUE DIABO VOCÊ FEZ, SOPHIE ROTH?

GAYLE FORMAN

Nas quinze semanas desde o começo de seu primeiro ano na Universidade de Fimdomundo, Sophie contou pelo menos uma dúzia de momentos “Que diabo você fez, Sophie Roth?”. O primeiro foi quando a mãe de Sophie a deixou no alojamento, um prédio de tijolos cobertos de hera, exatamente como o prometido no catálogo. O motor do carro alugado ainda não havia sido desligado quando Sophie compreendeu que a *ideia* de uma faculdade no interior, *no interior* do

interior — *campestre*, como ela vinha descrevendo para os amigos no Brooklyn —, não era tão *campestre* quanto estrangeira, como se ela tivesse decidido se matricular na Universidade de Beirute. Sentimentos de angústia logo acompanharam a revelação que não deveria ter sido realmente uma revelação, de tão óbvia que parecia. *Sempre* fora óbvia para todos os amigos, que ficaram perplexos com sua escolha de estudar ali, e para a mãe, que não ficou.

Enquanto ela e a mãe levavam as malas para o alojamento, Sophie não ousou demonstrar seus sentimentos. Isso só faria a mãe se sentir culpada. O fato de a Universidade de Fimdomundo ser *campestre* não era o verdadeiro motivo para Sophie ter se matriculado ali.

O segundo momento “Que diabo você fez, Sophie Roth?” aconteceu naquele fim de semana, quando ela conheceu as colegas de quarto. Meninas legais, bonitas e receptivas, mas, naquela primeira noite juntas — com cerveja e pizza com bordas grossas do tamanho de um polegar —, Sophie precisou dizer *estou brincando* pelo menos meia dúzia de vezes, tendência que continuou até meados do semestre, quando ela finalmente se deu conta de que sarcasmo era um dialeto separado, que não era compreendido por todos ali. “Você é tão cidade grande”, disse uma das Kaitlynns (havia três no alojamento). Sophie nunca soube direito se isso foi um insulto.

Sophie havia imaginado que *ela* seria a misteriosa do campus — afinal, era da cidade grande —, mas as inescrutáveis de fato eram as meninas das cidadezinhas do Meio-Oeste,

que sonharam a vida toda em frequentar aquela universidade e cujos pais haviam estudado ali.

Os caras não eram muito melhores. Espécimes fortes com dentes grandes e nomes como Kyle e Connor. No começo do semestre, um desses caras havia convidado Sophie para sair no que ela achou que fosse um encontro romântico, mas que acabou se revelando um passeio em grupo para jogar frisbee. Sophie ficou mal-humorada com a situação, mas, depois, para sua surpresa, entrou no jogo, pegando passes e provocando o outro time. No caminho de volta ao alojamento, Kyle/Connor comentou: “Você é muito competitiva, não é?” Sophie não teve dúvidas de que *aquilo* era um insulto.

Esse foi o momento “Que diabo você fez, Sophie Roth?” número quatro, ou talvez o cinco. Aconteceram vários desses momentos

com os garotos de lá. Ela estava começando a perder a conta. Já fazia tempo que havia perdido as esperanças.

Ela não tinha ninguém a culpar pelo momento “Que diabo você fez” daquela noite, exceto a si mesma. As provas finais haviam terminado dois dias antes, e a maioria dos alunos tinha saído do campus para as férias de fim de ano. Como os voos de volta a Nova York custariam metade do preço na semana seguinte, ela precisaria ficar por lá matando tempo. Mais cedo naquele dia, Sophie vendera seus livros ao sebo. Ela recebeu uma miséria em troca, pois duas edições estavam prestes a ser atualizadas, explicou o atendente, fazendo Sophie entrar em uma discussão com o coitado sobre como todos os

livros acadêmicos deveriam ser digitais e atualizados automaticamente. Só que não foi realmente uma discussão, porque o atendente não queria se envolver no debate. Na saída, ela viu um panfleto de uma apresentação de canções natalinas ao ar livre naquela noite. Por algum motivo, pensou: “Esta parece uma boa ideia.”

Sophie se perguntou quando ela enfim aprenderia que muitas coisas parecem uma boa ideia, mas que uma pequena análise pode revelar que tais ideias boas na aparência são, na verdade, intrinsecamente falhas. O comunismo, por exemplo. Parecia uma boa ideia: todo mundo compartilha, ninguém fica com fome. Mas basta pensar um pouco melhor para entender que, para isso funcionar, é preciso ter uma capacidade

inumana de cooperação, ou uma capacidade muito mais humana de totalitarismo. De qualquer forma, ela tinha ouvido Luba descrever filas para comprar pão, telefones grampeados e prisões siberianas o suficiente para saber o caminho que isso seguia.

Uma apresentação de canções natalinas? Ela deveria saber o que esperar disso. O grande objetivo de uma apresentação de canções natalinas era participar. Em primeiro lugar, Sophie era judia. Já era ruim o bastante que ela praticamente tivesse pulado o Chanucá desse ano, mas passar a última noite do feriado judaico cantando o nascimento de Jesus... Tipo. Não. E mesmo que eles cantassem uma canção judaica (o que não fariam, porque as referências judaicas em Fimdomundo eram totalmente alienígenas), Sophie não iria cantar. Não em público. Não ali.

Em sua defesa, ela gostava de canções natalinas — não as ladainhas terríveis que tocavam nos alto-falantes dos shoppings, mas aquelas cantadas em belas harmonias. Sophie se lembrou de quando ouviu canções natalinas pela primeira vez, caminhando pelas ruas perto de seu apartamento no Brooklyn. Elas tinham uma harmonia tão linda que Sophie perguntou à avó se eram anjos cantando. “Não, querida”, respondera Luba. “São apenas gentios.”

Não havia nada de *errado* com a cantoria naquela noite. Estava ótima. Mas não era nem remotamente mágica ou angelical. E todo mundo parecia usar suéteres de Natal. Com apliques da rena Rudolph ou do Papai Noel. Uma menina inclusive usava um suéter com uma árvore que acendia de verdade. Se Sophie tivesse ido para a Universidade de Nova York, esse tipo de suéter seria usado

com ironia. Mas não ali. Tudo era absurdamente sincero.

Inclusive as canções natalinas. Não que ela esperasse canções de Natal irônicas — *jingle bells, jingle bells, acabou o papel, não faz mal, não faz mal, limpa com jornal...* não era assim que cantavam na escola? Mas havia muito brilho nos olhos e sentimento no coração enquanto eles cantavam. E ainda os suéteres. Ela não aguentava mais.

— Ah, essa coisa Ned Flanders — resmungou consigo mesma.

Ela andava resmungando muito consigo mesma. Quando admitiu isso a Zora, a amiga a alertou que isso era um passo no caminho para se tornar a Louca dos Gatos. Sophie riu, mas quando pensava na mãe, sozinha no apartamento apenas com suas esculturas e agora os gatos de Luba como companhia, não parecia tão engraçado.

— Ei, você acabou de falar do Ned Flanders?

Flagrada bancando a Louca dos Gatos em voz alta? Ai. Sophie se sentiu como se tivesse sido vista correndo nua pela rua. Fingiu que não tinha ouvido a pergunta.

— Falou, sim. Você disse “alguma coisa Ned Flanders”.

Ela se virou. A mais ou menos um metro de distância estava um dos Caras Negros do Campus. Sophie odiou a si mesma por pensar nele dessa forma — ela crescera perto de um bairro negro, afinal —, mas ali era difícil não pensar assim. Parecia haver em torno de vinte alunos negros em toda a universidade, muitos deles bolsistas como ela. Ela sabia disso porque conhecera alguns na recepção da reitoria durante a primeira semana de aulas. Tinha ficado lisonjeada pelo convite, até que chegou ao local e recebeu

um panfleto com vagas de trabalho para estudantes, e compreendeu que era uma reunião de todos os bolsistas. Ficou escondida em um canto, entreouvindo um bando de jogadores do time de basquete (ficou surpresa ao saber que o basquete era muito popular por lá) comparando os comentários mais idiotas que tinham ouvido na primeira semana de aulas. Sophie ficou morrendo de vontade de contribuir com alguns exemplos próprios, mas não teve coragem. Embora se sentisse como minoria ali, ainda era branca.

Tentou lembrar se o cara tinha ido à recepção. Ele estava olhando para ela como se a conhecesse.

— Eu não disse, só resmunguei — respondeu ela, ou melhor, resmungou.

Ele riu. Uma risada aberta e sincera e, por um segundo, Sophie sentiu aquela empolgação de ter feito uma boa piada. A sensação,

no entanto, foi seguida pela dúvida, porque as pessoas dali não compreendiam seu senso de humor. Ela suspeitava que só fazia as pessoas rirem depois que saía do ambiente. Isso a irritava pra caramba. Onde ela morava antes, as pessoas ao menos tinham a decência de rir na sua frente.

Aquela cantoria natalina foi uma ideia incrivelmente péssima. Ela se virou para ir embora.

Sentiu uma mão, uma mão enorme, em seu ombro.

— Desculpe. Eu não estou tirando sarro de você. De verdade. É só que eu estava pensando a mesma coisa.

Ela se virou.

— Você estava pensando no Ned Flanders?

Esperou que ele dissesse alguma coisa vaga, típica de um Kyle ou Connor. Então perguntaria o que ela estudava. Mas ele

apenas sorriu, um sorriso malandro e caloroso, quente demais para aquela noite fria.

— É. No Ned Flanders — disse ele. — Entre outros. — Ele disse *entre outros* em um tom malicioso, fazendo Sophie corar.

O rapaz estendeu a mão, protegida por uma luva sem dedos.

— Russell — apresentou-se.

Ela olhou para ele, ou melhor, para cima. Russell era muito alto, pelo menos trinta centímetros mais alto do que Sophie, que tinha quase um metro e setenta. Alto o bastante para jogar basquete. Talvez, assim como ela, ele fosse bolsista. A ideia foi tão tranquilizadora quanto o aperto de mão — firme, sem ser esmagador. Ele não era um desses caras que precisavam quebrar sua mão só para provar que a tratavam como igual.

— Sophie — respondeu ela.

— Então, Sophie. — Ele abriu bem os braços. — O que a traz aqui?

Pareceu uma variação da pergunta “O que você estuda?”, com a insinuação na verdade sendo “O que *você* está fazendo *aqui*?”. Sophie detestava que perguntassem o que ela estudava. (Ela não sabia direito ainda. Era caloura do primeiro semestre, pelo amor de Deus. Nem todo mundo sai do útero com a vida toda já decidida.)

Quanto ao que estava fazendo ali... Um ano antes, ela nem sequer tinha ouvido falar naquele lugar. Seu orientador educacional do ensino médio sugeriu aquela universidade, e ele parecia conhecer os detalhes de faculdades obscuras com bolsas de estudos absurdas. Quando a universidade lhe fez uma oferta de auxílio financeiro tão generosa, tão acima e além de qualquer outro lugar, Sophie simplesmente não pôde recusar. Antes que

tivesse tempo de pensar no que a decisão significaria — todo esse clima campestre etc. —, ela estava matriculada. Agora se via contando os dias no calendário, esperando pela condicional. (E, sim, ela sabia que estava sendo exagerada e dramática e que era uma educação de cinquenta mil dólares por ano de graça pela qual deveria ser grata, mas não interessava quantas vezes dissesse isso a si mesma, o fato não apagava quanto estava infeliz.)

— Acredito no valor de uma boa formação em humanidades — disse Sophie.

Era sua resposta padrão para a pergunta irritante à qual havia se acostumado, ao lado da alface americana na salada e do queijo servido em cima de tudo o que não combinava com laticínios.

Russell riu.

— Eu estava me referindo a *este lugar*, no concerto de canções natalinas mais estilo Ned Flanders de todos os tempos.

Havia alguma coisa na maneira como ele disse isso, como se ele e Sophie estivessem do mesmo lado. Isso a fez relaxar um pouco.

— Estou fazendo pesquisa antropológica — declarou ela.

— Uma espécie de etnografia?

— É — respondeu Sophie. — Estou especialmente interessada nos suéteres. O simbolismo dos que se acendem.

Sophie fez uma pequena pausa, esperando pela expressão de indiferença e o “sério?” que teria recebido de um Kyle ou um Connor. Ao que ela seria obrigada a responder “não, na verdade, não, estou só brincando” e a conversa terminaria.

Mas Russell estava assentindo com a cabeça e com a mão no queixo, em trejeitos professorais exagerados.

— Acredito que eles representem um ritual de acasalamento — disse ele.

— Um ritual de acasalamento?

— Sim. As luzes masculinas se acendem com o objetivo de atrair a atenção da fêmea para que ocorra a procriação.

— Como vaga-lumes? — perguntou Sophie.

— E peixes abissais — acrescentou Russell.

— Uma pergunta: o acasalamento é dos suéteres ou das pessoas dentro deles? — indagou Sophie.

Quando Russell sorriu, perdeu a aparência professoral.

— Não sei, Sophie — respondeu ele. — Mas as duas perspectivas me assustam pra cacete.

Sophie riu. Não foi uma risada falsa ou educada, mas uma risada de verdade, quase

com um ronquinho no final. Fazia tempo que não ria assim.

— Você não acharia tão engraçado se soubesse como é o restante do ritual — alertou Russell, com uma das mãos em cima da boca como se estivesse conspirando.

— Quase tenho medo de perguntar.

Sophie levantou a cabeça para ouvir. Ela estava flertando um pouco com ele, outra coisa que não fazia havia algum tempo.

— A música “Rudolph, a rena do nariz vermelho” funciona como um gatilho. Assim que a ouvem, todos aqueles suéteres... — Ele sacudiu a cabeça. — Confie em mim. Você não gostaria de ver.

— O quê? É tipo uma orgia de suéteres?

— Pense só. Quando o nariz de Rudolph acende, todo vermelho e pulsante, é como um símbolo de...

— Entendi — interrompeu Sophie, sacudindo as mãos para espantar a imagem. Mas ainda estava rindo. — Você pensou muito no assunto.

— Assustador, não é?

Sophie não sabia se ele estava se referindo a toda a reflexão que dedicara ao assunto ou à visão de todas aquelas pessoas decentes, limpas e cantantes fazendo uma orgia. Mas quando, alguns instantes depois, todos começaram a cantar a abertura de “Rudolph, a rena do nariz vermelho...”, Sophie e Russell se entreolharam e, como que por um acordo mútuo, saíram correndo.

O problema era que não havia aonde ir. O campus *era* campestre, cercado por fazendas e bosques. Havia uma pequena rua

comercial, mas os estabelecimentos costumavam fechar cedo, mesmo na época de aulas.

Eles estavam em frente ao diretório de estudantes, que estava aberto, mas entrar lá seria como admitir a derrota, e, depois dos últimos meses — ou talvez dos últimos minutos —, Sophie não suportaria isso. Mas então Russell disse:

— Estacionei logo ali.

Ele pressionou o controle da chave e um carro com placa do Texas apitou e acendeu os faróis.

— Eu não vou acabar no fundo de uma vala, vou? — perguntou Sophie, quase como uma formalidade, para provar que ela, uma nova-iorquina durona, não entraria ingenuamente no carro com ele. Mas então se preocupou que ele interpretasse a pergunta de

um jeito diferente, por ser negro. E se repreendeu por estar obcecada com isso. Zora era negra. E ela nunca agira assim perto da amiga. Mas, também, Zora não era um cara.

Mas ele apenas sorriu de novo e abriu os dois botões de cima do casaco para revelar o suéter que tinha por baixo. Cinza e liso.

— Nada de Rudolph, nada de luzinhas. Você está segura.

Depois de entrarem no carro, Russell deu a partida e começou a dirigir. Ele parecia ter um destino em mente, o que foi uma mudança bem-vinda. Suas poucas saídas com Kyles e Connors haviam sido encontros em grupo nos quais todo mundo ficava falando “O que você quer fazer? Não sei, o que você quer fazer?”. Isso fazia com que Sophie não quisesse fazer absolutamente nada.

O carro era luxuoso, com bancos de couro e cheiro de novo.

— Belo carro — comentou ela.

— Obrigado. Ganhei usado.

— Sêrio? As coisas que ganho usadas normalmente são casacos de inverno e patins. E iates. Todo mundo me dá seus iates usados. É um saco, na verdade.

Russell gargalhou.

— É. Detesto quando isso acontece.

No painel, havia controles dos aquecedores de assento. Sophie adorava aquecedores de assento. Ela adorava qualquer coisa que a aquecesse. Havia se surpreendido com quanto era frio ali, um frio que nunca deixava seus ossos em paz. Ficava parada embaixo do chuveiro por vinte minutos e ainda sentia frio. Sentia saudade de sua banheira.

— Vamos ligar os aquecedores de assento?
— perguntou Sophie.

— Podemos ligar qualquer coisa que você quiser — comentou Russell, tornando os aquecedores de assento imediatamente desnecessários. Ele os ligou, e Sophie ficou mais aquecida do que estivera desde que o inverno começou, no dia anterior ao Halloween, como se fosse agendado. — Que tal uma música? — sugeriu ele.

— Claro — disse Sophie.

Ele ligou o aparelho de som.

— Você escolhe.

Sophie procurou por um iPhone ou coisa parecida. Russell olhou para ela e disse:

— É ativado por voz. É só dizer uma música.

— Ahh, que mágico — comentou Sophie.

Só que então ela se deu conta de que não teria o luxo de examinar as músicas de

Russell para saber o que ele ouvia. Sophie tinha o gosto musical de uma mulher de cinquenta anos. Em outras palavras, o gosto musical de sua mãe. Mas isso era constrangedor. Do que as pessoas normais gostam? Zora gostava de umas músicas indie meio folk que deixavam Sophie com sono. Quem sabe Kanye West. Ou isso seria presunçoso demais? Lorde? Todo mundo não gostava de Lorde?

— Não é um teste — disse Russell. — Só diga o nome da sua música preferida.

— “You Can’t Always Get What You Want” — disparou Sophie.

Ela começou a explicar que era dos Rolling Stones, mas Russell já estava pedindo que o carro mágico tocasse a faixa nove de *Let It Bleed*. Alguns segundos depois, a abertura cantada por um coro de meninos (muito melhores do que os cantores natalinos

daquela noite, pensou Sophie) encheu o carro, seguido da voz lindamente rouca de Mick Jagger.

Eles seguiram, deixando Mick Jagger embalar o trajeto pelas ruas escuras do campo. Sophie adorava a música e acompanhou a letra mexendo os lábios silenciosamente, mas resistindo ao impulso de cantar em voz alta. Um dos momentos “Que diabo você fez, Sophie Roth?” envolvera uma imprudente interpretação de “To Sir, with Love” no karaokê do salão de convivência. “Talvez não seja a melhor escolha quando se é desafinada”, disse uma das meninas. Ela estava tentando ajudar, mas nenhum dos amigos nova-iorquinos de Sophie — alguns dos quais haviam frequentado o ensino médio de artes cênicas — consideraria adequado fazer um comentário desses.

Sophie não sabia ao certo para onde estavam indo. Era uma região rural. Eles pareciam estar simplesmente passeando, mas tudo bem. Andar de carro ouvindo Stones sem dúvida já se classificava como o melhor encontro que ela tivera ali até o momento. (Não que aquilo fosse um encontro. Era?)

Depois de cerca de vinte minutos, Russell saiu da estrada. No meio do nada, toda iluminada, havia uma lanchonete. Não uma lanchonete qualquer, mas uma lanchonete das antigas, com as paredes de alumínio. Parecia um trailer Airstream gigante.

— Que lugar é este? — perguntou Sophie enquanto os dois caminhavam pelo estacionamento de cascalho.

Era algo completamente inesperado, como receber um presente lindo sem motivo especial.

— Aqui — disse Russell — é onde se vende a melhor torta do estado.

— Mas de onde isso surgiu?

Sophie ouviu a própria pergunta. Era igual a “O que você está fazendo aqui?” para o mundo das lanchonetes. Mas os únicos lugares parecidos com lanchonetes que ela vira perto do campus eram franquias: Applebee’s, Friday’s e coisas do tipo.

— De Oz — respondeu Russell.

E parecia exatamente isso. De Oz, como se tivesse sido carregado por um tornado, ou como se Sophie estivesse em technicolor depois de ter passado os últimos meses em preto e branco. Talvez, quando as pessoas perguntassem de onde ela era — naquele tom excessivamente solícito, mas também ligeiramente desconfiado que sugeria que, de onde quer que Sophie fosse, elas preferiam não ser de lá —, ela devesse parar de responder

Brooklyn (tão cidade grande) e começar a dizer Oz.

Oz estava lotada. Os dois encontraram a última mesa disponível. Uma garçonete de jeans e camiseta de um São Bernardo com chapéu de duende largou dois cardápios na mesa.

— Feliz Nada — cantarolou ela, com a voz rouca pelo cigarro.

— Igualmente, Lorraine — disse Russell. — O que tem de bom esta noite?

— Por que você sempre me pergunta isso?

— Eu gosto do jeito como você diz torta.

— Ah, pare com isso.

— Além disso, tenho uma convidada.

Lorraine olhou para Sophie.

— É verdade. — Ela limpou a garganta. — Temos algumas especiais: creme de banana. Torta de manteiga de amendoim, de batata-doce. Além disso, a de cereja está ótima. É

congelada, mas as cerejas cresceram a apenas três quilômetros daqui.

Russell olhou para Sophie.

— E então?

— Vocês têm de maçã? — perguntou ela.

Lorraine olhou para Russell.

— *Sério?*

— Ei, eu não sabia.

— Não sabia o quê? — perguntou Sophie, mas ninguém respondeu.

— Duas de maçã, então — disse Lorraine.

— Vocês querem à moda ou com queijo?

Sophie sentiu um calafrio. Torta com queijo. Por que não aproveitar e pôr um pouco de molho de carne também?

Russell percebeu a reação dela.

— Você já comeu torta de maçã com queijo?

Sophie fez que não com a cabeça.

— Mas você sabe que não é bom?

— Sei — afirmou Sophie.

— Sem nunca ter experimentado?

— Bom, eu também nunca comi torta de maçã com pedaços de unhas, mas sei direitinho qual a minha opinião sobre isso.

Russell sorriu. Lorraine bateu com o lápis no bloquinho.

— Vamos querer uma de cada — disse ele a Lorraine. E se virou para Sophie. — Talvez você fique tentada.

— Não conte com isso — falou Sophie.

— Sempre aposto alto.

Sophie percebeu que ele a estava provocando, mas não sabia direito se era por causa da torta.

— É só isso? — perguntou Lorraine.

— Quase — disse Russell. Ele olhou bem para Sophie, como se os dois estivessem de conluio. — Café. Certo?

— É claro.

— Dois cafés, por favor.

Depois que Lorraine saiu, Sophie olhou ao redor. Era uma mistura interessante de gente: fazendeiros, mas também pessoas que pareciam de alguma cidade, muito embora a cidade mais próxima ficasse a mais de cento e cinquenta quilômetros de distância. Como todos haviam descoberto aquele lugar?

— Isto aqui está na internet? — perguntou Sophie.

— Não acho que tenha um nome, muito menos que está na internet — respondeu ele.

— Como você o descobriu?

— Basta bater três vezes no quarto celeiro vermelho à sua esquerda, e alguém sussurra o caminho.

— Bem alternativo — disse Sophie.

— É — concordou Russell. — Só para a galera antenada. — Ele fez um gesto

apontando para um casal de velhos atrás deles. — Os mais descolados.

Ela riu. Não que algum dia tivesse sido descolada, mas nunca foi menos do que nos últimos três meses.

— Sinto falta de lanchonetes assim.

— Tem boas lanchonetes assim em Nova York — disse Russell.

— É verdade. Tem uma aonde a minha mãe e eu vamos às vezes para um jantar invertido, que é...

— Café da manhã no jantar — interrompeu Russell. — Sou um grande fã de jantares invertidos.

— Eu também. Mas como você sabe que eu sou de Nova York?

Russell não respondeu. Ou deixou seu sorriso malandro responder.

— Ah, entendo. É evidente. Porque eu sou tão da cidade grande.

— Cidade grande?

— É o que me dizem aqui o tempo todo. Só que não falam como uma referência geográfica. É mais um comentário genérico sobre como me acham estranha. A pessoa vê filmes estrangeiros e é sarcástica, logo, é muito da cidade grande.

Russell pensou no assunto por um instante.

— Você come comida apimentada, logo, é muito da cidade grande.

— Você lê o *New York Times* e não é por obrigação, totalmente da cidade grande.

— Você ouve jazz, opa, é da cidade grande.

— Você usa preto, com certeza é da cidade grande.

— Você é preto, com certeza é da cidade grande. Só que aí chamam você de *urbano*.

Sophie riu.

— Às vezes, *eu* acho que ser da cidade grande é um código para ser judeu, mesmo que as pessoas daqui não percebam, porque nunca conheceram um judeu antes.

— É sério?

Sério. Quando Sophie chegou, perguntavam qual tipo de igreja ela frequentava. Ela explicava que judeus iam a templos (não que *ela* fosse, já que sua família não era desse tipo de judeu). Ela não conseguia acreditar que as pessoas não soubessem disso, mas muita gente não sabia. Sua mãe havia infiltrado nas coisas de Sophie uma pequena menorá para o Chanucá, mas ela permanecera escondida em um canto do armário. Sophie não suportaria a quantidade de explicações que precisaria dar para acender as velas.

Agora, Sophie estava se perguntando qual parte disso contar a Russell, mas ele estava

olhando para o telefone e acenando para Lorraine. Por um instante, Sophie temeu ter ido longe demais (ela estava sempre indo longe demais) e que ele ia pedir a conta. Em vez disso, perguntou a Lorraine se eles tinham batatas rosti.

— Das mais finas, não das grossas.

— As grossas são as da casa. Batatas rosti são as mais finas. Temos dos dois tipos — disse Lorraine, irritada, embora Sophie estivesse começando a suspeitar que ela gostava de ser irritada por Russell.

— Tudo bem. Batatas rosti. Com molho de maçã à parte e sour cream. — Russell olhou para Sophie. — Certo?

— Certo — disse Sophie.

Ela falou com dificuldade. Por causa do repentino nó na garganta. Batatas rosti finas, basicamente latkes, com molho de maçã e creme azedo? Isso era comida de Chanucá.

— Como você sabia? — perguntou Sophie depois de se recuperar.

— Uma coisa genial, chamada calendário — disse ele. — Tem todo tipo de informação.

— As datas, talvez, mas latkes são coisa de quem conhece o assunto. De onde você *realmente* é?

Ele deu um sorriso meio malicioso.

— Você está sugerindo que um cara do Texas não pode saber sobre latkes?

— Na verdade, aposto como isso é uma violação do estatuto de vários estados — brincou Sophie.

Russell riu.

— Provavelmente. É que eu tive uma namorada judia.

Muito bem.

— Então tem judeus no Texas?

— Não foi no Texas.

— Ah. — Agora que ela pensou melhor, ele não tinha sotaque texano. Mas ela também não tinha sotaque nova-iorquino. As pessoas no campus sempre se surpreendiam com isso. Ela achava que pelo menos seu sotaque não era tão da cidade grande. — Então de onde você é de verdade?

— De onde eu sou *de verdade*? Não sei se sou de algum lugar *de verdade*.

— Agora você só está tentando ser misterioso.

— E como estou me saindo?

— Como o James Bond. Mas até ele é de algum lugar.

Ele pareceu ficar um pouco sem graça.

— Não morei por tempo suficiente em um lugar para ser de lá.

Então listou vários lugares onde *havia* morado: Dubai, Seul, Amã, Cidade do México e, nos Estados Unidos, em Dakota do

Norte, no Colorado e, mais recentemente, em Houston, no Texas.

— Meu pai trabalha no ramo do petróleo — acrescentou Russell.

— Ah, eu achei que...

Sophie começou a falar enquanto seu cérebro terminava de digerir uma outra coisa que deveria ter ficado óbvia. Russell era rico. Por que ela havia pensado que ele era bolsista, com todas as evidências apontando o contrário?

— Achou o quê? Que eu fosse da cidade grande? — Então ele olhou para ela e alguma coisa em sua expressão deve tê-la denunciado. — Ah — disse. — Você achou que eu fosse bolsista de esportes.

Ele falou ainda com leveza, mas agora um pouco comedido. Sua versão de “estou brincando”.

— Desculpe — disse Sophie.

E ela estava realmente se sentindo mal. Mais do que isso. Ela estava um pouco decepcionada. De alguma forma, Sophie havia metido na cabeça que ela e aquele cara tinham alguma coisa em comum. O otimismo que vinha ganhando velocidade ao longo da noite deu de cara com um muro de tijolos.

— Sem problemas — disse Russell, com a expressão do rosto revelando o contrário. — Deixe eu adivinhar. Basquete.

Sophie havia perdido o fio da meada.

— O quê? — perguntou ela. — Ah, é. Acho que sim.

Russell fez um som parecido com uma tosse. Sophie olhou para ele. Esperou raiva ou gozação, mas foi pior do que isso. Ele parecia uma árvore de Natal depois que se apagam as luzinhas. Sophie havia se juntado às tropas dos comentaristas idiotas. Ela o havia decepcionado. Parte dela queria se

explicar, dizer por que havia pensado aquilo e como não havia de fato pensado aquilo, e contar a ele sobre sua melhor amiga negra e sobre como havia crescido no Brooklyn e tinha muitos bons amigos da cidade grande (urbanos). Mas ela não se explicou. Porque, de alguma forma, ele também a havia decepcionado.

Assim que a noite desandou espetacularmente, Lorraine chegou com toda a comida empilhada nos braços. Torta com queijo. Torta à moda. Batatas rosti com molho de maçã. Só que, em vez de sour cream, ela trouxe queijo cottage. “Era de se imaginar”, pensou Sophie.

A comida ficou ali parada, esfriando na mesa entre os dois. Sophie estava arrasada,

triste e de repente com muita saudade de casa. Aquele havia sido o pior momento “Que diabo você fez, Sophie Roth?” até agora.

Sophie tinha ido até lá em busca de conhecimento, mas se sentia mais burra a cada minuto. Um bom exemplo era o que havia acabado de acontecer. Não era como ela se ela não estivesse acostumada a conviver com pessoas ricas, todos os tipos de pessoas ricas. Embora seu bairro fosse pobre e barato quando a mãe alugou o apartamento, antes de Sophie nascer, a região foi ficando mais nobre com o passar do tempo. Quando Sophie tinha dez anos, uma família comprou uma das casas próximas e a reformou completamente antes de se mudar. Eles tinham uma filha, uma menina da idade de Sophie chamada Ava, e elas logo se tornaram melhores amigas. Ao longo dos anos, Ava sempre se ofereceu para pagar coisas para Sophie:

cinemas, jantares, viagens nos fins de semana. No começo, as atitudes — *subsídios de melhor amiga*, como Ava os chamava — eram legais, mas depois pararam de parecer legais e apenas deixavam Sophie hiperconsciente de tudo o que lhe faltava. Começou a recusar os subsídios. Ava continuou os oferecendo. Sophie começou a se ressentir dela por isso. No começo do ensino médio, as duas tiveram uma briga feia. “Eu não sou uma necessitada”, gritou Sophie. As ofertas cessaram. E a amizade morreu logo depois. Sophie se sentiu mal por isso, mas nunca soube direito como consertar as coisas.

Ela também não sabia como consertar as coisas agora, mas enquanto a comida ficava ali, intocada, simbolizando uma reprovação evidente, ela sabia que precisava tentar. Russell já havia salvado a primeira metade da noite. Não apenas por fazê-la rir e afastá-la

de uma possível orgia de suéteres, mas por lhe dar espaço para ser ela mesma novamente. Ela não tinha se dado conta de quanto precisava daquilo. De todas as coisas e pessoas de que sentia falta ultimamente, era estranho ver a si mesma no topo da lista.

Ela respirou fundo, rompeu o silêncio e disse:

— O que eu ia dizer antes era que pensei que você era como eu.

Ele olhou para ela de novo, o que já era alguma coisa, mas ficou claro, por sua expressão confusa, que não entendeu o que Sophie estava querendo dizer.

Então ela lhe disse o que não havia dito a mais ninguém ali, embora soubesse que não era nada do que se envergonhar. Era algo de que se orgulhar.

— *Eu* sou bolsista. Acho que pensei... esperei... que, se você também fosse, você seria como eu.

O silêncio entre os dois se estendeu, e Sophie não soube ao certo se essa confissão havia ajudado a salvar a noite em alguma medida, embora tivesse melhorado alguma coisa nela própria. Mas então Russell disse:

— Quem disse que não sou?

Ele deslizou a torta com queijo na direção dela. Sophie não sabia bem se o gesto era um desafio ou um sinal de que estava tudo bem. De qualquer maneira, pegou o garfo e, embora a torta não parecesse nem um pouco apetitosa — o queijo havia derretido e formado uma bolha —, experimentou uma pequena garfada, hesitante.

E. Ah. Meu. Deus.

O sabor forte do cheddar acentuou o salgado da crosta da torta e contrastou com a

doçura das maçãs. E havia ainda a mistura de consistências: grudenta, crocante, suculenta — tudo quente.

Comeu outra garfada, maior desta vez. Russell a observava. Parecia estar se divertindo. Ela comeu uma terceira porção. Ele sorria com satisfação.

— O que foi? — perguntou Sophie.

— Estou pensando que ganhei essa aposta — respondeu Russell.

Os dois acabaram com a torta e a maior parte das batatas rosti. Elas não ficaram muito ruins com o queijo cottage, afinal. Logo tudo o que restou foi uma triste bola de sorvete. Quando a conta chegou, Sophie pegou a bolsa. Russell sacudiu a cabeça.

— Eu estava pensando em pagar quando achei que você fosse rica, então não seria condescendente deixar você dividir a conta agora?

Sophie riu.

— Espere aí, você pensou que *eu* fosse rica? — perguntou ela. Russell levantou uma so-brancelha e tentou parecer constrangido. — Então, estamos quites? — continuou Sophie.

— Não estou competindo — declarou Russell. — Mas isso realmente torna as coisas interessantes.

Ele colocou duas notas de vinte na mesa.

— Obrigada — disse Sophie. — Por tudo. Mas especialmente pelos latkes. Provavelmente serão os únicos que comerei este ano.

— Por quê?

— Esta é a última noite de Chanucá. A época para comer latke está acabando.

— Você não vai para casa para as festas de fim de ano?

— Vou para o Natal e o ano-novo, mas, não, nada de Chanucá este ano.

— Por que não?

Sophie fez uma pausa, pensando em como responder.

— Duzentos e sessenta e sete dólares — disse ela, enfim.

Era quanto os preços das passagens baixavam para viajar na semana seguinte, contou. Sophie brigou com a mãe por causa disso, o que era raro. Ela estava acostumada à frugalidade. Sua vida sempre foi assim, uma questão de necessidade, apenas as duas e a renda escassa da mãe. Mas também porque quaisquer excedentes iam para a poupança universitária de Sophie. Então, no verão passado, justamente quando Sophie estava preenchendo inscrições para

faculdades, Luba teve um derrame. Ela ficou em uma espécie de limbo, e nem Sophie nem a mãe conseguiriam interná-la em uma casa de repouso pública (eram todas muito soviéticas). Quando ela morreu, cinco meses mais tarde, a poupança de Sophie não existia mais. A Universidade de Nova York a havia aceitado, mas a faculdade dos sonhos dela de repente tornou-se exorbitante, mesmo com um pacote de auxílio financeiro. Então a Universidade de Fimdomundo apareceu com sua oferta generosa.

A mãe de Sophie não havia conseguido pagar a passagem para o Dia de Ação de Graças. E depois ainda houve este último adiamento. Eram as primeiras festas de fim de ano sem Luba. Sophie se perguntou se não era este o verdadeiro motivo para o atraso. Talvez sua mãe quisesse passar as festas

deste ano em branco. Talvez Sophie também quisesse.

Pensando em tudo isso, Sophie começou a chorar. Ah, pelo amor de Deus. *Isso certamente se qualificava como um momento “Que diabo você fez, Sophie Roth?”.*

— Você está bem? — perguntou Russell.

— Coisa de fim de ano — disse Sophie, limpando o nariz. — Não sei nem por que estou chorando. Chanucá é uma chatice. E daí que eu vou perder?

Russell estava olhando para ela. Com curiosidade. Com ternura. Conscientemente.

— Quem disse que você vai perder?

Já que tinham começado essa história de Chanucá, Sophie e Russell decidiram ir até o fim, acendendo a menorá que ela tinha

escondido em algum lugar do armário. Era de Luba. Fazia um ano desde a última vez que ela havia sido usada, pouco antes do derrame. Como o Chanucá havia acontecido muito cedo, casando com o Dia de Ação de Graças, elas fizeram um banquete e tanto: peru, peito bovino, latkes, batatas, rosquinhas e torta de sobremesa. Mas Sophie só se permitiu pensar nisso por um instante. Evocar essas memórias era como tocar em uma panela fervendo. Ela conseguia suportar apenas por uns instantes antes de se afastar.

Enquanto voltavam para o campus, Sophie se deu conta de que, embora tivesse uma menorá, não tinha velas. Eles foram até o mercado nos arredores da cidade. Estava vazio, os corredores eram pequenos, o piso era velho e imundo. Russell empurrou

Sophie de um lado para outro em um carrinho bambo enquanto os estoquistas os observavam atentamente. Sophie ficou sem ar de tanto rir. Corrida de carrinho de supermercado. Quem diria que isso seria uma excelente atividade para se fazer em um encontro? (A essa altura, ela tinha certeza de que aquilo *era* um encontro.)

Como era de se esperar, a oferta de velas era patética. Uma prateleira inteira de velas elétricas, uma estranha variedade de números de aniversário (o quatro e o sete estavam desproporcionalmente representados) e algumas velas de emergência, para blecautes e outras catástrofes. Nada que remotamente se encaixasse em uma menorá.

Russell já estava com o telefone na mão, procurando por lojas abertas naquele horário. Mas Sophie já estava pegando as velas de emergência.

— Este feriado tem a ver com adaptação — disse ela. — Meu povo é notoriamente improvisador.

— Estou vendo — comentou Russell. — De quantas precisamos?

— De nove — respondeu Sophie. — Oito para as oito noites do Chanucá, mais uma vela extra para acender. Isso se formos seguir a tradição oficial.

Havia nove velas de emergência na prateleira.

— Nossa — disse Sophie. — Isso é quase o verdadeiro milagre do Chanucá. — Ela explicou a origem da celebração, quando o óleo na menorá, que deveria durar uma única noite, durou oito. — Na verdade, é apenas um milagre menor — acrescentou.

Russell olhou para ela e inclinou a cabeça para o lado.

— Não sei se existe isso de milagre menor.

Os dois voltaram de carro para o campus. *Let It Bleed* ainda estava tocando, e eles ouviram “You Can’t Always Get What You Want” de novo. Dessa vez, Sophie cantou junto, primeiro baixinho, e depois aos gritos. Não se importava de parecer desafinada.

De volta ao campus, depois de Russell estacionar o carro, os dois atravessaram a quadra a caminho do alojamento de Sophie. Estava vazio, sem sinal da orgia de renas da qual haviam fugido. Aquilo parecia ter acontecido um milhão de anos antes.

— Por que você falou comigo hoje mais cedo? — perguntou Sophie. — Foi realmente por causa do Ned Flanders?

— Em parte — respondeu Russell, esticando as palavras de uma forma que deixou Sophie curiosa.

— Qual foi a outra parte?

— Então você não se lembra de mim?

Lembrar? Ela lembraria, se houvesse um motivo. Tinha certeza. Só que ele estava olhando para ela como se os dois tivessem um passado.

— A aula de poesia.

Sophie só frequentara essa disciplina por uma semana. Havia *odiado*. Não era sequer ministrada por um professor, mas por uma assistente com a voz anasalada que insistia em interpretações muito específicas dos poemas. Ela e Sophie haviam se desentendido sobre o poema de Yeats “Quando fores

velha”. Foi mais um momento “Que diabo você fez, Sophie Roth?”, um dos maiores. Um que a fez questionar estar ali.

— Eu me arrependi por não ter defendido você quando vocês tiveram aquela... discordância.

Discordância. Foi mais uma guerra de palavras. Ela e a professora-assistente haviam debatido sobre um verso, “Muitos amaram-te horas de alegria e graça”, e Sophie se vira à beira das lágrimas. Precisou sair da sala antes do final da aula. Abandonou a disciplina no dia seguinte.

— Se isto faz você se sentir melhor, depois daquilo, muitos de nós começamos a desafiá-la — contou Russell. — “Poesia não é matemática” era o nosso grito de guerra.

Foi o que Sophie havia dito à professora-assistente. Ela foi tomada por uma espécie de alívio retroativo — ou seria sentimento de

vingança? Ela tinha defensores naquela turma. Parceiros. Mesmo que não os tivesse notado. Não o tivesse notado. A verdade era que ela não notava muitas coisas na faculdade. Mantinha a cabeça baixa, não olhava para os lados. Era uma tática de sobrevivência. Só que agora ela se perguntava se não era uma tática de sobrevivência burra, como usar um colete salva-vidas feito de chumbo.

— Eu perguntei sobre você depois da aula. Consegui algumas informações, tipo que você era da cidade grande e tal — disse ele, com um sorriso provocador. — Mas nunca mais vi você por mais do que um instante. Até esta noite... Eu estava me perguntando sobre o que dizer. Você estava com uma cara muito brava, não parecia muito a fim de companhia. — Ele sorriu de novo, mas foi um sorriso diferente, menos malandro, mais tímido e mil vezes mais sexy. — Só que daí você falou

no Ned Flanders, eu *tive* que dizer alguma coisa.

— Como assim? Ned é tipo seu guia espiritual?

Ele deu uma risada. Aquela risada alta e sincera.

— Nós moramos em muitos lugares, e em algumas épocas nos mudávamos todos os anos. Em todos os lugares onde morei, *Os Simpsons* era a única coisa constante. Passava em todos os lugares. Às vezes, em inglês, às vezes, dublado, não importava. Era o meu porto seguro.

— Você faz isso parecer tão triste — comentou Sophie. — Morar em todos esses lugares parece muito legal para mim.

— As coisas nem sempre são o que parecem.

O olhar que os dois trocaram foi como um roteiro da história que eles já haviam atravessado naquela noite.

— E então, como era *de verdade*? — perguntou Sophie.

— Já viu aquele filme *Encontros e desencontros*?

Sophie assentiu com a cabeça. Adorava aquele filme.

— Era igual àquilo, cada mudança. Mas vezes mil, porque eu era negro em lugares onde simplesmente não há negros. Na Coreia, todo mundo me chamava de Obama. — Ele suspirou. — Antes da presidência do Obama, eu era Michael Jordan.

— Foi por isso que você veio estudar aqui? — indagou Sophie. — Porque sabia o que esperar?

Russell ficou olhando para ela um tempo antes de responder.

— Sim. Em parte por isso. Também para deixar meus pais furiosos. Eles acharam que eu era louco de vir para cá, mas achei que estava provando uma coisa importante. Do tipo, ei, as coisas sempre foram assim para mim, então eu quero mais. — Ele riu, um pouco mais melancólico dessa vez. — O único problema é que eles nunca entenderam isso. E mesmo que entendessem, estar aqui não pune ninguém, na verdade. Além das mensalidades caras. — Ele levantou as mãos. — Bom, pelo menos eles têm um bom curso de jornalismo.

— E um excelente currículo de humanas — acrescentou Sophie.

— E lindas meninas da cidade grande que falam sozinhas sobre Ned Flanders.

— Certo. Li sobre elas no panfleto — disse Sophie, um pouco envergonhada com o comentário sobre ela ser *linda*. Também pelo

fato de eles terem chegado ao quarto dela. —
É aqui.

Russell segurou a mão dela. Estava quente.

— Pronta para o seu Chanucá?

— Com certeza — afirmou Sophie.

O quarto estava vazio. Kaitlynn, Madison e Cheryl já haviam viajado para o feriado, embora tenham enchido o quarto de enfeites de Natal. Sozinha com Russell, Sophie de repente ficou nervosa, com os joelhos tremendo, e começou a falar na mesma velocidade das luzinhas pisca-pisca.

— E aqui está nossa árvore falsa, enfeitada com as pipocas e os bastões doces tradicionais. E você pode observar também os enfeites espalhados por todos os lugares, que não sei exatamente o que simbolizam, e aquele

Papai Noel de plástico. E se você respirar fundo vai sentir um aroma de pinho. Bem-vindo à terra onde o Natal vomitou.

Ela estava tentando continuar a piada dos suéteres do Rudolph. Mas talvez o fato de a piada ter perdido a graça fosse uma prova de quanto eles tinham avançado naquela noite.

— Mostre onde você mora — disse Russell baixinho.

O cantinho de Sophie não parecia fazer parte do resto do apartamento. Nada de pôsteres ou quadros de cortiça com colagens de fotos dos amigos. Sobre sua estante, havia uma foto emoldurada de Zora, uma foto antiga de Luba, glamorosa e com um ar meio malévolo, e uma foto dela com a mãe em uma gôndola em Veneza. Elas pegaram o mesmo gondoleiro várias vezes, e ele começou a chamá-la de *Sophia*, cantando uma música italiana para ela.

Russell estava olhando para a foto.

— Isso foi quando a minha mãe participou da Bienal de Veneza, uma exposição de arte muito importante — explicou Sophie.

Na infância, ela desejara muitas vezes que a mãe fosse advogada, banqueira ou produtora, o tipo de emprego que os pais de alguns de seus amigos tinham. Mas quando a mãe foi convidada para integrar uma exposição tão importante como a Bienal, e Luba vendeu um anel para que Sophie pudesse acompanhá-la, ela sentiu muito orgulho da mãe, a artista. Ficou satisfeita por ela não ter desistido do seu ideal. O fato de a viagem ter sido mágica ajudou: os passeios de gôndola, o zigue-zague de canais e vielas, as galerias de arte lotadas e, mais do que tudo isso, a sensação de que uma espécie de portal de possibilidades se abriu. Fazia muito

tempo que Sophie não se sentia assim. Estava se sentindo assim naquela noite.

— Que tipo de arte a sua mãe faz? — perguntou Russell.

— Esculturas. Mas não são tradicionais, com argila ou mármore. Ela trabalha com formas abstratas. — Sophie pegou um pequeno cubo da última prateleira, todo feito de arames enrolados e fragmentos de vidro. — A maior parte dos trabalhos dela é em uma escala muito maior — explicou. — Uma peça poderia ocupar este quarto todo. Infelizmente, a minha colega Cheryl disse que precisava de uma cama, então não pudemos colocar uma aqui.

Por um instante, Sophie imaginou a expressão horrorizada de Cheryl se ela *tivesse* trazido alguma das instalações maiores e mais esquisitas da mãe. Mas então lembrou que Cheryl parecera admirar a peça menor.

Ficou segurando o cubo na mão por um bom tempo na primeira vez que o viu, como Russell estava fazendo agora.

— A sua mãe faz esculturas — dissera Cheryl. — A minha mãe organiza bazares.

Sophie havia entendido aquilo como uma crítica velada do tipo “cidade grande”, como mais um sinal de sua excentricidade, mas só agora se perguntava se talvez não tivesse deixado passar a forma surpreendente de sarcasmo de Cheryl.

Russell revirou a peça na mão, observando como a luz brincava nos diferentes ângulos.

— A minha avó fazia essas coisas... Não sei se dava para chamar de esculturas ou coisa parecida, de madeira e algas. Em São Vicente. Já ouviu falar?

— É uma ilha no Caribe, não é? — disse Sophie.

— É. Minha mãe é de lá. Ela veio fazer faculdade nos Estados Unidos, conheceu meu pai e nunca mais voltou. Eu costumava passar os verões na ilha com minha avó. Em uma casinha pintada com as cores da ilha, segundo ela, e sempre havia primos correndo para um lado e para outro, galinhas e cabras também.

Russell estava sorrindo com a lembrança. Sophie sorriu com ele.

— Então meu pai começou a me mandar para acampamentos nas férias de verão: acampamento de tênis, acampamento para velejar, acampamento de golfe. Agora, só vamos para São Vicente nas férias de Natal, todos os anos. Nas últimas vezes, ficamos em um resort chique, como turistas. E as pessoas nos tratam de uma maneira diferente. Como tratam os turistas. Até mesmo o meu próprio povo.

Ele largou a escultura, com a expressão nostálgica e saudosa.

— A não ser a minha avó.

Sophie fechou os olhos. Conseguia imaginar a avó dele, um belo rosto enrugado, as mãos calejadas por anos de trabalho duro e um jeito severo que mascarava um amor profundo e intenso. Em seguida, ela se fundiu com a imagem de Luba no ano anterior, de vassoura na mão, batendo no detector de fumaça que havia disparado com a fritura de latke. Em vez de afastar a lembrança, Sophie se deixou tomar por ela. Ficou surpresa ao descobrir que não se machucou. Conseguiu mantê-la. Então abriu os olhos.

— A sua avó ainda está viva? — perguntou ela.

— Está — respondeu Russell, sorrindo.

— Você vai vê-la?

De repente, ficou muito importante para Sophie que ele fosse vê-la.

— Vou para lá no domingo — disse ele. — Não vejo a hora. — Fez uma pausa. — E estou morrendo de medo também. Sabe? Aquelas coisas de fim de ano.

— Vai ficar tudo bem — disse Sophie, mas as palavras voltaram para ela. *Vai ficar tudo bem.* Era o que as pessoas vinham dizendo a Sophie já fazia um tempo. Depois que Luba morreu. Ficaria tudo bem. O tempo cura tudo. Depois que ela começou a faculdade. Ficaria tudo bem. Sair de casa é uma adaptação. Sophie não acreditara nisso. Não se pode desfazer uma perda. Não se pode desfazer um erro.

Mas agora ela estava se perguntando se era possível que um jardim de lembranças cobrisse o buraco deixado pela perda de Luba. E se a faculdade não era um pouco

como aquele primeiro mergulho de cada verão: não importava quanto Sophie ansiasse por ele, ainda precisava se acostumar à água gelada. Talvez *qualquer outro lugar* aonde Sophie tivesse ido nesse ano tivesse parecido um Fimdomundo.

Porque esse Fimdomundo tinha lanchonetes vindas de Oz. Tinha parceiros que a defendiam na aula de poesia. Tinha pessoas como Cheryl, que, pensando bem, era também sarcástica como alguém da cidade grande. E tinha caras como Russell.

E se o erro não tivesse sido ir para lá, mas ter ficado cega para tudo isso?

“Que diabo você fez, Sophie Roth?”, pensou consigo mesma pela enésima vez. Mas agora foi diferente. Se ela tinha cometido um erro, havia tempo de consertá-lo. E, mais do que isso, ela estava ansiosa para isso.

Os dois desligaram todas as luzinhas de Natal e dispuseram as velas no chão em um formato vagamente semelhante ao de uma menorá. Sophie encontrou a menorá de Luba e a pôs no chão também. Os dois acenderam as velas. Onde antes havia escuridão, agora havia um brilho quente de luz.

— Normalmente, fazemos uma oração em hebraico — explicou Sophie. — Mas acho que estamos fazendo mais ou menos do nosso jeito, certo? Então, vou agradecer àquela estúpida cantoria natalina desta noite.

— Tudo bem, então — disse Russell. — Eu agradeço aos suéteres de renas.

Ela riu.

— Aos carros com aquecedores de assentos.

— E às bundas nos aquecedores de assentos.

— Às batatas rosti — continuou Sophie.

— Não esqueça a torta.

— Torta com *queijo*.

Russell puxou Sophie para o colo. Ele era alto, e ela podia se sentar nas pernas cruzadas dele.

— Aos encaixes perfeitos — murmurou Russell.

— E aos encaixes imperfeitos — completou Sophie.

Sophie estendeu a mão para tocar nos lábios de Russell. Ele segurou os dedos dela e os beijou, um por um: polegar, indicador, dedo médio, anelar, mindinho e voltando.

— A Ned Flanders — disse Russell.

— Ah, sim, mil vezes a Ned Flanders. Nós deveríamos dedicar o Natal a ele — concordou Sophie.

Russell levantou os cabelos dela e a beijou no pescoço. Ela estremeceu.

— Aos Rolling Stones — murmurou ele.

Naquele instante, nem Mick Jagger teria soado tão sexy.

— E a nem sempre conseguir o que se quer — disse Sophie.

— Mas às vezes conseguir o que se precisa — concluiu Russell.

Então ela o beijou nos lábios. Que tinham sabor de maçã e queijo, sabor da revelação de coisas que você nunca imagina combinar em tanto. Ela também sentiu gosto de sorvete derretido, de defesas derretidas, dela se derretendo em Russell.

Ela o beijou, sem saber se o beijo duraria um minuto, uma hora ou a noite inteira. Ela o beijou sem saber o que iria acontecer no semestre seguinte, no ano seguinte. Mas, naquele momento, nada disso parecia ter

importância. O beijo era o que importava. Não apenas o beijo, mas o que o beijo significava. O que ele revelava. O que a noite revelava. O que os dois haviam revelado.

O dia seguinte seria muito diferente. Sophie sabia disso.

Realmente, não havia isso de “milagre menor”.

BALDES DE CERVEJA E MENINO JESUS

MYRA McENTIRE

A confusão toda começou quando eu pus fogo na igreja.

Para ser exato, eu não acendi um fósforo e não foi a igreja propriamente dita, mas o celeiro ao lado. O celeiro que a Igreja Metodista da rua principal usava para armazenar todo o equipamento da festa de Natal. Bom, o celeiro que eles *costumavam* usar.

Inclua o seguinte na sua lista de coisas a saber: a combinação de enfeites natalinos,

asas de anjinhos e feno de manjedoura queimam como maconha em um show da Miley Cyrus.

Minha reputação questionável se consolidou no primeiro ano da escola. Foi quando cobri o coelho da turma com cola e uma farta camada de purpurina e o soltei na sala dos professores. Parece que os professores consideram a purpurina o herpes do mundo do artesanato — impossível de ser contido ou exterminado. Pula-Pula foi mandado para um zoológico de animais domésticos, e eu, para a sala do diretor. Mas era tarde demais. Eu já tinha experimentado o barato que sentia quando usava minha criatividade nas coisas certas. Havia sido fígado.

Eu fui o garoto que ensinou aos outros como atirar ovos em casas, espalhar papel higiênico em quintais e tampar caixas de

correspondência com cola. E quanto mais velho eu ficava, mais elaboradas se tornavam minhas brincadeiras. No ensino fundamental, enchi a enfermaria de flocos de isopor. No ano passado, penúltimo ano do ensino médio, decorei a árvore de Natal da cidade com calcinhas fio dental neon.

Minha lista de realizações é impressionante, se me permitem dizer.

Minha lista de fracassos se resume a um.

Se eu pudesse justificar esse fracasso culpando alguém, seria Shelby Baron. Shelby é um garoto, aliás, e antes de eu ser expulso dos esportes em grupo, ele era o quarterback titular. Eu era o terceiro. Tudo bem, o quinto. No basquete, ele era pivô, e eu ficava limpando o Gatorade derramado atrás do banco. *Além* de tudo isso, ele ainda namorava Gracie Robinson. Ele sempre foi *melhor* do que eu, por isso não gosto dele.

No dia do incidente, Shelby calhou de estacionar seu Mini Cooper — sério, um *cara* chamado *Shelby* que dirige um *Mini Cooper* — embaixo de uma árvore que abrigava um bando de pombos. Eu tinha um pacote de bombinhas na mochila. A oportunidade se apresentou, eu previ o resultado provável e tive que ver o que aconteceria.

Aconteceu um monte de merda de passarinho.

E, graças a uma faísca rebelde, eu pus fogo na igreja.

Pela primeira vez na vida, eu estava encrencado *de verdade*. O tipo de encrenca que envolve o juizado de menores. Mas então algo ainda mais inesperado aconteceu — o pastor da Igreja Metodista da rua principal entrou na história e fez um acordo com as autoridades. Eles me ofereceram uma escolha. Se eu concordasse em abrir mão do

meu feriado de Natal para ajudar a igreja a remontar a peça, o incidente seria eliminado dos meus registros.

Por quarenta horas de serviços comunitários.

Eu tinha cortado um milhão de gramados a fim de economizar dinheiro para um feriado de Natal em Miami. Se aceitasse o acordo, precisaria cancelar a viagem. Nada de praia. Nada de sair à noite. Nada de biquínis. A parte mais frustrante era que eu não conseguiria fugir da comemoração de Natal da minha família.

Uma família de duas pessoas.

Mas minha alternativa era um possível período de liberdade condicional ou pior. Eu tinha notas boas o suficiente para entrar nas universidades do topo da minha lista, mas muitos conselheiros de admissão se preocupavam com a minha reputação, e eu me

preocupava em conseguir cartas de recomendação. Pôr fogo em uma igreja é o tipo de notícia que se espalha. A universidade me tiraria daquela cidade, me levaria para longe de casa. Para longe da minha reputação. O juiz disse que eu tinha uma escolha, mas não era uma escolha de verdade.

Ela tinha que ser a peça de Natal.

Eu não conseguia parar de olhar para a barriga grávida de Gracie Robinson. Bem, não era exatamente a barriga dela. Era de Maria, a mãe de Deus.

Gracie tinha cabelos escuros, olhos azuis inocentes e uma pele de manteiga. Ela não é amarela. É que tenho certeza de que se eu encostasse na pele dela sentiria sua maciez. Não que eu estivesse planejando tocá-la ou

coisa parecida. Seu pai era o pastor da Igreja Metodista da rua principal, o responsável por eu estar ali, no Grito Rebelde, dois dias antes do Natal.

O Grito Rebelde era um jantar teatral que servia frango frito e baldes de cerveja. Tinha um rodeio com palhaços, truques e dublês, além de números musicais. O tema era o confronto entre a União e a Confederação na Guerra de Secessão dos Estados Unidos. Os participantes escolhiam seus lados e torciam pelo time preferido, praticamente reduzindo a guerra a uma rivalidade futebolística. Eu detestava generalizações sobre o Sul, mas o Grito Rebelde me deixava com vergonha do Tennessee, estado onde nasci.

Embora a igreja não precisasse dividir um evento com esses aproveitadores do Norte se eu não tivesse destruído o celeiro.

Vinte e nove horas passadas. Três apresentações a serem realizadas. A noite de abertura — hoje — e duas no dia seguinte, para a véspera de Natal. Mais onze horas e eu estaria livre de precisar carregar madeira, pintar cenários, varrer o chão e subir em passadiços para substituir holofotes queimados. A cortina da estreia abriria em breve.

Ainda assim, de algum modo, eu havia encontrado tempo para matar, apenas para ficar perto de Gracie. Ela sempre foi legal comigo, particularmente legal, mas não o tipo de legal que faz a gente se perguntar quanto é na verdade pena. Desde que o meu serviço comunitário começou, eu tive exatamente sete encontros com ela. Não que estivesse contando. Eu a pegava *me* observando muito, mas como era sempre quando eu estava *a* observando, ou quando o namorado

dela estava por perto, eu tentava não ficar muito obcecado com isso.

O namorado dela não estava por perto naquele momento.

Quando ela se sentou em um fardo de feno ao meu lado, me deu um branco total. Como acho que não falar nada é melhor do que dizer uma bobagem, fiquei esperando que ela começasse a conversa.

E esperei.

E esperei.

Fazia pelo menos cinco minutos que eu estava me remexendo e olhando de lado para sua barriga quando ela enfiou a mão dentro do roupão felpudo roxo, de onde tirou um pedaço de espuma em forma de melancia que entregou para mim.

— Por favor — pediu ela —, inspecione o meu útero.

— É... legal. Fofo.

Apertei a espuma e devolvi a ela. Não tinha muita manha da etiqueta para úteros falsos. Mal conseguia acreditar que ela havia dito a palavra útero.

— Graças a você, ganhei um upgrade para uma espuma viscoelástica. Mal posso esperar para ver o resto da minha fantasia. — Ela alisou as lapelas do roupão. — Partindo do princípio de que tudo vai ficar pronto a tempo.

Olhei para trás. Mães e pais trabalhavam freneticamente para dar os retoques finais às fantasias substitutas daquelas que eu havia transformado em cinzas. Pelo que pude compreender, as roupas e as auréolas não eram muito difíceis, mas as asas dos anjos eram um verdadeiro pé no saco. Possivelmente por causa da purpurina, mas eu não mencionei a analogia com o herpes. Porque, sabe como é. Igreja.

— Desculpe. — Encarei uma pilha de tecidos mais alta do que eu. A última semana tinha sido esclarecedora. A Igreja Metodista da rua principal apresentava o presépio vivo havia vinte anos, e eu o destruí em um minuto. — Ainda espero um grande desastre.

— Pare de ficar na defensiva. Eu não disse isso para fazer você se sentir mal. — Gracie tocou no meu joelho por uma fração de segundo antes de recuar e colocar a mão no bolso do roupão. — Se meu pai perdoou você, Deus certamente perdoou também.

Fiquei olhando fixamente para o meu joelho.

— Se Deus e eu começássemos a falar sobre perdão, eu passaria o resto da vida em um confessionário — falei.

Ela sorriu.

— Metodistas não têm confessionários.

— Seu pai evitou que eu fosse para a cadeia — desaparei. — Para a cadeia. No Natal. Muito, muito constrangedor.

— Que bom, não é? Não sei se o Papai Noel vai a reformatórios juvenis.

Ela deveria estar furiosa comigo. Sua acolhida me deixou tão impotente como um vice-presidente.

Gracie Robinson era simplesmente *legal*.

Sua reputação era exatamente o oposto da minha. Ela foi capitã da patrulha de segurança nos primeiros anos do ensino fundamental, representante do conselho estudantil no ensino médio e, mais recentemente, rainha do baile da escola. Naquele momento, concorria ao posto de oradora da nossa formatura. Tinha sempre um lápis extra, que estava sempre apontado. Garotas como ela e caras como eu não se misturam. Exceto quando há uma ordem judicial pendente.

— Que pena que não conseguimos arrumar o celeiro a tempo — disse ela. — Nós tentamos.

Senti uma pontada de culpa, em algum lugar abaixo da costela esquerda. Talvez eu pudesse realizar um autoflagelo público. Duvido que ajudasse. Apontei para a bandeira rebelde e o minicanhão, entulhados em um canto.

— Como exatamente vocês vieram acabar... aqui?

Eu não disse que “aqui” era o Grito Rebelde, porque não conseguiria evitar um arrepio pela referência à Guerra de Secessão como entretenimento.

Gracie apertou os lábios.

— Acabamos aqui graças a Richard Baron. — Pai de Shelby. — Ele é o proprietário desta franquia — acrescentou ela, sem me olhar nos olhos.

Certo. Claro que sim. Ele havia comprado um Mini Cooper para o filho. Era evidente que o bom senso corria naquela árvore genealógica.

Ela continuou:

— Quando nos demos conta de que não conseguiríamos arrumar tudo a tempo, ele se ofereceu para dividir o lugar conosco durante a semana da peça de Natal. É o único espaço grande o suficiente na região.

— Dá para perceber.

O lugar tinha arquibancadas e uma enorme arena de terra.

— Mesmo assim, foi difícil reivindicar o nosso território. — Ela sacudiu a cabeça. — Mas acho que você sabe disso.

Os parâmetros de atividades do meu serviço comunitário variavam. Eu tinha feito de tudo, desde ajudar a igreja e levar para lá os objetos cênicos que não haviam sido

incendiados até servir de ajudante de palco na produção em si. Descobrir o que pertencia a quem envolveu revirar um mix eclético de objetos da Confederação, pergaminhos imensos e cajados de pastores. Eu ainda não sabia se os trompetes pertenciam aos corneteiros da Guerra de Secessão ou a um celestial elenco de anjos.

— Fiquei surpreso que seu pai não tenha cancelado a peça — falei.

— Teria sido mais fácil, mas este é o vigésimo ano que a apresentamos. Tem tanta gente na expectativa que papai não achou que pudesse rejeitar a oferta do sr. Baron, principalmente depois de ele ter se oferecido para pagar por todos os novos materiais de que precisávamos.

Mais uma joia na coroa da família Baron.

— Por que ele fez essa oferta?

— Shelby vai ser o José.

— Certo.

Justamente neste instante, o pai de Gracie correu para o centro do palco, segurando uma prancheta e uma enorme xícara de café. Ele parecia jovem demais para liderar uma congregação de quinhentas pessoas. Jovem do nível recém-formado. Gracie tinha puxado os cabelos escuros dele, mas não os olhos. Os olhos dele pareciam mais velhos do que o resto.

Ele acenou, pedindo a atenção das pessoas que estavam arrumando o cenário.

— Sinto muito, mas esse cavalo, quando for substituído por um jumento, precisará ir para a esquerda, atrás dos Reis Magos, depois de se aproximarem da Sagrada Família. Vocês podem mover esse fardo de feno para facilitar a movimentação? Jumentos não saltam.

Como sou adepto de prever resultados, precisei fazer a pergunta óbvia:

— O que acontece se o cavalo fizer cocô?

Como se tivesse entendido a deixa, o cavalo levantou o rabo e fez suas necessidades noturnas.

— Nossa — disse Gracie.

O pastor Robinson derramou café no chão ao enfiar a prancheta embaixo do braço. Esperei pela raiva — que ele gritasse para alguém limpar aquilo, que atirasse a prancheta no chão ou jogasse a xícara longe. Eu nunca o tinha visto demonstrar raiva, mas seria isso que aconteceria se alguém sacaneasse o *meu* pai enquanto ele estivesse trabalhando.

Ouvi a reação do pastor Robinson antes de vê-la. Não a entendi porque foi uma reação ilógica, pelo menos para mim. Quando ele levantou o rosto, estava molhado de lágrimas.

Um cavalo havia cagado no meio do ensaio dele, e o sujeito estava rindo.

— Isso *não* era o que eu estava esperando — falei.

O humor não era uma reação comum na minha casa, nem quando meu pai morava com a gente. Especialmente nessa época.

— Foi engraçado, então ele ri. As pessoas dão risada, sabe — disse ela como se soubesse o que eu estava pensando. Como se ela compreendesse que havíamos sido criados de formas diferentes.

O pastor Robinson apoiou a mão na barriga vestida de xadrez que tremia com o riso. A aliança de casamento cintilou em seu dedo. Isso me surpreendeu. A mãe de Gracie havia morrido quando estávamos na segunda série.

— Vaughn? — Ela tocou a minha mão. — Você também pode rir.

— Certo.

Eu me afastei e peguei uma pá.

Minha família não reagia a calamidades com risadas.

Meu pai saiu de casa quando eu tinha oito anos de idade, e minha mãe nunca se recuperou. Tentei convencer a mim mesmo de que não era culpa minha ele ter ido embora, mas não consegui. Eu era uma peste aos oito anos, estava toda hora envolvido em algum problema e sempre me perguntei que tipo de tensão meu comportamento causou no casamento deles. Tinha a clara sensação de que meu pai não gostava de mim, mas sempre foi ele quem lidou com as reuniões com os professores e as suspensões. Ele garantiu que eu tivesse comida e dinheiro,

mas foi o máximo que fez para compensar o fato de ter abandonado a família.

À base de remédios, minha mãe conseguia cuidar de coisas como refeições balanceadas e roupas limpas. Quando estava deprimida, mal conseguia cuidar de si mesma — muito menos do filho —, mas quando estava animada era como um relâmpago, linda e imprevisível. Eu me esforçava muito para manter sua condição em segredo, algo que não deveria ser tarefa de uma criança. Parece tema de música country brega, mas também era a minha realidade.

Vergonha leva a segredos, segredos levam a mentiras, e mentiras estragam tudo. Especialmente amizades. Nenhuma criança quer explicar que a mãe não pode levar lanche para a aula porque ficou sem antidepressivos antes de pegar a receita médica para comprar mais. As pessoas param de convidar

você para festas de aniversários porque nunca são convidadas de volta. Ninguém o chama para entrar em times porque você nunca cumpre a data limite de inscrição e, caso consiga se inscrever, ninguém se lembra de pagar as mensalidades.

Então você descobre formas de *forçar* as pessoas a se lembrar de você.

Mantive a cabeça abaixada enquanto pegava com a pá o presente antecipado do cavalo e o depositava em um carrinho de mão enferrujado. O carrinho já tinha visto muito esterco em sua existência. As rodas rangiam, mas ele andava direitinho. Os cabos de madeira eram robustos e estavam gastos. Joguei o conteúdo do carrinho na pilha de compostagem, encostei-o na parede e lavei as mãos na pia

dos bastidores. Dei um salto quando os dedos de Gracie roçaram no meu ombro.

Ela gostava de tocar. Não havia percebido isso antes.

— Por que você fez aquilo? — perguntou Gracie.

— Humm, talvez pelo aroma desagradável? — Puxei as toalhas de papel com força demais, e acabei com quinze delas na mão e com o rolo fora do suporte. — Porque todas as roupas arrastam no chão? Porque alguém precisava fazer?

— Você sabe do que estou falando. Das bombinhas.

Examinei as toalhas de papel, alinhando as bordas enquanto as enrolava de volta no rolo de papelão.

— Eu faço muitas coisas sem um motivo específico. Estava entediado. Queria ver o que iria acontecer.

— Experiências são o que fazemos na aula de química. Explodir um bando de pombos não é uma experiência.

— Eu não estava tentando explodir pombos. — Encarei-a. — Não maltrato animais.

— Sei. — Ela levantou uma sobrancelha. — Então tudo bem...

— Aquilo não foi mau trato. Foi arte. A arte infeliz de um garoto de seis anos de idade. Quanto aos pombos, eu só queria assustá-los para fora da árvore.

— Funcionou.

— E todos sobreviveram.

Gracie pegou o rolo de papel das minhas mãos e o pendurou de volta no suporte.

— Você ainda não me disse por que fez aquilo.

Perguntas incisivas não estavam nos meus planos. Meus planos eram sobreviver aos próximos dois dias e receber um salvo-conduto do juiz, não revelar minha queda por Gracie ou expor meu ciúme. Minha mente ficou agitada, desesperada por outra saída.

— Tudo bem. Você já viu *Sherlock Holmes*?

Ela estreitou os olhos com o que imaginou ser uma mudança de assunto.

— Na televisão ou no cinema?

— Tanto faz — falei.

— Os dois — respondeu ela.

— Sabe como Sherlock vê as coisas que não deveriam combinar na superfície, mas que, quando faz todas as conexões, a resposta se torna óbvia para ele? A câmera sempre

mostra a situação como uma panorâmica rápida de um plano para outro.

— Argh. Esse tipo de movimento de câmera me deixa enjoada. — Mas ela sorriu e cruzou os braços em cima da barriga. — Então o que você está dizendo é que a sua cabeça funciona mais rápido do que a de todo mundo.

— Só estou dizendo... Sou bom em ver conexões que podem causar problemas. — Olhei ao redor. — Por exemplo, a iluminação. Eu poderia modificar as direções de todos os holofotes. Ou poderia trocar os adesivos que marcam os lugares dos atores no palco. Reorganizar a mesa de objetos de cena ou simplesmente escondê-los todos juntos. Misturar os cabos dos anjos provocaria diversos problemas interessantes, não para os anjos bebês, é claro, mas para um adulto de asas. Isso me parece uma bela festa.

E um pouco sacana.

— Então, o caos. É esse seu maior objetivo?

— Esses foram apenas exemplos, não intenções. O seu objetivo é fazer Maria pelo resto da vida?

— Definitivamente não. — Ela se levantou.

— Mas quando se é filha do pastor... bem, as pessoas esperam certas coisas de você.

— Imagino que a pele perfeita e os olhos azuis as deixem ainda mais ansiosas.

Ela franziu o nariz com a palavra *perfeita*. Uma expressão que eu já tinha visto antes, normalmente quando alguém lhe fazia um elogio.

— Talvez. Mas a verdadeira Maria era do Oriente Médio. E tinha uns doze anos. O verdadeiro José provavelmente tinha trinta.

— Que nojo.

— Os Reis Magos eram astrônomos, não apareceram até mais ou menos os dois anos

de Jesus e ninguém sabe quantos eram. A manjedoura provavelmente era uma caverna.

Gracie estava ficando empolgada, falando mais depressa e gesticulando com o corpo todo.

— E eu tenho certeza de que Jesus chorou. Ele era um *bebê*. É ridículo que a gente precise perpetuar esses mitos por causa das expectativas comercializadas das pessoas — disse ela, sentando-se no caixote de madeira ao meu lado.

— Então por que você participa disso? — Olhei para ela. — Por causa do seu pai?

— Você deve achar que é porque ele me obriga a participar. Mas ele não faz isso. — Gracie cobriu o rosto com as mãos e me espiou por entre os dedos. — Você vai me achar horrível.

Fiz uma pausa, esperando que o coro de crianças do ensino fundamental passasse por nós. Então falei:

— É impossível pensar algo ruim sobre você, Gracie Robinson.

Ela se endireitou. Talvez tenha ficado um pouco corada. Eu fiz o elogio com muita admiração na voz.

— É só que... às vezes é legal ser a pessoa em quem todo mundo presta atenção.

Entortei a cabeça para o lado, que nem um cocker spaniel.

— Você foi *rainha do baile da escola*.

— Isso foi por acaso. Se Ashley Stewart e Hannah Gale não tivessem sido suspensas por invadir a sala do diretor e mandado e-mails a todos os professores dizendo que eles estavam demitidos, eu jamais teria vencido. Elas certamente teriam ganhado.

Fiz uma pausa e examinei as minhas cutículas.

Ela arregalou os olhos.

— *Vaughn*.

— Eu dei uma sugestão. De um jeito meio provocador. E, possivelmente, dei a elas uma chave mestra.

Às vezes é legal *não* ser a pessoa em quem todo mundo presta atenção.

— Você fez isso por mim?

Não olhei para ela.

— Não foi uma coincidência total.

Ela ficou boquiaberta, e sua expressão deixou claro que ela estava tentando entender se deveria brigar comigo ou me agradecer.

— Eu não preciso ser o centro das atenções. Sei que sou amada e que não deveria buscar aprovação. Mas, cá entre nós — ela suspirou e baixou a voz —, acho que

digo isso a mim mesma para não ficar triste quando não reparam em mim.

— Você quer que reparem em você ou não? Porque parece que você está dizendo duas coisas diferentes ao mesmo tempo. — Ousei dar um empurrãozinho no ombro dela. — Não é uma crítica.

Gracie não se afastou.

— Não é que eu precise de aprovação, validação ou qualquer coisa do gênero. Não é algo de que eu precise para ser feliz. Mas... também é verdade que gosto de me sentir especial de vez em quando, sabe?

— Sempre que você precisar se sentir especial, me procure.

As palavras saíram antes que eu pudesse impedir. Como um balão de história em quadrinhos acima da minha cabeça que não queria estourar.

Ela franziu a testa.

— Você está dando em cima de mim?

— Desculpe. — Senti meu rosto ficar vermelho. Eu nunca ficava vermelho. — Fui longe demais?

— Não. Foi longe o suficiente. — A testa franzida transformou-se em um sorriso. — Só estou tentando encontrar o jeito mais eficiente de dar em cima de você.

Senti uma dose de adrenalina percorrendo meu corpo. Como não sabia o que responder, mudei de assunto. Porque eu era um covarde.

— Por falar em dar em cima, onde está seu marido?

Ela piscou.

— Seu marido na ficção. Namorado na vida real.

— Meu... Você está se referindo a Shelby?
— resmungou Gracie. Ela passou as mãos pelos cabelos e segurou a cabeça como se

estivesse com dor. — Ele *não* é meu namorado.

— Ah, é? — comentei, cruzando os braços e me recostando para ouvir a história.

— Você já viu a gente de mãos dadas? Saindo junto? Um encontro de verdade, oficial, que não fosse na igreja ou em um evento da escola? Não, não viu. Porque a gente nunca sai junto para um encontro.

— Então qual é o lance?

— Eu sou fachada para a verdadeira namorada de Shelby.

Quase caí da cadeira.

— A *verdadeira* namorada dele?

— É uma cristã feminista liberal muito legal chamada Ellie, de Nova Jersey. Os dois se conheceram no acampamento bíblico há dois anos.

— Existe isso de cristã feminista?

Gracie revirou os olhos.

— Existem cristãs de todos os tipos.

Compreendi por que Shelby precisava usar Gracie como álibi. O pai de um bom garoto sulista perderia a cabeça se o filho namorasse alguém de Nova Jersey, principalmente se fosse uma feminista liberal de Nova Jersey.

— Se você é só fachada, por que ele é tão superprotetor? Protetor a ponto de ser um babaca — corrija depressa —, um *idiota* com qualquer um que olhe para você?

— Ele me trata como se fosse meu *irmão*, e meu pai se aproveita disso. — Ela fez uma pausa, observando um voluntário enfeitar a caixa de presentes que traria a mirra para o Menino Jesus. — O que Shelby fez contra você, de qualquer forma? Sei que ele é jogador de futebol, mas não é um estereótipo. Ele não encurrala você no banheiro para lhe dar cascudos, né?

Sacudi a cabeça.

— Ele enfia você dentro dos armários do vestiário? Amarra você em postes com fita adesiva? Passa pomada de cânfora na sua cueca... ahn... é. Esse tipo de coisa?

Sorri.

— Você fica uma graça quando está vermelha.

— Não mude de assunto. — Ela estava se obrigando a olhar nos meus olhos. — Por que você não gosta de Shelby?

Já que a conversa tinha ido até ali, era melhor ir até o final.

— Ele estava com você, isso parecia motivo suficiente.

— Ah.

Olhei fixamente para a barriga de espuma dela. Por mais incrível que pareça, era a coisa menos constrangedora no ambiente.

— Eu imagino que se convidasse você para sair, seu pai não acharia muito legal. Não sou uma feminista liberal de Nova Jersey, mas não sou muito melhor do que isso.

— Você se esqueceu de que meu pai foi à justiça por você?

Olhe para o útero. Concentre-se no útero.

— Eu não me esqueci disso. Mas existe uma grande diferença entre ajudar alguém a sair de uma confusão e deixar a filha sair com o criador da confusão.

— Acho que você deveria dar um voto de confiança ao meu pai. Ele não é como o pai do Shelby. Quero dizer, tenho certeza de que meu pai e eu teríamos uma conversa séria antes, mas sou inteligente o bastante para saber diferenciar o certo do errado. Meu pai sabe disso, e ele confia em mim. No que diz respeito a você, ele acredita no que faz e em

segundas chances. Ele ama as pessoas. Eu até poderia dizer que ele ama você.

Isso me espantou.

— Por quê? Eu não sigo as regras. Pessoas religiosas não gostam de regras?

— As regras fazem as pessoas se sentirem seguras. Mas elas podem se transformar em julgamentos. A condenação é fácil, Vaughn. A escolha mais difícil é amar, e é a escolha que meu pai faz todos os dias.

— Ele ainda assim não deixaria você ficar com alguém como eu — argumentei.

— Você age como se o que eu quero não tivesse importância.

Ela não parecia emburrada, mas forte. Segura.

Minha adrenalina estava a mil.

— Você gostaria? — Parei. Pensei. Continuei. — Algum dia gostaria de alguém como eu?

Gracie se inclinou para a frente. Ela cheirava a... fumaça de madeira. E a amaciante de roupa.

— Se você pregasse menos peças e prestasse mais atenção, saberia a resposta para isso.

Se ela estava querendo dizer o que eu esperava que ela dissesse, eu nunca mais pregaria uma peça na vida.

Provavelmente.

A porta dos bastidores se abriu e fechou com um estrondo. Um vento frio passou pelas cortinas, espalhando as páginas do guia do diretor. O material continha descrições de todas as cenas, os diagramas de todas as marcações do palco e possivelmente a localização do Santo Graal. Nós nos levantamos para recolher as folhas.

Gracie estremeceu, ajustando mais o roupão ao pegar uma página que havia voado.

— Nunca vamos encontrar todas.

— Claro que vamos. E vai ser fácil também organizá-las de volta na ordem.

— Acho que não. — Ela me mostrou as folhas que havia recolhido. — Não têm numeração. A sra. Armstrong vai ter um ataque quando tiver que reordená-las. Isso vai atapalhar o precioso planejamento dela.

A sra. Armstrong tinha orgulho de seu trabalho de diretora, e deixava isso bem claro com o crachá plastificado que usava pendurado no pescoço.

— Por que ela não pôs numeração no guia?
Gracie riu.

— Para garantir a estabilidade no emprego. Se mais ninguém souber exatamente como as cenas devem ser, onde todo mundo deve

ficar ou em quais lugares do palco as fitas devem ser coladas, o trabalho dela é essencial.

Eu estava de joelhos, olhando embaixo da mesa de tecidos.

— Por que alguém precisa de estabilidade em uma vaga de trabalho voluntário?

— Para garantir um lugar no nível mais alto da hierarquia social.

— Essa gente de igreja é esquisita. — No instante em que disse isso, me senti um imbecil. — Desculpe. Eu tenho esse mecanismo indomável que diz as coisas sem pensar. Você já deve ter notado. Podemos voltar para quando eu não estava ofendendo ninguém?

— Tão longe assim? — perguntou ela.

— Longe quanto? — questionei, me levantando da cadeira.

— Terceiro ano.

— O que aconteceu no terceiro ano? — Empurrei uma caixa de auréolas para o lado a fim de recuperar mais uma página rebelde.

— Você quebrou todos os lápis do meu estojo e depois disse à professora que tinha sido eu. Precisei escrever “Abraham Lincoln está na moeda de um centavo” quinhentas vezes.

— Sinto muito — falei, rindo.

Os olhos de Gracie brilharam.

— Eu também senti.

A porta abriu de novo, e folhas do guia voaram novamente pelo ar. Gracie correu para a direita, esgueirando-se entre uma bandeira e uma pilha de pergaminhos. Eu corri para a esquerda, para cima do palco, desviando de saias-balão e da tina que servia de manjedoura. Um cavalo com um boné da Confederação estava parado no meio da arena. Ele estava ao lado do general Robert

E. Lee, que usava um uniforme confederado completo, até a pistola Smith & Wesson. Havia cinco soldados atrás dele, e todos conversavam animadamente com o general Grant.

O pastor Robinson se uniu a eles com um sorriso caloroso.

— Opa — falei.

— Opa o quê?

Gracie olhou ao redor, pondo a mão nas minhas costas. Tentei me concentrar na minha postura e me perguntei qual seria o grau de constrangimento se eu passasse o braço sobre os ombros dela.

— Por que eles estão aqui? — perguntou Gracie.

Dei de ombros.

— Não sei.

Depois de uma breve e acalorada discussão durante a qual a mão delicada de Gracie não

saiu das minhas costas por um instante, o pai dela subiu os degraus do palco. Ele estava sorrindo, mas não era um sorriso verdadeiro. Percebi pânico no ar.

— O Grito Rebelde tem uma apresentação esta noite — disse ele.

Gracie me entregou as páginas que estava segurando e foi para a frente dele.

— Nós temos uma apresentação esta noite — discordou ela.

— Como o sr. Baron não tirou a apresentação do Grito Rebelde desta noite do site, as pessoas continuaram comprando ingressos on-line.

O pastor Robinson fez um gesto para nós o seguirmos, e traçamos uma linha reta até a bilheteria. Depois de uma breve discussão com o bilheteiro, ele se virou.

— Não apenas há duas apresentações marcadas no mesmo horário, como também o

Grito Rebelde está esgotado. E todos os ingressos para o presépio vivo foram distribuídos no domingo passado. Eu... eu não sei o que fazer. A peça deveria começar em *duas horas*.

O pastor Robinson passou a mão pelo rosto. Parecia completamente derrotado, e apenas vinte minutos antes estava rindo.

Fui dominado pela culpa. Mas ela veio seguida por uma fagulha de esperança.

— Senhor? — Eu me aproximei dele com o guia nas mãos. Minha voz parecia a de um pequeno mamífero de olhos arregalados da Disney. — Acho que posso ajudar.

— É mesmo? — perguntou ele. — Como?

— Catástrofes são a minha especialidade.

— Não acredito que você fez aquilo.

O espanto de Gracie teria me estimulado a disputar um triatlo.

— E agora? Você vai simplesmente jogar as coisas lá fora e esperar que alguém as pegue? — completou ela.

— Mais ou menos isso. É tipo aquela coisa com o espaguete: atirar na parede para ver se gruda.

— Será que isso é sério? — perguntou-se ela, batendo com o dedo no queixo. — Tipo, você acha que os restaurantes de massa têm uma parede de espaguete? Acha que os funcionários precisam sortear para ver quem limpa tudo no fim da noite?

Sorri.

— Vamos trabalhar.

Gracie fez uma lista dos veículos de mídia tradicionais e eu fiz um anúncio para as redes sociais.

— Vou ligar para as emissoras de rádio primeiro — anunciou ela. — A HOTT FM está tocando canções natalinas. Vou começar com eles.

Ela piscou para mim antes de se virar.

Eles não tocavam *nada além* de canções natalinas desde o dia seguinte ao Halloween, e eu imaginava que a maior parte da audiência havia cedido ao rap gangster para fugir daquela alegria toda. Mas não contradisse Gracie. Ela parecia tão cheia de esperança.

Uma voz interrompeu meus pensamentos.

— Nós conseguimos dar um jeito na multidão, mas o estacionamento é outra história.

O pastor Robinson estava ao meu lado, e eu nem sequer havia notado. Agradei pelo fato de Gracie ainda estar de roupão roxo, porque senão ele teria me flagrado dando uma olhada mais demorada enquanto ela saía.

— Vamos ter que arranjar alguém para orientar o trânsito. Talvez ainda tenham alguns cones laranja... Poderíamos fazer placas de entrada e saída — disse ele, diminuindo o tom de voz enquanto avaliava as tralhas dos bastidores, em busca de soluções.

— O senhor trabalha o tempo todo, não é, pastor Robinson? — perguntei.

— Dan. Pode me chamar de Dan — falou ele.

Não, eu não podia.

Então ele franziu a testa.

— Eu não trabalho na sexta e no sábado.

— Quero dizer... o senhor está sempre ligado. As coisas não são filtradas pelo seu cérebro apenas entrando por uma orelha e saindo pela outra. Sempre tem alguma coisa a ser processada.

Pude vê-lo processando alguma coisa naquele exato momento. Depois de um

instante, ele assentiu pensativamente com a cabeça. E então me deu o tipo de resposta que os adultos costumam evitar. Uma resposta sincera.

— Eu leio bastante, estudo e faço terapia. Falo muito. Consigo tirar essas coisas da minha cabeça, especialmente quando se trata de Gracie. Mas você tem razão. Sempre há pessoas que precisam de cuidado, e eu nunca consigo desligar esse radar.

Queria agradecer por ele tê-lo deixado ligado por mim, mas não sabia como.

— Gracie disse que o senhor acredita no que faz.

— Sim, é verdade.

— Isso é... legal.

Ficamos nos olhando como se não soubéssemos o rumo que daríamos à conversa.

Eu tinha perguntas, mas não consegui reunir coragem suficiente para fazê-las. Por que ele havia decidido ser tão legal comigo depois de eu ter destruído todo o mês de dezembro dele? O que o fez me dar uma segunda chance? Por que ele tinha uma filha tão incrível?

— Pastor Robinson!

A voz se sobrepôs ao caos da multidão. Grito Rebelde *versus* Igreja Metodista da rua principal. Quais eram as chances? Uma mulher segurando três pares de asas de anjos e uma barra de ouro falsa agitou o pé diante dele para chamar a atenção.

— Temos um problema. É só má notícia.

— Podemos fingir que eu já sei? — Ele esfregou as têmporas e fechou os olhos. — Você *precisa* me contar?

— Preciso. Embora o senhor não possa fazer nada a respeito. Este problema terá que ser tratado pelo divino.

Ele abriu os olhos.

— Vá em frente.

— Está nevando.

Houve uma agitação perto da porta do palco, que foi escancarada. Nossa cidade parecia um globo de neve sacudido por uma criancinha. Os flocos flutuavam em círculos e espirais, mas caíam sem piedade. Uma camada de branco cintilante e gelado cobria tudo, inclusive a rua, e ficava mais profunda a cada segundo.

O inverno havia chegado cedo este ano, e estava estranhamente frio, mas ninguém na cidade esperava por neve. As pessoas só se preocupavam com esse tipo de intempérie em caso de viagem. Se continuasse daquele jeito, ninguém sairia do lugar por vários dias.

Não havia tempo sequer para armazenar pão e leite. Ou papel higiênico.

— Com sorte... vai parar... logo — disse o pastor Brown. Ele parecia prestes a cair de maduro a qualquer momento.

— Acho que não — rebateu Gracie, sem a barriga falsa, com o roupão aberto sobre suas roupas normais. — Cem por cento de chance. Parece que é um vórtice. Os meteorologistas estão no céu, do jeito que adoram um drama climático, e a garotada está toda enlouquecida, porque as aulas já terminaram.

Eu mesmo me senti um pouco eufórico. Como era rara, a neve definitivamente criava uma atmosfera dramática.

As crianças da nossa cidade passam a infância frustradas com a linha rosa do radar nas previsões do tempo, que nunca vai suficientemente ao sul para trazer a neve, ainda

que sempre nos incluía nos alertas de tornado. Eu ainda não havia abandonado completamente a “infância” para ignorar toda a minha empolgação, mas fiz um esforço, graças àquela situação.

— E tem mais. — Gracie se aproximou do pai e, com cuidado, pôs uma das mãos no braço dele. — A interestadual do norte já está fechada, e os camelos estão presos.

— Os camelos. — A voz dele estava abafada, como se ele tivesse acabado de acordar de uma soneca. — Presos?

— Sim, os camelos — continuou Gracie. — E as ovelhas.

— As... ovelhas?

Ela contou o restante das notícias rapidamente.

— Também o jumento e o boi. O trânsito não está andando, e eles também não. A associação protetora de animais vai ferrar a

gente se insistirmos em transportá-los com este tempo.

Todos ao redor de Gracie ficaram boquiabertos. Eu não sabia o que a igreja dizia sobre o álcool, mas o pastor Robinson parecia precisar de uma margarita. Ele respirou fundo, daquele jeito que todo adolescente reconhece e teme.

— Grace Elizabeth Robinson. Eu sei que você estava tentando fazer um pouco de graça, mas não é a hora nem o momento. Agora você deve um dólar ao pote dos palavrões.

Antes que ela pudesse responder, o celular dele tocou. Ele atendeu.

Encarei Gracie.

— Você acabou de dizer *ferrar*.

Ela deu de ombros. Então sorriu.

— Eu normalmente consigo me safar com essa palavra, já que “ferro” aparece na Bíblia.

— Você disse ferrar.

— Eu sei.

— Vocês têm um *pote de palavrões*.

Ela tirou o roupão, revelando um suéter azul tão justo que merecia umas férias nas Bahamas.

— É um pote velho de pickles que temos no balcão da cozinha. Minha mãe obrigou meu pai a usá-lo quando ele estava no curso de formação, e ele passou a me obrigar também.

— Seu pai também diz palavrão?

— Não mais. No ano passado, ele esvaziou o pote para pagar uma viagem ao parque do Harry Potter na Flórida.

Ela abriu um sorriso enorme. Tive vontade de tirar aquele sorriso do rosto dela com um beijo.

— Sua menina malvada. Você não é nem um pouco como eu imaginava.

— Idem — disse ela. — Faz quantos dias que você não prega uma peça? Eu não fazia ideia de que você era capaz de se comportar por tanto tempo.

— Talvez eu esteja tentando mudar. Já fiz isso antes. — Eu me sentei em um caixote de madeira e dei um tapinha no espaço vazio ao meu lado. — Você se lembra do Prêmio Bom Cidadão da quarta série? E de como todo mundo deveria ganhá-lo?

Ela concordou com a cabeça e se sentou.

— Eu me esforcei muito. Todo mundo me enchia o saco, dizendo que eu nunca me comportaria por tempo suficiente para ganhá-lo, mas, no último mês de aula, eu ganhei. Provei que conseguia me controlar. E então o sr. Weekly me excluiu durante a assembleia. Eu sei que o meu nome estava na lista, mas ele disse o nome de todo mundo, menos o meu. Ninguém acreditou em mim.

Foi quando me dei conta de que todo mundo já tinha uma ideia formada a meu respeito. Por que decepcioná-los?

— Por que não se esforçar mais?

— Eu tinha nove anos — falei secamente. — “Se esforçar mais” parece conselho de pai, e eu não tive o mesmo tipo de orientação que você.

— Eu acho que — disse ela, passando o braço em volta do meu —, se deixamos um único acontecimento da nossa vida nos definir, tudo o que precisamos para mudar as coisas, se *queremos* mudar as coisas, é de outro acontecimento.

Olhei fixamente para o braço dela sobre o meu. E então, quando olhei para cima, ela estava me encarando.

Uma comoção irrompeu em torno do pastor Robinson.

Gracie voltou-se para ele.

— O que houve agora?

A sra. Armstrong havia escorregado em uma escada congelada e estava a caminho do hospital com um pé quebrado. A peça estava sem diretora.

— Que tal isso — murmurou Gracie. — Dois eventos no mesmo horário, nevasca maluca, animais engarrafados no caminho. E agora sem diretora. As coisas estão piorando a cada segundo. — Ela estalou a língua. — Seria fácil desistir. Ninguém nos culparia por isso. Ou...

— Ou...?

De um salto, ela largou o meu braço e se sentou de lado no caixote.

— Você sabe fazer as coisas darem errado. É ótimo nisso. — Se eu ouvisse isso de qualquer outra pessoa, ficaria ofendido. — Diga se não consegue imaginar como fazer as coisas acontecerem esta noite.

— Você está tentando encontrar uma forma de fazer o seu pai me aceitar ou coisa parecida?

Eu achava que não, mas precisava perguntar.

— Nós conversamos sobre isso. Ele vai aceitar.

— Você está tentando me consertar?

— Por quê? Você está quebrado?

Partes de mim estavam. Eu sentia como se Gracie pudesse ver cada pedaço destruído. Dei de ombros.

— Você disse que estava tentando mudar — lembrou ela.

— Eu disse *talvez*.

— Você fez o primeiro movimento, ao se oferecer para ajudar meu pai. Estou vendo uma segunda oportunidade e só estou apontando para ela. A escolha é sua.

Ainda bem que ela não estava segurando a minha mão. Minhas palmas estavam encharcadas de suor.

— Você ficou tão cego pelas expectativas que não consegue ver a verdade. As confusões, as brincadeiras... isso não faz de você uma pessoa má. — Ela inclinou o corpo na minha direção. — Eles fazem de você *você*. Você tem muito a oferecer, Vaughn. E Natal tem a ver com novos começos.

— E quanto a você, Gracie? Estaria disposta a começar alguma coisa comigo? Ou tem medo que isso possa estragar sua reputação?

— O que faz você pensar que eu não vou estragar a sua?

Engasguei com a própria saliva.

Gracie fez um gesto na direção do caos a pleno vapor em cima do palco.

— E então?

Olhei para ela por um instante.

— Tudo bem. — Como se eu fosse capaz de resistir a Gracie. — Vou fazer.

— Isso aí, vamos mandar tudo para o inferno!

— Mais um dólar — gritou o pastor Brown antes de retornar ao telefone.

— Essa palavra não está na Bíblia também? — comentei, rindo.

— Ele não anda muito complacente nos últimos tempos — disse ela, sorrindo e fazendo sinal de positivo com o polegar para o pai. — Acho que está querendo ir para o Havaí no próximo verão.

A imagem de Gracie de biquíni logo veio à mente, seguida de outra do pastor Robinson de sunga. Sacudi a cabeça em um reflexo para afastá-las do cérebro.

— Você precisa vestir seu figurino. Onde está seu filho de espuma?

— Um dos anjos bebês o está usando como travesseiro.

Ela me puxou.

— Ei, papai! O Vaughn tem uma ideia.

O pastor Robinson concordou em ir em frente.

Os boletins de trânsito do norte da cidade estavam piorando a cada segundo.

As coisas ao sul não estavam muito melhores, mas o trânsito estava andando. O telefone do pastor Robinson piscava com ligações e mensagens de gente que chegaria atrasada ou nem mesmo viria. O general Grant e o general Lee, amontoados com o resto dos soldados, estavam lidando com suas ligações de membros do elenco presos pela neve.

— Por que o sr. Baron não está aqui? — perguntei. — Ele não deveria estar cuidando dessas ligações?

Isso significaria que Shelby/José também estaria ali, mas... eu estava me sentindo um pouco mais amistoso em relação a ele do que o normal.

— Sim, deveria. E Shelby também. — O pastor Robinson olhou para o relógio. — Como eles moram perto, a neve não vai ser um problema.

Ouvi o que ele disse, mas comecei a raciocinar. Um raciocínio maluco à Sherlock. Olhando dos soldados da Guerra de Secessão para os figurinos do presépio, da arena para o palco.

Gracie me observava.

— Você está fazendo aquilo de novo, não está? Aquela sua coisa do cérebro? Neste exato momento.

Eu a ignorei.

— Se a peça de Natal vai ter gente a menos no elenco, e o Grito Rebelde também, poderíamos fazer uma mistura — sugeri.

O pastor Brown franziu a testa.

— Você quer dizer que o general Grant, o general Lee e o Papai Noel devem entregar os presentes ao Menino Jesus?

Não era nada daquilo que eu quis dizer, mas parei para imaginar a cena por um instante.

— Não, papai, os figurinos dos Reis Magos estão aqui — explicou Gracie. — Poderíamos simplesmente fazer com que pessoas do Grito Rebelde os vestissem.

— Isso poderia funcionar — respondeu ele.

— E — disparei — se os dois elencos estão pela metade, talvez o público também esteja. Poderíamos combinar as duas apresentações. E, como a sua congregação não

pode empunhar armas — olhei para ele em busca de confirmação, e ele balançou a cabeça —, então talvez a gente consiga que os funcionários do Grito Rebelde sejam voluntários na nossa peça.

— Gostei da ideia. Gostei muito. Vou sondá-los.

Não comentei que tinha quase certeza de que precisaria recrutar garçonetes para substituir os anjos que estavam faltando. Os anjos *bebês*. As garçonetes ficariam parecendo prostitutas com aqueles figurinos.

Pelo menos tínhamos cajados de pastores. Se as coisas ficassem escandalosas demais, sempre poderíamos puxar os anjos para fora do palco.

Gracie não disse que eu precisava realizar uma peça elegante. Apenas uma peça.

— Muito bem, o que mais?

Ela estava com uma prancheta e um lápis na mão. Era legal vê-la levando o meu sucesso tão a sério, mas a prancheta me fez lembrar de um problema maior.

— O guia. — Ele ainda estava em cima do banquinho do diretor, completamente fora de ordem, com as páginas de qualquer jeito. — Nós não sabemos em que ordem pôr as coisas. O pessoal do Grito Rebelde vai precisar de marcações para saber aonde ir.

— Eu posso ajudar com isso.

A voz grossa só podia vir de uma pessoa.

Os cabelos louros de Shelby haviam crescido desde que ele o raspou para os jogos de futebol, e estavam desarrumados. Ele estava com a barba por fazer, tinha olheiras profundas e estava com a camisa mal abotoada. Nunca o vira tão descuidado antes.

— Desculpe — falei. Na verdade, deixei escapar.

— Oi?

— Desculpe por ter feito aqueles pombos cagarem no seu carro. — Eu nunca havia me desculpado e me pareceu certo fazer isso naquele momento. — Não foi legal da minha parte, e eu não tinha motivo. Não um motivo válido, de qualquer maneira.

Gracie entrou na minha frente.

— Eu contei a ele sobre a sua namorada.

— Você falou sobre o Mini Cooper? — perguntou Shelby, ansioso.

Gracie negou com a cabeça.

— Isso é coisa sua.

— Cara — Shelby passou pelo lado dela e me segurou, olhando intensamente nos meus olhos —, eu só ando de Mini Cooper porque preciso. Meu pai tem umas ideias esquisitas. — Ele apontou a cabeça na direção dos laços e das perucas de palhaço penduradas em um quadro próximo. — Aquele carro é uma

delas. Ele me deu de presente, e estava tão feliz... Eu só queria que você tivesse botado fogo no carro e não na igreja.

— Relaxa, garotão. Eu não tinha a intenção de botar fogo em nada.

Gracie ficou na minha frente de novo e tirou as mãos enormes e suadas de Shelby dos meus ombros.

— Mas você o perdoa, certo?

O corpo de Shelby era grande, mas a cabeça dele era rápida. Ele olhou de mim para Gracie.

— Sério? Vocês dois?

— Você pode nos ajudar com o guia ou não? — Gracie estava com as mãos na cintura. — Porque eu não vou ter esta conversa agora, mas vou lembrar que você está *em dívida* comigo.

— É verdade. — Shelby baixou a cabeça. — Tudo bem. Dê o guia para mim. Sei que

consigo pôr aquelas marcações nos lugares certos do palco. Elas sempre me pareceram jogadas de futebol.

Gracie deu o guia para Shelby, que se jogou no banquinho como se estivesse exausto. O banquinho rangeu com o peso.

— Aviso quando estiver pronto — disse ele.
— Aliás, Gracie, vamos conversar mais tarde.

Ela acenou para ele e me puxou para a lateral do palco.

— Foi um pedido de desculpas bem impressionante da sua parte. Inesperado.

Nós estávamos perto de um canto. Um canto pequeno e escuro. Um canto fora do campo de visão do pai dela. E ela estava impressionada comigo.

— Foi digno de uma recompensa? — perguntei, olhando dela para o canto e para ela de novo.

— Você é abusado.

— Eu aproveito situações vantajosas.

— Abusado. E esperto também.

Ela agarrou a frente da minha camisa e me puxou para o canto escuro.

Agradei por ela não estar com o figurino de novo. Não foi como se eu a tivesse pressionado contra a parede ou coisa parecida, mas foi o mais próximo dela que eu jamais estivera. Aquilo foi além das expectativas. Seus cabelos tinham um cheiro feminino, de primavera.

Ela ainda estava com a minha camisa enrolada no punho.

— Sei que estou tentando fazer escolhas de vida melhores — falei —, mas eu seria capaz de cometer um crime todos os dias se depois eu pudesse fazer isso.

— Isso não faz sentido. — Ela suspirou, ofegante. — Se você cometesse crimes todos

os dias, o único momento que teríamos juntos seria uma hora aos domingos.

— Então você está dizendo que quer ficar comigo?

Ela respondeu com uma risadinha. Gracie não era de dar risadinhas.

— Você está nervosa.

— Eu... eu nunca... o único beijo que dei foi no Milo Crutcher, no sexto ano, e ele enfiou a língua inteira na minha boca. Entendo isso *agora*, mas não entendia na época. Então, eu simplesmente... meio que... evitei repetir a dose.

Ela achava que eu ia beijá-la e não estava fugindo de mim.

— Que pena. — Toquei seu rosto, passando o polegar em sua bochecha. — Embora me agrade o fato de ele ter estragado o beijo para você, vou adorar ser o responsável por consertar as coisas.

— Ap-posto que sim.

Tirei a mão do rosto dela.

— Você está batendo os dentes. Desculpe...

— Ei — disse ela, agarrando meu punho. —
Fui eu que comecei.

Levantei o queixo dela com um dedo.

— Que bom. Mas provavelmente não estamos na melhor hora ou lugar para isso, talvez seja melhor eu levar você para comer um bom bife antes.

Os olhos dela estavam muito azuis e muito arregalados.

— Eu sou vegetariana.

Sorri.

— Eu peço uma salada para você.

Então dei um beijo na testa dela e saí para a arena iluminada.

Eu havia me comportado bem por trinta e uma horas, demonstrado autocontrole com Gracie e tido uma conversa inteligente com o pai dela. Havia encontrado toalhas de mesa para cobrir as pernas das garçonetes-anjos, convencido Lee e Grant a vestir perucas e mantos (dois dos Reis Magos estavam presos no trânsito) e prendido bolas de algodão em cavaletes para criar ovelhas.

Tinha usado uma pistola de cola quente para finalizar a bainha do figurino de Gracie — sem nenhum prejuízo à minha masculinidade — e pegado emprestado do coro da escola um aluno da oitava série viciado em videogames para cuidar das luzes. Havia soltado o manto das calças de um pastor incauto, retirado os bonés dos confederados dos cavalos transformados em jumentos e

encontrado um calmante para uma mãe nervosa.

Isso é o que eu chamo de milagre de Natal. Só tinha um problema.

Não havia José.

— Ele ficou chateado com a gente? — perguntei a Gracie. Havíamos encontrado o guia, perfeitamente organizado, mas Shelby não estava em lugar algum. — Isso é culpa minha também?

— Não, ele não é desse tipo. — Ela levantou as mãos. — Nós nunca saímos, nem uma vez. Alguma coisa está errada.

Não tínhamos mais ninguém para ser José. O pai de Gracie estava do lado de fora cuidando dos ingressos e do trânsito, e... isso seria bizarro, de qualquer maneira. Não podia nem tirar o aluno grandalhão do ensino fundamental do coral, porque era o único tenor que eles tinham.

Minhas alternativas estavam chegando ao fim quando o pastor Robinson reapareceu.

— Encontramos Shelby — disse ele. — Desmaiado em uma pilha de juta. Está com febre alta e delirando. Não para de falar em democratas, Nova Jersey e beijo.

— Então não temos um José. — Gracie manteve os olhos no pai, mas sua mão segurou a minha.

— Não, não temos. — Ele obviamente também não estava olhando para mim.

Ah, não.

— Qual é? — Dei um passo para trás. — De jeito nenhum. Ninguém nesta cidade vai acreditar em mim como José. Vão vaiar o presépio. Não podemos deixar que as pessoas vãoem o presépio. E eu posso ser um encrenqueiro, mas o que faço é secreto. Clandestino. Não gosto das pessoas olhando

para mim. E as pessoas teriam que olhar para mim.

Eu estava tagarelando, mas a última coisa que queria fazer era vestir um manto e uma barba falsa e fingir ser um homem de Deus.

— Está tudo bem, Vaughn. Você não precisa fazer isso. — Gracie apertou minha mão. — Temos tempo para pensar em alguma coisa.

— Dez minutos! — alertou o garoto da oitava série no fone de ouvido.

— Podemos usar um dos Reis Magos — sugeriu Gracie. — Pegar alguém da plateia. Tudo o que a pessoa vai precisar fazer é ficar ali parada.

O pastor Robinson concordou com a cabeça.

— Isso poderia funcionar. Talvez tenhamos que abrir as cortinas alguns minutos mais tarde...

— Eu faço. — *Aquilo estava saindo da minha boca?* Estava. — Eu vou ser o José.

— Meu filho, não precisa. Eu juro — disse o pastor Robinson.

Ele foi sincero, e não porque teria vergonha que eu assumisse o papel. Percebi que ele estava pensando em mim, nos meus sentimentos. E ele havia me chamado de “filho”.

— Atuar não era parte do acordo — concluiu ele.

Olhei de Gracie para o pai dela e tudo o que vi nos rostos deles foi preocupação. Não vi julgamento, nem decepção, nem expectativa. Nada.

Apenas amor.

— Dirigir a peça também não fazia parte do acordo — falei.

— Isso é diferente — disse Gracie. — Ninguém quer que você se sinta desconfortável...

— Eu quero fazer isso. — Levantei a mão quando Gracie começou a discutir. — Não. Eu quero de verdade. — Virei-me para o pai dela. — O mínimo que posso fazer é vestir uma barba falsa e representar aquilo em que vocês acreditam.

Gracie mordeu o lábio. Acho que vi lágrimas nos olhos dela.

— Obrigado — disse o pastor Robinson. E então ele me abraçou.

— Certo. — Engoli o nó na garganta. — Então, onde está aquela barba?

Gracie e eu estávamos sozinhos no palco, esperando a cortina ser levantada — apenas um jovem casal de Nazaré a caminho de Belém para ser contado pelo censo. Sem um burro, mas algumas coisas ficaram sem

solução. Gracie me disse que a história do burro, de qualquer maneira, não estava na Bíblia.

Eu estava suado e nervoso, mas Gracie sorria de orelha a orelha. O que fazia toda a história valer a pena.

— Eu diria boa sorte. — Arranquei a fita protetora do adesivo do bigode e o coleí no rosto. *Olá, 1975.* — Mas é “merda para você”, certo? — Minha barba entortou. — Droga.

Gracie riu e estendeu a mão para consertá-la. Ou foi o que eu pensei.

— Tem outras coisas que podemos fazer para dar sorte.

Ela ficou nas pontas dos pés, levantou o queixo e deu um beijo nos meus lábios. Um beijo suave e doce.

Senti meus joelhos tremerem. Tipo, ficaram tão fracos que precisei me apoiar nela.

— Isso foi uma surpresa. Não me entenda mal, uma boa surpresa. Mas ainda assim.

— Desculpe. Fui longe demais? — perguntou ela baixinho.

— Não — respondi. A cortina começou a subir. — Foi longe o suficiente.

BEM-VINDO A CHRISTMAS, CALIFÓRNIA

KIERSTEN WHITE

Se você fizer uma busca por “cidades dos Estados Unidos chamadas Christmas” (que falta do que fazer, cara), vai encontrar cinco resultados principais. Em Arizona, Flórida, Kentucky, Michigan e Mississippi, houve alguém que decidiu: “Ei, vamos chamar a nossa cidade de Christmas, porque daí vai ser Natal o ano inteiro!”

Se algum dia você se deparar com o túmulo de um desses caras, é obrigado a cuspir nele, porque *sinceramente*.

No entanto, na autoestrada I-15, entre a cintilante paisagem urbana de Barstow e a impressionante metrópole de Baker, há uma velha saída da rodovia, tão pequena e depressivamente que nem o Google sabe que ela existe. E aqui, aninhada no seio do deserto feio e marrom, fica a minha casa: Christmas, na Califórnia.

Tecnicamente, não é uma cidade. Nem uma vila. É uma “região censitária”.

“De onde você é, Maria?”, vão me perguntar um dia, e eu vou poder responder com absoluta precisão: “Ah, de um lugar aí.”

Christmas está caindo em um poço de obsolescência. Esse poço seria a mina local de boro, onde cinquenta trabalhadores arrancam sua sobrevivência das pedras. Um dia, o

boro vai se esgotar, e nossa região censitária finalmente poderá morrer.

Sentada no banco do carona do Chevy Nova de dezoito anos do namorado da minha mãe, com o sol de dezembro iluminando o dia frio, rezo para que esse momento chegue logo. O trajeto da escola mais próxima até minha casa leva quarenta e cinco minutos, o que significa uma hora e meia para conversar com Rick todos os dias.

Nosso roteiro:

Maria entra no carro. Rick tira uma fita do rádio e põe uma destas duas fitas cassete: Johnny Cash ou Hank Williams.

— Como foi seu dia? — pergunta Rick.

— Legal — responde Maria.

— Tem dever de casa?

— Vou fazer agora.

Repita isso todos os dias pelos últimos três anos e meio.

Hoje, ao sairmos da autoestrada para a agitadíssima rua central (uma oficina de carros, um posto de gasolina, várias casas de dois andares caindo aos pedaços e o Christmas Café), Rick sai do roteiro.

— Pilar encontrou um novo cozinheiro.

Estreito os olhos com desconfiança para a fachada monótona de tijolos do Christmas Café, que não é café coisa alguma. É uma lanchonete. Mas *Lanchonete Christmas* não é uma aliteração, e Deus nos livre de que qualquer coisa naquele lugar não seja ridícula.

Ted, o último cozinheiro, morreu há uma semana. Ele trabalhava lá desde que a mãe de Rick inaugurou o lugar, trinta anos atrás. Dottie mora em uma casa de repouso na Flórida. Embora minha mãe esteja com Rick há oito anos, Dottie ainda se refere a ela como “aquela mexicana boazinha”. Aquela

mexicana boazinha gerencia a lanchonete — faz os pedidos, cuida da contabilidade, obriga a filha a trabalhar apenas por gorjetas —, ou seja: faz tudo o que Dottie está ocupada demais para fazer como aposentada. E também trabalha em tempo integral na mina com Rick.

Eu tento me sentir triste por Ted, mas nós mal nos conhecíamos, mesmo depois de três anos trabalhando juntos. Ainda assim, vai ser estranho não o ver por ali. Ele era mais um utensílio do que uma pessoa. Como se eu chegasse lá e o freezer tivesse simplesmente... sumido. Mais um motivo por que eu preciso sair daqui, antes de ficar presa como Ted, presa como Rick, presa como a minha mãe. Todo mundo aqui é infeliz, e estamos apenas batendo ponto até morrermos.

Ou, no meu caso, até maio, quando me formo na escola e vou embora de Christmas para sempre.

Rick me deixa na frente da casa e segue direto para o último turno de trabalho na mina. Na verdade, eles me deixaram pegar o carro quando completei dezesseis anos, mas como eu me envolvi em dois acidentes (ambos por culpa minha), é mais barato Rick me levar do que eles pagarem um seguro para mim. “Mais barato” ganha de qualquer coisa.

Abro a porta e chego na escada escura e fria. Minha mãe não acredita em aquecimento. Uma crença fortemente apoiada por Rick. Durante o inverno, faz mais frio lá dentro do que fora. Eu me encolho no casaco que deixo ao lado da porta, confiro a caixa de

correio — sempre cuidadosamente dividida nas pilhas Sanchez e Miller — e subo para o segundo andar, onde fica a cozinha. A geladeira está coberta com tantos anos dos meus boletins escolares que eles formaram uma espécie de papel de parede. Ignoro o leite rotulado com “Rick”, o iogurte rotulado com “Rick”, os ovos rotulados com “Rick” e encontro um potinho de sobras de peru sem identificação. A carne tem o sabor e a consistência de papelão. Jogo tudo no lixo, ainda com fome.

Normalmente, nossa geladeira é cheia de restos da lanchonete, mas como ela está fora de funcionamento desde a morte de Ted, a comida de verdade está em falta. Minha mãe não cozinha há anos. Nunca pensei que sentiria falta do estilo culinário de Ted “Moderação Comestível” Dickson.

Minha mãe costumava cozinhar. Antes de Christmas, nós nos mudávamos com frequência. Às vezes, morávamos com parentes, às vezes, sozinhas. Mas ela sempre dava um jeito, não importava quanto a cozinha fosse pequena. Passava horas preparando tamales, dançando e contando histórias em seu espanhol musical. Quando fala em espanhol, ela fica diferente do que é em inglês. É mais carinhosa. Mais feliz. Mais divertida. É *minha*.

A versão da minha mãe em inglês começou quando chegamos a Christmas. Ela conseguiu um emprego como administradora local — um nome chique para uma secretária faz-tudo. Nós morávamos em um trailer bem ao lado da mina. Então ela conseguiu um segundo emprego como gerente da lanchonete, e começou a sair com Rick. E aí não éramos mais só nós duas. Um dia desses, ela vai

aparecer com seu próprio rótulo “Rick” colado na testa.

Exauridas as possibilidades da geladeira, vou para a lanchonete a fim de confirmar que os nossos horários não foram modificados e para comer alguma coisa. Há uma minivan amassada no estacionamento. Muitos assentos lá dentro. Bagagem amarrada no teto. Más notícias.

A porta se abre com uma musiquinha enferrujada, e um Papai Noel eletrônico insulta minha virtude moral três vezes. Ho, ho, ho. Um trilho de trem circunda todo o espaço acima, um empoeirado Expresso Polar eternamente parado prestes a chegar ao Polo Norte. Toda superfície não destinada a servir como apoio de comida está coberta de enfeites kitsch de Natal. Flocos de neve de isopor com purpurina, caixas vazias embrulhadas com papel de presente esmaecido,

luzinhas pisca-pisca com um fio sempre fora de sincronia, meias com manchas de cola quente revelando onde estavam os pompons e uma cabeça de rena de pelúcia, com um nariz de lâmpada vermelha há muito queimada e chifres com enfeites sem brilho. Como se isso já não fosse um show de horrores suficiente, um duende sinistro acima da porta da cozinha olha malignamente para baixo, com a cabeça entortada em um ângulo típico de filme de terror.

Um ano atrás, eu coloquei uma faquinha na mão dele. Ninguém reparou.

Procuro pela outra garçonete, Candy — ela faz o turno da manhã e do começo da tarde, enquanto eu cubro o final da tarde e a noite. Mas ela não está ali, e eu estava certa quanto à minivan. A mesa do canto é o retrato do caos. Uma mulher com ar estressado usa óculos escuros com apenas uma lente. Ela

embala um bebê aos berros no colo. Uma criança um pouco maior está em cima da mesa apesar dos alertas da mãe, enquanto uma mais velha choraminga e outra ainda maior faz cara feia.

Ela me vê e seu rosto cansado é tomado por uma combinação de desespero e irritação.

— Boa sorte. Estamos aqui há cinco minutos, sem sinal de garçonete.

Congelo. Se voltar agora, posso ir embora. Não é o meu horário de trabalho.

A campainha da janela de pedidos toca. Como Ted era baixo como eu, ele nunca a usava. Sempre precisávamos entrar na cozinha para pegar os pratos.

— Pedido pronto! — chama uma voz alegre e grave.

A mulher vê a minha reação e estreita os olhos.

— Eu... ahn... trabalho aqui. — *Você precisava admitir, não é, Maria?* — Volto já com os cardápios.

— Obrigada. — A voz dela está tensa.

Ao me aproximar da janela de pedidos, encontro uma caixinha de cereal, três copos pequenos de achocolatado, uma Coca-Cola grande e um prato fundo cheio de... macarrão gratinado? Eu me inclino para a frente, cheiro e... *nossa*. Não sou muito fã de massas, mas essa é puro aconchego coberto com queijo. A camada de farinha de rosca por cima foi gratinada em um dourado perfeito. O prato ainda está borbulhando.

Fico na ponta dos pés, mas minha visão da cozinha é limitada.

— Oi. Eu trabalho aqui. Para quem é este pedido?

— Para a mesa dois — diz a voz.

Olho para conferir. Não há mais ninguém no restaurante. Só a família maluca.

— Ela falou que ninguém anotou o pedido dela ainda. Por acaso Candy está aí?

— É para a mesa dois.

Franzindo a testa, levo a bandeja até lá.

— Aqui está sua comida.

A mulher bufa com exasperação, arrancando uma mecha de seus cabelos das mãos do bebê.

— Não, nós nem pedimos ainda. Podemos... espere, o que é isto?

Já estou levando a bandeja de volta, mas paro no meio do caminho.

— Acho que é macarrão gratinado. Quer pelo menos as bebidas? Por conta da casa — digo.

A mulher põe os óculos na cabeça e enfim percebe que uma das lentes está faltando. Sua risada me surpreende. Ecoa pelo salão.

— Nossa, que vergonha. O que mostra o aniversário que eu estou tendo. Sabe, é muito estranho, mas esse macarrão parece com o macarrão que a minha mãe costumava preparar nos nossos aniversários, e tem o mesmo cheiro.

— A vovó? — pergunta a criança mais velha, animando-se.

A expressão da mãe se suaviza.

— É. — Ela toca a borda do prato amarelado. — Este prato inclusive se parece com os pratos refratários dela. Que estranho! Quer saber, nós vamos querer isto mesmo.

— Sêrio? — pergunto, confusa.

— Sim. Pode pegar alguns pratos para a gente?

— É claro!

Corro para trás do balcão e pego quatro pratos e talheres. A mãe está contando uma história sobre alguma caça ao tesouro de

aniversário. Todos se acalmaram — os mais velhos pararam de reclamar e choramingar, o bebê está comendo os cereais e o menorzinho está satisfeito com o achocolatado. A mãe parece dez anos mais jovem do que quando cheguei.

— Precisam de mais alguma coisa?

Ela balança a cabeça, feliz.

— Está tudo perfeito, obrigada.

Eu me afasto, aliviada, mas intrigada. Por que o novo cozinheiro fez aquilo? Será que havia mais alguém ali? Abro a porta para perguntar o que está acontecendo. E fico feliz por já estar com a boca aberta, pois caso contrário não teria conseguido disfarçar o queixo caído.

Porque o novo cozinheiro não é um fumante inveterado barrigudo de sessenta e poucos anos.

É um cara alto, ainda mais alto por causa do ridículo chapéu de chef que usa na cabeça. Magro, com os ombros voltados para dentro que o fazem parecer ocupar menos espaço do que realmente preenche. Sobrancelhas escuras e espessas. Há uma única ruga entre elas que deveria fazer com que ele parecesse preocupado, mas seu rosto tem algo inerentemente *agradável*. Talvez seja a forma como o nariz faz uma ligeira curva para o lado, como se tivesse sido quebrado em um sorriso de lado.

Ah, e ele não é velho. Tem talvez vinte anos, no máximo.

Ah, e não é *nada* feio.

— Oi!

Ele ergue o olhar de algo fervendo no fogão. E pronto: quando sorri, todo o seu rosto se ilumina. É como se as outras expressões não existissem.

Percebo que estou sorrindo abertamente em resposta. Controlo a boca para não parecer uma completa idiota.

— Oi. Então. Você é o novo cozinheiro?

Ai, mas claro, pergunte ao cara que está *cozinhando* se ele é o novo cozinheiro.

— Sou! Este lugar não é incrível?

— Não... não teve nenhum tom de sarcasmo nesta sua frase. Estou confusa.

Ele riu.

— Não acreditei na minha sorte quando me contrataram.

Talvez eu não o conheça bem o bastante para saber quando ele está brincando. Certamente não está sendo sincero. Ele tira a panela do fogão, seca as mãos e estende uma delas para mim.

— Meu nome é Ben.

— Maria.

A mão dele é grande, mas não gorda. Solto a minha antes dele, envergonhada. Não sei como estou no momento. Não me dei ao trabalho de me olhar no espelho antes de ir para lá, porque, mais uma vez: *não* era aquilo que eu esperava encontrar.

Deve haver alguma coisa errada com ele. Tipo, errada mesmo. É a única explicação para ele achar que é sorte conseguir esse emprego.

A porta da frente canta e o Papai Noel insulta outro cliente. Ben se volta ao que quer que estivesse fazendo — para ninguém, aparentemente —, eu saio e observo o salão. Ainda está vazio, exceto pela família, que parece estar se divertindo muito. Depois de conferir que todos estão com os copos cheios, volto para Ben. Eu me apoio no balcão do jeito mais casual que consigo, mas a cozinha está esquisita agora. Não é mais a

mesmice confortável. Ben a transformou em um ambiente desconhecido.

— E então, quem pediu o macarrão? — pergunto.

— A mesa dois precisava dele.

— Certo. Mas ela não o pediu.

Ele dá de ombros, como se também não soubesse como aquilo deu certo. Mas, em um canto da boca, há a sombra de um sorriso.

— Mas eles gostaram.

Não foi uma pergunta.

— Eles adoraram. Você olhou o cardápio? Nós não temos macarrão gratinado. Provavelmente porque Dottie não soube torná-lo natalino.

O prato exclusivo de Dottie é a Salada Delícia do Rudolph: alface, molho rancheiro e um simbólico tomate cereja.

Ele dá de ombros de novo, e desta vez os dois cantos da sua boca formam um sorrisinho.

— É o meu primeiro dia. Uma hora entendendo como as coisas funcionam.

— Talvez seja melhor não entender. Aquele prato pareceu mais gostoso do que qualquer coisa que servimos.

Como Candy não veio, pelo visto, pego meu uniforme do gancho com relutância. É um vestido de poliéster vermelho que nunca cai bem com um avental listrado vermelho e branco. Também precisamos usar tiaras de lantejoulas com chifres de rena.

Durante. Todo. O. Ano.

A porta do banheiro feminino está sempre emperrada, então a empurro com o ombro. Quase bato em Candy, que está apoiada na pia.

— Ah, me desculpe! Achei que o banheiro estivesse vazio. — Eu me viro para sair quando percebo que seus ombros estão balançando. — Candy, você está bem?

Seu reflexo no espelho está pálido por causa das lâmpadas fluorescentes. Ela está com olheiras, mas isso não é novidade. Ao menos nesta semana, as manchas roxas não são hematomas. Dois anos atrás, quando ela foi morar com o namorado, Jerry, ela era alegre e animada. Costumávamos sair depois do trabalho se Jerry ainda estivesse na mina. Ela queria ser cabeleireira e um dia abrir o próprio salão. Planejava inclusive fazer faculdade de administração para gerenciá-lo. Mas, pouco a pouco, parou de falar em universidade. Jerry não gostava da ideia. Então ela parou de falar em ser cabeleireira. Então ela simplesmente parou de falar. Eu a vejo todos os dias, mas sinto saudade dela.

Ela levanta uma fita de plástico branco com uma expressão indiferente no rosto.

— Estou grávida.

Fecho a porta atrás de mim.

— Parabéns?

— Precisei sair escondida no meio do meu turno para comprar o teste. Desculpe. Eu não podia ir outra hora, porque ele ficaria sabendo.

Jerry sempre busca Candy no final do expediente. Eu o vejo às vezes, na calçada da frente, contando a gorjeta dela. No dia do pagamento, ele estende a mão para pegar o cheque da namorada sem nem mesmo pedir.

Ela se inclina sobre a pia. Encurva as costas, baixa a cabeça.

— Como eu vou fugir agora?

Faço Candy ficar no banheiro. O lugar não está exatamente movimentado. Quando a família sai, vou até a mesa deles, temendo a bagunça. Em vez disso, encontro tudo cuidadosamente empilhado, sem bebidas derramadas, sem pratos virados. E — gloriosa e impossivelmente — *vinte dólares* de gorjeta.

Grito tão alto que Ben enfia a cabeça pela janela da cozinha.

— Está tudo bem?

— Melhor do que isso! É a melhor gorjeta que já recebi! Obrigada, Benjamin!

— De nada. Mas Ben não é apelido de Benjamin.

A porta toca, anunciando minha mãe... e *Rick*? Rick sempre diz: “Por que eu pagaria para outra pessoa fazer minha comida?”, enquanto cozinha arroz ou feijão, ou o que quer

que tenha encontrado em promoção no mercado.

— O que vocês estão fazendo aqui? — pergunto.

Minha mãe olha ao redor. Ela trabalha nos fundos e raramente visita o salão do restaurante. Sempre se espanta com a tática decorativa de choque e terror. Um presépio de pinguins, com o pequeno pinguim bebê Jesus, chama sua atenção:

— Nosso turno foi suspenso. Falha nas máquinas. Achamos que você estaria em casa. Viemos conferir se estava tudo bem com você.

— Candy está... doente. Estou cobrindo para ela.

Rick está com as mãos enfiadas nos bolsos dos jeans.

— Já fez o dever de casa?

— Sim — digo sem entonação.

Ele assente. É o mesmo movimento que faz todas as noites quando me pergunta a mesma coisa e recebe a mesma resposta. Mas isso normalmente acontece em casa, quando todos nós saímos de nossos diversos turnos. Então dou o controle remoto para ele assistir a episódios antigos de *Bonanza*. Alguns anos atrás, tive um período de insônia, e ele sempre estava no sofá. Ficávamos os dois sentados lá, com as horas passando em silêncio e as monótonas aventuras de caubói em preto e branco preenchendo o espaço entre nós.

Ok, tudo bem. Havia alguns episódios legais. Mas ainda assim.

A campanha dos pedidos soa, e eu estranho. Ben pôs três embalagens para viagem na prateleira.

— Ninguém pediu nada! — grito. Como minha mãe faz um ar de reprovação, piso

forte até a janela. — Ben! Não tem ninguém aqui. Ninguém pediu nada.

Ele põe a cabeça para fora.

— Ah, certo! Bem, isso é constrangedor, mas eu me confundi. Em vez de jogar fora, pensei que você poderia dar aos seus pais.

Ele diz que é constrangedor, mas sua expressão é de puro deleite.

— Rick não é meu pai.

— Legal. Bom. Pergunte se eles querem.

Olho furiosa para ele. É mais difícil do que deveria, como se aquele rosto doce e sorridente fosse contagioso.

— Pare de fazer comida antes de alguém pedir alguma coisa.

— Certo. — Ele dá um sorriso ainda maior e então se endireita para que eu não consiga mais ver seu rosto.

Empurro as embalagens nas mãos da minha mãe e de Rick.

— Acho que ele confundiu um pedido. Querem comida de graça?

Rick nem pergunta o que é. De graça vale tudo. E se vira para a porta.

— Vamos, Pilar?

Minha mãe franze a testa.

— Diga para Ben anotar o que está usando. Temos um sistema de encomendas que não permite desperdícios.

Depois que os dois saem, confiro o banheiro feminino e encontro Candy dormindo enroscada no canto, com um avental sob a cabeça. Penduro uma placa “Em manutenção” na porta e assumo o resto do turno dela. Como um pequeno ato de rebeldia, não visto meu uniforme. Não tem nada a ver com Ben.

Bem. Talvez um pouco.

O movimento está mais intenso do que o normal. Uma porção de locais resolveu

aparecer para conhecer o novo chef. Ben não fala muito — ele sorri e acena pela janela, ocupado demais para sair. Coloco a cabeça dentro da cozinha e o vejo tirando biscoitos do forno. O revelador aroma de biscoitos de gengibre paira no ar como a promessa de uma alegria natalina. Tem até farinha no nariz de sorriso torto dele. É encantador.

— Você é um péssimo cozinheiro — digo.

Ele olha para mim, seus traços suaves revêlam preocupação.

— Alguém reclamou?

— Você não seguiu nenhuma receita do cardápio. Trabalho aqui há bastante tempo... Posso dizer isso.

O purê de batatas está mais cremoso. As fritas, mais crocantes. E seus pãezinhos são milagres dourados e amanteigados em vez do tipo direto-do-pacote que costumamos servir.

Por um instante, Ben parece tenso. Então a agitação desaparece e ele levanta as so-brancelhas, que desaparecem embaixo da cabeleira castanha. Ele é a definição da alegria.

— Mas alguém *reclamou*?

Sopro a franja para longe dos olhos.

— Não. Eles só estão sendo gentis porque você é novo.

Isso não é verdade. Os clientes habituais gostam da comida terrível de sempre e, se alguma coisa muda, gritam comigo. Eles não são gentis.

Só que... esta noite estão sendo. Steve e Bernie, que sempre comem um bife depois do trabalho e não falam com ninguém, estão rindo e contando histórias no balcão. Lorna, que depois de toda a minha vida sem roubar nada ainda me segue desconfiada em seu posto de gasolina, me cumprimenta na saída.

E, juro, Angel, o motorista de caminhão de cento e trinta quilos, que mantém uma aura de ameaça constante, com o nome mais errado do mundo, Angel realmente sorri para mim.

Eu acho. Talvez seja indigestão.

Mas então ele me dá uma gorjeta. Dez por cento, um aumento de cem por cento em relação às gorjetas anteriores.

Ben cantarola enquanto polvilha açúcar sobre os biscoitos.

— Precisei fazê-los em círculos. Que tipo de lanchonete com temática natalina não tem moldes de biscoitos?

— O tipo que não oferece biscoitos de gengibre no cardápio.

— Certo, então, mais uma vez: qual o sentido disso?

— Nada disso faz... Ah, não, que horas são?

— Corro até o banheiro e acordo Candy com

um chacoalho. — Faltam dez minutos para o fim do seu turno.

Ela senta num susto, pálida.

— Está tudo bem. Você tem tempo. Arrume-se.

Limpo as mesas, e Candy sai do banheiro justamente quando Jerry entra na lanchonete. Os olhos dele, cinzentos e opacos como pele de tubarão, observam o movimento fora do normal. Posso vê-lo calculando.

Candy levanta uma mão trêmula.

— Oi, eu... Tem um motivo...

— Você deixou seu bloquinho cair. — Paro na frente dela. — Aqui. — Tiro as gorjetas da minha calça jeans e as enfio no bolso do avental dela. Ela nem olha para mim, mas aperta meu braço quando passa. E então vejo, embalada por uma canção natalina de Frank Sinatra, as minhas gorjetas saindo

diretamente do bolso dela para a mão de Jerry.

Feliz porcaria de Natal para você, Frank.

Consigo sobreviver até a hora de fechar. Todos querem ficar por lá, aconchegados ao redor da velha televisão que passa uma imagem em *looping* de uma lareira acesa. Estão rindo, conversando, agindo como amigos. Como pessoas felizes por estarem em Christmas.

“Feliz Navidad” sai dos alto-falantes e invade meus ouvidos, e eu não aguento mais. Assumi um turno de trabalho que não era meu e nem sequer consegui minhas malditas gorjetas. Ben sai justamente quando estou prestes a gritar para todo mundo ir embora.

Ele está carregando uma bandeja de biscoitos de gengibre. Há uma trilha quase visível de aroma, que se espalha e provoca os clientes a ir atrás. Ele segura a porta aberta e dá a cada pessoa um biscoito macio e quente, com um sorriso ainda mais macio e quente quando elas saem. E então todos foram embora. Eu viro a placa de “Feliz e radiante” para “Fechado para a noite” e tranco a porta.

Então me viro, com as mãos no quadril, e direciono minha raiva para a única pessoa que sobrou.

— Não vou dividir minhas gorjetas com você.

Ben estende um biscoito.

— Tudo bem.

— Normalmente nós dividimos as gorjetas com o cozinheiro, mas não vou dividir as minhas com você hoje — falo.

— Tudo bem.

Ele empurra o biscoito na minha direção, mas eu o afasto.

— Isso é tudo o que você vai dizer? Que tudo bem?

Ele olha para o biscoito como se eu o tivesse magoado.

— É, quer dizer, as gorjetas são suas. Você decide o que vai fazer com elas.

— É claro que decido. Mas nós devemos dividir com você.

— Se você não acha que é justo, eu entendo.

— Você deveria ficar bravo comigo. Para então eu poder gritar com você e me sentir melhor quanto a tudo — reclamo, com as mãos para o alto.

Ele ri.

— Por que isso faria você se sentir melhor?

— Porque eu quero gritar com alguém!

Desabo em um banco e fico brincando com uma lasca de fórmica da mesa. Ben desliza para o banco na minha frente, pondo os biscoitos de gengibre entre nós. Se é uma oferta ou uma barreira, não sei dizer.

— Com quem você realmente quer gritar?

— Argh. Não sei. Com Candy, talvez. Com o namorado idiota e imbecil dela, com certeza. Com minha mãe e Rick, às vezes. E eu dividiria minhas gorjetas com você, mas não tenho nada, o que significa que trabalhei a tarde toda por nada — desabafo, deitando a cabeça na mesa.

— Ninguém deu gorjeta para você? — Ele finalmente parece indignado.

— *Todo mundo* me deu gorjeta. Mas eu dei tudo para Candy.

— Bom, você fez por merecer um desses.

— Eu não gosto de biscoito de gengibre.

— Isso porque você nunca provou o *meu* biscoito de gengibre.

Estreito os olhos.

— Isso é algum tipo de cantada de chef?

Ele cora. A forma como suas bochechas ficam vermelhas enquanto ele busca uma resposta é quase encantadora demais para suportar, então eu pego um biscoito para ajudá-lo.

— *Dios mío*. O que você botou nisto aqui? Tem crack na receita? Biscoitos de gengibre deveriam ser duros e farelentos. Não são bons. Estes não são normais.

São macios, não exatamente como bolo, mais como a consistência de um cookie perfeito. As especiarias despertam minhas papilas gustativas, mas sem exagero — uma camada de açúcar polvilhado contrapõe o gengibre fresco —, e o biscoito está quente e

maravilhoso, com o gosto que o Natal costumava ter. Como foi que ele *fez* aquilo?

— Viu? — diz ele. — Não era uma cantada.

— Que bom, porque teria sido uma cantada horrorosa.

Pego mais um biscoito e me reclino no banco acolchoado. Normalmente, no final de um turno de trabalho, eu me sinto pesada, cansada e pronta para cair na cama. Mas nesse momento me sinto leve e suave. Como aqueles biscoitos.

Então pego um terceiro. E, me sentindo generosa, decido ser legal com Ben. Não é uma decisão difícil. Ele é gentil e, mesmo se não fosse o único cara da minha idade em Christmas, provavelmente ainda seria o mais bonito.

— Todo mundo adorou a sua comida.

Ele respondeu com uma voz tímida e maravilhada.

— Que bom.

Eu também achei bom. Ele vai tornar o tempo que falta para eu ir embora muito mais suportável. Talvez até divertido.

— Então, onde você aprendeu a cozinhar?

— No reformatório.

Eu me endireito no banco.

— No reformatório? Tipo reformatório juvenil?

O rosto dele não perde nada do agradável sorriso enquanto ele assente com a cabeça.

— Quando você esteve no reformatório? Por quê? A minha mãe contratou você direto da cozinha de lá ou algo assim? Eu *sabia* que tinha um motivo para você querer trabalhar aqui.

Ele ri.

— Faz seis meses que saí. Eu me candidatei a este emprego porque adoro Natal, e me pareceu... destino. Ou um feliz acaso. Ou

alguma coisa parecida. E não gosto de pensar na pessoa que eu era. Então, se você não se importar, prefiro não falar sobre o assunto, exceto para dizer que nunca fui violento.

Quase não suportei o peso da minha curiosidade.

— Tudo bem. Mas essa curiosidade vai me matar.

— Não vai. E eu também não vou, porque, repito, não sou violento.

Atiro algumas migalhas nele.

— Preciso limpar tudo — digo.

Fico de pé, dou uma espreguiçada e tiro o avental. Ben está me encarando. Levanto as sobrancelhas. Ele desvia o olhar, constrangido, mas fico bastante satisfeita por não estar usando meu uniforme esta noite.

Avalio o estrago. Nada muito ruim. Vai ser basicamente a louça, mas vou limpar o chão e as mesas antes.

Desligo o aparelho de som no meio de “Baby, It’s Cold Outside”.

— Obrigado! — grita Ben da cozinha. — Essa música é um horror.

— É, né?

— Outra terrível: “Santa Claus Is Coming to Town”.

— O Papai Noel como o Grande Irmão. Só imagine os cartazes, olhando para a gente de todas as paredes: O PAPAI NOEL ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ.

— Eu adoro o Natal, mas o Papai Noel é assustador.

— Sim, sim! Ninguém entende. Se alguém estiver me vendo dormir, é melhor que seja um vampiro gostosão, senão chamo a polícia.

Ben ri e ouço barulho de louça batendo. Ele deve estar preparando alguma comida para o dia seguinte. Ponho os fones de ouvido e limpo o salão, dançando ao som de

Daft Punk. Candy me apresentou a eles quando ainda gostava de música. Quando enfim termino, levo o carrinho amarelo do esfregão até a cozinha, exausta e sem vontade de lavar a louça.

Mas a cozinha está limpíssima. Toda a louça está lavada e os balcões estão limpos. Até mesmo os puxadores do imenso freezer foram higienizados. Algumas bandejas de massa estão fora para crescer durante a noite, mas não há mais nada para eu fazer. Tem um post-it preso na porta com uma grande carinha feliz desenhada nele.

Ponho a mão sobre meu sorriso, tentando tirá-lo do rosto. Porque, como não gosto de Christmas, também não posso gostar de ninguém aqui. Nem mesmo de cozinheiros talentosos com narizes tortos.

Normalmente, prolongo minha rotina depois da escola — armário, banheiro, biblioteca — pelo máximo de tempo possível antes de ir para o carro. Mas na segunda-feira eu praticamente corro para ir embora.

“Você está empolgada com as gorjetas”, lembro a mim mesma. “Não com o cozinheiro.”

Rick leva um susto quando abro a porta do carona de supetão. Ponho o cinto de segurança enquanto ele tenta tirar a fita que está tocando. “*Quieras bailar conmigo?*”, pergunta uma mulher em um tom suave e lento. Há uma pausa, e então Rick consegue ejetar a fita.

— O que era isso? — pergunto, pegando a fita. — Você está... aprendendo espanhol?

— Não é nada. Não.

Rick enfia a fita no bolso da camisa, limpa a garganta e engata a marcha do carro. Olho para ele desconfiada, mas ele nem olha para mim. Espanhol é o *meu* território, uma coisa que minha mãe e eu compartilhamos, e ele não. Mesmo que ela não fale mais comigo em espanhol. Eu não o quero lá.

Conforme nos aproximamos de Christmas, me inclino para a frente, balançando. Desta vez, é Rick quem olha para mim desconfiado. Envergonhada, arrumo a minha mochila. Nunca me senti tão aliviada por sair daquele carro. Já é um trajeto longo o bastante quando fingimos não notar um ao outro. Mas quando nós dois estamos agindo de forma estranha, bem, aí é interminável.

Tomo um banho e me maquio. Vou para o trabalho dez minutos mais cedo, assoviando alegremente.

Por causa das gorjetas.

— Ho, ho, ho para você, seu velho maluco.

Dou um tapinha na cabeça do Papai Noel eletrônico. O lugar está fervilhando, não é a zona morta de sempre. Candy está anotando pedidos. Ela ficou as duas últimas noites para ajudar com o movimento extra, mesmo indo ao banheiro toda hora para vomitar. Está com uma cara péssima hoje.

Angel está sentado ao balcão. Sorri.

— *Hola*, Maria!

Eu nunca havia visto os dentes dele antes, muito menos seu sorriso. Não imaginava que as rugas de mau humor não eram permanentes.

— Quer alguma coisa? — digo. Espero não parecer tão confusa-barra-incomodada como estou me sentindo.

— Pode ir com calma, *chica*, você acabou de chegar.

— Certo. Obrigada. — Entro na cozinha. —
O que você fez com o Angel?

Ben dá de ombros, esfregando as mãos
uma na outra, satisfeito.

— Ele precisava de uma boa refeição.

— Certo. O homem que passou os últimos
três anos rosnando pedidos para mim agora
está me chamando de *chica* e sorrindo.

— É.

— Ok, sério. Você é traficante de drogas?
Foi por isso que foi parar no reformatório?

Ele ri, mexendo em alguma coisa no fogão.

— Não. Nada de drogas.

— Eu tenho certeza de que você batiza seus
biscoitos de gengibre com alguma coisa
ilegal.

— Canela não é uma substância
controlada.

— Esse deveria ser o título das suas
memórias.

Relutante, visto o uniforme por cima da regata e da legging. Candy entra quando estou batendo o ponto de entrada.

— Ei! — Os olhos de Ben estão brilhando, cheios de esperança. — Fiz uma coisa para você.

Ela põe a mão na barriga.

— Não, obrigada.

— Acho que vai ajudar — diz ele, estendendo a embalagem para viagem enquanto ela tira o avental e pendura o uniforme.

Ela pega a embalagem.

— Tudo bem. A gente se vê amanhã — diz, e vai embora.

Ben vai até a janela, nas pontas dos pés. Então seus ombros caem, o corpo todo refletindo sua decepção.

— Ela deu ao Jerry, não foi? — pergunto.

— Não era para ele. Era para ela. — Ele franze a testa. — Amanhã vou fazer algo para ela no começo do turno.

O Papai Noel eletrônico solta um “ho, ho, ho” para um cliente, e eu fico atarefada nas horas seguintes. Ben prepara mais ou menos o que as pessoas pedem, e ninguém reclama. Meus pés estão cansados de tão cheia que a lanchonete está, mas os meus bolsos de gorjetas estão felizes.

Angel se transferiu para a mesa do canto, onde está recostado, conversando animadamente com Lorna, a dona do posto de gasolina. Ele está fazendo desenhos no guardanapo dela. Nunca os vi sequer olhando um para o outro antes. Mas, pela forma como estão agindo, você pensaria que os dois são melhores amigos. Eles têm ido ao restaurante todos os dias. Muitos dos habitantes da região têm aparecido com mais frequência

do que a curiosidade pelo novo cozinheiro poderia explicar.

— Bennett — digo.

— Não é apelido para Bennett — responde Ben.

— Você está com o pedido do Angel?

Ele põe uma bandeja na minha frente, e eu estranho.

— Isto não é dele.

— É para ele.

— Ele pediu filé de frango frito. Ele sempre pede filé de frango frito. Isto é... O que é isto? Salada de frutas? Você já viu o Angel? — Faço um gesto na direção dele: forte, tatuado, cabeça raspada com várias cicatrizes marcadas. — Ele não faz o tipo que gosta de salada de frutas.

— É beterraba, cenoura, *jicama* e frutas com molho cítrico. *Ensalada Navidad!* E isto aqui. — Ele mostra um segundo prato.

— Tamales. — Meu corpo é tomado por uma espécie de dor, tipo uma dor muscular. Sinto uma necessidade inexplicável de abraçar a minha mãe. — Nós não servimos isso aqui. — A dor súbita no meu coração me deixa triste. Faço uma careta para Ben. — Faça o maldito filé de frango para ele.

— Maria. Confie em mim. Leve isso para ele.

— Não.

Ele suspira.

— Que tal isto: se ele não gostar, você não precisa dividir as suas gorjetas comigo até o final da semana.

— E você me conta como aprendeu a cozinhar no reformatório. — Ele franze a testa, e eu levanto a mão. — Não estou falando do motivo de você ter ido para o reformatório. Só da parte de aprender a cozinhar.

— Combinado.

Levo o prato com confiança, mas certa da minha vitória. Angel pede a mesma coisa desde que comecei a trabalhar aqui. Quando ponho a comida à sua frente, ele parece chocado.

— Eu não pedi isto — resmunga ele.

— Desculpe, é o novo cozinheiro, ele...

— Isso são tamales?

Ainda estou com a mão no prato, pronta para levá-lo de volta.

— Sim.

Ele se inclina para a frente. Seus olhos se enrugam em um sorriso. Juro que a pele dele racha com a força de fazer décadas de rugas azedas mudarem de direção.

— *Y ensalada navidad! Mi madre siempre...*

Seus olhos escuros e agressivos se suavizam, olhando para além da refeição.

— Então... você quer a comida? Porque eu posso levar de volta!

— Não! — Ele se inclina por cima da comida, como se tentasse protegê-la. — Eu quero.

— Ótimo. Diga se precisar de mais alguma coisa.

Faço uma careta para a janela da cozinha, onde Ben está me dando seu sorriso mais aberto. Mostro o dedo do meio para ele bem baixo, onde Angel não pode ver.

— Maria! — exclama minha mãe, horrorizada.

Enfio as mãos no avental como se isso fosse apagar o dedo ofensivo.

— O que você está fazendo aqui?

— Cozinha. Agora.

Vou atrás dela, arrastando os pés. Ela sai direto pela porta dos fundos, que dá para o

beco entre o restaurante e o posto de gasolina.

— O que foi aquilo?

— Eu só estava... brincando.

— Nós não podemos nos dar ao luxo de brincar! — exclama ela, atirando os braços para o alto.

Cruzo os braços e me afasto dela.

— Eu não recebo salário. Então, brincar é tudo o que eu *posso* me dar ao luxo de fazer — digo.

— *Ay*, Maria, já falamos sobre isso. Somos uma família. Tudo o que ganhamos vai para a mesma conta, então...

— A gente não falou sobre isso! Nunca falamos sobre nada. Para que você precisa de todo o meu dinheiro? Para poder viver em uma cidade horrorosa no meio do nada em um sobrado gelado horroroso com o seu

namorado horroroso e mesquinho. Sim, *Mama*, eu entendo.

Saio do beco, entro na cozinha batendo a porta e passo por Ben, que está olhando tão atentamente para o fogão que tenho certeza de que ele ouviu tudo.

Minha mãe ficou ali por um tempo, conversando com Ben sobre seus pedidos esquisitos para os fornecedores. Ele a convenceu a fazer as encomendas. Acho que *ele* pode se dar ao luxo de brincar. Enquanto isso, ela me ignorou até sair para a mina. Quando terminar o turno hoje, vou para casa, direto para o meu quarto, para contar de novo as gorjetas que consegui economizar. Angel me deixou quinze dólares esta noite, o que ainda me surpreende. Isso faz com que eu tenha

exatamente 2.792 dólares. Três anos trabalhando todos os dias, e isso é tudo o que tenho.

Eu me viro e vejo Ben segurando o balde amarelo cheio de água quente com sabão. Ele espreme o excesso do esfregão.

— Isso não é tarefa sua — disparo.

Mas ele dá de ombros e começa a limpar sem dizer nada. Com a ajuda dele, o restaurante fica limpo em tempo recorde. Ben e eu guardamos o material de limpeza de volta no armário.

Penduro meu uniforme.

— Ainda estou brava com você. Eu deveria ter ganhado aquela aposta.

Ele puxa uma bandeja de cookies.

— Proposta de paz de gemada com gotas de chocolate?

— Venha comigo.

Levo Ben para os fundos, onde uma escada enferrujada está encostada na lateral do prédio. Subimos até o telhado plano da lanchonete. Mostro a ele onde pisar para não tropeçar nas partes soltas do papel de piche impermeabilizado a caminho das duas ca-deiras dobráveis que Candy e eu levamos para lá anos atrás. Ela não sobe até ali comigo há séculos.

A última vez que estive lá foi em uma véspera de Natal. Minha mãe e Rick pegaram um turno noturno para ganhar horas extras. Nós “comemoramos” mais cedo, mas ficar sozinha na casa de Rick era deprimente demais. Então eu subi ali, sozinha, e fiquei olhando furiosa para as construções decadentes ao meu redor, detestando Christmas e o Natal.

A noite está fria. Nossa respiração se condensa diante de nós. Durante o dia, o clima é agradável, mas à noite a temperatura do deserto cai. Nós nos sentamos, e Ben me dá um cookie. Está obscuro de tão bom. Quente, com explosões de chocolate e a cremosidade da gemada.

— Exibido.

Dou uma leve cotovelada nas costelas dele. Sempre encontro uma desculpa para tocar nele.

Preciso parar com isso.

Então me recosto, olhando para o céu. Esse é o único ponto positivo de morar em uma região censitária. As estrelas não precisam competir com nenhuma outra luz.

— Todo mundo precisava fazer alguma tarefa no reformatório — conta Ben, sem preâmbulos. — Na lavanderia, na faxina, na cozinha. Eu nunca tinha cozinhado nada

antes, mas tinha jeito para a coisa e, pouco tempo depois, me colocaram permanentemente no rodízio da cozinha. A equipe era muito legal, todos querem que as crianças melhorem e tenham vidas boas. Então, eles me deixavam inventar. Eu adorava. Nunca senti nada tão bom como o que sentia quando fazia comida para outras pessoas.

Estremeço e me aninho mais no meu casaco.

— Como você adivinha o que as pessoas querem comer?

Ele olha para mim de lado, com os olhos semicerrados.

— Como assim?

— A mulher com o macarrão gratinado naquele primeiro dia... Ninguém nem sequer anotou o pedido dela. Não pense que esqueci. Angel e a comida mexicana aleatória. E, neste fim de semana, aquela gelatina

verde horrorosa, com chantili, abacaxi e cenoura ralada que ninguém em sã consciência pediria, mas que você fez especialmente para Lorna. Ela *chorou*. Você fez a Lorna chorar com gelatina. Nada disso é normal, Ben.

Ele muda de posição na cadeira, desconfortável.

— Você vai achar que eu sou louco.

— Você se mudou voluntariamente para Christmas, Califórnia, para trabalhar na nossa lanchonete porcaria. Eu já acho que você é louco.

— Justo. Eu me dei conta disso quando estava no reformatório. É tipo... um sexto sentido? Consigo sentir aquilo que alguém ficaria feliz em comer. Eu vejo alguém e simplesmente meio que sei.

— Então você é um vidente culinário.

Ele se encolhe, com a expressão amistosa se transformando em algo mais defensivo e tenso. Como não gosto dessa expressão no rosto dele, continuo.

— A tia da minha mãe sabia dizer qual doença ou problema de saúde que alguém tinha só de olhar nos olhos da pessoa. Não estou mentindo. Ela acertava sempre.

— Sério?

— Nós moramos com ela por um tempo em Los Angeles quando eu era pequena. As pessoas sempre passavam lá para ela as diagnosticar. Então, ter um sexto sentido de comida parece muito mais agradável do que o truque que ela fazia com os olhos.

Ele relaxa, mais confortável depois de eu tê-lo liberado.

— Acho que, se encontrarmos a comida certa para nos conectarmos a um período mais feliz da nossa vida ou a uma versão

mais feliz de nós mesmos, essa comida também pode nos ajudar a lembrar. Pode nos ajudar a voltar para onde estávamos quando éramos felizes. Isso pode mudar tudo. Por exemplo, quando você começou a gostar de mim?

Gaguejo, procurando alguma resposta que não fosse “No instante em que vi o seu rosto”. Será tão evidente?

Ben responde por mim:

— Quando fiz os biscoitos de gengibre para você. Foi ali que você decidiu ser minha amiga.

— Isso! Exatamente. Sim, os biscoitos de gengibre.

Ele me olha de um jeito que me faz achar que talvez fosse dizer mais alguma coisa. Talvez ele queira que eu fale. Mas como não sei o que dizer, Ben desvia o olhar de novo.

— Eu gosto de usar algo em que sou bom para ajudar os outros. Mesmo que seja uma coisa boba como cozinhar.

— Isso não é bobo. Você sabe o que gosta de fazer e é bom nisso. Queria ter algo assim.

— O momento se estende entre nós, honesto demais, e aquela sensação de músculo dolorido volta ao meu coração. Limpo a garganta.

— Além disso, desde que você continue fazendo seus biscoitos, não me importo que sejam mágicos ou não.

Ele balança um biscoito nas pontas dos dedos compridos. O anelar dele é inclinado em um ângulo estranho. Como o nariz, é uma evidência de ossos quebrados no passado.

— Se você fosse uma comida, seria um biscoito de gengibre. Condimentada o bastante para manter a vida interessante, mas com doçura suficiente para equilibrar o sabor.

— Eu não sou doce — respondo, dando risada.

— Você deu as suas gorjetas para Candy.

Enfio o sapato embaixo de uma faixa de papel de piche. Não quero falar sobre Candy, então digo:

— O que você seria se fosse uma comida? Não, melhor! Com qual comida você usaria o seu sexto sentido para alimentar a si mesmo?

Ele põe a mão na borda da cadeira, com a palma para cima, quase como uma oferta. Seria tão fácil pôr a minha mão na dele. Quase faço isso, mas... seria uma âncora. Eu não posso me ancorar.

— Eu ainda não a encontrei. — Ele estende os dedos compridos, abrindo a mão ainda mais. — Eu gosto daqui. Estou alugando um quarto por quase nada, então economizo o que ganho. E cidadezinhas são acolhedoras. Familiares. Conseguimos entrar nas rotinas

das outras pessoas, nos tornar parte delas. Vou ficar aqui até guardar dinheiro suficiente para estudar gastronomia.

— Vou sair daqui o mais rápido possível — disparo.

Ele fecha os dedos.

— Por quê?

— Por que não? Não tem nada aqui para mim.

— Mas... é a sua casa.

— Eu moro na casa do namorado da minha mãe. Nada aqui é meu. Eu odeio este lugar. Assim que me formar, vou embora.

— Para onde?

— Não sei. Tanto faz. Vou entrar em um ônibus e seguir até não poder mais. Até encontrar um lugar onde eu sinta que é a minha casa.

Ele fica em silêncio por muito tempo.

— Como você vai saber que é a sua casa?

A pergunta fica pairando entre nós, tão congelada quanto nossas respirações. Eu não tenho uma resposta.

Ben enfia a cabeça pela janela da cozinha.

— Como estavam os waffles?

Candy mal olha para ele.

— Ótimos. Obrigada.

Ele parece perdido olhando para o prato intocado dela. Os waffles estavam crocantes por fora, macios por dentro, com recheio de Nutella e morangos picados por cima. Ao contrário dos de Candy, os meus desapareceram.

— Estavam incríveis — digo, mas ele desaparece, resmungando para si mesmo.

Faltam três dias para o Natal. A lanchonete anda mais movimentada do que nunca. Os

moradores da região vêm sempre que podem. Também temos recebido muitos viajantes de final de ano, atraídos pela coincidência do nome da nossa cidade com a época. Pela primeira vez na minha carreira, não sinto pena do otimismo deles. O Christmas Café — ousar dizer — é digno da parada.

Ben libera um prato natalino depois do outro. A cada turno, ele faz algo novo para Candy. E quando ela inevitavelmente vomita ou o rejeita em seu comportamento de zumbi, ele parece ainda mais frustrado.

Pego o prato de Candy e me viro para a cozinha, olhando para o meu duende como de costume. Só que ele não está mais segurando uma faca. Está segurando um frasquinho de vidro com um símbolo de caveira.

Solto uma risada tão alta que Candy leva susto. Chega a tremer.

— Desculpe! — digo.

Ela sai correndo, direto para o banheiro.

Encontro Ben apoiado sobre o balcão, riscando itens de uma lista furiosamente.

— Benedict! Foi você quem mexeu no meu duende?

Ele olha para mim, distraído, e então balança a cabeça como se estivesse tentando entender o contexto. Um sorriso enruga seus olhos enquanto ele afasta os cabelos da testa. Aquele chapéu bobo de chef está em cima do balcão, ao lado do papel e da caneta.

— Não é apelido de Benedict. Mas sim. Achei que talvez ele quisesse agitar as coisas um pouquinho.

Rio outra vez, encantada.

— Ninguém além de mim repara nele.

— Eu reparo em tudo. — Seu olhar se demora no meu rosto antes de ele corar. Ele limpa a garganta algumas vezes, brincando

com a caneta. — Este cardápio de Natal não está dando certo. Não sei o que fazer.

Cutuco nele com o ombro.

— Você sempre sabe o que fazer.

Uma linha de expressão profunda se forma entre as sobrancelhas dele.

— Eu achava isso, mas nada está dando certo.

— Tudo está dando certo! As pessoas nunca ficaram tão felizes em comer aqui. É como se realmente gostassem de morar em Christmas.

Ele olha de novo para o papel.

— Mas não você.

Fico parada, dividida entre me inclinar sobre ele e me afastar. Não posso me comprometer com este lugar ou qualquer pessoa nele. Preciso ser capaz de ir embora.

— Nem Candy. — Ele larga a caneta. — Eu não fiz nada de que ela tenha gostado.

— Bem, ela está vomitando sem parar. Não consegue comer nada.

— Eu deveria conseguir ajudar. Do que ela gostaria?

— Não sei. Ela era minha amiga, mas deixou de ser. Ela deixou de ser qualquer coisa.

— Exatamente como minha mãe. Elas pararam de ser as pessoas que eu precisava que fossem. — Não se preocupe com isso. Ela não vai deixar você fazer nada. Ninguém pode ajudá-la.

Os olhos castanhos de Ben são muito suaves, mas, de alguma forma, penetram diretamente em mim.

— Alguém precisa ajudá-la.

O Papai Noel anuncia com seu “ho, ho, ho” a chegada de um cliente. Fazendo cara feia, vou até a porta. Ben amassa a lista e a atira no lixo.

Mais tarde naquela noite, irrompo em casa e tiro o casaco, bufando de irritação.

— Maria? É você?

— Sim — grito, respondendo à minha mãe.

— Como foi o trabalho, *hija*?

O resto do turno foi terrível. Ben estava sendo todo, sei lá, normal: ele preparou exatamente o que as pessoas pediram. Tentei reclamar com ele sobre Paul McCartney simplesmente ter um Natal maravilhoso, como canta na música, e ele só deu de ombros. Duas pessoas não me deixaram gorjeta. E, para completar, o namorado nojento da Candy apareceu mais cedo, enquanto ela estava vomitando no banheiro. Como ele ainda não sabia de nada, eu precisei mentir e dizer que era intoxicação alimentar. O olhar de

Jerry foi ainda mais frio do que esse lugar maldito.

Minha mãe está parada na frente do fogão, mexendo uma panela de macarrão. Sinto uma pontada de solidão por Ben. O que me deixa ainda mais irritada, porque como eu podia sentir falta de uma pessoa que acabei de ver cinco minutos antes?

— Maria, precisamos conversar.

Ela aponta para uma pilha de envelopes em cima da mesa.

— Você esteve no meu quarto?

Os envelopes são de inscrições para universidades, enviadas a mim pelo correio ou empurrados para mim pelo orientador da escola. Tentei jogá-las fora muitas vezes, porque não fazem sentido. Mas como era deprimente demais me livrar delas, e deprimente demais olhar para o que não posso ter, joguei tudo embaixo da cama. Bem ao

lado da bolsa onde guardo as minhas gorjetas.

— Você mexeu nas minhas coisas? — insisto.

— Eu estava passando aspirador. Por que nada disso está aberto? Para onde você se inscreveu?

— *Você pegou o meu dinheiro?*

— Eu jamais pegaria o seu dinheiro. Eu queria...

— Você pega o meu dinheiro todos os dias! Eu ralo pra caramba naquela lanchonete idiota, e você nem me deixa receber meu próprio salário.

Ela larga a colher, parecendo preocupada.

— Eu não peguei dinheiro nenhum do seu quarto. Quero saber em quais universidades você se inscreveu.

Dou uma risada amarga.

— Em nenhuma. Por que eu me inscreveria em uma universidade?

Ela arregala os olhos.

— Nenhuma? Você vai começar a perder os prazos! — Ela pega os envelopes, revirando-os freneticamente. — Que tal esta? Fica em Barstow. Parece legal. Ou a Cal State San Bernardino. Não fica muito longe.

— Eu *quero* ir para longe! E desde quando eu vou para a universidade? Nós não podemos bancar.

Ela empurra as inscrições para mim.

— Você não pode bancar não ir para a universidade. Você não quer ser como eu. Nós trabalhamos tanto e por tanto tempo. Nós não queremos isso para você. Você merece mais.

Os olhos dela são intensos, suplicantes.

— *Por favor, filha, necesitas aplicar. Para tu futuro.*

É o máximo de espanhol que ela fala comigo em anos. Ela sempre dizia que não deveríamos deixar Rick de fora falando em uma língua que ele não conhece. Mas ouvi-la falando em espanhol faz com que eu me sinta criança de novo. Então, como uma menininha obediente, pego a primeira inscrição e começo a preenchê-la enquanto ela me observa, prendendo a respiração.

— Você pode me ajudar com um projeto? — pergunto a Ben, dois dias antes do Natal.

Ele está atolado, adiantando o máximo de trabalho possível, mas para tudo na mesma hora.

— Do que você precisa?

— Eu quero fazer uma coisa. Para a minha mãe. Alguma coisa especial. Mas não sei como.

— No que você estava pensando?

— Ela costumava me falar de arroz-doce. A avó dela fazia todo Natal. E ela tentou fazer alguns anos atrás, mas ficou triste e jogou tudo na pia, dizendo que não tinha dado certo. Nunca mais tentou de novo. Ela trabalha muito. Merece um pouco da sua mágica.

O sorriso de Ben é como açúcar polvilhado em cima de um biscoito.

— Acho que podemos fazer isso.

Trabalhamos a manhã toda. Ele me ensina a ferver o leite no ponto certo. Deixo queimar a primeira porção e precisamos jogar tudo fora, mas Ben insiste que será mais mágico se eu mesma fizer o doce. Então, tento de novo. Dessa vez, mantenho a temperatura

constante. Tiro a espuma da superfície como ele me ensina, para que o leite não forme uma pele. Acrescentamos o arroz, e eu mexo na panela com um zelo intenso. Ele assume a função de mexer enquanto eu misturo ovos, açúcar, baunilha e mais leite.

— Está precisando de... — Bato o dedo no balcão, olhando para ele em busca de dicas.

— Noz-moscada? — Ele abre o sorriso ainda mais.

Polvilho um pouco de noz-moscada na mistura e a despejo no arroz que está no fogo. O corpo dele está ao lado do meu, e nós dois nos inclinamos para a frente, respirando o vapor doce que sai da panela. Viro o rosto e respiro Ben também.

— Continuo mexendo? — sussurro.

Ele assente. E não se mexe. E ficamos ali parados, ocupando o mesmo espaço, observando enquanto ingredientes simples se

combinam para se transformarem em algo que, espero, será mágico.

— *Mama?* — Fecho a porta com o pé, segurando cuidadosamente o pote ainda quente. Normalmente, arroz-doce é servido frio, mas quando polvilhei a canela por cima, ele me pareceu... certo. Perfeito. — Está em casa?

— Estamos aqui em cima.

Subo correndo. Eles acabaram de sair do primeiro turno da manhã. Minha mãe está com o cansaço estampado sob os olhos e os ombros curvados, mas consegue sorrir para mim.

— Senta — ordeno.

Ponho o pote em cima do fogão enquanto pego dois pratos. Ouço Rick pôr um disco no aparelho de DVD. Os sons familiares do

tema de abertura de *Bonanza* acionam lembranças de noites amaldiçoadas pela insônia.

— Ele ainda fica acordado vendo isso até as quatro da manhã?

Mexo o arroz-doce mais uma vez.

— Hum? Ah, não. Por que ele faria isso?

— Achei que ele gostasse.

— Você sabe que ele só fazia aquilo por você, não sabe?

Parei de mexer.

— O quê?

— Não consigo ficar acordada por nada no mundo. Nunca consegui. Mas ele não queria deixar você sozinha, então ia ver TV também até você cair no sono.

— Ele... mas... Eu achei que ele não precisasse dormir muito.

— Ele ficava exausto. Mas, quando era criança, passou alguns anos tendo insônia também. E dizia que ficar acordado quando todo

mundo está dormindo era muito solitário e o fazia achar que estava louco. Rick não queria que você se sentisse assim.

— Que esquisito.

Todas aquelas noites, todo aquele sono de que ele abriu mão. Não faz sentido.

— Por que esquisito?

— Bem, quero dizer, ele não gosta de mim de verdade.

— Do que você está falando?

— Ele nunca conversa comigo. E, quando conversa, fala sobre a minha partida daqui. Como se estivesse contando os dias.

— Querida, o Rick não fala muito, ponto. E ele *está* empolgado com a sua partida. Quem você acha que cola seus boletins da escola na geladeira?

Estou chocada. Rick? Colando meu nome sobre algo que pertence a ele?

— Foi dele a ideia de levar e buscar você na escola. Ele não queria que você desperdiçasse seu tempo esperando o ônibus. Ele se preocupava que suas notas pudessem cair e você não conseguisse entrar na faculdade.

— A gente não pode pagar uma faculdade. E tem mais. A comida. Na geladeira. As etiquetas com os nomes. O pão-durismo, a recusa em ligar o aquecimento. Eu sou uma intrusa no espaço dele. Ele me suporta por sua causa.

Minha mãe fica com os olhos cheios de lágrimas.

— Ah, Maria. Por que você pensa assim? Foi assim que você se sentiu todos esses anos?

Meus olhos também estão se enchendo de lágrimas. Pego mais um prato. Para Rick.

Ela segura a minha mão.

— Você tem alguma lembrança do seu pai?

Balanço a cabeça negativamente.

— Que bom — diz ela, com a voz enfática.

— Uma das coisas de que mais me orgulho na vida é que aquele homem não deixou nenhuma marca em você. Não foi fácil ir embora. Eu precisei guardar dinheiro escondida por anos antes de ter o suficiente para ir a algum lugar longe e seguro. Tinha pavor de você lembrar como as coisas costumavam ser.

— Eu não me lembro. Só me lembro de nos mudarmos muito até chegarmos aqui.

Ela assente com a cabeça.

— Rick não sabe demonstrar afeto como a maioria das pessoas, mas não tem nenhuma veia cruel no corpo. E, depois da vida que tive, ele é exatamente o que eu preciso. O que *nós* precisamos. Sei que Rick é diferente. Ele rotula a comida dele para garantir que não está gastando mais no mercado do que o necessário. Mantemos o aquecimento desligado

para economizarmos, o mesmo motivo pelo qual fazemos horas extras e trabalhamos em feriados. O mesmo motivo pelo qual depositamos todos os seus salários direto na poupança. Ele está guardando dinheiro desde o dia em que nos mudamos para cá. Ele... Ah, nós íamos surpreender você, mas... Rick. Acho que precisamos dar o presente da Maria agora.

A televisão fica em silêncio. Rick vai até a cozinha, com as mãos enfiadas no fundo dos bolsos dos jeans.

— Mas e a manhã de Natal?

Minha mãe ri, secando as lágrimas.

— Já está com cheiro de Natal aqui. Maria fez arroz-doce. — Ela se inclina sobre a tigela e respira fundo. Cruzo os dedos, rezando para ter acertado. — *Mí abuela* costumava fazer isso para nós. Então, cantávamos e depois ganhávamos uma laranja. Arroz-doce e

laranjas. — Ela sorri, com lágrimas de felicidade escorrendo pelo rosto. — Eu tinha até me esquecido de como era o cheiro do arroz-doce. Está perfeito.

Ela come uma colherada, suspira alegremente e apoia a cabeça no meu ombro. Não sei como deve ser o gosto de arroz-doce, mas gosto desse que fiz. Se me pedissem para descrever o sabor, eu só conseguiria dizer o seguinte: é quentinho. Perfeitamente quentinho. Com isso na boca, posso entender um pouco a lembrança que minha mãe tinha da sensação do Natal.

Rick já comeu sua tigela toda. Limpa a garganta e diz com um sotaque exageradamente cuidadoso:

— *Muchas gracias. Esta comida es muy buena. Me gusta.*

Minha mãe se engasga. Eu fico boquiaberta. Rick parece apavorado ao continuar.

— *Yo estoy aprendiendo español. Para hablar contigo. Porque... te amo.*

Minha mãe cai no choro, o que faz o pobre Rick parecer ainda mais apavorado.

— Eu disse alguma coisa errada? — pergunta ele.

— Não!

Estou encantada. Porque agora compreendo que ele não estava tentando tirar nada de mim. Só estava tentando se encaixar melhor nas nossas vidas.

— Foi maravilhoso — diz minha mãe, com dificuldade. — *Muy, muy bien.*

Rick suspira aliviado. Ele está suando de alívio. Devia estar muito nervoso. É adorável, algo que eu sinceramente não acredito que estou pensando sobre Rick.

Olho para a minha mãe, olho *de verdade* para ela pela primeira vez em anos. Ela é linda. Doce, gentil e carinhosa também. Eu me pergunto como passamos tanto tempo sem falar sobre as coisas importantes. E por que foi preciso um pote de arroz-doce para que eu pudesse ver que, embora ela não seja ostensivamente afetuosa, ela está aqui. Ela sempre esteve aqui para mim. Ela fez o melhor que pôde.

— Isto é para você.

Rick me entrega um pedaço de papel. Minha mãe se levanta e fica atrás, apertando os ombros dele. O papel é uma lista de números. Não... é um extrato bancário. De uma conta-poupança com quarenta mil dólares depositados.

No meu nome.

— Como... O quê... *De onde veio isso?*

— Eu falei — diz minha mãe. — Rick começou a economizar no dia em que nos mudamos. Cada bônus, tudo de que não precisávamos para viver.

— Mas... eu não posso... E vocês dois? A mina não vai durar para sempre. Vocês não vão ter nenhuma economia!

Ali estava eu, juntando cada centavo que ganhava a fim de fugir para o meu próprio futuro vazio. E ali estavam eles, economizando cada centavo que ganhavam para que meu futuro fosse melhor do que o que suas famílias deram a eles.

Eu sou a pior pessoa do mundo. E estou chorando, tanto de gratidão quanto de culpa.

— Nós vamos ficar bem — diz minha mãe.
— A mina ainda tem alguns anos.

— Nós podemos encontrar trabalho em qualquer lugar — diz Rick, e sua voz é baixa e tranquila. Sempre pensei nela como

monótona, mas é mais como arroz-doce. Suave. — Aonde quer que você vá, podemos nos mudar para lá e conseguir trabalho.

— Mas aqui é a sua casa — rebato.

Rick levanta as sobrancelhas, surpreso.

— Minha casa é simplesmente qualquer lugar onde vocês duas estejam. *Tu... eres mi casa*. Isso provavelmente não está certo. — Ele franze a testa.

Eu esmago os dois em um abraço. Rick limpa a garganta. Claramente desconfortável, mas não me importo.

Eu estava errada.

Eu estive errada durante anos.

Estar errada é uma sensação incrível.

Na véspera de Natal, apareço no trabalho e encontro Ben salpicando chocolate branco

em um doce de hortelã. Ele está resmungando consigo mesmo de novo. Parece não ter dormido.

— Você é incrível! — Jogo os braços ao redor dele, abraçando-o por trás.

Ele se assusta.

— O que foi que eu fiz?

— O arroz-doce! Estava perfeito!

Ele põe a mão em cima da minha, hesitante.

— Você que fez o arroz-doce, lembra?

— Só porque você me emprestou a sua magia. — Eu já estava abraçando Ben por tempo demais. Não queria soltá-lo, mas me afastei a contragosto e apontei para o que ele estava fazendo. — Para que é isso?

— Pensei que a Candy talvez possa gostar disso. Não sei. Não consigo... Não está funcionando. Nada está funcionando com ela. —

Ele deixa a cabeça pender, e sua risada tem um tom de amargura que me dói no coração. — Talvez eu nunca tenha sido mágico, afinal de contas. Talvez tudo isso seja simplesmente uma idiotice.

— Ben, eu preciso contar para você...

O Papai Noel eletrônico anuncia uma chegada. Fico na ponta dos pés e vejo o topo da cabeça de Jerry.

— Candy! — grita ele.

Abro a porta da cozinha com cara feia.

— Você veio aqui para se desculpar?

Jerry olha para mim. Seu olhar está indiferente, mas os punhos estão cerrados.

— Pelo quê?

— Pela sua namorada irresponsável! Se ela ia faltar no turno de Natal dela e me fazer assumi-lo quando eu pedi folga um mês atrás, o mínimo que ela poderia ter feito era

me avisar. O Ben precisou me ligar porque ela não apareceu.

— Ela não está aqui?

Fiz um gesto apontando para a lanchonete vazia.

— Se ela estivesse aqui, por que eu estaria? Diga a Candy que, se ela faltar de novo, vou ligar para Dottie.

Ele dá um passo para a frente, aproximando-se de mim. “Não pareça assustada, Maria. Pareça furiosa.”

— Alguma ideia de onde ela está?

Reviro os olhos.

— Ela não é a *minha* namorada, cara.

Suas narinas se alargam, e ele se aproxima ainda mais.

— Maria — chama Ben, encostado na porta e segurando casualmente um rolo de massa grosso. — Preciso de ajuda aqui. — Ele acena com a cabeça para Jerry. — Diga para Candy

ligar da próxima vez que não for aparecer, está bem?

Jerry sai furioso. Eu desabo no balcão, com o coração disparado.

— Obrigada — digo, apontando para o rolo de massa de Ben.

— Onde *está* Candy? O que foi tudo isso?

— Ela está a caminho da estação de trem, para ir morar com uma amiga da escola. Rick a buscou às quatro da manhã de hoje, enquanto Jerry ainda estava no turno da noite.

Quando contei para minha mãe e Rick sobre o meu novo plano de fuga financiado pelas gorjetas, dessa vez pensado para Candy, os dois nem mesmo hesitaram. Pensar nisso me faz sentir uma explosão de carinho por Rick: o silencioso, estranho e gentil Rick.

— Ela está indo embora?

— Não está. Já foi.

Ben me acompanha de novo até a cozinha. Enfia o dedo na tigela de chocolate branco e dou uma lambida.

— Você estava errado. Você é mágico. Mas as pessoas não precisam lembrar como era ser feliz e seguro no passado. Elas precisam ter esperança de que podem chegar lá outra vez, no futuro. E, às vezes, a única coisa que pode fazer isso acontecer é, digamos, dinheiro suficiente para ir embora.

As sobrancelhas espessas dele se erguem.

— Você deu as suas economias para ela.

— Acontece que eu não preciso ir embora tão cedo, afinal.

O rosto dele — olhos, boca, sobrancelhas e até mesmo seu nariz torto — se transforma em um grande sorriso quando ele diz:

— Você não vai embora?

— Não até o outono, quando vou para a universidade. Acho que gosto de Christmas,

afinal. Nos últimos tempos ela tem parecido mais... mágica.

Ele se inclina para a frente e eu levanto a cabeça — esperando, esperando —, quando somos interrompidos pelo Papai Noel. Hoo-caramba-ho.

Talvez eu goste de Christmas, mas o Papai Noel ainda é dose.

O resto do dia na lanchonete passa voando, com um bando de viajantes e ainda mais moradores da região do que o comum. Todo mundo queria checar o cardápio de Natal feito por Ben, como se houvesse alguma dúvida de que estariam todos ali. Costumava ser o dia mais deprimente do ano para se trabalhar, mas o dia seguinte promete ser uma festa. Minha mãe e Rick vão sair do trabalho

a tempo do jantar. Minha mãe inclusive vai fazer os tamales.

Ben e eu não conseguimos conversar de novo. Ele está superocupado com os pedidos, além das preparações para amanhã. Mas seus olhos me seguem para todo lado, e trocamos sorrisos que parecem segredos. Quando o último cliente vai embora, estamos ambos contentes e exaustos.

— Eu ainda tenho tanto trabalho para fazer — diz ele, esfregando o rosto e deixando um rastro de farinha na bochecha.

Eu me aproximo dele e limpo a farinha com o polegar.

Ele abaixa a cabeça, chegando mais perto.

Ponho os dedos nos lábios dele, me agarrando àquele instante. E a seus lábios macios.

— Eu também tenho muito trabalho para fazer.

Rio enquanto me afasto. Termino a limpeza em tempo recorde e saio pela porta da frente. A logística do que planejo fazer depois será delicada. A probabilidade de queimaduras de segundo grau é alta.

Quarenta e cinco minutos mais tarde — e apenas com uma leve queimadura —, bato na porta dos fundos da lanchonete. Ben abre a porta com um rolo de massa acima da cabeça.

Ele abaixa o rolo, constrangido.

— Achei que talvez fosse o namorado da Candy.

— Rá! Não. Venha comigo.

— Aonde nós...

— Só venha comigo!

Subo a escada. Quando estou em segurança no telhado, a escada range em protesto contra o peso de Ben. Então a cabeça dele, aquele rosto adorável e sorridente, aparece acima da borda. Estendo a mão e o ajudo a subir.

Não largo a mão dele enquanto caminhamos até a beirada do telhado e olhamos para Christmas de cima. A beleza que sempre precisei procurar no céu havia se transportado para a cidadezinha decadente ali embaixo. Enquanto olhamos, Angel e alguns outros trabalhadores da mina terminam de armar uma imensa árvore de Natal no meio do estacionamento do posto de gasolina. A árvore brilha e pisca na noite. Lorna sai do posto e grita reclamando da invasão, antes de explodir em uma risada surpreendentemente divertida e distribuir

cervejas de graça. Mais gente se une a eles e, lá de cima, aquela não parece uma saída abandonada de uma autoestrada. Parece uma comunidade calorosa e feliz. Christmas está parecendo... Bem, está parecendo Natal.

Puxo Ben para longe da borda até uma caixa de papelão que montei na frente das cadeiras dobráveis. A caixa está coberta por uma toalha de mesa xadrez vermelha e branca. Em cima, há duas canecas, dois bastões doces, uma chaleira e um tubo de chantili.

Sentamos. Ainda de mãos dadas.

— A véspera de Natal é o meu dia preferido — digo. — Acho que a expectativa é mais divertida do que qualquer outra coisa. Eu meio que tinha perdido isso. A ideia de que alguma coisa, a comida, as tradições, uma data arbitrária no calendário, possa ser especial. Simplesmente porque decidimos que é. Não

apenas para nós mesmos, mas para os outros. Tive gente ao meu redor durante toda a minha vida tornando as coisas especiais para mim, mesmo quando eu não percebia. E você tem se esforçado tanto para tornar especial a vida de todo mundo que entra nesta lan-
chonete ridícula. Então... quem vai fazer com que o Natal seja especial para você?

Ele olha para baixo. Os cílios dele batendo no rosto com o vento fazem meu coração se encher de algo que provavelmente não é o espírito natalino, mas que certamente se parece muito com toda a alegria do mundo.

— Que comida você prepararia para você mesmo? — pergunto.

Cutuco Ben com o cotovelo como desculpa para me aproximar. Todos aqueles cutucões anteriores finalmente estão valendo a pena.

— Não sei. Não tenho muitas lembranças felizes em que pensar.

— Bom. Eu estou *criando* um momento feliz para você. Esta noite. Este momento. Tenha em mente que eu não sou mágica.

Derramo água nas canecas, já cheias com a mistura de chocolate quente.

Ele ri enquanto abre o bastão doce para mexer o chocolate. Pego o chantili e sirvo, uma torre em cada caneca.

— Se eu sou um biscoito de gengibre, você é uma caneca de chocolate quente. Faz a gente agradecer por noites frias como esta. Podemos chamar esta bebida de “chocolate quente do Benji”.

— Não é Benji.

— Então me diga!

Ele sorri, lambendo o creme do canto da boca.

— É um nome de família. Sabe essa história famosa? Sobre alguém que foi mau no passado, mas então percebe os horrores

que estava criando para si mesmo. E promete seguir em frente, sendo bom, fazendo o bem e mantendo o Natal no coração durante o ano todo...

— *Dios mío*. Ben é apelido para *Grinch*?

— Não! É Ebenezer. Da história de Charles Dickens, sabe? E... Você sabia do que eu estava falando o tempo todo, não sabia?

Rio, e ele me acompanha.

— Às vezes, você é mais tempero do que açúcar — diz ele.

— Você é um chef. Você gosta de temperos. Mas vou continuar chamando você de Ben, se não se importar. Senão vai parecer um velho.

— Por favor. Além disso, este chocolate quente é o melhor que já tomei.

— Mentiroso.

— Tem certeza de que não quer ir para a escola de gastronomia comigo?

Rio e ergo a caneca em um brinde.

— Certeza absoluta. Mas talvez a gente consiga encontrar uma faculdade e uma escola de gastronomia perto uma da outra. — Sorrio com a boca na caneca e tomo um gole grande para acalmar o nervosismo. — Porque, sabe, depois que uma garota come o seu biscoito de gengibre, como ela vai ser capaz de aceitar qualquer outra coisa?

— Isso é algum tipo de cantada de garçõete?

— Sim. Com certeza.

E então, quando a véspera de Natal se transforma em Natal, a expectativa se torna realidade. Damos um beijo de chocolate quente e chantili. Foi cheio de esperança, alegre e excitante. Exatamente como beijar Ben deveria ser, com nossas bocas sorrindo juntas.

Se você fizer uma busca por “cidades dos Estados Unidos chamadas Christmas” (tudo bem, todo mundo precisa de hobbies), você não vai encontrar a minha casa. Não é uma cidade. É pouco mais do que uma saída da autoestrada.

Você não vai encontrar Angel sorrindo e explodindo de orgulho, exibindo suas novas pinturas — as únicas decorações não natalinas penduradas nas paredes da lanchonete. Não vai encontrar Lorna organizando o clube do livro de Christmas e pedindo a opinião de Ben sobre o que servir como petisco. Não vai encontrar Rick, minha mãe e eu sentados no sofá, assistindo aos DVDs de *Bonanza* dublados em espanhol que demos a ele de aniversário.

Não vai encontrar Candy. Nem Jerry, aliás.

E não vai nos encontrar, Ben e eu, sentados no telhado, conversando, rindo e fazendo planos na nossa calorosa, amistosa e esperançosa região censitária.

Mas não tem mais importância que você não consiga encontrar a minha casa.

Eu a encontrei sozinha.

ESTRELA DE BELÉM

ALLY CARTER

Em se tratando de um conto de Natal, este não é tão triste quanto poderia ser.

Não sou Tiny Tim. Não houve Espíritos dos Natais Passados, Presente e Futuros. Dito isso, nesta história também não há anjos e duendes, reis magos nem pastores. Nem mesmo o Papai Noel aparece.

Não. Como você verá, fui visitada por Hulda.

— Sim. Sim. — Ouvi a voz dela, alta e clara, em meio às pessoas aglomeradas, usando casacos pesados demais.

A respiração de todo mundo junto à janela embaçava o vidro, quase impedindo a visão do Boeing 747 que esperava do lado de fora. Mudei de posição, me perguntando se havia no mundo algum lugar mais caótico do que o aeroporto O'Hare, em Chicago, cinco dias antes do Natal.

Famílias corriam para pegar suas conexões. Músicas natalinas tocavam em um sistema de som que chiava, enquanto as pessoas se amontoavam. Esperando. E por alguma razão eu não conseguia tirar os olhos da loura que estava inclinada sobre o balcão no portão H18.

— Nova York — disse ela. — Por favor, vou para lá. Agora.

Embora seu inglês fosse perfeito, a voz carregava um sotaque que eu não conseguia identificar — as consoantes precisas demais,

como alguém muito preocupado em se fazer entender.

Ela deslizou a passagem para a funcionária no portão de embarque e então forçou um sorriso, como se tivesse acabado de pensar naquilo.

— *Por favor.*

A funcionária olhou de relance para o cartão de embarque e esboçou um sorriso igualmente forçado.

— Ah, sinto muito, mas essa passagem não é para Nova York.

A loura revirou os olhos.

— Eu sei. É por isso que estou nesta fila e falando com você. Pode mudá-la para Nova York, não é? Tudo bem. Eu espero.

A funcionária balançou a cabeça e digitou no computador. Fiel à sua palavra, a garota esperou.

— Não. Sinto muito — disse a funcionária um momento depois. — Sua passagem não pode ser alterada nem reembolsada. Você entendeu?

— Sou islandesa, não idiota.

— Claro. Sim. É só que... — A funcionária fez uma pausa, procurando as palavras. — Essa passagem não pode ser usada *neste* voo. E, mesmo que pudesse, já está lotado.

— Mas eu tenho que ir para Nova York! Minha ideia era voar com esta passagem e depois pegar um ônibus ou um trem, mas é muito longe. Na Islândia, as distâncias... não são tão grandes. E agora vou para um lugar que não quero, ver alguém que não quero ver e...

— Sinto muito. — A funcionária no portão balançou a cabeça. — Você pode comprar uma passagem para Nova York. Temos outro voo partindo amanhã, às seis da manhã. Se

quiser ir para Nova York, tem que comprar uma passagem nova.

— Mas eu tenho uma passagem — disparou a garota, e empurrou o cartão de embarque antigo para a frente de novo.

Enquanto isso, outra funcionária se aproximou, abriu a porta de acesso e anunciou:

— Senhores passageiros, bem-vindos ao voo 479, sem escalas, com destino ao aeroporto LaGuardia, em Nova York.

A moça atrás do balcão lançou um olhar desesperado para a garota ainda mais desesperada.

— Ou você compra uma passagem para outro voo, ou terá que ir para o seu destino original.

— Mas meu namorado está em Nova York! Se você pelo menos trocasse a minha passagem...

— Este voo está lotado.

— Mas eu não o amo!

A mulher pareceu confusa.

— Seu namorado de Nova York?

— Não. — A garota balançou a cabeça e deu de ombros. — Meu outro namorado.

— *Ah* — disse a mulher. Então ela se inclinou para mais perto. Seus olhos se encheram de gentileza. — Seus pais estão aqui?

A garota fez que não com a cabeça.

— Estou sozinha.

Na mesma hora reconheci completamente aquele sentimento.

Observei a garota se afastar do balcão e andar por entre a multidão que se aglomerava procurando um lugar na fila, quando a funcionária na porta anunciou:

— Gostaríamos de dar procedimento ao embarque dos nossos passageiros da primeira classe.

A multidão deu um passo à frente, empurrando a garota, que largou a mala e secou os olhos com a mão. Seus passos hesitaram.

Foi então que agi.

Não sei *por que* fiz aquilo. Não foi nem mesmo uma decisão pensada. Apenas o instinto me guiava quando dei um passo à frente e disparei:

— Você quer ir para Nova York?

A garota me olhou, confusa, mas antes mesmo que ela respondesse, estendi minha passagem para ela.

— Aqui. Pegue. Pode ficar com esta passagem, se me der a sua.

— Mas é o seu cartão de embarque — disse ela.

— Pode ficar — insisti. — Podemos trocar. Pegue.

Sacudi minha passagem no ar, mas a garota olhou, nervosa, para a funcionária parada junto ao portão.

— Está tudo bem, eles não verificam as identidades no embarque — expliquei. — Se quer ir para Nova York, esta é sua chance. É só me dar a sua passagem. Me dê logo e vá.

Eu quase podia ler o pensamento dela. Era adolescente também. Estávamos em um aeroporto com rígidos procedimentos de segurança. Não era como se eu fosse um estranho a chamando para entrar na minha van. Mas a oferta devia parecer boa demais para ser verdade. O que significava que provavelmente era mesmo.

Ela hesitou, mas acabou puxando a passagem da minha mão e me entregou a dela.

— Vá em frente — falei, gesticulando para a porta aberta. — O embarque já começou.

Ela apontou para um portão próximo dali, onde havia outro grupo de pessoas.

— O seu também.

Acredite ou não, foi simples assim. Eu me virei e caminhei para o outro portão de embarque. Pela primeira vez na vida não olhei para trás, pelo menos não até a garota gritar:

— Você nem sabe para onde eu ia!

Mas eu só dei de ombros, balancei a cabeça e disse a única coisa que importava:

— Quando tudo o que você quer é *ir embora*, qualquer passagem serve.

— Senhorita?

A voz cortou a escuridão, mas mesmo assim não me mexi.

— Senhorita! — A comissária de bordo parecia quase lamentar ter que fazer aquilo. — Está na hora. Chegamos.

Foi então que percebi que o avião tinha pousado e todos os outros passageiros já haviam desembarcado. As luzes estavam fracas, e o chão da pista, escuro. Qualquer que fosse o destino daquela garota, eu tinha chegado.

Andando pelo terminal quase deserto, elaborei uma lista do que eu precisava fazer. Tinha dinheiro suficiente para o hotel e para alugar um carro, mas eles nunca alugam para menores de idade. Sobretudo menores viajando sozinhos. Parei e tirei a bateria do meu celular, ciente de que teria que comprar um pré-pago. Eu teria que...

— Hulda! — gritou alguém.

Olhei para as pessoas amontoadas, que esperavam logo após o controle de segurança.

— Hulda! — gritou de novo a mulher à frente da multidão.

Aberto diante dela, estava um enorme cartaz com os dizeres: *Bem-vinda a sua (nova) casa, Hulda!*

— Estamos tão felizes por você ter chegado!

Quando correu para a frente, ela deve ter invadido uma área proibida, porque um alarme disparou — tanto na minha cabeça quanto fora dela.

Aquilo era perigoso.

Era errado.

Aquela mulher estava invadindo um território que deveria permanecer isolado. Seguro. Protegido por barricadas, intransponível para estranhos. Mas a violação já havia acontecido, e me rendi ao abraço.

Afinal, era um abraço muito bom.

— Olhe só para você — disse a mulher, me segurando com os braços estendidos. — Mudou o cabelo.

Eu me lembrei dos cachos curtos e louros da garota no aeroporto. Aquela com o sotaque. Vinda da Islândia. Sem dúvida, a garota que estavam esperando.

Comecei a entrar em pânico, precisava fugir...

— Você parecia tão diferente na foto — falou a mulher, e eu consegui respirar.

A garota que evidentemente só foi vista em fotografias.

Talvez não fossem suspeitar e chamar a segurança. A polícia. Talvez eu pudesse esperar o momento certo, escapar discretamente e...

— Bem, o que eu estou fazendo monopolizando os abraços? Ethan! — chamou a mulher, olhando ao redor.

Segui o olhar dela até o garoto que entrava no corredor. Ele estava de botas, calça de caubói e uma camisa xadrez, pesada de tanta goma. Até aquele momento, eu achava que garotos como ele só existiam nas capas dos romances. Ele também deve ter ficado surpreso ao me ver porque parou abruptamente, congelado no gesto de guardar o telefone no bolso. Recordei as palavras de Hulda:

Eu não o amo.

Meu outro namorado.

— Ethan! — gritou a mulher. — Ela chegou!

Comecei a me virar, mas era tarde demais. Ele já estava ali. Olhando para mim. Eu podia ver a verdade se estampando no rosto dele, o reconhecimento de que eu não era uma garota islandesa chamada Hulda. Eu não era sua namorada.

— É... — começou ele e, mentalmente, preenchi a lacuna.

Uma impostora!

Uma mentirosa!

Uma fraude!

Ele se aproximou.

— Como é bom ver você!

E então me beijou.

Acontece que, se você troca de passagem com uma garota que não quer ir ver o namorado, há uma grande chance de o tal namorado ir encontrar você no aeroporto.

Com toda a família.

— Essa é minha tia, Mary — apresentou o garoto, Ethan, apontando para a mulher do abraço gostoso. — Você vai ficar na casa dela

— esclareceu, antes de apontar para os outros. — Minha mãe, Susan. Meu pai, Clint.

Clint segurou minha mão na dele, que era grande, forte e calejada, e me deu um sorriso caloroso.

— Bem-vinda — falou.

Sua voz tinha um leve tom nasalado do Sul. A de todos eles, na verdade.

— Ah, e esta é Emily. Minha irmã — disse Ethan, enquanto Emily me fitava com os maiores olhos azuis que eu já vira.

Tenho quase certeza de que ela podia enxergar através de mim.

— Tenho doze anos — contou, antes que eu perguntasse. — Sou mais velha do que pareço.

Estávamos caminhando em direção à área de restituição de bagagem e passamos por um presépio no qual os reis magos estavam

vestidos de caubói, quando a mãe dele olhou para mim e perguntou:

— Então, é a primeira vez que você vem a Oklahoma?

Oklahoma.

No meio do país. No meio do nada. A cerca de mil e quinhentos quilômetros de Nova York e Los Angeles. Era... perfeito.

— Sim, é a primeira vez — respondi.

Houve uma longa pausa, enquanto todos esperavam que eu fizesse alguma coisa. Eu me sentia um animal no zoológico, uma exibição chamada *Garota Islandesa no Mundo Selvagem*. Mas eu não era uma garota islandesa. E não podia deixar que eles soubessem disso.

— É um prazer conhecer todos vocês — falei.

— Minha nossa! — exclamou tia Mary. — Ethan disse que seu inglês era bom, mas ele é perfeito. Perfeito.

— É que assisto a muitos canais americanos na TV — expliquei, e todos as-sentiram, como se aquilo fizesse sentido.

— Ok, vamos pegar sua mala — disse Clint, batendo as palmas das mãos.

— Ah, eu não...

Mas antes que eu terminasse de falar, uma mala enorme surgiu na esteira, com um adesivo gigante da bandeira da Islândia na lateral.

— Acho que é a minha.

Clint foi pegar a mala antiquada, levantando aquela coisa gigante como se não pesasse nada. Não pude deixar de imaginar quanto tempo Hulda passaria ali.

Mas isso não tinha importância. Eu não era Hulda.

— Então... Hulda? — perguntou Ethan, e levei um tempo constrangedor de tão longo para perceber que ele estava falando comigo.

— Sim, Evan? — respondi.

— Ethan — sussurrou ele. — Meu nome é *Ethan*. É bom lembrar, já que viajou meio mundo só porque está muito apaixonada por mim.

Eu me virei para fitar seu perfil à luz fraca do banco de trás do SUV dos pais dele, enquanto saíamos do aeroporto. Seu maxilar era bem marcado, e ele mantinha o olhar fixo à frente, como se tentasse desafiar o horizonte.

— Você nunca vai sair impune disso, sabia? Fingir que é Hulda...

— Hulda está bem — afirmei. — Não a amordacei e a joguei em um armário, se é o que você está pensando.

— Ah, eu sei. Ela ligou para me dizer que não tinha embarcado. Pedi que eu cuidasse de você, e esse é o único motivo pelo qual estou compactuando com essa maluquice. Hulda é uma boa pessoa. Você fez um favor a ela, então estou lhe fazendo um favor, porque... — Ele deixou a frase no ar e então olhou para mim de um jeito diferente. — Você está metida em alguma encrenca?

— Não.

— Porque se estiver... Se alguma coisa relacionada a você criar problemas para a minha família...

— Não estou metida em nenhuma encrenca.

— Sim, porque garotas sempre trocam passagens com estranhos no aeroporto... Estão

sempre viajando para encontrar o namorado de alguma desconhecida.

— Que engraçado. De acordo com as pessoas neste carro, *you* é o namorado da Hulda. Mas ela não achava isso.

— O que você quer dizer?

— Todos temos segredos.

Ele se virou e tornou a olhar para a frente.

— Fiz uma viagem de intercâmbio para a Islândia no verão passado.

— E... — incentivei-o a continuar.

Os cantos da boca de Ethan se curvaram para cima, mas não parecia bem um sorriso.

— O que acontece na Islândia fica na Islândia.

— Vou me lembrar disso.

Ele olhou para mim outra vez.

— E como você entra nessa história?

— Eu não queria ir para Nova York — contei.

— O que tem em Nova York?

Tia Mary estava inclinada para a frente, entre os bancos dianteiros, falando com a mãe e o pai de Ethan. Emily estava com fones de ouvido — eu podia ouvir alguns acordes baixos de música enquanto ela fechava os olhos, quase pegando no sono. Ethan e eu estávamos sozinhos no último banco, mas o carro estava silencioso demais. Alguém poderia ouvir. Suspeitar. Descobrir.

Naquele instante, jurei que ninguém jamais descobriria.

— Eu precisava ir embora, ok? Vi uma oportunidade e a aproveitei, vou ficar longe de você e da sua família, e assim que o carro parar você pode começar a colar os cacos do seu coração partido ou o que mais quiser fazer. Vou sumir e você nunca mais vai precisar me ver.

Imaginei que ele pudesse protestar, dizer que eu o estava colocando em uma situação difícil. Não esperava que ele de fato falasse:

— Você não pode simplesmente ir embora.

Mas eu não estava com disposição para ouvir o que eu não podia fazer. Por muito tempo, essa lista tinha sido longa demais.

Não pode comer aquilo.

Não pode ir ali.

Não pode ser assim.

Ethan não sabia que eu estava naquele carro, rumo a lugar nenhum, porque havia jurado solenemente nunca mais deixar que ninguém me dissesse o que eu podia ou não podia fazer, então eu me inclinei um pouco mais para perto e disse:

— *Apenas observe.*

Mas ele só riu.

— Não. Você não entende. Conheço meu pai e não há a menor chance de este carro parar até chegarmos em casa.

— Então vou fugir assim que chegarmos lá. Mas isso deve ter sido hilário, porque o ga-roto riu ainda mais.

— O que há de tão engraçado?

Ele se afundou no assento, fechou os olhos e sussurrou:

— Você vai ver, *Não Hulda*. Em breve você vai ver.

Caso você esteja se perguntando: com “em breve”, Ethan queria dizer quatro horas depois.

Foi esse o tempo que passei espremida no banco de trás, ouvindo o falso namorado de Hulda roncar. Ele puxou o chapéu para

baixo, a fim de cobrir os olhos. Então fiquei sentada sozinha no carro escuro, vendo passar as luzes das cidades ao longe e o brilho avermelhado das lanternas dos caminhões que nos ultrapassavam.

Quando Clint enfim saiu da interestadual e pegou uma estrada menor, achei que estívéssemos quase chegando, porém levou mais uma hora até virarmos em uma estrada de cascalho estreita que fazia curvas e curvas na escuridão. As luzes da cidade tinham ficado para trás havia muito tempo. Havia apenas estrelas. Milhões de estrelas. Honestamente, parecia que éramos as únicas pessoas no mundo quando Clint parou ao lado de uma casinha branca cercada por uma varanda e disse:

— Chegamos.

— Esta é a sua casa? — perguntei a Ethan enquanto ele se arrastava para fora do carro e eu o seguia.

— Não. — Ele bocejou e percebi que devia passar da meia-noite. — Quem mora aqui é a tia Mary. Nós moramos na casa ao lado.

Eu me virei para olhar, mas avistei apenas montanhas escuras sob um cobertor de estrelas e uma lua tão grande que eu parecia poder tocá-la.

— E a casa ao lado fica...

— A uns oitocentos metros, do outro lado da cadeia de montanhas.

Ethan apontou para a escuridão.

Um vento gelado soprou meu cabelo no rosto, me despertando de repente.

Observei Clint carregar a enorme mala de Hulda escadas acima e depois através de uma porta que abriu sem precisar de chave. Foi então que me dei conta de que estava em

um lugar onde as pessoas não trancam as portas à noite e a distância até os vizinhos mais próximos é de centenas de metros.

Se tudo o que eu queria era sumir, então havia conseguido. Mas tia Mary sorria alegremente para mim. Os pais de Ethan me abraçaram e me deram boa-noite. E Ethan continuava me olhando como se esperasse que eu fosse escapar para a escuridão a qualquer momento.

Eu tinha que me parabenizar por ter encontrado o lugar perfeito para me esconder.

Pena que eu não poderia ficar.

— Você tem tudo de que precisa, querida?

Tia Mary bateu na porta do quarto, que se abriu. Se ela achou estranho que eu ainda

estivesse sentada na cama com minha mochila no colo, não disse nada.

— Precisa de ajuda para desfazer a mala?

— perguntou, apontando para a gigantesca bagagem de Hulda.

Eu balancei a cabeça.

— Não, obrigada.

— Tudo bem. — Ela cruzou os braços e encostou no batente. — Você tem cinco meses para se acomodar.

Cinco meses. Quase um semestre inteiro. Tentei imaginar como seria morar em uma casinha de fazenda branca e minúscula, no meio do nada, por quase meio ano. Havia apenas uma barrinha de sinal no meu celular (tinha checado antes de tirar a bateria de novo), e nada de TV a cabo. Seria possível alguém viver assim? Então pensei na porta destrancada, na grande árvore de Natal e nas meias feitas à mão penduradas no console da

lareira, o nome *Hulda* bordado com lantejoulas verdes. E soube que, para algumas pessoas, a resposta, definitivamente, era sim.

— Sua casa é legal — disse a ela.

— É velha. Como eu. — Tia Mary riu. — E está vazia agora que meu marido e minha garotinha não estão comigo. Mas é minha. Sabe, nasci aqui. — Ela olhou para as paredes antigas, como se esperasse que elas terminassem a história. — Este era o meu quarto quando eu tinha a sua idade. Depois foi o quarto da minha filha. E agora é seu. — Ela abriu um sorriso largo. — Que bom que você está aqui, Hulda.

— Estou muito feliz por estar aqui — comentei, porque foi a primeira mentira que me veio à mente.

No entanto, por um segundo, achei que tivesse sido a mentira errada, porque tia Mary me olhou como se soubesse que havia

algo de errado com Hulda. Algo de errado comigo.

Então ela sacudiu a cabeça.

— Eu simplesmente não consigo aceitar que seu inglês seja tão bom.

— Obrigada — falei, e me lembrei do que Ethan me dissera no caminho. — Ethan me ajudou a melhorá-lo quando estive na Islândia no verão passado.

— Claro. Ele é um bom garoto.

Então, o semblante dela se tornou sério. Ela me estudou de novo.

— Eu detestaria que ele ficasse magoado. Fitei seus grandes olhos castanhos.

— Eu também detestaria isso.

E, nesse momento, estava sendo sincera. Juro, estava mesmo.

— Ela é tão quieta...

Eu conseguia entender as palavras, mas não reconhecia a voz. Nem o quarto. Nem a casa. Nem a tranquilidade sufocante que parecia permear tudo à minha volta. Não havia buzinas, campainhas de elevadores ou carrinhos de serviço de quarto sendo empurrados por corredores escondidos e sem fim. Foi quando falei a mim mesma que ainda estava dormindo, aquilo tinha que ser um sonho.

— Foi uma longa viagem. Ela devia estar exausta — disse outra pessoa.

Então me lembrei: tia Mary. A casinha de fazenda branca com a grande árvore de Natal.

Ethan. Islândia. Hulda.

Eu deveria ser uma estudante de intercâmbio islandesa chamada Hulda.

Afastei as cobertas e me sentei depressa na cama. O sol estava muito forte, queimando através das cortinas de renda branca nas janelas. Parecia um holofote, e eu percebi que precisava ir embora — sair dali antes que alguém olhasse com atenção e fizesse perguntas demais. A essa altura, seria óbvio que eu não tinha aparecido em Nova York, e as pessoas iam procurar por mim. Se descobrissem Hulda, acabariam sabendo de Ethan. Então me encontrariam.

— Hulda! — chamou tia Mary da porta. — Que bom. Você acordou. Vá lá para baixo, querida. Estão todos esperando.

— Certo... Eu... Todos?

Acontece que eu *achava* que tinha conhecido toda a família de Ethan.

Clint e Mary tinham uma irmã mais nova, mãe de gêmeas idênticas, um ano abaixo de Emily na escola. Elas me olharam como se me estudassem em um microscópio. Eu me senti em um filme de terror quando as duas inclinaram a cabeça e perguntaram juntas:

— Conhecemos você?

— Não. Sinto muito. Tenho um rosto comum — disse, e segui adiante no grupo.

O irmão mais velho de Clint tinha três filhas, duas delas já eram casadas e uma era mãe de um menininho. Os nomes e rostos se embaralhavam. A cozinha era um borrão de sorrisos, abraços e pratos cheios de ovos, biscoitos e molho. Muito molho. Comecei a tremer.

— Hulda, por que você não conta para nós sobre sua família?

Ouvi a pergunta, mas não sabia quem a tinha feito.

— Como foi o voo, Hulda? — indagou outra pessoa.

— O que você gosta de fazer?

— O que está achando de Oklahoma?

— Já esteve em uma fazenda?

As perguntas vinham em um turbilhão, tão rápidas que eu estava quase tonta.

Então senti a mão de tia Mary no meu braço.

— Querida, você ligou para casa? Sua mãe sabe que você chegou bem?

— Minha mãe está... — comecei, mas não consegui terminar. — Preciso ir ao banheiro — disparei, e corri para o cômodo minúsculo e tranquei a porta.

Havia uma janela estreita e, antes mesmo que tivesse tempo de pensar, abri o vidro e passei uma das pernas por cima do peitoril. Já estava na metade da descida quando ouvi alguém dizer:

— Bom dia.

A voz me fez congelar, pendurada na janela. Meus pés não tocavam o chão. Eu não tinha força para suspender meu corpo de volta, então só fiquei ali, ouvindo Ethan rir até eu finalmente desistir e perguntar:

— Qual é a altura?

Duas mãos me seguraram pela cintura.

— Solte — disse Ethan, e obedeci.

— É, obrigada.

Tentei parecer o mais tranquila possível, enquanto tirava o cabelo dos olhos. Havia nevado durante a noite e, sem meu casaco, eu tremia. Ethan, por outro lado, estava de jeans e botas, uma jaqueta pesada e luvas bem gastas.

Ele me fitou, os olhos zombando de mim.

— Seu quarto não tem porta? Não foi muito legal da parte da tia Mary ter posto você em um quarto sem porta...

— Eu...

— Achei que você fosse fugir de manhã — disse ele. — Pelo menos seria melhor do que fugir ontem à noite, tenho que admitir. Mas, se bem conheço a tia Mary, tem molho lá dentro. Ninguém nunca deveria fugir do molho dela.

Não tenho autorização para comer molho, quis dizer, mas em vez disso perguntei:

— São quantos quilômetros até a cidade mais próxima?

— Defina cidade.

Olhei para ele.

— Achei que fosse eu que estivesse aprendendo inglês.

— Bethlehem fica a uns cinco quilômetros nessa direção. — Ele apontou para o leste.

— Bethlehem? — perguntei, quase revirando os olhos. — Como a Belém de Jesus? No Natal. Perfeito.

— Mas como cidade não é grande coisa. Só uma agência dos correios e uma igreja batista. Se você está falando de cidade com mercadinho e escola, tem que seguir sessenta e quatro quilômetros naquela direção.

Dessa vez, apontou para o norte.

— Se precisa de um cinema, um Walmart ou um hospital, bem, então terá que ir quase cem quilômetros naquela direção — acrescentou, apontando para o sul. — E, como você viu ontem à noite, o aeroporto mais próximo fica em Oklahoma City, a algumas horas de viagem daqui. Então me diga, *Não Hulda*, de que tipo de cidade exatamente você precisa?

Andei para longe dele, em direção à cerca. A luz do sol se refletia nas montanhas, de um branco suave. Tive que estreitar os olhos por causa da claridade. Eu precisava de um táxi. De um hotel. De uma vida diferente.

Daria tudo por uma vida diferente.

— A propósito, a Hulda de verdade me mandou uma mensagem de texto — gritou Ethan atrás de mim. — Ela chegou bem a Nova York.

Eu me virei para ele.

— Ela... — comecei, mas perdi o fio da meada ao perceber que não podia perguntar exatamente: *Ela viu alguém esperando por mim? Eles a encontraram? Eles sabem onde estou?* Então não falei nada.

Mas alguma coisa estava mudando nos olhos de Ethan. Como o vento, ele ficava mais frio. O coração dele estava congelando, e aquilo já não era mais a aventura que tinha sido na noite anterior. Agora, à luz da manhã, Ethan parecia preocupado, e eu não podia culpá-lo.

— Quem é você? — Ethan cobriu a distância entre nós com três passadas largas. — O

que está fazendo aqui? De quem está fugindo?

— De ninguém. De nada.

Balancei a cabeça e senti o metal frio da cerca na minha camisa quando dei um passo para trás.

— Então me diga por que eu não deveria entrar lá imediatamente e fazer meus pais ligarem para a polícia, para o FBI ou para quem quer que se deva ligar quando se está com uma adolescente perdida que precisa ser devolvida aos pais.

— É isso que você acha?

Eu não queria gritar, mas não consegui. Meus nervos estavam por um fio havia dias. Semanas. Anos. E naquele exato momento eu sentia que estavam se rompendo.

— Bem, você está errado, sr. “Tenho Uma Casa Cheia de Pessoas que me Amam”. Meus pais não estão me procurando. Não há

absolutamente ninguém que me ame e esteja preocupado comigo neste instante. Você tem a minha palavra.

— Certo — disse Ethan, tirando o chapéu e passando a mão pelos cabelos castanhos ondulados. — Pelo menos me diga seu nome. Por favor. Só o nome.

Nem mesmo essa pergunta era tão simples quanto deveria.

— Lydia — falei, depois de um momento. — Pode me chamar de Lydia.

— Está bem. Oi, Lydia.

— Oi. — Dei um sorriso. — E aí, o que faremos agora?

— Agora tenho que alimentar o gado.

Olhei para trás, para a casa cheia de estranhos, perguntas e molho. Então olhei para o céu aberto e para aquele garoto muito bonito.

— Quer companhia?

Os pneus do caminhão velho e rodado subiam e desciam nos sulcos do chão, aos solavancos. Ethan empurrou o câmbio e trocou de marcha, e pensei que aquela talvez fosse a coisa mais sexista que eu já vira. Ele parecia tão confiante, tão à vontade e tranquilo. Aquele era o território dele, a cabine daquele velho caminhão com a caçamba carregada de feno e a longa fila de vacas pretas e peludas nos seguindo. Eu tinha certeza de que elas o seguiriam até o fim do mundo.

Mas Ethan e eu ficamos em silêncio na cabine, que, mesmo com o aquecedor a toda potência, ainda estava fria. Dava para ver minha respiração. Pus as mãos entre os joelhos. Ethan tirou as luvas dele e me deu.

Por fim, o silêncio deve ter se tornado insuportável, porque Ethan ligou o rádio e, na mesma hora, a música preencheu o espaço. Era para ser “Noite Feliz”, mas havia *back-ing vocals* demais, e o ritmo estava muito acelerado. Chegou a me dar náuseas.

— Desculpe a estação — disse ele. — Emily ou as gêmeas devem ter estado aqui. Elas adoram essas bandas de adolescentes.

Ethan desligou o rádio, e calcei as luvas que ele tinha me dado. Ainda estavam quentinhas por dentro.

— Tudo bem.

— Você gosta de música? — perguntou ele.

— Gostava. Quando era criança.

— E agora que é muito velha já não gosta mais? — provocou ele, com um sorriso.

— É. Mais ou menos isso. Há quanto tempo você mora aqui? — De repente, estava desesperada para mudar de assunto.

— Bem, estou com dezessete agora, então... há dezessete anos.

— Sua família sempre morou aqui?

— Sou a quinta geração — disse ele.

Suas palavras soaram estranhas. Não como se Ethan tivesse raízes que o prendessem àquele lugar. Era mais como se tivesse correntes.

— É legal você ter uma família grande. E todos morarem e trabalharem juntos.

— É. Deve ser.

— Por que você foi à Islândia?

Não sabia de onde aquela pergunta tinha saído, mas sabia que era a coisa certa a dizer — que, de algum modo, a resposta era importante.

Ethan passou a marcha de novo e pegamos uma subida. O rancho se revelava à nossa frente, branco, claro e com quilômetros de extensão. Era o tipo de lugar que a maioria

das pessoas só via em filmes e da janela dos aviões.

— Nasci aqui. Vou morar e trabalhar aqui pelo resto da vida. E, um dia, se tiver sorte, daqui a muito, muito tempo, vou morrer aqui. E... bem, acho que eu só quis que uma pequena parte da minha vida *não tivesse sido aqui*. E a Islândia pareceu o lugar mais *não aqui* possível.

Olhei ao redor, para a ondulação das montanhas, o gado distante, parecendo pontinhos.

— Este lugar não me parece tão ruim assim.

— É — concordou Ethan, passando a marcha outra vez. Ele não me encarou. — E você? Onde é a sua casa? Ou isso também é segredo?

— Não é segredo. Não tenho casa.

— Oi, querida — cumprimentou tia Mary quando finalmente voltei para casa.

Ela estava ajoelhada no tapete da sala de estar, com Emily de braços abertos de pé em cima de um pufe, vestida de anjo.

— Sentimos sua falta no café da manhã.

— Desculpe-me por ter saído sem falar com você. Eu...

— Você teve que escolher entre fugir com um lindo caubói que não via há meses ou ficar em uma casa cheia de estranhos rudes...

— E molho de carne — acrescentei. — Também fugi do molho de carne. O que deve ter sido um erro.

— Então amanhã vou lhe ensinar como prepará-lo. Gostaria de aprender, Hulda?

Ela olhou para mim como se esperasse que eu protestasse. Ou talvez confessasse. Era oficial: eu estava paranoica.

— Provavelmente eu incendiaria a sua casa.

— Vai ser preciso bem mais do que apenas você para transformar este lugar em cinzas.

— Tia Mary, você já terminou? — perguntou Emily, se balançando de um lado para o outro.

— Pare de se sacudir — ordenou tia Mary, então puxou um alfinete da almofadinha presa em seu pulso e examinou a fantasia comprida demais de Emily.

— Estou cansada — reclamou a menina.

Mas tia Mary apenas lançou-lhe um olhar cortante.

— Você não está sendo muito angelical — rebateu ela. — Então, Hulda, está precisando de alguma coisa?

— Não.

— E está se adaptando bem?

— Acho que sim.

— E você sabe que pode recorrer a mim, certo? Se precisar conversar sobre qualquer coisa. Qualquer coisa, mesmo.

— Claro. — Sorri. Menti.

Se é possível a vida real se tornar o set de um filme, foi isso que aconteceu em seguida.

Todas as manhãs, Ethan batia na porta da casa de Mary e eu ia ajudá-lo a alimentar o gado. (Meu trabalho era abrir os portões. Segundo ele, *uma tarefa muito importante.*)

Todas as tardes, eu ajudava tia Mary a cozinhar e a distribuir comida para os mais idosos, que não conseguiam sair na neve.

— Aqui — dissera ela no primeiro dia, me entregando as chaves. — Já não dirijo muito.

Emily e as gêmeas tentaram me ensinar a dançar o *two-step*.

Clint fez churrasco e tivemos jantares fartos e barulhentos na casa de Ethan, com todos se revezando para segurar o bebê da prima dele.

Tia Mary me encarregou de embrulhar os presentes, e as gêmeas me deixaram segurar um leitão.

E Ethan estava lá o tempo todo, me ensinando a trocar a marcha dura do caminhão com o qual trabalhávamos todos os dias, implicando comigo quando minhas botas ficavam tão enterradas na lama que saíam dos meus pés e eu tinha que voltar para a casa da tia Mary com um pé descalço.

Ele não falava de Hulda.

Não me perguntava de onde eu vinha e por que estava fugindo.

Não olhava para mim como se eu fosse uma mentirosa, uma fraude, uma vigarista.

E, durante aqueles dias ali, não fui Hulda nem fui eu mesma. Por alguns dias, fui apenas... feliz.

Porque, por alguns dias, tive uma família.

— Você tem que continuar mexendo — disse tia Mary.

Era o dia anterior à véspera de Natal e, embora o tempo estivesse congelante lá fora, a cozinha estava quente. O vapor se condensava nas janelas, enquanto a mistura marrom no fogão fervia e borbulhava como algo no caldeirão de uma bruxa.

— Você está mexendo? — perguntou ela.

— Estou — respondi.

Ela espiou o caramelo borbulhante.

— Com mais força — instruiu.

Quando o caramelo começou a respingar, ela comentou:

— Ah, querida, você vai ficar com essa linda blusa toda suja. Vá pegar um avental.

Havia um cabideiro cheio de aventais na lavanderia, e peguei o que era rosa com flores brancas. Mas assim que tia Mary olhou para mim, algo nos olhos dela me fez parar.

— O que foi? — Então baixei os olhos e vi o nome bordado no bolso: *Daisy*. — Ah, me desculpe. É da sua filha?

— É, sim. Mas fique com ele — disse tia Mary. — Ela iria querer que você o usasse.

Quando comecei a prender o cabelo em um rabo de cavalo, tia Mary perguntou:

— Alguém já lhe disse que você fica ótima sem o cabelo no rosto?

Engoli em seco e assenti.

— Minha mãe.

— Sente falta dela, querida? Podemos ligar pelo Skype. Ou telefonar, ou...

— Não — respondi, depressa demais. — Quer dizer, está tudo bem. A diferença de fuso, você sabe... Podemos deixar para depois.

A porta dos fundos se escancarou, e Emily gritou:

— Tia Mary!

— As botas — disse tia Mary, mas Emily já estava tirando os sapatos enlameados e os deixando à porta.

— Sua mãe já foi para a cidade? — perguntou a tia.

Emily negou com a cabeça.

— Acho que não.

— Ah, pensei ter visto o carro dela na estrada — comentou tia Mary, e eu me lembrei

do SUV preto, mas não pensei muito no assunto.

— Tia Mary, você tem algumas batatas?

— Por quê?

A tia pareceu meio descrente, mas Emily olhou para mim.

— Vocês vão ver.

— Surpresa! — gritaram Emily e Susan em unísono quando chegamos à casa de Ethan naquela noite.

Havia outro cartaz. Estava pendurado na sala de jantar e dizia: *Feliz Þorláksmessa, Hulda!*

— O que é tudo isso? — perguntei.

— Bem, sabemos que deve ser bem difícil para você estar longe dos seus parentes no Natal — disse tia Mary. — As festas são

sempre tristes quando não estamos com nossa família.

Talvez eu estivesse imaginando coisas, mas senti o clima na sala mudar quando ela falou aquilo. Por um segundo, ninguém se olhava nos olhos.

— Então... — prosseguiu ela — pensamos em trazer um pouco da Islândia para você!

— Ah. Uau! — Fiz um esforço para soar espantada.

Só então olhei de verdade ao redor.

Havia sapatos em todas as janelas. Sim, *sapatos*. Papais Noéis de aparência muito sinistra estavam enfileirados no centro da mesa, e uma pilha de batatas estava arrumada em uma bandeja, como um enfeite esquisito.

— Uau. Alguém teve muito trabalho.

— Ora, claro que tivemos, bobinha. É o dia de *são Thorlakur*! — exclamou a mãe de

Ethan. Em seguida ficou séria: — Eu pronunciei certo?

— É, Hulda — insistiu Ethan. — Ela *pronunciou* certo?

— Sim. Perfeito — respondi.

Susan ficou radiante e Ethan sorriu, como se fosse engasgar com tanta presunção.

— Sentem-se, sentem-se — ordenou tia Mary, conduzindo todos para as cadeiras. — Parte da diversão de hospedar uma estudante de intercâmbio é aprender tudo da sua cultura. Então pensamos que você poderia nos ensinar tudo sobre o Natal na Islândia!

— Hulda é *especialista* em Natal na Islândia — falou Ethan, afastando-se antes que eu pudesse chutá-lo por baixo da mesa.

— Fizemos uma pesquisa na internet — contou Susan. — Mas ainda temos muitas perguntas.

— É — concordou Emily. — Por exemplo, qual é o lance com todos aqueles sapatos?

— É, Hulda. — Ethan recostou-se na cadeira, um sorriso torto no rosto. — *Fale sobre os sapatos!*

— Ah, bem... — comecei, devagar. — Os sapatos são mesmo fascinantes.

Olhei para as janelas atrás de mim, para os sapatos em todos os peitoris.

— Nós os botamos nas janelas, como vocês podem ver...

— Ah, estamos vendo — disse Ethan. — Mas por quê, Hulda? Por que os sapatos estão nas janelas?

— Hum... bem... é porque antigamente... as pessoas esqueciam os sapatos e... os donos das casas deixavam pares extras nas janelas para que os viajantes os pegassem quando precisassem. Porque na Islândia é difícil

viver sem... vocês sabem... sapatos. *Terra do gelo* — acrescentei, em tom sério.

— Achei que a Groenlândia é que fosse coberta de gelo — comentou Clint.

— Também — concordei.

— Por que esse Papai Noel é tão assustador?

Uma das gêmeas estava olhando para o homenzinho vestido de vermelho bem na frente dela, que a encarava como se fosse um serial killer.

— Essa é uma ótima pergunta — disse Ethan. — Diga-nos, Hulda, *por que esse Papai Noel é tão assustador?*

— Não é o Papai Noel — disse Emily. — É um dos Yule Lads.

— Yule Lads! — exclamei, como se eu mesma houvesse dado a resposta. — É esse o nome deles. Acho que são a nossa versão do Papai Noel.

— Quantos são? — perguntou Clint.

— Nove — falei.

Emily arqueou a sobrelanceira.

— Achei que fossem doze — comentou.

— Bem, talvez varie em cada parte do país — disse Ethan. — Certo, Hulda?

— Certo! — concordei. — Em alguns lugares são doze, mas onde eu moro são nove, porque... os outros três morreram quando esqueceram seus sapatos.

Todos na mesa assentiram como se aquilo fizesse todo sentido.

— Não é o máximo? Temos nossas tradições, como você sabe — disse tia Mary. — Nada de especial, mas não dá para morar em uma comunidade cujo nome significa Belém e não ter algumas tradições natalinas. — Ela riu. — Todos nos encontramos na igreja na véspera de Natal. Tem um presépio vivo.

— Isso quer dizer cabras de verdade e um monte de criancinhas vestidas de reis magos — explicou Ethan.

— Nós cantamos músicas e lemos a história do Natal. E todos ganham um saco de doces — completou a tia.

— Parece ótimo — comentei.

Mas algo naquilo tudo me deixou mal. Como se eu fosse contaminá-los com a minha presença. Com as minhas mentiras.

— Eu... — Afastei-me da mesa. Tinha que sair dali. Tinha que fugir. — Estou com um pouco de dor de cabeça. Sinto muito. Eu só...

— Ethan — disse Clint —, leve-a para casa.

Do lado de fora, o ar frio fez meus pulmões arderem. O céu estava muito limpo e claro — claro demais para três horas depois do pôr

do sol. Não importava quanto tempo eu ficasse ali, sabia que nunca me acostumaria a ver tantas estrelas.

— Você está bem? — perguntou Ethan.

Eu não conseguia respirar, muito menos falar.

— Tenho que contar para eles — consegui dizer. — Eles são tão gentis... Vão me odiar. Vão odiar *você*! Você tem que contar. Agora mesmo. Esta noite. Eu vou...

— Não. — Ethan sacudiu a cabeça, decidido. — Se você contar agora vai partir o coração da tia Mary antes do Natal.

— Ela não vai ligar para isso. O marido e a filha dela virão para casa logo, logo e vão...

Mas o olhar de Ethan me fez parar. Não era apenas choque. Era de pura tristeza.

— Meu Deus, Lydia, achei que você soubesse.

— *Soubesse de quê?*

— Eles morreram. Há cerca de um ano e meio. Acidente de carro.

Ouvi as palavras de tia Mary: *Já não dirijo muito.*

— É o segundo Natal dela sem eles — concluiu Ethan.

Foi como se alguém me desse um soco no estômago. Pensei nos abraços de tia Mary, em sua casa vazia. Na árvore e na meia de Hulda feita à mão.

— Esse foi um dos motivos para eu ter achado que a vinda de Hulda seria uma boa ideia — explicou Ethan. — Ela não gosta de ficar sozinha, e as festas são tão difíceis...

— Sim. Claro. Gostaria de ter percebido. Eu teria...

— Não — disparou Ethan. — Não faça nada diferente, ok? Ela já desperta compaixão e pena suficientes dos outros. É bom ter

alguém que não a trate como se ela fosse frágil. Ela nunca esteve tão feliz assim desde o acidente. Se você contar agora... vai partir o coração dela.

— Ela vai acabar descobrindo, Ethan. Eu não posso ficar aqui. Um dia vou ter que ir embora.

— Não queremos que você vá, está bem? — Ele passou a mão pelo cabelo de novo. — *Eu* não quero que você vá.

Eu não tinha percebido quão perto estávamos e como as mãos dele eram quentes nos meus braços. Não tinha visto o ar que expirávamos se misturando no ar frio. Não percebi que estava caindo até ser tarde demais, provavelmente porque não cheguei ao chão. Era como cair de fé, de esperança, de... se você quiser levar mais ao pé da letra, amor. Ou algo assim.

E então os lábios de Ethan estavam nos meus e eu apertei meu corpo contra seu peito forte, seus braços em volta de mim, me segurando firme. E eu não estava mais fugindo. Estava indo ao encontro daquilo. Daquele momento. Daquele lugar. Daquele garoto.

— Espere até depois do Natal, está bem? — pediu Ethan, afastando-se e me encarando. — Tudo vai parecer diferente depois do Natal.

Assenti, muito feliz em continuar vivendo aquela mentira.

Na véspera de Natal, Ethan me buscou para me levar à igreja que ficava entre um campo de trigo e um pasto. Era pequena, branca e tinha um campanário erguendo-se para o

céu. Quando Ethan estacionou o caminhão, os sinos da igreja já batiam.

— Vem — chamou ele, pegando minha mão. — Estamos atrasados.

Juntos, corremos em direção às portas, rindo, mas, assim que entramos, eu me endireitei e parei. Ethan ainda segurava minha mão quando nos detivemos no fundo da igreja apinhada de gente.

— Hulda! Ethan! — sussurrou a mãe dele, gesticulando para onde a família estava sentada e dois lugares nos aguardavam.

— Boa noite, pessoal!

Ergui os olhos e, pela primeira vez, vi tia Mary de pé atrás de um púlpito, com um hinário nas mãos.

— Feliz Natal! — disse ela, e toda a congregação ecoou: “Feliz Natal!”

O lugar era iluminado quase exclusivamente por velas e pelos pisca-piscas de meia dúzia de árvores de Natal. Havia azevinhos pendurados na ponta de cada um dos bancos antiquados. Não era como entrar em uma igreja. Era como voltar no tempo. As pessoas de Bethlehem celebravam a véspera de Natal daquele modo havia cem anos. Havia um conforto em saber que eles ainda a celebrariam assim por mais cem.

— Você está bem? — sussurrou Ethan.

Assenti. Lá na frente da igreja, uma pianista começou a tocar.

— Vamos começar com o cântico 101 — anunciou tia Mary.

Ethan e eu nos sentamos na ponta do banco onde estava sua família.

Houve um farfalhar quando as pessoas pegaram seus hinários e abriram na página certa, mas eu não precisava ver a letra.

Conhecia cada palavra. Cada acorde. E, ainda assim, quando tia Mary cantou “O Holy Night”, não havia a menor chance de eu cantar junto.

— *The stars are brightly shining...*

De repente, eu não estava mais naquela igreja no meio do nada. Estava em um quarto de hospital cantando para a mulher no leito, frágil e pequena. Tocava a música no teclado. Via os olhos dela se encherem de lágrimas ao me pedir que cantasse de novo.

— *It is the night of the dear Savior's birth...*

Que bom que a iluminação era fraca e o lugar estava lotado. Ninguém olhava para mim. Ninguém notou como meus olhos ficaram marejados e minhas mãos começaram a tremer. E, acima de tudo, ninguém olhava para mim à espera de que eu dançasse ou cantasse. Ninguém naquele

lugar se importaria se eu nunca mais cantasse de novo.

— *Long lay the world, in sin and...*

A voz de tia Mary falhou. Ela movia os lábios, mas não saía som algum de sua boca; o rosto estava pálido e ela parecia perdida, congelada.

— Era a música favorita de Daisy — explicou ela depois de um tempo, com a voz tão baixa que mal chegava a ser um sussurro.

Era como se tia Mary estivesse perdida na neblina da lembrança e da perda, diante da compreensão de que nunca mais partilharia aquela música com sua filha. A pianista continuava tocando, mas ninguém cantava. Ninguém se mexia.

A mãe de Ethan secou os olhos, e senti a emoção avassaladora que tomava o lugar. Estava prestes a nos dominar. Quando a

pianista chegou ao refrão, senti a emoção *me* dominar.

Foi como quando ofereci minha passagem a Hulda. Não tomei nenhuma decisão de chamar atenção. Eu não queria cantar. Mas, antes que me desse conta, estava de pé, caminhando para a frente da igreja.

— *Fall on your knees...*

As palavras foram saindo de mim, minha voz enchendo a igrejinha enquanto eu fitava tia Mary nos olhos e percebia que ela não estava mais chorando. Estendeu a mão, que eu peguei. Então cantei mais alto.

— *Oh hear the angel voices!*

Cantei como não cantava havia anos.

E continuei cantando. Pelo simples prazer de cantar. Por causa do momento, da música e de mim. Cantei por tia Mary, por Daisy e por todas as pessoas que não podiam mais cantar. Cantei porque *não cantar* nunca as

traria de volta, mas cantar poderia fazer com que todos se lembrassem.

Cantei porque é isso que eu faço quando estou feliz e quando estou triste. Cantei porque essa é a melhor versão possível de mim. Cantei porque, enquanto segurava a mão de tia Mary, eu não estava sozinha.

Cantei porque era Natal.

Quando as músicas terminaram, voltei para me sentar ao lado de Ethan, que estava com o celular na mão. Olhava para o aparelho e para mim, como se alguma coisa não fizesse sentido.

— É você! — Uma das gêmeas se virou e olhou para mim do banco da frente, quase vibrando. — Nós sabíamos que era você. Eu sabia...

— Hulda — disse Ethan, com a voz fria.

Mas eu sabia que ele não estava me chamando pelo meu nome falso. Não estava mais fingindo. Ele ergueu o telefone para que eu pudesse ler a mensagem na tela.

De: Hulda

Diga a Liddy que eles estão chegando!

— O que você está fazendo aqui? — perguntou a outra gêmea. — Como você conheceu Ethan? Onde...

Mas eu não estava entendendo aquelas palavras. De repente, o espaço lotado ficou congelante demais. Juro que senti um calafrio. E, quando ergui os olhos, vi que havia alguém de pé à porta dos fundos da igreja. O cabelo dele jogado de lado pelo vento. Usava um sobretudo escuro e cachecol vermelho. Mocassins italianos perfeitamente polidos.

Ele não pertencia àquele lugar. Àquele mundo. Mas eu também sabia que não havia a menor chance de ele ir embora.

— Quem é Liddy? — A voz de Ethan parecia estar a quilômetros de distância. — Olhe para mim. — Ele segurou meu braço. — Quem é Liddy?

— Sou eu — tive que admitir.

— Você disse que seu nome era Lydia.

— E é. Quer dizer, era. Minha mãe me chamava de Liddy. — Encarei-o. — Ethan, eu sou Liddy Chambers.

Esperei que ele digerisse as palavras, que o nome lhe dissesse alguma coisa. Mas Ethan apenas perguntou:

— Quem?

E acho que eu poderia tê-lo beijado. Ele não gritou meu nome nem revirou os olhos. Eu não era adorada nem detestada por

aquele garoto naquele momento, e acho que poderia amá-lo por isso. Só um pouquinho.

— O que Hulda quer dizer com *eles estão chegando*? — indagou ele, erguendo o telefone de novo.

— Ela se enganou.

Balancei a cabeça e olhei para o homem parado à porta, me encarando.

— Eles já chegaram.

Eu nem estava olhando quando Emily desceu o corredor central da igreja na direção do altar, mas sua voz parecia a de um anjo quando começou a ler a história de Natal do Evangelho de são Marcos. As luzes ficaram ainda mais fracas. Meninhos vestidos de pastores puxando cabritinhos se posicionavam na frente da igreja, mas era como

se eu estivesse em transe enquanto me afastava discretamente de Ethan e sua família, me infiltrando nas sombras antes de escapar para o lado de fora.

O homem que me seguiu não me deu um abraço. Não perguntou se eu estava bem nem falou de quanto havia se preocupado. Não. As primeiras palavras que saíram de sua boca foram:

— Você sabia que tinha um show hoje à noite?

— Acabei de dar um. Você não viu? — rebati.

Ele agarrou meu braço e me puxou em direção ao helicóptero que nos esperava em um campo ali perto.

— Um helicóptero, Derek? — Revirei os olhos. — Sério? Que sutil.

— Venha. Nós vamos embora.

— Não! — gritei. — Tenho que me despedir. Tenho que...

— Lydia! — A voz de Ethan cortou o ar claro da noite. — Espere.

Tudo o que consegui fazer foi me afastar de Derek o suficiente para olhar para trás.

— Quem é você? — Tia Mary estava meio passo atrás de Ethan, cobrindo a distância entre nós rapidamente. — Aonde você a está levando? Essa menina está sob minha responsabilidade! — disparou ela.

Tia Mary parecia e falava como uma força da natureza, e Derek talvez tivesse recuado um pouco se não houvesse tanta coisa que dependesse daquele momento. De mim.

Então ele estufou o peito e rebateu:

— Não está, não. E ela vai embora daqui. Agora.

— Hulda, o que está havendo? — Clint havia surgido ao lado da irmã. — Esse homem está incomodando você?

— Clint, ele está tentando levá-la embora — explicou tia Mary.

— Ele é o seu pai? — perguntou Clint.

Derek riu.

— Sou o tutor dela.

Então olhou para Clint, com sua calça engomada e sua jaqueta de fazendeiro.

— E você, senhor, vai sumir da nossa frente antes que eu mande prendê-lo por sequestro.

— Sequestro! — gritou Clint.

— Eles não sabiam! — esbravejei, tentando me postar entre Clint e Derek. — Eu fugi. Fingi ser uma estudante de intercâmbio chamada Hulda. Menti e eles me acolheram.

A igreja estava se esvaziando depressa. Parecia que toda a comunidade de

Bethlehem tinha se aglomerado ao nosso redor. Imaginei alguém fazendo alguma piadinha, mas ninguém disse nada. Já havíamos falado demais.

— Meu nome é Lydia — falei para eles. — Liddy. Liddy Chambers.

A noite estava clara e fria, e minha respiração parecia fumaça enquanto eu tentava entender tudo o que havia acontecido.

Foi então que ouvi a cantoria.

Era a minha voz, mas não a música que tocava nas rádios. Era a versão de “O Holy Night” que eu tinha gravado no hospital para minha mãe, três anos antes. Era a música que havia sido tocada dez milhões de vezes no YouTube. O motivo de Derek e a gravadora terem me chamado.

E quando mamãe ficou muito doente — quando não podíamos mais ignorar que ela não estaria por perto para me criar —, aquela

música foi o grande motivo para ela ter feito de Derek meu tutor, para ela ter acreditado que estava realizando meu sonho.

— É ela! — disse uma das gêmeas, segurando o celular no alto para que todos vissem o vídeo. — É ela mesma. É Liddy Chambers!

— Não. — Ethan balançou a cabeça. — O nome dela é Lydia.

Derek fez um gesto no ar e, no pasto ao lado da igreja, as hélices do helicóptero começaram a girar. A neve começou a cair, enchendo o céu noturno com um branco serpenteante. Derek andou em direção à aeronave, mas eu continuei olhando para Clint, Susan, Emily e depois para Ethan e tia Mary.

— Liddy! — gritou Derek. — Agora!

Dei alguns passos e olhei para trás. Estava feliz pela neve e pela escuridão da noite. Não queria que eles vissem as lágrimas nos meus olhos quando falei:

— Sinto muito. Perdão, eu menti e...

— Ah, querida — disse tia Mary. — Você acha que não percebemos que você não era uma islandesa chamada Hulda? Acha que não sabíamos de tudo há muito tempo?

— Vocês sabiam? — Eu não tinha certeza se deveria me sentir magoada ou aliviada. — Por que não disseram nada? Por que não me mandaram embora?

— Querida, quando perdemos alguém, perdemos também parte de nós.

Eu não sabia se tia Mary estava falando do que havia acontecido com ela ou comigo, mas acho que, na verdade, não importava. Valia para os dois casos.

— E esse pedaço perdido? — continuou ela. — Às vezes precisamos perder o restante para encontrá-lo. Além disso... — Ela desviou o olhar para Derek. — Tenho quase certeza de que eu também teria fugido.

Derek abotoou o casaco e enrolou o cachecol, que voava com o vento.

— Sou o tutor dela. E ela vem comigo.

Ele estendeu a mão para mim de novo, mas eu me esquivei.

— Você não é meu tutor... É meu *empresário* — praticamente gritei, como se isso fosse fazer qualquer um deles perceber a diferença. — Sou um número para você. Uma propriedade. Eu canto, danço e... Minha mãe estava morrendo. Estava muito doente e assustada, e estávamos sem dinheiro. Foi por isso que ela lhe deu a minha guarda. — Embora doesse admitir, não para as pessoas de Bethlehem, mas para mim mesma, tive que falar: — Minha mãe não sabia o que era melhor para mim.

— Liddy, entre no helicóptero. Agora! Antes que eu chame as autoridades — ameaçou Derek.

— Você está falando do xerife? — perguntou tia Mary, apontando para um homem na multidão. — É aquele homem bem ali. Vamos chamá-lo. Ei, Ben.

— Ei, Mary. Precisa de ajuda? — perguntou o xerife.

— Não, obrigada. Está tudo sob controle.

— Isso é corrupção — alegou Derek.

— Claro. Vamos falar com a juíza do condado.

Então tia Mary se virou para a mulher que tinha tocado piano.

— Vossa Excelência? — chamou Mary.

A juíza juntou as mãos e olhou para mim.

— Não vejo motivos para tirar a menina dos seus cuidados, Mary. Com certeza não vou permitir que ela vá embora com um homem que não conhecemos. E como os tribunais estão fechados para as festas de fim de ano, não vejo alternativa a não ser

permitir que ela fique com você pelo menos até depois do Natal.

— Isto é ridículo — zombou Derek. — Ela é Liddy Chambers, e eu sou seu tutor legal! Quando a imprensa souber disso...

— Quando a imprensa souber do quê, Derek? — disparei. — Que eu fugi de você? Que por quase uma semana você não tinha ideia do meu paradeiro e não comunicou às autoridades? Que, quando lhe deu a minha guarda, minha mãe estava sob forte efeito de analgésicos e nem se lembrava do próprio nome? Hein? O que *exatamente* você vai contar para a imprensa? Porque tem algumas coisinhas que eu gostaria de contar também.

— Liddy... — Derek abaixou a voz, implorando. — Venha comigo. Venha comigo agora e vamos esquecer que isso aconteceu.

— Você quer ir com ele?

Quem perguntou foi tia Mary, mas foi Ethan que encontrou meu olhar e o sustentou.

— Quer? — perguntou ele.

Eu não podia negar a verdade, o motivo pelo qual eu nunca poderia parar de fugir.

— Se eu não for, ele vai voltar. — Lembrei-me do que Ethan havia me perguntado na noite em que nos conhecemos. — Ele vai criar problemas. Valho muito dinheiro para eles.

— Ah, querida, você não sabe que vale mais do que dinheiro para nós? — questionou tia Mary.

— Você teve a sua folga, Liddy. Agora pare de enganar a si mesma. Você quer ser uma estrela. Não pode desistir disso — argumentou Derek, quase como se me desafiasse.

— Tem razão. Eu adorava música. Adorava cantar, tocar e fazer as pessoas felizes... Isso

me fazia feliz. Mas... mas naquela época eu não sabia o que era ser feliz.

— E agora sabe? — O tom de Derek deu a entender que, se não estivesse tão aborrecido, teria rido daquilo.

Ele não sabia o que eu sabia. Não sabia do cheiro da casa da tia Mary quando ela preparava bacon, ou como era a sensação do vento gelado no rosto quando você cumpria suas tarefas às seis da manhã, acordando-o como se você tivesse sido um sonâmbulo durante a vida toda. Se ele ao menos olhasse para cima, veria como o céu é enorme e como é fácil se perder ali.

— Agora sei como são as estrelas de verdade — disse a ele. — Estou farta das imitações.

Sentia que as pessoas da cidade estavam se reunindo ao meu redor, mas não era uma multidão ensandecida. Era como um

cobertor, um abrigo. E, lentamente, Derek recuou.

— Aproveite o Natal, Liddy. Eu vou voltar — avisou ele. — Voltar para buscar você.

Observei o helicóptero levantar voo e sumir na escuridão enquanto fiquei de pé ali, cercada por toda a cidade de Bethlehem. As estrelas lá no alto estavam tão brilhantes que parte de mim não podia evitar perguntar se elas teriam me guiado até ali, àquele lugar, àquela época.

— Então, Liddy — disse tia Mary. — Eu estava pensando que... se você quisesse... poderia ficar comigo. A juíza acha que podemos mudar a situação da sua guarda. Se você quiser. Não precisa decidir agora, claro. É só que...

— Quero! — Senti as lágrimas nos olhos de novo. Dessa vez, por motivos completamente diferentes. — Quero, por favor.

Tia Mary me puxou para um abraço apertado, mas eu não conseguia parar de olhar para o garoto logo atrás dela. Quando ela me soltou, o menino disse:

— Você vai ficar.

Não era uma pergunta.

— Vou ficar.

— Chega de fugir.

Ethan balançou a cabeça e se aproximou devagar.

— Chega de fugir.

— Chega de encrenca.

— Chega de encrenca — concordei.

Então ele me beijou. Depois me abraçou forte e eu olhei as estrelas no céu de Bethlehem, certa de que tinha voltado para casa.

A GAROTA QUE DESPERTO O SONHADOR

LAINI TAYLOR

Na Ilha das Penas, é tradição os homens deixarem presentinhos para suas amadas em cada um dos vinte e quatro dias do Advento.

Sem ter a quem amar — e sem querer amar ninguém —, Neve Ellaquin acordou sem expectativas no dia 1º de dezembro. Bom, isso não é verdade. Ela esperava chuva, porque, em um dia de dezembro, a chuva era tão certa quanto raposas famintas. E esperava silêncio, porque era isso que tinha em

abundância desde que os gêmeos haviam morrido juntos no último verão, deixando-a sozinha naquele lugar esquecido. Ela esperava apenas mais uma colherada da mesma tristeza dolorosa que novembro lhe servira, só que mais fria. Pelo que Neve sabia, as coisas eram assim: não existiam surpresas boas, apenas ruins. À noite, quando ela pegasse seu único e estimado livro do baú para ler junto à lareira, ele teria as mesmas histórias de sempre, e assim também seriam seus dias, até o fim.

Seus pés penderam pela lateral da cama como dois pesos de chumbo, e a primeira respiração da manhã, após se sentar, foi um suspiro.

— É cedo demais para suspiros — disse ela em voz alta.

Agora falava sozinha o tempo todo. Usava a voz para fatiar o ar pesado e impedir que ele a esmagasse.

— Se eu gastar toda a minha decepção antes do café da manhã, o que vai sobrar para o resto do dia?

Ela sorriu para si mesma por ser tão amarga. Pensou na Dama Sonolência da fábrica, cujo conselho para as garotas era: “Tenha uma vida amarga, assim os corvos não gostarão de você quando morrer.”

— E por que eu deveria privá-los de alimento? — Neve reagira porque, antes daquele verão, ela ainda tinha um quê de atrevimento. — Eles também não merecem uma guloseima?

— E você quer ser essa guloseima?

— Por que não? — perguntara Neve. — Por que vou me importar com a minha carcaça quando tiver terminado de usá-la?

E desde então Dama Sonolência passara a chamá-la de Comida de Corvo e não mais por seu nome. Não importava que o apelido não fizesse mais sentido. Neve acreditava que, naqueles dias, devia ser o pedaço de carne mais amargo da ilha — ainda mais com o Natal chegando e após os gêmeos terem partido para sempre.

Os gêmeos, Ivan e Jathry. Assim como Neve, eles eram parte do grupo de crianças levadas para lá doze anos antes: órfãos da peste que assolou a Colônia Fracassada, comprados baratos para trabalhar duro; os meninos, no campo; as meninas, na fábrica. A comida era escassa e as camas muito finas, nas cabanas açoitadas pelo vento atrás da Fazenda Cemitério. Para todos eles, a luz no fim do túnel era: seriam livres quando chegassem à Idade. Eles a chamavam de “Idade”, simples assim, como se fosse a

única que importasse. A Idade era dezoito anos, e quanto a “livre”... O que significa ser “livre” para órfãos trabalhadores libertos com os bolsos cheios de ar, em uma ilha no meio do grande e maldito Gliding? A passagem de navio custa mais do que suas vidas valem, e alguns garotos optam por pagar esse preço só para ir embora. Alistam-se em uma tripulação com um contrato que teriam sorte de quitar antes dos cinquenta anos... E que marinheiro no Gliding já chegou aos cinquenta?

Por isso a maioria dos garotos e todas as garotas ficavam na Ilha das Penas, porque, embora um navio fosse gostar de levá-las, seria um tipo diferente de contrato, e nenhuma garota — nenhuma — seria capaz de odiar tanto a ilha a ponto de fazer essa escolha. Então “liberdade” para uma garota significava apenas uma coisa: ser livre para

se casar, e era isso o que elas faziam. As que davam sorte chamavam a atenção de um garoto de uma família do Primeiro Assentamento — ou talvez não de um garoto, mas de um homem (não faltam viúvos na Ilha das Penas) —, e aquelas com menos sorte atraíam o olhar de um comerciante recém-chegado à cidade portuária. As menos sortudas de todas? Acabavam com um garoto da casta da própria Neve, um “órfão da peste” que não possui nada além de mãos calejadas.

As famílias do Primeiro Assentamento detinham toda a terra boa, então essas garotas ganhavam casas de verdade, cujas paredes não rangiam e sacudiam, jardins que recebiam o melhor sol, e talvez até uma faixa de água limpa cortando seu terreno, tão enfeitada por peixes verde-dourados quanto os mosaicos do chão da igreja. Alguns dos comerciantes eram bem-sucedidos; outros,

não; então as garotas que se casavam com eles podiam acabar em uma das casas minúsculas, triangulares e enfileiradas nas ruas íngremes da cidade portuária, em um apartamento no segundo andar de uma loja, no porão de um pub ou em algum lugar assim. E as noivas dos órfãos? Bem, há pedaços de terra gratuitos no Vale da Neblina — o vale no meio da ilha, assim chamado porque era pouco mais do que um buraco cheio de neblina. Ninguém chamaria aquilo de uma terra *boa*, mas quase sempre era suficiente para sobreviver. Quase. Se você não tivesse muitas bocas para alimentar e não se incomodasse com a umidade.

Eu pergunto a você: quem não se incomoda com a umidade?

Ainda assim, esse tinha sido o plano de Neve: Vale da Neblina, com os gêmeos. Eles pensaram, uma vez, que os três se casariam.

Por que não? Naquela época, para eles o casamento não era nada mais que adultos morando na própria casa de acordo com as próprias regras, e o que mais eles queriam desde que puseram os pés no navio fedorento que os levou até ali? Mais tarde, porém, Bill Quebracriança lhes contou — com mais detalhes do que seria necessário ou decente — o que acontecia entre maridos e esposas, então eles se entreolharam, enrubescidos, sua inocência se dissolvendo como espuma do mar.

Nada de casamento, então.

Se Ivan e Jathry fossem um garoto só, Neve achava que teria se casado com ele, mas escolher um deles nunca foi uma opção. Quando eles caminhavam pela rua, Neve ia no meio. Simplesmente era assim. Quando cresceram o suficiente para que os segredos carnavais do casamento não os chocassem

mais, bem... Se Ivan ou Jathry tinham algum interesse marital por ela, Neve nunca soube, e ela mesma não sentia qualquer excitação de esposa. Eles eram garotos fortes, com rostos bonitos, e moravam em seu coração desde o início, em casa — sua casa de verdade, há muito perdida —, mas as coisas entre eles não funcionavam assim. Não havia momentos quando seus olhares se fixavam um no outro e a coisa esquentava, e nunca aconteceu de Neve olhar para um dos garotos ao sol e pensar: “Que gosto será que tem a pele dele?” Nunca houve nem sinal de rubor, de formigamento ou de qualquer uma das coisas das quais as garotas da fábrica falavam, como falta de ar, rosto ardendo e gemidos de desejo.

Ah, e Neve sabia que esse seria um dia cheio de rubores e gemidos. As garotas que ganhassem os melhores presentes se

vangloriando e se deleitando; as que não ganhassem nenhum, chorando e reclamando, ou o pior: se recebessem um presente do cara errado, de algum bêbado, tarado ou talvez do melequento sem-vergonha Grande-Jon Herrin “Dedo Inteiro”, Deus me livre!

E tinha também o Reverendo Spear, uma ameaça única.

Um peso frio se abateu sobre Neve ao pensar no alto e belo pároco da ilha. Ele era fogo e enxofre, um homem demoníaco, e seus sermões eram como palestras de viagens ao Inferno. O lago de fogo, o poço dos condenados, as serpentes traiçoeiras e todos os recursos engenhosos à disposição dos demônios que passariam a eternidade arrancando sua pele como se descascassem uma fruta e o devorando lentamente, só para começar tudo de novo e saborear você por mais mil anos. Se as crianças não

acordassem gritando nas noites de sábado, ele considerava o sermão um fracasso e na semana seguinte era pior. Uma vez, quando um garoto da fazenda foi pego com uma batata no bolso, o Reverendo convenceu Bill Quebracriança a chicoteá-lo para dar o exemplo, e, quando um grupo de garotas foi flagrado nadando à luz da lua na Praia da Canção — de anáguas, nem estavam como vi-eram ao mundo! —, ele as trancou em casa até o fim do verão, com avisos em cada uma das portas que diziam: A INDECÊNCIA É UMA AFRONTA A DEUS.

Ele havia perdido sua terceira mulher este ano — para a mesma febre que levou Ivan e Jathry — e não era segredo que escolheria outra para o Advento. Por que pagar a uma faxineira pelo trabalho que uma esposa faria de graça? Além disso, esposas eram mais do

que faxineiras não remuneradas, não eram? Neve o viu observando as garotas na igreja como se elas estivessem em uma caixa de chocolates — *uni duni tê, qual será que vou escolher?* — e sentiu o olhar penetrante dele pousar sobre ela vezes demais para ficar confortável.

Ela sempre achara as pupilas dele minúsculas, como pontinhos feitos com caneta.

Disse a si mesma que não precisava se preocupar. Spear gostava de falar que garotas bonitas davam esposas problemáticas, que tinha aprendido isso por experiência própria. Certa vez, até falou, para que todos ouvissem: “A beleza é de graça para os olhos apreciarem e, no fim das contas, o quarto é escuro. Mas tente fingir que seu jantar não está queimado, que sua casa está limpa e as crianças, bem-cuidadas.”

No fundo, esse bom servo de Deus não estava dizendo para que os homens fechassem os olhos e imaginassem a mulher de outro enquanto gemiam em cima de suas pobres escravas domésticas?

Neve o odiava e sentia pena de quem fosse receber o presente dele naquela manhã, mas não achava que seria ela própria. Sabia que era bonita e, se nunca tivera motivo para agradecer por isso antes, eis a prova de que há uma primeira vez para tudo. Talvez fosse ela que ele imaginaria no escuro, e essa ideia já era terrível o bastante para lhe dar ânsias, mas ele não a cortejaria.

Simplesmente não seria ela.

Ela se vestiu. A cabana era gelada; vestir-se depressa era uma arte que eles aprendiam cedo. Lavar-se rápido era mais difícil; era necessário se importar muito para se dar a esse trabalho. Neve se importava, sabia Deus por

quê. Pelo menos sua bacia ainda não tinha uma superfície de gelo. Isso aconteceria em janeiro e duraria até abril. Ainda assim, aquela água era parente próxima do gelo, e Neve estava tremendo de frio quando vestiu as meias e a combinação, o vestido e o manto, o avental cheio de bolsos e as botas velhas e gastas. Mesmo com os dedos dormentes, levou apenas um minuto para prender o cabelo, rosa vivo, e cobri-lo com um lenço cor de lama.

E depois? Ela lançou um olhar furtivo para a porta. Em uma manhã normal, iria primeiro para o galinheiro — não que sua triste galinha Canja ainda desse ovos, mas Neve ainda checava, por hábito —, mas estava hesitante, e sabia muito bem por quê. Pensava na varanda.

Estaria vazia como ela deixara na noite anterior?

— Por favor, Deus — sussurrou, e na mesma hora percebeu que aquele era o pedido errado.

Se Deus *existisse*, então toda a vida de Neve tinha sido um crime que Ele cometera contra ela, que não ousaria chamar mais Sua atenção.

Ela olhou para o banquinho de ordenha que fazia as vezes de criado-mudo e tirou alguma força do que havia sobre ele.

Uma flor morta.

Quantas garotas na Ilha das Penas tinham uma flor morta preparada para essa manhã? E quantas sabiam que não podiam se dar ao luxo de rejeitar um cortejo, por pior que fosse?

Era assim que funcionava. Você acordava no dia 1º de dezembro para encontrar — ou não — um sinal de afeto na varanda. Um

cone de papel cheio de doces, um pássaro talhado em madeira ou talvez um ramalhete de flores. Para rejeitar o pedido, você deixava uma flor morta no lugar, para o pretendente encontrá-la à noite. A aceitação era tácita. Você não precisava fazer nada, apenas se levantar todas as manhãs e ver o que seu futuro marido lhe deixara, vinte e quatro dias seguidos, até o encontro da véspera de Natal, no Salão do Homem da Cicatriz. Era ali que os casais se reuniam, sob a passamanaria de papel imitando flocos de neve e lamparinas congeladas, e selavam seus destinos com uma dança. Você punha a mão na dele e era isso: contrato fechado com o suor de uma garota desesperada.

Que romântico.

Neve não tinha expectativas, mas ainda assim a flor morta estava preparada, só por

garantia. Era um lírio com espinhos que restara do verão.

De antes da febre.

Ela o pegou com delicadeza. Estava seco como papel, muito leve. Quando aquela flor estava viva, Ivan e Jathry também estavam. Neve a colhera em um domingo, quando os três subiram ao Vale da Neblina para inspecionar a terra que os garotos teriam. Eles estavam chegando à Idade, embora para Neve ainda faltassem nove meses; os três eram os mais novos e últimos órfãos da praga, e ela mesma era a caçula, a última. Sempre soubera que passaria algum tempo sozinha ali nas cabanas do Cemitério antes que a “libertassem” também, mas teria sido um tipo diferente de solidão: só espera, apenas matando o tempo antes que pudesse reivindicar seu próprio terreno ao lado do dos meninos.

Ela ainda ficaria com o terreno, mesmo que aquilo não fizesse mais sentido. Os garotos é que eram os fazendeiros. No que ela era boa? Bordado. Era o que faziam na fábrica. Bordavam toalhas de mesa de renda para os navios levarem para as pessoas ricas em toda a costa do Gliding, e Neve fazia mais do que um trabalho satisfatório; era mais do que boa. Era uma artista. Até Dama Sonolência dizia isso, chamando-a de “Comida de Corvo” com ao menos um pingo de respeito. Mas agulha e linha não serviam de nada quando se tratava de construir uma casa em um vale úmido e sombrio e de cultivar o solo pedregoso sem uma mula, além de todas as outras coisas que ela teria que aprender a fazer para viver.

Se é que se podia chamar aquilo de vida.

Em uma parte dentro de si, Neve sentia um medo profundo, enjaulado como uma

criatura muda, encolhido e paralisado. Estivera paralisado desde que o calor de agosto se misturou ao calor das febres, mas mesmo naquela época sabia que, se continuasse respirando, a vida continuaria a entrar nela — como os enxames de besouros quando se é louco o bastante para pegar o atalho pelo Canal Nojento na primavera. Eles voam no rosto, zumbindo alto, e se enroscam nos cabelos e na saia. Até conseguem entrar na boca.

A vida faria o mesmo. Neve não podia fingir que não. Na verdade, ela temia a solidão miserável do Vale da Neblina quase tanto quanto o peso de um homem que não seria capaz de amar; e, se *houvesse* um sinal em sua varanda, ela sabia, no fundo do coração, que seria uma tola por não refletir sobre ele. Mas não *queria* fazer isso. Queria ser livre e, se nunca pudesse ser livre, queria ao menos

ser corajosa — o suficiente para não se vender, não importava o preço da recusa.

Segurando a flor morta, endireitou os ombros. “Coragem”, pensou, e foi até a porta. “Coragem”, pensou ao abri-la.

Mas não foi corajosa ao ver o que estava ali, algo tão delicado, incompatível com as tábuas tortas da varanda surrada e podre de sua cabana.

Era uma Bíblia encadernada em couro vermelho e com acabamentos em ouro.

Apenas um homem deixaria um presente daqueles. Um homem que, na verdade, já o deixara três vezes antes — três vezes para três esposas cujos túmulos estavam enfileirados, com muito espaço no fim da fila para a coleção crescer. *Quem é a próxima?*, perguntava a terra do cemitério. *Ora, a última dos órfãos, a artista, a garota de cabelo rosa.*

Neve apertou o lírio quebradiço e olhou para a Bíblia, cujas páginas tinham sido folheadas por mulheres mortas. Então, no fim das contas, Spear a queria. Naquele canto dentro dela em que seu medo parecia uma criatura enjaulada, algo se remexeu e se ergueu, e, sem pensar, ela fez um novo pedido. Não para Deus, comparsa de Spear. Deus era novato ali, trazido nos mesmos navios fedidos que os órfãos e o gado.

Havia poderes mais antigos do que Ele no mundo.

— Por favor, Wisha — sussurrou Neve, e sentiu a palavra proibida cortar o ar como as asas de um pássaro.

Wisha. Significava *Sonhador* na língua antiga. Era uma maldição pronunciá-la, mas não parecia. Parecia potência, como o nascimento de uma brisa. Neve a imaginou abrindo depressa seu caminho pelo mundo,

recém-nascida e selvagem com sua batida desesperada de asas, erguendo redemoinhos de vento que, um dia, se tornariam nuvens de tempestade e afundariam uma esquadra de navios a meio mundo dali. Mas de que isso lhe serviria? Muito mais perto e naquele exato momento, no solado da porta da cabana congelante, enquanto a chuva assobiava no telhado e o ar pesado oprimia, carregado com a ausência de vozes, ela viu algo acontecer. A capa de couro vermelho daquela Bíblia indesejada abriu-se com uma rajada de vento violenta. Páginas viraram e se soltaram, erguendo-se no ar como se tivessem sido libertadas. Primeiro as páginas, depois o resto.

Tudo se ergueu, rodou no ar e desapareceu.

— Por favor — sussurrou Neve depois disso. — Estou sozinha.

Se seu medo fosse uma criatura, isso seriam seus ossos. *Sozinha. Sozinha.* Esse era o medo que cobria todos os outros, como uma pele. Suas palavras seguintes soaram como uma versão ilegítima do catecismo que ela fora forçada a recitar durante doze longos anos, mas pareceram mais verdadeiras. Mais limpas.

— Eu me entrego à sua proteção, alma desta terra. *Wisha.*

Então houve uma mudança na atmosfera, uma... contração, como se a própria terra estivesse mostrando os dentes. Neve sentiu.

E acolheu.

Wisha.

Quando o primeiro navio ancorou na ilha, há duzentos anos, a tripulação não encontrou

sinais de pessoas — nem mesmo uma árvore cortada ou um círculo de pedras para indicar que homens alguma vez tinham andado por ali. A terra era fértil, nativa e muito verde, não cultivada, não contida e tão selvagem quanto o Gliding em si. Com uma exceção.

O monte negro.

Era perfeitamente simétrico, mais largo do que alto, e dez vezes mais alto do que um monte de feno. De longe, parecia um vulcão em miniatura, e sua grande peculiaridade era a cobertura. Por todos os lados, era revestido de uma plumagem estranha: penas, negras como petróleo e sobrepostas de forma tão organizada quanto as escamas de um peixe. Cada pena tinha o tamanho do braço de um homem e, por isso, eram grandes demais para serem de corvos. Algumas pessoas

diziam que só um pássaro do tamanho de um ser humano poderia ter penas tão longas. Claro que não existia um pássaro tão grande e, por causa disso — e por causa do que havia *dentro* do morro, *debaixo* das penas —, os marinheiros atearam fogo nele.

E morreram.

Foi a fumaça, disseram os sobreviventes. Negra como as próprias penas, ela... se retorcia.

Ela *caçava*.

Os marinheiros que estavam a favor do vento viram aquilo e fugiram para seus navios.

Alguns conseguiram se salvar.

Passaram-se vinte anos até que outro navio voltasse, e esse veio preparado, armado com Deus e pás, e dessa vez não queimaram as penas, mas as enterraram, construíram uma igreja no morro e a encheram de ossos de

santos e clamores contra o mal. Eles dividiram a terra verde-escura entre si, domando o lugar com orações enquanto o moldavam com trabalho, e as longas penas negras se tornaram um mito. As crianças agora brincavam de “fumaça rápida”, correndo umas atrás das outras com penas de corvos em chamas e simulando mortes terríveis, mas as verdadeiras penas malditas não eram vistas havia quase dois séculos.

Na verdade, ninguém mais tinha medo.

Naquela primeira manhã do Advento, porém, enquanto os moradores da ilha acordavam e as garotas corriam descalças para varandas geladas a fim de ver o que fora deixado para elas, a ilha estava acordando também. Só um pouquinho, e apenas Neve sentiu. O velho monte havia muito depenado — era um lugar solitário, longe das fazendas, e sua igreja de pedra quase nunca recebia

visitantes. Só no Natal os danos seriam descobertos — o piso afundado, um buraco profundo abaixo dele — e, naquele momento, os acontecimentos desse Advento seriam descobertos e conhecidos.

Naquele momento, todos saberiam que o Sonhador tinha acordado.

As pessoas decoravam a cidade portuária. Enfeites desgastados pendiam dos dois lados da rua principal, e as mulheres subiam em escadas, as saias presas entre os joelhos, para pendurar boias de pesca e bugigangas antigas feitas com pedaços de espelhos arranhados. Cada porta tinha uma guirlanda e uma fita vermelha, e o corcunda Scoot Sombrio ia de loja em loja com estênceis e um

balde, marcando os vidros com sua própria fórmula de neve falsa.

Os habitantes do porto adoravam o Natal, e não era segredo que o celebravam como pagãos. Eles queriam dançar e beber, colocar suas enormes máscaras de santos e assustar criancinhas. Diferentes dos Primeiros Colonos, que eram da linhagem de Charis e, segundo diziam, vieram ao mundo com as mãos postas em oração, os que chegaram mais tarde eram, em sua maioria, descendentes dos Jhessians, pessoas de visão aguçada, língua antiga e deuses ainda mais antigos, que usavam a civilidade como um leve xale de verão. Mas a vida ali era difícil, os mitos eram obscuros e a Igreja os mantinha sob controle, na maioria dos dias.

— Bom dia, senhorita — disse Scoot para Neve quando ela passou, a caminho da fábrica. — Encontrou algo em sua varanda nesta triste manhã chovedia?

O sorriso dele parecia sincero, então Neve percebeu que ele não sabia. A vendedora de peixe atrás dele, porém, mordeu a bochecha e pareceu dividida entre a pena e a inveja, e foi assim que Neve soube que a notícia havia corrido.

Ela não respondeu. Não poderia simplesmente mentir e dizer que não, mas tampouco seria capaz de admitir, pelo menos não sem deixar claro o que sentia, o que tampouco podia acontecer. As garotas deveriam ficar felizes por alguém querê-las, como se fossem gatinhos em uma cesta, e aquela que sobrasse fosse afogada no lago ao fim do dia.

Scoot entendeu o silêncio dela de forma equivocada.

— Bem, talvez o fantasma dos seus rapazes tenha assombrado todos os pretendentes — sugeriu, com gentileza. — É a única explicação, um favo de mel como a senhorita.

Neve murmurou alguma resposta, embora depois não lembrasse o que dissera. Ela baixou os olhos e seguiu em frente, olhando para trás ao chegar a uma curva e ver a vendedora de peixe falando ao ouvido do corcunda, para ele em seguida lançar um olhar triste em sua direção, como se ela fosse um gatinho já afogado na água.

Ela era?

Não.

Porque iria recusar.

— Você vai fazer o *quê*? — questionou Keilegh Padeira quando Neve lhe contou.

Era o meio da manhã, e elas estavam com seus bastidores de bordado na sala comprida, sem largar as agulhas. Na fila toda,

garotas coravam, se vangloriavam, se deleitavam, comemoravam, choravam ou reclamavam, exatamente como Neve tinha imaginado que fariam. Irene recebera um pedaço de renda de seu pretendente; Camilla, um pente. As costas muito eretas de May falavam de seu infortúnio, enquanto Daisy Darrow tinha presentes de três garotos e o delicioso drama de uma briga em sua varanda, repleta de punhos agressivos e baderna, quando eles se esbarraram à meia-noite.

— Achei que Caleb fosse *matar* Harry — disse Daisy, os olhos brilhando de empolgação. — Mas então Davis quebrou um vaso na cabeça dele. Mamãe ficou uma fera. Era o vaso de morangos que ela recebera de Cayn.

Neve não se juntou à conversa, apenas sussurrou suas novidades para Keillegh, a filha do padeiro, que era a coisa mais parecida

com uma amiga que ela cultivava, e nem era tão amiga assim. O problema de ter amigos tão próximos como se fossem parentes, tão verdadeiros que são parte de seu coração — como os gêmeos eram para ela —, é que não se liga muito para as outras pessoas. E, caso se tenha a infelicidade de ficar para trás, percebe-se que o que restou foi apenas um ninho vazio.

— Vou recusá-lo — repetiu Neve.

Keillegh ficou chocada. Neve, por sua vez, ficou chocada com o choque dela.

— Você acha mesmo que eu poderia dizer sim? — perguntou, incrédula. — Para *ele*?

— Sim, acho que você poderia dizer sim! O que mais vai fazer? Não está pensando em se matar no Vale da Neblina.

— Em me matar, não.

— Talvez não diretamente. Mas uma morte lenta por mofo, se não morrer de fome antes.

Ilona Blackstripe perdeu os outros dedos do pé, sabia? E você já viu bebês mais doentes do que aqueles?

— Bem, não vou ter filhos, então essa não é a minha principal preocupação.

— Não vai ter filhos. — Keillegh balançou a cabeça, tocando a pequena corrente de prata que fora o presente de seu pretendente. — Nunca vou entender você, Neve. É como se fosse de outra espécie. Tinha aqueles dois garotos fortes e nunca sequer se aqueceu com eles, e também não quer ter filhos? Posso perguntar *o que* você quer?

O que Neve *queria*? Ah, asas e um chapéu cheio de joias, por que não? Seu próprio navio, com velas de seda de aranha. Seu próprio *país*, com um castelo, cavalos para passear e colmeias nas árvores, com o mel escorrendo. De que adiantaria querer, quando a barriga cheia era um sonho tão

remoto quanto um chapéu cheio de joias? E a verdade era que ela queria bebês, mas da mesma forma que queria asas: em uma versão de conto de fadas da vida, na qual eles não seriam parecidos com aqueles pobres bebês doentes da família Blackstripe, e ela não tivesse que cavar pequenas covas a cada dois anos, fingindo que a vida continuava.

E quanto ao amor? Ela queria isso também? Parecia um desejo ainda mais fantasioso do que asas.

— Nada que eu possa ter — respondeu Neve, antes de aquela centelha de desejos sem sentido se tornar brilhante demais.

Keillegh estava inflexível.

— Então aceite Spear e seja grata. Ele pode ser um homem terrível, mas sua casa é quente, e sei que ele come carne toda semana.

Carne toda semana. Como se Neve pudesse se vender por isso! O ronco de sua barriga naquele momento foi apenas coincidência — resultado de ter esquecido o café da manhã, por causa do nervosismo, sem falar que sua galinha tinha secado, pobre Canja, destinada a cumprir em breve a maldição do seu nome.

Neve sabia que o Reverendo possuía uma dúzia de galinhas e um galo todo empertigado para pôr ordem nelas.

O Reverendo tinha uma *vaca*.

“Manteiga”, pensou Neve. “Queijo.”

— Isso tudo é ótimo — disse, pressionando a barriga resmungona com a palma da mão. — Mas tem aquela *fileira* de túmulos. Quantas esposas um homem pode enterrar antes que alguém lhe diga para arrumar outro hobby?

— Suponha que seja *você* que o enterre?

— Keillegh!

— O que foi? Não estou falando para você assassiná-lo. Apenas para viver mais do que ele. Deve ser mais fácil do que o Vale da Neblina.

Talvez. No entanto, mais fácil não significava melhor. Alguns tipos de sofrimento faziam você odiar o mundo, mas outros faziam você odiar a si mesmo, e — apesar da manteiga e do queijo — Neve não tinha dúvida de que Spear era do segundo tipo.

Mas e se... e se... houvesse algum outro futuro à sua espera — um sem sofrimento nenhum — e agora mesmo ele estivesse trilhando o caminho de volta até ela, para pegar sua mão e lhe mostrar como encontrá-lo? Que ridículo. Na vida perpetrada contra Neve, havia apenas surpresas ruins, nunca boas, mas, com o passar do dia, ela começou a fantasiar que aquele estranho vento da manhã — sequestrador de Bíblias — estivera

ali para observá-la. Claro que ela estava imaginando coisas, mas aquelas não pareciam as ventanias normais da sala comprida. Eram arrepios errantes, caóticos, como se fossem garotos tentando fazer deslizar uma pedra de gelo por suas costas.

Esse estranho vento rondando... não era nem frio.

O Sonhador não saberia dizer quanto tempo tinha dormido. Abriu os olhos, do sonho para a escuridão e para a quietude — uma quietude que parecia a morte, mas ele não estava morto. O ar em torno dele assim estava, e a terra que o cercava também, e havia algo errado. Ele deveria ter sentido o pulsar da vida nela, no solo e nas raízes, e visto as memórias sendo empurradas pela grama,

pela água que se infiltrava na terra e pelos animais enterrados. Deveria haver uma sinfonia de sussurros em sua câmara, ecoando plena de vida. Mas era tudo silêncio.

Exceto pelo chamado.

A linguagem era estranha a ele; as palavras eram apenas sons, mas o penetraram com tal urgência que ele se sentou em seu catafalco — rápido demais. Com a cabeça rodando, ficou de joelhos e, por um momento, sentiu um pânico tão profundo que seu choque pintou de branco a escuridão. Por trás das pálpebras, dentro da cabeça: um branco trêmulo e cegante.

Alguma coisa estava errada.

Ele dormira por tempo demais. De joelhos, no breu total, ele soube — ele *soube* — que o mundo estava morto e ele havia falhado.

Acima dele, em volta dele, as veias da terra tinham deixado de pulsar. Se ele emergisse, encontraria uma grande destruição, o cadáver cinzento de um mundo seco.

Seu coração, que havia batido tão lentamente por tanto tempo, acelerou. Seus pulmões, que permaneceram sem ar por um período indeterminado, agora ofegavam. Adormecido, o Sonhador conseguiu sobreviver dentro desse monte de terra. Acordado, era incapaz de fazê-lo.

Mas temia o que encontraria se emergisse. Fracasso, morte e o *fim*. Sentia isso. E aquilo o oprimia com um peso que ele jamais experimentara.

No fim, foi o chamado que lhe deu coragem. Os sons o penetraram e o despertaram, e agora o faziam se levantar. O Sonhador não conhecia aquela língua, mas era um apelo mais profundo do que palavras, e

sua alma se esforçou para atendê-lo. Reunindo toda a sua força, ele se lançou para cima. O morro deveria ter se aberto para ele como uma flor, mas resistiu. Algo *pesava* sobre ele. Sobre o Sonhador. Ele não conseguia respirar. Com um esforço selvagem, abriu caminho.

E descobriu que o mundo não estava morto. Cambaleou para fora, trôpego de gratidão, cegado mesmo pelo sol fraco do inverno, e caiu de joelhos na grama. Afundou nela os dedos longos, sentiu o pulsar e bebeu as lembranças, tantas, tão profundas... Quanto tempo? À medida que seus sentidos se acostumavam ao mundo, ele viu e cheirou muitas coisas que não conhecia antes.

Por exemplo, a construção de pedra empoleirada em seu monte.

E as pessoas. Quando ele preparou seu lugar de descanso, os seres humanos

moravam nas costas verdes das terras do sul, mas essas ilhas eram selvagens, uma província de petréis e focas. Agora ele sentia cheiro de fumaça no vento, o odor quente do estume, o nítido fedor das fossas. A vastidão selvagem havia sido violada.

E *ele*? O que essas pessoas tinham feito a ele?

Haviam roubado suas penas e o prendido com alguma feitiçaria própria. Por um tempo — quanto? — romperam a ligação dele com a terra.

Mas...

Ele se virou para outra direção. Havia ali uma fileira de árvores tão verdes que pareciam pretas sob a luz suave, mas, para além delas, olhando ao longe, onde antes era floresta, tudo fora arrancado, esculpido em esquinas e arado em sulcos. Filetes de fumaça subiam de vez em quando, e o

Sonhador sentiu o fluir de muitas vidas. Uma delas, porém, com mais vivacidade.

A pessoa que o havia despertado.

Duas coisas, no fim das contas, para o caso de Neve ainda não ter se decidido.

A primeira foi que Dama Sonolência a teve quando as outras garotas foram embora.

— Aqui — disse ela, estendendo uma flor para Neve. — Para o caso de você ainda não ter uma.

Hesitando em pegá-la, Neve viu que a flor estava morta. Ergueu a cabeça para fitar os olhos redondos da velha mulher — grandes demais, arregalados demais, como se as pálpebras nunca fossem capazes de cumprir sua função.

— Então você acha que eu deveria recusá-lo? — indagou Neve.

Dama Sonolência bufou com desdém.

— Eu acho que ele merece uma boa e longa viagem para aquele inferno sobre o qual adora pregar. É isso que eu acho. Ou talvez ele já tenha estado lá, para saber tanto sobre o assunto. Fique com isso, Comida de Corvo. Coloque-a em sua varanda. Não há uma única ave do mundo que seria capaz de comer as noivas dele. Você acha que conhece a amargura? Você terá gosto de cinzas antes que ele a jogue em um túmulo.

Neve já tinha uma flor morta. Tentou devolver a de Dama, mas ela não aceitou.

— Fique com ela — disse. — Eu a matei especialmente para quem recebesse o presente dele.

Então Neve pegou a flor e ficou feliz por tê-la em mãos ao encontrar o próprio homem esperando por ela na saída da cidade.

Esta foi a segunda coisa.

Ele sorriu quando a viu se aproximar. Seus dentes eram tão brancos e retos que pareciam esculpidos em marfim de morsa.

— Boa noite, Neve — cumprimentou o Reverendo.

Aquilo era uma intimidade. Ele deveria tê-la chamado de srta. Ellaquin.

— Senhor — foi tudo o que ela conseguiu dizer, e o melhor que pôde fazer para manter seus pés caminhando.

Direto por ele.

Ele começou a andar ao lado dela.

— Espero que tenha gostado da Bíblia — comentou. — Qual foi a primeira passagem que você leu? Sempre gosto de saber.

Como se ela tivesse se sentado na mesma hora, ansiosa por aprender mais sobre as regras e as punições do Senhor.

— Não li nenhuma — respondeu Neve. — O vento a carregou para longe antes mesmo que eu pisasse na varanda.

O silêncio se contorceu entre eles, e Neve não levantou a cabeça para fitar os olhos dele, com suas pupilas pontilhadas. A sombra do pároco, projetada à frente, era muito maior que a dela.

— Como? — perguntou ele por fim, como se pudesse tê-la entendido mal.

— O vento — repetiu ela. — Sinto muito. A Bíblia se foi.

O Reverendo parou de andar e, como Neve não fez o mesmo, ele estendeu a mão e segurou seu braço, forçando-a a parar. Seus grandes dedos se espalhavam do cotovelo até o ombro dela, e seu aperto não era suave.

— Aquilo era herança de família — falou.

Dessa vez ela não teve escolha a não ser encará-lo nos olhos. Sem brilho, pensou, e imaginou chamas se refletindo neles enquanto o Reverendo observava a geografia do Inferno.

— Tinha valor para mim — completou ele.

— Então não deveria tê-la deixado em uma varanda — rebateu Neve, tentando soltar seu braço. — A culpa não foi minha.

Como o Reverendo não a soltava mesmo assim, ela entrou em pânico e estendeu a flor da Dama Sonolência para ele. Uma rosa, e vermelha, era uma demonstração mais impressionante do que seu lírio com espinhos.

— Aqui — ofereceu ela, com a voz trêmula. — Fico honrada, mas não pretendo me casar. Minha resposta é não.

Ele não pegou a flor nem soltou o braço dela, e quando Neve voltou a fitar os olhos

dele, mais apavorada a cada segundo, o olhar do Reverendo disse tudo. Alguns olhares são capazes disso, do mesmo modo que ela se lembrava dos olhos de sua mãe lhe dizendo, tão simples quanto a felicidade, nos tempos de antes do sofrimento: “Eu amo você mais do que a própria vida, minha doce menina.” Ou como os olhos de Ivan, à beira da morte, disseram que seu maior desespero era deixá-la sozinha.

O olhar de Spear era eloquente. “Eu a terei e a prenderei. Vou descobrir mil maneiras de fazê-la chorar. Suas lágrimas serão o açúcar do meu chá; seu sofrimento, o meu deleite”, prometeu ele, enquanto seus lábios diziam:

— Eu não estava pedindo, Neve. Fiz minha escolha.

Os dedos dele se fecharam sobre a rosa seca e a reduziram a poeira vermelho-escura.

Por fim, ele soltou o braço dela, e suas últimas palavras antes de voltar para a cidade foram:

— Quando eu a cumprimentar amanhã, quero ver um sorriso. Um rubor, se você conseguir.

Neve caminhava depressa para casa, aos tropeços, a lama se acumulando em suas botas. Chegando ao quintal, avistou as pegadas de Spear entre os usuais rastros de raposas, e viu com outros olhos o pobre santuário que era aquela fileira de cabanas. Ali, ela era como carne de porco para dentes afiados. Spear poderia devorá-la no café da manhã, se quisesse. Pior, poderia tê-la como um lanchinho da meia-noite.

Aquela meia-noite. A meia-noite de qualquer dia. Quem apareceria se ela gritasse?

Ela estremeceu e fez uma barricada na porta frágil. Acendeu um fogo miserável e cozinhou uma refeição miserável. Seus ouvidos estavam atentos à noite lá fora, mas ela só ouvia a chuva. Não tinha nada com que se preocupar a não ser pegar seu livro, seu tesouro, a única coisa que trouxera de casa: seu lar de verdade, perdido havia muito, a Colônia Fracassada. Um lugar que já teve um nome de verdade, mas todas aquelas décadas de luta, sobrevivência, construção, plantação e amor foram reduzidas ao único período marcado por esta palavra desgraçada: *fracassada*.

O livro continha dezoito histórias, e quando Neve o lia — às vezes em voz alta — era com o ritmo de sua mãe, que havia sido gravado no coração. Folheou-o até a história que combinava com aquela noite: uma donzela perseguida por um ogro se

transforma em uma corça para não se casar com ele. Os olhos de Neve estavam cansados depois de um longo dia espremidos diante dos pontos do bordado, por isso ela permitiu que eles se fechassem. Mas sabia a história de cor e prosseguiu, pela floresta, a passos de corça, descendo uma encosta coberta de musgo.

E de repente ela estava no Canal Nojento. Sabia que estava sonhando, porque o livro não tinha nada a ver com o Canal Nojento. Os besouros de primavera estavam lá, todos cintilantes à meia-luz, mas não estavam voando na direção do rosto dela. Aliás, não estavam nem voando, mas imóveis, centenas deles, e quando Neve se aproximou, viu que eram joias. Eram besouros feitos de joias. Pegou um. Era um anel para seu dedo. Outro era um broche. O canal estava silencioso e a

luz, fraca. E ela percebeu que não estava sozinha.

— Olá — sussurrou.

Acordou na cadeira. Não havia nenhum som além da chuva e do fogo que estalava, já se apagando. Mas um murmúrio pareceu segui-la para fora do sono. Mais do que ouvir, ela o sentiu.

Parecia uma brisa atravessando a floresta.

“Eu vou libertá-la e exaltá-la. Vou aprender mil maneiras de fazê-la rir. Seus sorrisos serão a doçura do meu hidromel; seu encantamento, meu leite.”

Na cabana, junto ao fogo que se extinguiu, Neve sentiu, como sentira no sonho, que não estava sozinha. Mas não era a sensação de algo à espreita, como uma sombra no meio da noite. Era a sensação de que não estava sozinha no mundo, o que era muito diferente.

Ela dormiu. E sonhou. Havia música, uma que ela nunca ouvira, e canções em um idioma tão diferente do dela quanto os respingos de chuva eram diferentes do rugido do mar. Havia dança também. A mão de alguém segurava a dela, mas Neve não conseguia ver de quem era, apenas se sentia girar, girar, girar, segura em um círculo formado por braços escuros e fortes.

Mas, pela manhã, o quintal tinha novas pegadas do Reverendo, e a varanda exibia outro presente — uma miniatura emoldurada do rosto presunçoso do homem. Nesse momento, Neve soube que tudo não passara de um sonho, apenas suas esperanças tolas seduzidas para fora de seu esconderijo e ludibriadas para dançar, sozinhas.

— Idiota — sussurrou ela, e cutucou o retrato com o dedo do pé. Queria chutá-lo para a lama, mas não ousou fazê-lo. Iludida por

um sonho para ter esperança de quê? De dançar com um par de braços fortes? — Idiota — repetiu, com mais raiva.

Até parece que o desespero era novidade para Neve e que ela ainda estava aprendendo seus truques. Colocou as botas e foi até o galinheiro. O machado estava no cepo e ela pensou que talvez fosse o dia de usá-lo. Que utilidade tinha uma galinha que não botava ovos?

A mesma que uma garota que não se casará, disse uma voz dentro dela. Neve mexeu em Canja, que deu uma piscadela sonolenta.

— E aí, garota? Tem alguma coisa para o café da manhã de hoje?

Não haveria ovos. Neve sabia disso. Era ridículo que ela ainda verificasse — prova de que a esperança ainda estava enraizada dentro dela, a despeito do que pensasse...

Neve soltou um arquejo de surpresa.
Havia um ovo.

— Muito bem! — falou para Canja, feliz demais por algo tão trivial quanto um ovo.

Estendeu a mão. Pegou-o. Segurou-o e percebeu que não era um ovo.

Parecia um ovo.

Mas não era.

Um ovo não parece nada além do que é. Aquilo era muito leve. Era ar, casca e mais alguma coisa, só que essa coisa não era gema e clara, e Neve deveria ter sentido vontade de jogá-lo longe — nem mesmo *sentido vontade*, apenas o jogado na mesma hora, por instinto, como uma reação a uma injustiça. Mas não o jogou. Na verdade, não sentia uma injustiça. Segurou o ovo, que era quente, suave e cabia na palma de sua mão, como se fosse algo justo.

Café da manhã esquecido pelo segundo dia consecutivo, ela carregou o ovo de volta pelo quintal e, ao entrar na cabana, olhou para ele mais um pouco, pesou-o com delicadeza, passando-o de uma das mãos para a outra. Alguma coisa nele mudava quando ela o movia, e Neve se perguntou o que deveria fazer. Poderia deixá-lo como estava, intacto. Mas ovos não foram feitos para ficar intactos, não é? Foram feitos para serem abertos. Para eclodirem.

Então ela o quebrou, com cuidado, e o barulho que ele fez ao bater na borda da tigela de barro foi como uma nota musical. A casca se partiu, abriu-se e algo dentro dele... cintilou. Neve despejou aquilo na palma da mão em concha e mal acreditou em seus olhos.

Era um besouro.

Do seu sonho com o Canal Nojento. Ali estava uma das joias em formato de besouro, com o corpo de diamante — tão grande quanto a unha de seu polegar, tão cintilante quanto uma estrela esculpida em cristal — e asas feitas de duas meias-luas de jade leitoso. Estavam incrustadas em dobradiças engenhosas, que se abriram ao toque, e a cabeça era uma esmeralda com olhos em cabochão de alguma pedra que ela não conhecia, de um rosa-perolado suave, salpicado de ouro. Assim como no sonho, era um anel que servia perfeitamente no seu dedo, como se fadas tivessem tirado suas medidas enquanto ela dormia.

De início, sentiu apenas deslumbramento ao olhar o besouro, abrindo e fechando lentamente suas asas de jade, um prazer assombrado. Então surgiram as perguntas.

Como?

E, claro... *quem?*

Então o mundo não estava morto, mas tão diferente que parecia um novo lugar — mas não um lugar melhor. Estava mais sujo, pálido, maculado de tristeza, e o Sonhador sentiu-se perdido. Ainda não sabia quanto tempo havia passado, mas entendia que tinha sido *demais*.

Sentiu, pela ausência deles, que os Sonhadores haviam... sido sobrepujados.

Mas como isso acontecera? Onde estavam os outros e por que nenhum de seus irmãos e irmãs foi acordá-lo? Tinham dormido também, em seus próprios montes distantes? Será que suas penas haviam sido roubadas como as dele, sua inteligência e seus sentidos, embotados? Ele teria que encontrá-los

e arrastá-los para fora da terra, mas antes algo ali o prendia.

Alguém o prendia.

Ela pedira sua proteção. Não. Fizera mais do que isso. Ela o *conjurara*, mesmo através das barreiras da feitiçaria sem cor e sufocante que o mantivera naquele estupor. Tinha uma dívida com ela por isso. Quando foi encontrá-la, foi para saldar essa dívida.

E então a viu.

Ele a viu e os clamores e o mau cheiro desse novo mundo desapareceram, como murmúrios silenciados pela explosão vívida de uma música. Ele a viu em seu caminho solitário, seu brilho maldisfarçado pelas roupas sem graça, sua graciosidade um pouco comprometida pelas botas pesadas e sujas de lama. E sentiu o pânico se extinguir. Veja bem, o pânico dele era o de alguém que acordara atrasado para o trabalho... Só que o

trabalho em questão era a preservação do mundo. Ele voltaria, e com ele, todo o clamor do mundo, mas por enquanto fora silenciado pela visão de uma garota.

Ela era bastante solitária, corajosa e assustada, e muito bonita. O coração dele — que, desde a primeira vez que ele conferira, batia no ritmo do pulsar mais lento da terra — assumiu um novo ritmo, tão doce para seu sangue quanto o cantar dos pássaros era para seus ouvidos, e ele gostou disso.

Ela não era criação dele. Ele havia conjurado o verde em todas as suas variações e o carregara para fora dos seus sonhos. Ele dera ao mundo tempestades, as margens dos rios e as abelhas. Mas a forma daquela garota, o brilho intenso de seus olhos e as camadas e a riqueza da alma e da mente dela, nada daquilo era criação dele. Os Sonhadores eram deuses de tudo, *menos* da humanidade. Todo

o resto eles tinham feito, mas não aquelas coisas competitivas, que fizeram a si mesmas.

Para o bem ou para o mal.

Ele era o deus da maré e das asas, das garças e das pérolas. Ela era deusa de... *si mesma*. E ele não conseguia tirar os olhos dela.

Neve passou por todas as etapas de um dia comum: a caminhada até e pela cidade, a fileira de garotas com seus bastidores de bordado e minúsculos pontos em uma toalha de altar para alguma catedral tão distante que ela não poderia sequer imaginar. Nada estava diferente, mas *alguma coisa* estava diferente. Neve guardara a miniatura de Spear em um bolso do avental e o besouro de

joia no outro. Em um dos bolsos — adivinhe qual? — ela colocava a mão várias vezes, e a cada uma delas seu rosto corava com a confirmação de que Neve não tinha sonhado com a primeira boa surpresa de sua vida.

Tentou parar de cogitar o que aquilo significava, tentou ver aquilo como uma das histórias de seu livro, nas quais a lógica não encontrava terra firme. Não era fácil.

Quem?

O dia inteiro, essa única palavra espreitava por trás de todas as outras que ela dizia e, quando não estava falando — o que era a maior parte do tempo —, pensava, de forma sonhadora: “Quem?”

— E aí? — perguntou Dama Sonolência. — Você entregou a flor a ele?

Neve assentiu.

— Ele a esmagou e voltou na noite passada. Pegou a miniatura e a deixou balançar em sua corrente.

Vendo que Neve não estava perturbada, a velha senhora interpretou mal o motivo.

— Bem, o coveiro vai ficar feliz — bufou, seus grandes olhos tristes se estreitando diante da afronta de um conselho ignorado. — Não diga que não avisei.

Neve não tentou explicar. O que poderia dizer? Que ela pedira proteção e fora atendida? Quando ousava pensar naquilo, via quão ridículo soava, duvidava outra vez e precisava levar a mão ao bolso e pegar o be-souro na palma da mão.

Naquela noite, ao voltar para casa, estava tão preocupada que, ao passar pelo Reverendo Spear na rua, fez, sem pensar, o que ele pedira no dia anterior. Pelo menos metade.

Ela sorriu.

Ah, o sorriso não era para ele. Já estava em seu rosto quando, por acaso, cruzou o caminho dele — era leve, questionador e sonhador, mas sem dúvida um sorriso — e foi com dificuldade que ela o impediu de sumir. Não corou, como solicitado, mas o sorriso pareceu suficiente. Ele estava com um grupo de homens — todos lançaram olhares maliciosos, de reconhecimento — e não a deteve, apenas acenou com a cabeça como um cavalheiro, embora seus olhos a queimassem, arrendo com algo que não era raiva. Era pior.

Não importava. Era melhor não provocar a ira do Reverendo.

“Não sou para você”, pensou Neve. Tinha vinte e três dias até a congregação da véspera de Natal e, aos poucos, por meio de seu deslumbramento, lhe chegava a compreensão de que o besouro no seu bolso — valia uma fortuna, não restava dúvida, e

nunca tinha sido visto naquela ilha — significava que ela estava livre tanto de Spear quanto do Vale da Neblina, mesmo que não significasse nada além disso. Ela poderia pegar um navio quando quisesse, partir em direção à vida que desejasse, e esse era um bom motivo para sorrir, claro, mas não o melhor.

Alguém lhe dera aquele presente. Alguém estava ali. Ela o sentia. “Eu vou libertá-la e exaltá-la.” Essas foram as palavras dele em seu sonho. Ele já a libertara.

E agora?

E agora?

Uma série de manhãs e o Sonhador criou o mundo de novo, em miniatura, para ela. Na terceira manhã, deu-lhe uma garrafa que

continha o canto de todos os pássaros do mundo. Cada vez que era aberta, um novo canto saía de lá, e ela podia ouvir seus favoritos sempre que quisesse.

Em seguida foi uma aranha, que tecia maravilhas: luvas de teia encantadas contra o frio e rendas que o ser humano jamais poderia imitar.

Na quinta manhã foram flores. Ou seja, ela abriu a porta e encontrou o quintal enlameado todo florido: um jardim impossível no meio do inverno, com flores de todo o mundo. As favoritas dele estavam ali, sonhadas em outra era e tão extravagantes e improváveis que, ao lado da vegetação resistente da ilha, pareciam dragões entre burros.

Ele ficou emocionado ao vê-la andar entre as flores, deliciada e afundada até a cintura em um mar de cor, metade de sua habitual roupa sem graça coberta de pétalas. Ela

colheu algumas em um balde e as levou para enfeitar o quarto pobre. Então, no dia seguinte, ele lhe deu uma tapeçaria para pendurar: a cena em cores vibrantes que mudaria a cada dia e lhe mostraria vislumbres do mundo.

No sétimo dia — e ele se envergonhava profundamente por ter demorado tanto a pensar nisso —, deu-lhe comida.

Ela estava com fome. Aquela garota brilhante e maravilhosa. O Sonhador não tinha como expressar seu desalento.

Fez para ela uma cesta que se reabastecia sempre que a tampa era aberta, e oferecia algo novo a cada vez. Como a garrafa do canto dos pássaros, seus pratos favoritos podiam ser evocados, e, em poucos dias, Neve *tinha* favoritos — um luxo que quase esquecera.

A cada dia, ele achava mais difícil manter a distância entre os dois, mas conseguiu e observou enquanto o deslumbramento trazia um novo brilho ao rosto dela. Os olhos de Neve brilhavam quando ele a vira pela primeira vez, mas era o brilho de lágrimas não derramadas.

Agora era felicidade.

Ela falava com ele — na varanda, em suas caminhadas de ida e volta da cidade —, como se soubesse que ele podia ouvi-la. Agradecimentos baixinhos de início, depois palavras encadeadas, sua timidez se esvaindo, até que, alguns dias depois, era natural para ela conversar com o ar, com o vento que a escoltava, mais quente do que as brisas marinhas da ilha.

Com o coração batendo em um novo ritmo, o Sonhador se entregou a esse ritual de cortejo. O que sabia sobre os seres humanos?

Era tempo de aprender: vinte e quatro dias até o ciclo chegar ao fim, e então? Ele havia decidido. Apareceria diante de Neve e lhe estenderia a mão, como fazia o povo dela, para que todos vissem.

O mesmo faria o outro homem, que andava com tanta vaidade e arrogância que nem cogitava não ser o único pretendente de Neve — muito menos que o outro fosse um deus.

O Sonhador o observava ir até a varanda dela todas as noites, deixar seus presentes secos e úteis. Uma colher de pau, uma escova de garrafa, um avental cinza. Todas as vezes ele parava, ficava no quintal e olhava para a porta, como se pudesse enxergar através dela.

Pensando. Pensando.

Pensando por tempo demais antes de enfim ir embora. Na décima oitava noite, chovia muito, e o Sonhador o observou sob o

aguaceiro, o queixo trincado e a água escorrendo por seu rosto, enquanto lutava consigo mesmo... e perdeu. Virou a cabeça devagar, primeiro para um lado, depois para outro. Para ter certeza de que estava sozinho, antes de subir na varanda.

Ele não estava sozinho.

Não chegou até a porta.

O Sonhador não o matou, embora isso pudesse ter sido incrivelmente fácil. Carne fraca, espírito fraco. “Onde está o seu deus agora? Ele virá protegê-lo ou não é assim que ele age? Ele só aparece na hora de punir, ou é só assim que você o chama?”

Ele se contentou em girar o Reverendo na direção de casa e plantar dentro dele o medo, como um câncer: desse dia em diante, sempre que Spear tentasse dominar uma mulher, fosse por ameaça, pela força ou mesmo com um olhar, o medo irromperia e o

dominaria — tão forte e súbito que ele cairia de joelhos, encolhido de pavor, balbuciando em busca de consolo do seu deus distante e punitivo.

Era de se supor que sua vida se tornasse bem diferente agora, e a de seus paroquianos também.

E então foi a vez de o Sonhador olhar para a porta de Neve, a chuva escorrendo pelo rosto, a sensação da presença dela irradiando-se para fora, como se ela fosse o sol e ele, uma flor. Ele entendia a tentação, mas não a fraqueza que o faria sucumbir a ela. Virou as costas para a cabana e passou a noite toda ali, montando guarda na chuva, que ele nunca sentira dessa maneira, apesar de ser criação sua.

Mais seis dias, pensou, e se perguntou o que Neve acharia de seu último presente do Advento.

E se perguntou, com nervosismo, o que ela acharia *dele*.

O Salão do Homem da Cicatriz era a maior estrutura da Ilha das Penas, e nunca ficava tão magnífico quanto na véspera de Natal. A congregação era o evento social do ano, e os noivados eram sua essência. Todas as garotas casadoiras haviam passado meses planejando o vestido, e todo pretendente tinha um último presente: um anel.

Neve já recebera um anel. Fora o primeiro presente que ganhara do Sonhador — a joia em formato de besouro —, e desde então o carregava no bolso.

Naquela noite, o usaria no dedo.

Também usaria o vestido que havia costurado com o tecido dado por ele. Era azul

como o céu e tão engenhoso quanto todos os outros presentes: não era um azul, mas *todos* os azuis — todos os momentos e humores do céu. O tecido mudava de tom a cada minuto, passando de cobalto para azul da meia-noite e desvelando estrelas. E quando ela sorria — descobriu, ao se olhar no espelho que também ganhara de presente —, o vestido corava e ficava laranja como o pôr do sol, brilhante como uma chama.

Imagine: a última dos órfãos da peste aparecendo na congregação com aquele vestido! Era como a história do livro de Neve, sobre a criada e a fada madrinha. Ela não tinha uma carruagem de abóbora nem sapatinhos de cristal — só de seda de aranha, com um brilho que parecia orvalho em uma pétala —, mas tinha sua velha capa e as botas para a longa caminhada. E desde quando ela receava sujar a barra da roupa com lama?

Olhou-se no espelho e se perguntou se aquilo era realidade ou fantasia. Como poderia saber se era ela mesma refletida ou a versão de um sonho? Fazia diferença? Ela sorriu, e mais uma vez viu seu vestido passar de meia-noite para pôr do sol. Seu coração estava em brasa no peito, pronto para pegar fogo e soltar faíscas.

O que aconteceria naquela noite? Ela não sabia. A mão de Spear jamais seguraria a dela. Disso tinha certeza. E o Vale da Neblina nunca seria sua casa. Apenas vinte e quatro dias antes, essas eram as duas únicas opções. Agora, milagres eram acontecimentos diários e seu pulso ainda batia em uma única pergunta: *quem?*

Ela entendia que ele era o Sonhador, a quem evocara em desespero. Mas como poderia entender o que isso significava? O que ele era? Ela sentira sua presença em sonhos,

mas nunca o vira, e ele não deixava rastros no quintal como o Reverendo (ou como o Reverendo *costumava* deixar, pelo menos, até seis noites atrás, quando seus presentes pararam de chegar abruptamente). Uma vez, sonhara que estava abraçada a um monte de penas negras e sentiu as batidas de um coração bem no fundo.

E então, na última noite, aconteceu um milagre inesperado: ela abriu o livro para ler uma história e encontrou não os dezoito contos que sempre estiveram ali, mas dezenove, e o último se chamava “Os Sonhadores”.

Ele era um de dez, nascidos antes do tempo, que haviam, ao longo dos milênios, se revezado para dormir e sonhar. Eram eles que conduziam as sinfonias de crescimento e morte que formaram o mundo. Eram deuses de eras antes de existirem homens para inventar a palavra “deus” e não se importavam

com adorações ou agradecimentos. Apenas com o ato em si: a criação.

Às vezes, destruição.

E assim ela soube quem ele era, mas não qual forma teria. Não havia ilustração nem descrição acompanhando o conto. Não importava; a essa altura já o amava, em qualquer corpo. No livro havia outro conto — um dos dezoito originais —, sobre um dragão que tinha uma esposa humana, e Neve nunca o entendera, pelo menos do ponto de vista da esposa. Agora entendia. O amor era o amor.

Mas esperava que ele não fosse um dragão.

Saiu para a varanda, pronta para caminhar até a cidade, e encontrou uma criatura no quintal.

Aquilo a assustou, considerando o seu raciocínio naquele momento, mas então riu de si mesma, porque era apenas uma montaria para levá-la. Era um gamo, um animal

esplêndido, todo branco, os chifres enfeitados com fitas, a sela e as rédeas prateadas e cintilantes. A criatura dobrou o joelho para que ela pudesse montá-lo, e Neve riu de novo, diante daquela maravilha. Seria possível se tornar imune ao deslumbramento, se aquilo continuasse a acontecer, como ela havia se tornado imune ao sofrimento?

Nunca.

Ela montou e foi como voar, descendo a longa e encharcada estrada da Fazenda Cemitério até a cidade. A chuva havia parado ou uma bolha invisível a protegia, pois nem uma gota caiu sobre Neve em todo o caminho. O animal levou-a para o Salão do Homem da Cicatriz, subiu os largos degraus de pedra para deixá-la à porta, e foi como se tudo em volta dela tivesse congelado e Neve fosse a única figura que se movia naquela cena.

Apenas naquela noite, nas lanternas penduradas no salão, tremulavam tantas velas quanto as que tinham sido usadas em todos os seis meses anteriores. A névoa difundia a luz em dezenas de halos sobrepostos, e um violoncelo solitário, doce e puro, lamentava suas dores.

Apenas neve desmontou. Todas as outras pessoas ficaram paralisadas, olhando. Ali estavam Keillegh e seu pretendente, ambos curiosos, e Bill Quebracriança, pouco à vontade no seu terno barato de domingo. Havia um grupo de meninas do Primeiro Assentamento, com coroas de azevinho idênticas — o choque delas não revelava surpresa, apenas inveja —, e Dama Sonolência, cujos olhos nunca estiveram tão arregalados e assombrados.

E ali estava também o Reverendo Spear, tão imóvel quanto os outros. Ele olhou

demoradamente enquanto o esplendor de Neve diminuía o dele próprio. Parecia encolher diante dos olhos dela, como uma sombra ao nascer do sol.

Neve olhou para todos e sorriu, vendo o choque deles se tornar ainda maior quando seu vestido mudou de azul para cor de fogo, e quando passou por eles e sentiu que estava flutuando.

Talvez estivesse. Nada mais parecia impossível.

O corredor era largo, com o teto abobadado. No final dele, o salão de baile parecia iluminado demais para que aquela fosse a luz das lanternas.

Ele já estava lá. Neve sentiu isso antes mesmo de ouvir o canto — o idioma dos seus sonhos, vento através da floresta — e soube que os moradores da ilha estavam se aglomerando atrás dela enquanto se dirigia para lá;

sentia-os também, mas não com a pulsação radiante que a puxava para a frente. Eles eram o passado, já estavam ficando para trás.

Com seus sapatos de teia de aranha, ela chegou ao salão.

E ali estava ele.

Os sentidos têm limites, e nunca podemos saber quão verdadeira é a visão que eles no revelam, um cheiro ou um som. Olhando para o Sonhador, Neve sentiu que se aproximava do limite de suas limitações humanas... e o ultrapassava. Os outros foram deixados para trás. Eles também o viram, mas apenas em miragem.

Talvez tenham visto um homem.

Ele não era um homem. Ela havia mesmo pensado que seria?

Nunca tinha sido capaz de imaginá-lo, mas quando pensara naquele momento, Neve

achara que iria até ele, que então estenderia a mão para ela. Mas como poderia ir até ele, se ele não estava de pé no chão?

Ele flutuava sobre as cabeças das pessoas, entre as sombras dos enfeites de flocos de neve feitos de papel, delicados pendentes de vidro e lanternas cujas correntes de cobre balançavam com o bater de suas asas. O Sonhador tinha asas.

Claro que tinha.

Havia encontrado suas penas negras, onde quer que estivessem enterradas, e agora brilhavam tanto quanto naquele dia, eras atrás, quando ele as sacudira para se deitar e sonhar. Seu cabelo era preto, e não era cabelo... não só. À primeira vista, era pele; depois, penas; então, escamas de pedra vulcânica; e, por fim, uma abundância de seda recém-fiada. Ele era dragão, pássaro, lobo, orquídea e raio — e também um homem. Com mil

facetar, ele era como uma joia de infinitas dimensões.

A faceta que mostrou para as pessoas que se aglomeravam era humana, e era assim que Neve o via... praticamente. Ele era mais escuro do que qualquer pessoa que ela já vira. A pele era de um carmim profundo e tão rico em tonalidades que, aos olhos artísticos dela, até as sombras cortadas pelos traços de seu rosto tinham cor: índigo e violeta, tons que Neve associava à raridade e à riqueza, porque os corantes eram tão preciosos que só as melhores bordadeiras eram autorizadas a chegar perto daqueles fios. No entanto, os olhos do Sonhador não tinham cor; eram pretos, como o mar sob a luz das estrelas, e ela distinguiu a forma de braços e pernas humanos — embora não estivessem cobertos e escondidos, como era “decente” e “apropriado” à sociedade que ela conhecia.

Ela viu o corpo dele. O peito. A reentrância onde os músculos se encontravam para formar um canal suave até o umbigo.

O umbigo.

Olhando para o Sonhador, com a cabeça inclinada para trás e os nervos à flor da pele, Neve tomou consciência de suas mãos. Toda a sua pele, da palma às pontas dos dedos, começou a formigar, suplicando para descobrir a textura daqueles contornos escuros. Aquela foi uma sensação nova, à qual seus lábios não eram imunes.

Nem a ponta de sua língua.

“Que gosto será que tem a pele dele?”

O rosto de Neve ficou quente. Ela havia despertado o Sonhador, e agora era sua vez de despertar. Era como sair de uma vida escura e pequena para outra, enorme e insondável. O homem diante dela, o deus diante dela — acima dela, flutuando em uma

esfera de seu próprio brilho — esperava para pegar sua mão.

Mas como ela o alcançaria?

Ela não precisava se preocupar. Assim que estendeu a mão na direção dele, todo o seu corpo começou a ascender...

“Eu vou exaltá-la...”

... e a mudar. Seu cabelo rosa se soltou e caiu livremente sobre os ombros, transformando-se em uma cobertura de penas amarelo-claras. Por um instante, essa transformação fez com que ela não notasse as outras, mas apenas por um instante, porque asas como aquelas não passavam despercebidas.

Um deus do velho mundo tomou uma garota em seus braços, e ela já não era mais uma garota. Ainda era ela mesma, feita de carne e sangue, e ainda linda — os olhos brilhantes, esbelta, sorridente —, mas Neve não

era mais humana, não completamente, e não estava mais ligada à terra. Ela contemplou o movimento das novas asas — do mesmo amarelo-claro do seu cabelo — e se lembrou de quando desejar era inútil. Estendeu a mão para ele.

A mão dela, a mão dele — finalmente. O Sonhador puxou Neve para perto e sussurrou seu verdadeiro nome no ouvido da garota. O mistério fluiu por ela como música. Os flocos de neve de papel se soltaram do teto do Salão do Homem da Cicatriz e, quando desceram flutuando até as mãos dos moradores da ilha, não eram mais de papel.

Durante toda a noite, neve de verdade caíria do teto, para cintilar nos cílios das garotas que dançavam e nos garotos fervorosos, mas Neve e o Sonhador não ficaram para ver.

Eles tinham outras coisas a fazer: *todas* as coisas. Todas, sonhadas e não sonhadas, nos quatro cantos do mundo.

Amém.

AGRADECIMENTOS

Este livro veio à luz em meio a cafés lattes de *crème brûlée* em Charleston, na Carolina do Sul, com minha querida amiga e companheira secreta de filmes natalinos, Myra McEntire.

Obrigada a Kate Schafer Testerman, por fazê-lo acontecer. Obrigada a Sara Goodman, por entendê-lo inteiramente. Obrigada a Alicia Adkins, Angela Craft, Stephanie Davis, Olga Grlic, Bridget Hartzler e Jeanne-Marie Hudson por todo apoio e ajuda. Obrigada a Jim Tierney pelas ilustrações perfeitas. E um obrigada especial aos autores por confiarem em mim e por serem malucos, incríveis, talentosos e gentis: Ally, David, Gayle, Holly,

Jenny, Kelly, Kiersten, Laini, Matt, Myra e Rainbow.

Obrigada a minha família. Sempre.

E obrigada a Jarrod Perkins. Sempre + sempre x sempre.

SOBRE OS AUTORES

Rainbow Rowell é uma expoente da atual literatura mundial. O que ela mais gosta de fazer é escrever sobre os apaixonados. Com delicadeza e humor, o conto “Meias-noites” mostra o amadurecimento dos amigos Mags e Noel ao longo dos anos e das festas de ano-novo. Site da autora: rainbowrowell.com

Kelly Link concilia seu trabalho de escritora com o de editora na Small Beer Press. No conto “A dama e a raposa”, a jovem Miranda está determinada a descobrir mais sobre o estranho — e atraente — desconhecido que

aparece todos os anos nas noites de Natal.
Site da autora: kellylink.net

Matt de la Peña mora no Brooklin, em Nova York. Leciona escrita criativa e visita com frequência escolas e universidades americanas para divulgar seus livros. Seu belo conto “Anjos na neve” narra o encontro de um estudante e de uma jovem solitária em meio a uma nevasca em Nova York. Site do autor: mattdelapena.com

Jenny Han sabe fazer um brownie perfeito e é ótima em inventar apelidos para as pessoas. Sua série de TV preferida é *Buffy – a caça-vampiros* e ela é apaixonada por livros de receitas. Em “Encontre-me na Estrela do

Norte”, o cenário é o mundo mágico do Polo Norte, no qual uma garota adotada pelo Papai Noel vive entre os duendes — seres bem diferentes do que costumamos imaginar. Site da autora: dearjennyhan.com

Stephanie Perkins foi livreira e bibliotecária antes de fazer sucesso como escritora. Mora com o marido em uma casa centenária, com cômodos pintados com as cores do arco-íris. “É um milagre de Yule, Charlie Brown” narra o encontro transformador de Marigold, filha de hippies, e North, um jovem vendedor de árvores de Natal. Site da autora: stephanieperkins.com

David Levithan é autor premiado, com mais de uma dezena de livros publicados. Em “Papai Noel por um dia”, um rapaz judeu recebe um pedido inusitado: ele deve se vestir de Papai Noel e fazer uma surpresa para a irmã mais nova do garoto por quem está apaixonado. Site do autor: davidlevithan.com

Holly Black é autora premiada de livros de fantasia. Mora na Nova Inglaterra, Estados Unidos, com o marido e o filho, e sua casa possui uma porta secreta. Em “Krampuslauf”, ela narra uma festa de ano-novo em que um garoto fantasiado de Krampus, o companheiro demoníaco do Papai Noel, muda todo o rumo da história. Site da autora: blackholly.com

Gayle Forman é autora e jornalista premiada. Conhece 64 países e consegue fazer uma fornada de cupcakes em vinte minutos. “Que diabo você fez, Sophie Roth?” acompanha as mudanças que a nova-iorquina Sophie vai enfrentar ao se mudar para uma universidade no interior do país. Lá, ela também terá que aprender a lidar com Russell, o único garoto do lugar que a compreende. Site da autora: gayleforman.com

Myra McEntire é fã da série *Doctor Who*, adora brechós e acredita em segundas chances. Em “Baldes de cerveja e Menino Jesus”, um adolescente de má reputação se aproxima da filha de um pastor quando é obrigado a ajudar na encenação de Natal da igreja. Site da autora: myramcentire.com

Kiersten White mora em San Diego, na ensolarada Califórnia. Em sua casa é sempre Natal, nunca inverno. Em “Bem-vindo a Christmas, Califórnia” ela narra a transformação de Maria, habitante da minúscula e abandonada Christmas, quando ela conhece o novo cozinheiro da lanchonete de sua mãe. Site da autora: kierstenwhite.com

Ally Carter mora em Oklahoma, Estados Unidos. Ela se considera uma das pessoas mais sortudas do mundo por ser escritora. Em “Estrela de Belém”, uma garota troca passagens de avião com uma desconhecida e se vê forçada a fingir que é uma estudante de intercâmbio islandesa na pequena cidade de Bethlehem. Site da autora: allycarter.com

Laini Taylor é autora da série *Feita de fumaça e osso*, publicada pela Intrínseca. Ela se considera uma escritora-artista-nerd. O realismo fantástico da Ilha das Penas é o cenário de “A garota que despertou o sonhador”. No conto, Neve precisa lidar com os presentes estranhos que recebe nos vinte e quatro dias anteriores ao Natal. Site da autora: lainitaylor.com

LEIA TAMBEM



Feita de fumaça e osso
Laini Taylor



Dias de sangue e estrelas
Laini Taylor



Quem é você, Alasca?
John Green



Como eu era antes de você
Jojo Moyes



A verdade sobre nós
Amanda Grace



365 dias extraordinários
R. J. Palacio

